Daniel Venâncio de Oliveira Amaral

LAZER, MERCADO DO ENTRETENIMENTO E CIRCUITOS FUTEBOLÍSTICOS NOS SERTÕES DE MINAS GERAIS, 1888-1930

Belo Horizonte
Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional da UFMG
2020

Daniel Venâncio de Oliveira Amaral

LAZER, MERCADO DO ENTRETENIMENTO E CIRCUITOS FUTEBOLÍSTICOS NOS SERTÕES DE MINAS GERAIS, 1888-1930

Tese apresentada ao Programa Interdisciplinar de Pós-Graduação – Doutorado em Lazer da Universidade Federal de Minas Gerais, como pré-requisito para a obtenção do título de Doutor em lazer.
Linha de Pesquisa: Lazer, História e Memória.
Orientador: Cleber Augusto Gonçalves Dias.

Belo Horizonte
Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional da UFMG
2020

A485l
2020

Amaral, Daniel Venâncio de Oliveira
Lazer, mercado do entretenimento e circuitos futebolísticos nos sertões de Minas Gerais, 1888-1930. [manuscrito] / Daniel Venâncio de Oliveira Amaral – 2020.
208 f., enc.: il.

Orientador: Cleber Augusto Gonçalvez Dias

Tese (doutorado) – Universidade Federal de Minas Gerais, Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional.

Bibliografia: f. 172-208

1. Lazer - Teses. 2. Lazer - Aspectos sociais - Teses. 3. Lazer - História - Teses. 4. Cultura - Teses. 5. Futebol - Teses. I. Gonçalvez Dias, Cleber Augusto. II. Universidade Federal de Minas Gerais. Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional. III. Título.

CDU: 379.8

Ficha catalográfica elaborada pela bibliotecária Sheila M. Teixeira, CRB 6: nº 2106, da Biblioteca da Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional da UFMG

Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional
Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Estudos do Lazer
Email: ppgiel@eeffto.ufmg.br Telefone: (31) 3409-2335

ATA DA 66ª DEFESA DE TESE
DANIEL VENÂNCIO DE OLIVEIRA AMARAL

Às 14h00min do dia 18 de dezembro de 2020 reuniu-se de forma virtual (via videoconferência pela plataforma "Google Meet") a Comissão Examinadora de Tese, indicada pelo Colegiado do Programa para julgar, em exame final, o trabalho *"Lazer, mercado do entretenimento e circuitos futebolísticos nos sertões de Minas Geais, 1888-1925"*, requisito final para a obtenção do Grau de Doutor em Estudos do Lazer. Abrindo a sessão, o/a Presidente da Comissão, Prof. Dr. Cleber Augusto Goncalves Dias, após dar a conhecer aos presentes o teor das Normas Regulamentares do Trabalho Final, passou a palavra para o candidato, para apresentação de seu trabalho. Seguiu-se a arguição pelos examinadores, com a respectiva defesa do candidato. Logo após, a Comissão se reuniu, sem a presença do candidato e do público, para julgamento e expedição do resultado final. Foram atribuídas as seguintes indicações:

Membros da Banca Examinadora	**Aprovado**	**Reprovado**
Prof. Dr. Cleber Augusto Goncalves Dias (Orientador)	x	
Prof. Dr. Elcio Loureiro Cornelsen (UFMG)	x	
Prof. Dr. Euclides de Freitas Couto (UFJS)	x	
Prof. Dr. João Manuel Casquinha Malaia Santos (UFSM)	x	
Profa. Dra. Maria Cristina Rosa (UFMG)	x	

Após as indicações o candidato foi considerado: **APROVADO**

O **resultado final** foi comunicado publicamente, para o candidato pelo Presidente da Comissão. Nada mais havendo a tratar o Presidente encerrou a reunião e lavrou a presente **ATA** que será assinada por todos os membros participantes da Comissão Examinadora.

Belo Horizonte, 18 de dezembro de 2020.

Prof. Dr. Cleber Augusto Goncalves Dias	
Prof. Dr. Elcio Loureiro Cornelsen	
Prof. Dr. Euclides de Freitas Couto	
Prof. Dr. João Manuel Casquinha Malaia Santos	
Profa. Dra. Maria Cristina Rosa	

Cidadezinha qualquer

Casas entre bananeiras
mulheres entre laranjeiras
pomar amor cantar.

Um homem vai devagar.
Um cachorro vai devagar.
Um burro vai devagar.
Devagar... as janelas olham.

Eta vida besta, meu Deus.

(Carlos Drummond de Andrade)

AGRADECIMENTOS

Ao professor Cleber Dias, que com seu olhar crítico permitiu um maior aprofundamento das questões trabalhadas nesta tese. Obrigado pelo estímulo, confiança e amizade.

Aos professores Euclides de Freitas Couto, Maria Cristina Rosa, Elcio Loureiro Cornelsen e João Manuel Casquinha Malaia Santos que, no momento da defesa, fizeram contribuições valiosas, enriquecendo significativamente os resultados finais da pesquisa.

À todos os professores do Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Estudos Lazer, em especial Chistiane Luce Gomes, Luciano Pereira da Sila e Hélder Ferreira Isayama pelos ensinamentos e discussões nas disciplinas oferecidas pelo doutorado.

Ao secretário da Pós-Graduação, Danilo da Silva Ramos, pelo auxílio, presteza e especial atenção.

Ao Grupo de Pesquisa em História do Lazer (Hisla), que desempenhou papel importante na construção de eixos informativos sobre o lazer, os esportes e o comércio cultural em diferentes regiões do interior do Brasil.

Aos pesquisadores Fábio Santana Nunes, Rosana Daniele Xavier e Eduardo de Oliveira Bueno Queiroz Fontes pela leitura de parte da pesquisa e pelas críticas e sugestões que contribuíram imensamente para o preenchimento de algumas lacunas.

À profissional das letras Camila Luiz Lelis pela disponibilidade e dedicação depositadas na revisão final da tese.

Aos funcionários da Fundação Casa da Cultura Carlos Chagas da cidade de Oliveira pelas informações, auxílio na busca por fontes primárias e pelo carinho e zelo com a preservação do arquivo histórico local.

Aos funcionários do Centro de Memória Bastistina Corgozinho da Universidade do Estado de Minas Gerais, unidade Divinópolis, pelo auxílio na localização de fontes jornalísticas produzidas nesta cidade no início do século passado.

A minha família, mais precisamente ao meu pai José Venâncio, minha mãe Dejagma, minha irmã Karina, minha esposa Rafaela e meu filho Bernardo, que chegou ao mundo no decorrer do doutorado. Sou grato por ter vocês do meu lado compartilhando alegrias e me confortando nos momentos de angústia e preocupação.

Finalmente, agradeço à CAPES pelo apoio financeiro que me possibilitou desenvolver o estudo que culminou nesta tese.

RESUMO

Analisando jornais, dados censitários e obras de memorialistas, a presente pesquisa descreve e interpreta o modo como diversões públicas ou comercializadas tais como teatro, cinema, bares, esportes, espetáculos de música e clubes recreativos concorreram, no início do século passado, para uma pequena ampliação das sociabilidades públicas modernas e de entretenimento na sede do município de Oliveira, Minas Gerais, em contexto marcado por reformas urbanas, crescimento demográfico e diversificação econômica, apesar do predomínio de características gerais ainda marcadamente rurais. Este trabalho também buscou compreender a gênese histórica dos esportes corporais, bem como os circuitos futebolísticos constituídos por meio de encontros intermunicipais, nos quais comitivas esportivas do Oeste mineiro, compostas majoritariamente por membros proeminentes das localidades, passaram a cumprir o papel de promover redes de sociabilidades e de cooperação política entre os sócios e os municípios envolvidos com o jogo.

Palavras chave: História. Cultura. Lazer. Futebol. Minas Gerais.

ABSTRACT

Examining newspapers, census data and works by memorialists, this paper describes and interprets the way in which public or commercial entertainments such as theater, cinema, bars, sports, music concerts and recreational clubs competed at the beginning of the last century for a small expansion of modern public and entertainment societies in the city of Oliveira, Minas Gerais, in a context marked by urban reforms, demographic growth and economic diversification, despite the predominance of general characteristics that are still markedly rural. This paper also sought to understand the historical genesis of body sports, as well as the soccer circuits constituted by intermunicipal meetings, in which sports committees from the West of Minas Gerais, composed mainly of prominent members of the localities, started to fulfill the role of promoting social networks and political cooperation between the partners and the cities involved with the game.

Keywords: History. Culture. Recreation. Soccer. Minas Gerais.

RESUMEN

Analizando periódicos, datos del censo y obras de memorialistas, esta investigación describe e interpreta la forma en que las diversiones públicas o comerciales como teatro, cine, bares, deportes, espectáculos musicales y clubes recreativos fueran responsables, a principios del siglo pasado, por una pequena expansión de las sociabilidades públicas modernas y del entretenimiento en la sede del municipio de Oliveira, Minas Gerais, en un contexto marcado por reformas urbanísticas, crecimiento demográfico y diversificación económica, a pesar del predominio de características generales todavía marcadamente rurales. Este trabajo también buscó comprender la génesis histórica de los deportes corporales, así como los circuitos de fútbol constituidos por encuentros intermunicipales, en los que comités deportivos del Oeste de Minas Gerais, compuestos principalmente por destacados miembros de las localidades, comenzaron a cumplir el rol de promover redes de sociabilidad y cooperación política entre los socios y los municipios involucrados con el juego.

Palabras clave: Historia. Cultura. Ócio. Fútbol. Minas Gerais.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Foto 1 – Largo da Matriz de Oliveira no ano final do século XIX..... 35
Foto 2 – Procissão na antiga Avenida Pinheiro Chagas, no centro de Oliveira, 1891..... 49
Foto 3 – Uma das ruas centrais de Oliveira no início da década de 1910..... 73
Foto 4 – Jardim público da Praça da Matriz de Oliveira (sem data)..... 102
Foto 5 – *Oliveira Sport Club* no campo do Prado Coronel Xavier, 1916..... 115
Foto 6 – Escola Normal Nossa Senhora da Oliveira (sem data)..... 124
Foto 7 – Assistência no campo do *União Foot Ball* (sem data)..... 151
Figura 1 – Anúncio da Casa dos Bilhares..... 43
Figura 2 – Anúncio da corrida de inauguração do Jockey Club Oliveirense..... 44
Figura 3 – Anúncio do carnaval fora de época de 1898..... 60
Figura 4 – Anúncio do espetáculo de ilusionismo do artista Faure Nicolay no Salão da Câmara Municipal..... 66
Quadro 1 – Cidade, distritos e freguesias do município de Oliveira com seus respectivos povoados rurais em 1920..... 37
Quadro 2 – Salário médio de algumas profissões na zona rural em 1920..... 71

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO…….....……. 12

CAPÍTULO 1 – DESENVOLVIMENTO RURAL E O SURGIMENTO DE NOVAS MODALIDADES DE ENTRETENIMENTO URBANO NO MUNICÍPIO DE OLIVEIRA, MINAS GERAIS, 1888-1920..... 32

1.1 “Terra onde não há o menor divertimento”……..... 32

1.2 “Diversões? Não tem faltado ultimamente em Oliveira”……..... 68

CAPÍTULO 2 – CIRCUITO FUTEBOLÍSTICO REGIONAL E A HISTÓRIA DE UMA NOVA PRÁTICA NOS SERTÕES DAS GERAIS, 1916-1930……..... 111

2.1 “É preciso um espírito forte, num corpo forte”……..... 111

2.2 “A embaixada da amizade”……..... 140

CONSIDERAÇÕESFINAIS……...……... 168

REFERÊNCIAS……..…….. 172

INTRODUÇÃO

Na transição entre os séculos XIX e XX, diversas cidades brasileiras sofreram uma série de intervenções modernizadoras, conduzidas, sobremaneira, por autoridades políticas e grupos abastados locais, quase sempre buscando equivalências com o mundo europeu[1]. As indústrias, a ferrovia, o automóvel, o telefone, a iluminação elétrica, o calçamento de ruas e o ajardinamento de praças são alguns dos elementos que se associavam ao desejo de superar uma realidade apontada pelos grupos letrados como arcaica e atrasada. Na mesma medida, práticas de lazer serviram também como símbolos de modernidade e de inserção a um "mundo civilizado". Nesses termos, o teatro, o cinema, o circo, os esportes, o carnaval veneziano, o piquenique, a retreta e os clubes sociais e recreativos integraram o rol das muitas diversões públicas e privadas que assumiram *status* de indicadores privilegiados de sofisticação dos hábitos urbanos, ao longo da chamada *Belle Époque* brasileira.[2]

Conforme usualmente é apresentado pela historiografia especializada no lazer, esse conjunto de ambições por uma nova experiência urbana, em que a oferta e o consumo de práticas sociais entendidas como modernas tornaram-se parte importante desse novo horizonte de expectativas, esteve diretamente ligado às cidades. Mais especificamente, argumenta-se que a ampliação progressiva de espaços públicos, ou mesmo a generalização de mecanismos de comercialização das diversões, foram resultados de processos que ocorriam no perímetro urbano das cidades, especialmente a urbanização. Um exemplo dessa historiografia é a coletânea *Os sports e as cidades brasileiras: transição entre os séculos XIX e XX*, organizada por Victor Melo, que reuniu trabalhos de onze capitais e duas importantes cidades do interior do país, quais sejam: Rio de Janeiro, São Paulo, Santos, Belo Horizonte, Juiz de Fora, Curitiba, Porto Alegre, Florianópolis, Salvador, Aracaju, Recife, Natal e Belém do Pará. Em praticamente todos os trabalhos, os esportes e o lazer de maneira geral, que emergem no cenário de configuração do ideário e imaginário da modernidade no Brasil, foram compreendidos como fenômenos explicitamente ligados ao desenvolvimento urbano. Ainda que alguns trabalhos tenham feito tímidas menções da importância do setor rural no processo de crescimento econômico de algumas das localidades investigadas, como o café em São Paulo e Santos, a erva

1 MORAES, José Geraldo Vinci. *Cidade e cultura urbana na primeira república*. São Paulo: Atual, 2001; FREYRE, Gilberto. *Ordem e progresso*. Rio de Janeiro: Global, 2015; SEVCENKO, Nicolau. *Literatura como missão*: tensões sociais e criação cultural na Primeira República. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.
2 DIAS, Cleber, *et al*. Esportes nos sertões das Gerais. In: DIAS, Cleber; ROSA, Maria Cristina (Org.). *Histórias do lazer nas Gerais*. Belo Horizonte: Ed. da UFMG, 2019.

mate em Curitiba e a borracha em Belém do Pará, a inteligibilidade histórica dos emergentes fenômenos sociais aparece nesses textos circunscrita ao que é tido como moderno e urbano.[3] Não sem razão, a análise sobre a cidade de Florianópolis, por exemplo, limita seu escopo investigativo às "cinco quadras" que formavam o centro urbano da cidade nas primeiras décadas do século XX.[4] Por outro lado, as áreas rurais da sede municipal e os distritos de Santíssima Trindade, Saco dos Limões, Cachoeira, Lagoa, Canavieiras, Rio Vermelho, Ribeirão e Santo Antônio, que compunham o território da capital de Santa Catarina, todos com uma população inferior a 4.100 habitantes em 1920, foram totalmente negligenciados nas redes de interação entre o núcleo citadino da sede de Florianópolis e os divertimentos esportivos.[5]

Tal interpretação não é exclusividade das pesquisas que se propõem estudar as especificidades das capitais ou das cidades interioranas mais populosas ou economicamente mais dinâmicas do Brasil. Nos últimos anos, um movimento historiográfico tem procurado demonstrar como essa nova experiência urbana também parece ter se desenrolado em localidades demográfica, econômica e culturalmente periféricas.[6] À sua maneira, inúmeras pequenas cidades, vilas e distritos também parecem ter experimentado, desde os fins do século XIX, mas sobretudo a partir do século XX, anseios de cunho modernizador e de valorização de práticas lúdicas que pudessem servir como índice de progresso dos costumes. Minas Gerais, em particular, talvez seja o estado com mais estudos monográficos nesse sentido. Cidades como Barbacena, Campanha, Diamantina, Divinópolis, Governador Valadares, Itajubá, Juiz de Fora, Montes Claros, Nova Lima, Oliveira, Ouro Preto, Pouso Alegre, São João del-Rei, Uberaba e Uberlândia tiveram já o desenvolvimento histórico de algumas de suas práticas de lazer investigadas.[7]

---

3 MELO, Victor Andrade de (Org.). *Os sports e as cidades brasileiras*: transição dos séculos XIX e XX. Rio de Janeiro: Apicuri, 2010.

4 VAZ, Alexandra Fernandes; BOMBASSARO, Ticiana. Esporte, cidade e modernidade: Florianópolis. In: MELO, Victor Andrade de (Org.). *Os sports e as cidades brasileiras*: transição dos séculos XIX e XX. Rio de Janeiro: Apicuri, 2010, p. 193-212.

5 MINISTÉRIO DA AGRICULTURA, INDÚSTRIA E COMÉRCIO. *Recenseamento do Brasil realizado em 1 de setembro de 1920*. Volume IV. Rio de Janeiro: Tip. da Estatística, 1926, p. 258.

6 Cf.: SANTOS, Aline Aguiar Cerqueira dos. *Diversões e civilidade na "Princesa do Sertão" (1919-1946)*. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Estadual de Feira de Santana, Feira de Santana, 2012; SANTOS, Marcela Ariete dos. *O teatro em Mato Grosso (1889-1930)*. Dissertação (Mestrado em Estudos do Lazer) – Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2017; SOUZA, Elisa Salgado de. Sport Club Amazonense: O divertimento em Manaus 1897-1902. *Revista Brasileira de Estudos do Lazer*. Belo Horizonte, v. 4, n. 3, p. 5-23, set./dez. 2017; CORRÊA, Joyce Nanci da Silva. Sports na terra dos rincões: Acre 1909-1922. *Revista Brasileira de Estudos do Lazer*. Belo Horizonte, v. 4, n. 3, p. 24-45, set./dez. 2017.

7 Cf., por exemplo: SILVA, Igor Maciel da. *Elas se divertem (Barbacena – MG, 1914 a 1931)*. Dissertação (Mestrado em Estudos do Lazer) – Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2018; NOGUEIRA JÚNIOR, João Martins. *Uma história dos divertimentos do sul mineiro*: Itajubá, Pouso Alegre e Campanha entre o final do século XIX e as primeiras décadas do século XX (1891-1930). Dissertação (Mestrado em Estudos do

Todavia, um montante significativo desses estudos, tanto em Minas Gerais quanto em outras partes, tende a reproduzir os mesmos esquemas explicativos apresentados pela historiografia dedicada aos grandes centros urbanos brasileiros do período, procurando demonstrar que um processo grandiloquente de modernização urbana também esteve em curso nessas localidades, tal e qual nas maiores cidades do país, reservadas, quando muito, apenas as respectivas proporções. Mesmo que muitas cidades, vilas ou distritos interioranos apresentem características flagrantemente rurais, subordinadas a condições relativamente diferentes, são as conclusões e pontos de vista das metrópoles que tendem a orientar a elaboração das perguntas, a seleção das fontes de informações e até as interpretações que serão apresentadas.[8] Essas narrativas que, em grande medida, inauguraram os estudos sobre a difusão dos lazeres modernos no interior do Brasil, conformam os "princípios de sentido", determinando a lógica da interpretação histórica e condicionando as representações ulteriores, como afirma Rüssen.[9] Nesse sentido, as pesquisas que tratam das mutações dos *modus vivendi* nos sertões brasileiros na virada do século XX parecem "meros reflexos involuntários das conclusões sobre a história do lazer e da cultura nas maiores regiões metropolitanas brasileiras".[10]

Lazer) – Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2017; OLIVEIRA, Renata Cristina Simões de. *O teatro e algumas diversões em Diamantina*: uma história registrada pela imprensa (1888-1915). Dissertação (Mestrado em Estudos do Lazer) – Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2016; AMARAL, Daniel Venâncio de Oliveira. *"À mania intoxicadora"*: introdução clubística e consolidação dos sentidos de competitividade do foot-ball no Centro-Oeste mineiro (1888-1930). Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal de São João del Rei, São João del Rei, 2016; SILVA, Thiago Felipe da. O futebol em uma cidade do interior de Minas Gerais: os significados do torcer pelo Esporte Clube democrata. In: SILVA, Silvio Ricardo da; DEBORTILI, José Alfredo de O.; SILVA. Thiago Felipe da (Orgs.). *O futebol nas Gerais*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2012, p. 203-220; NAKAYAMA, Marina Fernandes Braga. *Divertimentos e tempo livre*: experiências dos trabalhadores em Juiz de Fora (1900-1924). Tese (Doutorado em Estudos do Lazer) – Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2016; SILVA, Luciano Pereira da. *Em nome da modernidade*: uma educação multifacetada, uma cidade transmutada, um sujeito inventado (Montes Claros, 1889-1926). Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2012; SILVA, Daniela Alves da. *Cultura operária*: um estudo de caso do Villa Nova Atlético Clube. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2007; BIBBÓ, Caroline Bertarelli. *Divertimentos em Ouro Preto no final do século XIX*. Dissertação (Mestrado em Estudos do Lazer) – Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2017; LIMA, Alex Witney. *O jogo de bola em terras mineiras*: uma comparação entre a institucionalização do futebol em Belo Horizonte e São João del-Rei (1904-1921). Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2014; DIAS, Cleber, *et. al.* História do futebol em Minas Gerais. *Tempos Gerais*, São João del-Rei, v. 3, n. 2, p. 67-86, jul./dez. 2014.

8 Para uma discussão acerca dos valores das grandes cidades como paradigma que orienta as pesquisas sobre a cultura, o lazer e o esporte em regiões rurais do Brasil, ver: DIAS, Cleber. Cultura, lazer e esportes no mundo rural – uma introdução. In: DIAS, Cleber (Org.). *Depois da avenida Central*: cultura, lazer e esportes nos sertões do Brasil. Rio de Janeiro: Jaguatirica, 2020, p. 11-45.

9 RÜSSEN, Jörn. Historiografia comparativa intercultural. In: MALERBA, Jurandir (Org.) *A história escrita*: teoria e história da historiografia. São Paulo: Contexto, 2006, p. 119.

10 Para uma síntese a esse respeito, ver: AMARAL, Daniel Venâncio de Oliveira; DIAS, Cleber. Nos trilhos do lazer: entretenimento urbano e mercado de diversões em Divinópolis, Minas Gerais, 1890-1920. *Revista de História Regional*, Ponta Grossa, v. 22, n. 2, p. 237-261, jul./dez. 2017, p. 239.

Essa excessiva centralidade das dimensões urbanas na conformação histórica dos fenômenos sociais modernos parece sofrer interferências do que Cleber Dias acusou de "péssimo costume da transladação de grandes modelos teóricos produzidos na Europa", no qual se aplica de maneira mais ou menos acrítica "conclusões desenvolvidas em outras partes, para outras partes".[11] No caso brasileiro, uma das principais, se não a principal influência teórica que, talvez, tenha encorajado a institucionalização formal de uma área investigativa e de atuação especializada no lazer, foi do sociólogo francês Joffre Dumazedier. Sua presença, mais ou menos constante no Brasil a partir de 1961, acompanhada pela tradução de alguns de seus livros, parece ter sido decisiva para a penetrabilidade de suas ideias.[12] Elaborando suas teorias por meio da investigação do lazer dos operários de uma cidade do interior da França na década de 1950, Dumazedier consagrou, entre os pesquisadores brasileiros, a concepção de que formas contemporâneas peculiares de uso e ocupação do tempo livre, ou o lazer moderno, eram produtos exclusivos da civilização urbana "nascida da Revolução Industrial".[13] Embora se tratasse de uma investigação pautada no contexto de uma cidade europeia, notadamente urbanizada e industrializada (curiosamente num período em que ainda permanecia no Brasil um predomínio quantitativo da população rural sobre a urbana),[14] seus estudos encontraram forte adesão entre os pesquisadores brasileiros, que incorporaram esse viés do lazer enquanto fenômeno moderno, urbano e industrial na construção de um campo de estudos sistematizado que viria a se consolidar na década de 1970.[15]

Em outra frente, é possível detectar, também, interferências do discurso modernizador que afetou determinados setores das elites de diferentes regiões do país, pelo menos desde meados do século XIX, quando um conjunto de representações foi diligentemente edificado visando a afirmação de imagens de um país moderno, urbano, civilizado e cosmopolita, ao mesmo tempo em que se buscava apagar, com certa vergonha e desprezo, imagens de um país

---

11 DIAS, Cleber. História e historiografia do lazer. In: ISAYAMA, Helder; MELO, Victor (Orgs.). *Pesquisa e pós-graduação em estudos do lazer*. Belo Horizonte: Ed. Da UFMG, 2020.
12 DIAS, Cleber. Teorias do lazer e modernidade: problemas e definições. In: *Licere*, Belo Horizonte, v.12, n.2, p. 1-36, jun. 2009.
13 DUMAZEDIER, Joffre. *Sociologia empírica do lazer*. São Paulo: Perspectiva / SESC, 1999, p. 26.
14 No início da década de 1960, segundo censos demográficos do IBGE, a distribuição populacional do Brasil era de 54,6% em áreas rurais e 45,4% em áreas urbanas. Apenas em 1970 é possível ver uma inversão mais clara destes números, sendo neste ano recenseados 55,9% moradores urbanos e 44,1% moradores urbanos. Para uma tabela com as taxas percentuais da população rural e urbana do Brasil entre os anos de 1940 e 1996, ver: CAMARO, Ana Amélia; BELTRÃO, Kaizô Iwakami. *Distribuição espacial da população brasileira*: mudança na segunda metade deste século. Rio de Janeiro: Ipea, 2000, p. 14.
15 Para uma síntese da influência de Dumazedier na literatura do lazer no Brasil, ver: GOMES, Christinne Luce; MELO, Victor Andrade de. Lazer no Brasil: trajetória de estudos, possibilidades de pesquisa. In: *Movimento*, Porto Alegre, v. 9, n. 1, p. 23-44, jan./abr. 2003.

rural e agrário. Segundo a historiadora Marcia Regina Naxara, entre as leituras possíveis sobre o Brasil rural no século XIX, a que mais repercutia e tinha aceitação junto ao público leitor (composto pela elite) era aquela que, por um lado, desqualificava o ambiente rural por um suposto estado de "incivilidade" e, por outro, ironizava o atraso do homem rural brasileiro. Este último, por sua vez, passou a ser depreciado no discurso de uma elite intelectual que o ridicularizava no seu modo de vestir, de falar e de portar-se em público, um contraponto do "homem citadino moderno", que falava corretamente, que se vestia e se portava pelos padrões europeus (urbanos, portanto civilizados). Conforme observou Naxara, à medida que se acelerava o processo de urbanização e, simultaneamente, de europeização dos centros urbanos brasileiros, acentuava-se uma tendência de colocar em lados opostos o urbano e o rural, polarizando no urbano, ou, pelo menos, nas elites citadinas, os símbolos da civilização possível. Já as populações rurais foram compreendidas nesses discursos como símbolos da "ignorância" e do "atraso", atributos que foram materializados, por exemplo, na figura do Jeca Tatu, um personagem de Monteiro Lobato que reunia todas as qualidades tidas como negativas do homem rural brasileiro.[16]

Direta ou indiretamente, essa construção histórica que relegou ao campo e ao morador rural um papel marginal no discurso construído por diferentes setores das elites dirigentes, somada à importação de teorias elaboradas a partir do contexto "urbano-industrial" europeu, que nas palavras de Christiane Gomes "continuam sendo intensamente reproduzidas como sendo universais",[17] têm contribuído para que o lazer na modernidade brasileira seja compreendido pela égide inviolável do espaço urbano das cidades. Mas até que ponto o desenvolvimento urbano foi, de fato, um agente causal privilegiado para as transformações históricas que proporcionaram o surgimento de novos espaços e modalidades de lazer, especialmente se tratando de pequenas localidades instaladas na hinterlândia brasileira?

No caso de Minas Gerais, Natânia Ferreira já apontara o papel que o desenvolvimento da economia agropecuária, notadamente a produção de café, desempenhou no processo de crescimento populacional e diversificação dos estabelecimentos de comércio urbano no Município de Varginha, no Sul de Minas, a partir dos anos finais do século XIX.[18] Anderson

16 NAXARA, Márcia Regina Capelari. *Estrangeiro em sua própria terra:* representações do brasileiro, 1870-1920. São Paulo: Annablume, 1998.
17 GOMES. Christiane Luce. Estudos do lazer e geopolítica do conhecimento. In: *Licere*, Belo Horizonte, v. 14, n. 3, set/dez. 2011, p. 13.
18 FERREIRA, Natânia Silva. *Elite agrária e processo de urbanização*: o município de Varginha-MG (1882-1920). Dissertação (Mestrado em História Econômica) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2017.

Pires, tratando do município de Juiz de Fora, na Zona da Mata mineira, similarmente argumentou a respeito do papel do capital agrário advindo da exploração do café para os processos de industrialização da urbe e construção de infraestrutura (estradas de ferro, bancos, energia elétrica, transportes urbanos, entre outras), na transição entre os séculos XIX e XX.[19] No Oeste de Minas Gerais, uma pesquisa recente sobre o município de Divinópolis procurou demonstrar como o aumento da mão de obra assalariada e o crescimento da geração de riquezas, grandemente obtidas pela diversificação da produção e subsequente comercialização de gêneros rurais agropecuários nas primeiras duas décadas do século XX, além de ter contribuído para o aumento das receitas locais que foram utilizadas por agentes políticos em reformas e melhoramentos citadinos, beneficiou grupos ligados aos setores urbanos, a exemplo de donos de lojas e profissionais liberais, que depois estiveram envolvidos na organização e consumo de bens e serviços de lazer.[20]

Todos esses trabalhos, embora tratem de situações e contextos sociais diferentes, sinalizam para a importância do setor rural na compreensão dos diversos processos que envolvem algum tipo de dinamização urbana, o que incluiu atividades, espaços públicos e estabelecimentos comerciais voltados para o entretenimento. Contudo, no âmbito dos estudos históricos sobre o lazer, prevalece ainda, sem muitas relativizações, um entendimento que negligencia uma participação mais efetiva do setor rural nas transformações urbanas de cunho modernizador que, em maior ou menor grau, afetaram as nucleações da hinterlândia brasileira na virada para o século XX. Na verdade, transformações históricas do mundo rural são quase sempre compreendias como meros reflexos de transformações históricas do mundo urbano, um quadro que precisa ser, no mínimo, mais bem equilibrado.

Com a intenção generalizada de ampliar o arcabouço histórico e contextual por meio do qual usualmente se enquadra o estudo da oferta e do consumo de práticas culturais de lazer no Brasil, o primeiro capítulo desta tese, intitulado *Desenvolvimento rural e o surgimento de novas modalidades de entretenimento urbano no município de Oliveira, Minas Gerais, 1888-1920*, apresenta uma análise sobre o surgimento de novas modalidades de entretenimento urbano no município de Oliveira, localizado no Oeste mineiro. Nesse período, o desenvolvimento do setor rural agropecuário, sobretudo na década de 1910, após a superação de um período de crise

19 PIRES, Anderson. *Café, Finanças e Bancos*: uma análise do sistema financeiro da Zona da Mata de Minas Gerais: 1889/1930. Tese (Doutorado em História Econômica) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2004.
20 AMARAL, Daniel Venâncio de Oliveira; DIAS, Cleber. Nos trilhos do lazer: entretenimento urbano e mercado de diversões em Divinópolis, Minas Gerais, 1890-1920. In: *Revista de História Regional*, Ponta Grossa, v. 22, n. 2, p. 237-261, jul./dez. 2017.

decorrente, entre outras coisas, do fim da escravidão, da contração das áreas de exploração agrícola e da diminuição da exportação de gado, concorreu direta ou indiretamente para um crescimento demográfico, aquisição de melhorias urbanas, bem como uma pequena diversificação do comércio e dos espaços públicos destinados a oferecer diversões. Todavia, ao invés de enfatizar unilateralmente os aspectos modernizadores das transformações em curso naquele contexto, tal como o fazem outros estudos, nossa interpretação, em sentido ligeiramente diferente, é a de que Oliveira e os seus lazeres se desenvolveram em meio a uma estrutura social ambivalente, cujo *modus vivendi* se encontrava em plena metamorfose. De uma parte, transformações econômicas, urbanísticas e comportamentais que de fato imprimiam ares de progresso ao município. De outra parte, porém, uma estrutura cultural, social e econômica, ainda em grande medida rural, participava de modo inseparável das ações modernizadoras que afetaram o pequeno e modesto centro urbano.

Por conseguinte, após propor um equilíbrio entre os setores rural e urbano nos processos modernizadores que tiveram vez na sede citadina da cidade de Oliveira, na virada para o século passado, a pesquisa passa, então, a se debruçar na sociogênese dos esportes corporais e, mais detalhadamente, do futebol e sua organização institucional. O objetivo principal dessa abordagem é construir outros eixos explicativos para a compreensão do esporte bretão interiorano, os quais não se enquadrariam no paradigma historiográfico hegemônico alicerçado no binômio modernização dos hábitos/mediação cultural entre centros e periferias. Assim, se na primeira sessão o paradigma da afinidade entre o lazer moderno e a urbanização foi rediscutido com as tramas que envolvem as ambivalências e as interações do mundo rural, para a segunda sessão, tomando como objeto de estudo o futebol no Oeste mineiro, a discussão recai sobre o paradigma da difusão dos valores culturais das metrópoles que parecem servir de "régua e padrão universal para medir todas as coisas".[21]

Muitas pesquisas sobre o processo de difusão dos esportes no Brasil tem postulado que tais práticas se irradiaram de regiões, cujo processo de urbanização encontrava-se mais desenvolvido, em direção àquelas em que havia menos progresso.[22] Nesse contexto, a região Sudeste, mais precisamente o Rio de Janeiro, ocupa um lugar de destaque. Sede do governo, maior cidade e cartão de visita do país no período estudado, a "capital irradiante", segundo recorrentemente é defendida por alguns estudiosos brasileiros, vai atuar no território nacional

21 DIAS, Cleber. Cultura, lazer e esportes no mundo rural – uma introdução. In: DIAS, Cleber (Org.). *Depois da avenida Central*: cultura, lazer e esportes nos sertões do Brasil. Rio de Janeiro: Jaguatirica, 2020, p. 32.
22 Para uma síntese a esse respeito, ver: DIAS, Cleber. Esporte e cidade: balanços e perspectivas. In: *Revista Tempo*, Niterói, v. 17, n. 34, p. 33-44, jan./jun. 2013.

como uma espécie de "eixo de irradiação" do imaginário cosmopolita europeu – no que poderia ser aplicado no caso dos esportes também.[23] Victor Melo, em seu estudo clássico sobre os primórdios do esporte no Rio de Janeiro, expôs essa compreensão de maneira bastante explícita ao afirmar que a disseminação de práticas esportivas por todo o Brasil foi intermediada pelo desenvolvimento pioneiro de tais práticas na capital fluminense. Apontando esta cidade como *locus* de propagação de um novo ideário de costumes, modas e práticas culturais modernas, Melo afirmou que "o esporte chega ao Rio de Janeiro e, de certa forma, ao Brasil. [...] Logo o caso do Rio de Janeiro é bastante interessante para compreendermos o país como um todo e até mesmo um pouco da América Latina".[24]

Conclusões assim foram e são, até hoje, reproduzidas, reforçando o que Evaldo Cabral de Mello, criticando a centralidade atribuída ao Rio de Janeiro na avaliação dos destinos da nação, chamou de "tradição saquarema da historiografia brasileira", "para a qual tudo o que acontece no Brasil é através do Rio, graças ao Rio e pelo Rio".[25] O futebol não fugiu a tal tradição e isso parece ter relações com o grande desenvolvimento desse esporte na cidade "símbolo das virtudes nacionais".

Nos primeiros anos do século XX, o Rio de Janeiro testemunhou uma verdadeira "febre do *foot-ball*". Leonardo Afonso constatou que, em 1907, já havia 77 clubes distribuídos entre diferentes bairros e envolvendo diferentes setores cariocas. Em 1915, este número saltou para mais de 216, ampliando também o número de ligas que passaram a promover competições regulares, entre elas, *Liga Metropolitana*, *Liga Sportiva Suburbana*, *Liga Sportiva de Foot Ball*, *Federação Brasileira de Foot Ball*, *Liga Meridional de Foot Ball*, *Associação Carioca de Foot Ball*, *Associação Brasileira de Sports Atléticos* e *Liga Sportiva Fluminense*. No contexto desta proliferação de clubes e ligas de futebol, um cronista chegou a dizer que o Rio de Janeiro era "a cidade na América do Sul que contava com o maior número de campos".[26] Esse interesse efervescente dos cariocas pelo jogo de bola foi narrado com certa eloquência pelo jornalista Mario Filho: "O futebol se vulgarizava, se alastrava como uma praga. […] Em todo canto um

---

23 Para alguns exemplos dessa historiografia, ver: SEVCENKO, Nicolau. O prelúdio republicano, astúcias da ordem e ilusões do progresso. In: SEVCENKO, N. (Org.). *História da Vida Privada no Brasil Republica:* da Belle Époque à era do Rádio. São Paulo: Cia das Letras, 1988. Vol. 3, p. 7-48; MELO, Victor Andrade de. *Cidade esportiva:* primórdios do esporte no Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2001.

24 MELO, Victor Andrade de. *Cidade sportiva:* primórdios do esporte no Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2001, p. 14.

25 Cf.: Evaldo Cabral de Mello, "A festa da espoliação". *Jornal do Commercio*, Pernambuco, 22 de janeiro de 2008, *apud* CARVALHO, José Murilo de. D. João e as histórias dos Brasis. In: *Revista Brasileira de História*, São Paulo, v. 28, n. 56, p. 551-572, 2008.

26 Cf.: PEREIRA, Leonardo Afonso. *Footballmania:* uma história social do futebol no Rio de Janeiro, 1902-1938. Rio de Janeiro: Nova fronteira, 2000, p. 121-122.

time, um clube. Time de moleques, clubes de operários, de gente fina. Mas muito clube, clube demais".[27]

É no âmago da influência cultural e do inegável adiantamento esportivo que o Rio de Janeiro tem sido considerado um lugar privilegiado ao impulso para o desenvolvimento histórico do futebol em direção a várias regiões do Brasil. No estado de Minas Gerais, em particular, pesquisas que se debruçaram na gênese clubística do futebol em cidades de praticamente todas as regiões do estado como Juiz de Fora (Zona da Mata), Montes Claros (Norte), Uberaba (Triângulo) e Belo Horizonte (Centro), esforçaram-se para revelar algum tipo de influência esportiva do Rio de Janeiro ou de outros centros metropolitanos da região Sudeste do país.[28] No Oeste mineiro, e mais precisamente nas imediações da cidade de Oliveira, esse esforço é flagrantemente visível, onde a capital carioca é elegida como o principal "epicentro irradiador" do futebol.

Ao longo da última década, tivemos a realização das primeiras pesquisas que tratam da história do futebol nessa região, sendo São João del-Rei, Oliveira e Divinópolis as cidades investigadas até o momento.[29] Em comum, alguns estudos das cidades mencionadas evidenciam a influência do Rio de Janeiro nos processos de incorporação de novos padrões de comportamento corporal e novas formas de utilização dos espaços públicos. Segundo resultados mais gerais, a inauguração e subsequente ampliação dos ramais da Estrada de Ferro Oeste de Minas, nos anos finais do século XIX, que ligava o Oeste mineiro ao Rio de Janeiro, favoreceu uma maior circulação de pessoas, modas e informações, criando uma suposta "área de influência da então capital federal", o que acabou materializado na aquisição de novas

---

27 FILHO, Mario. *O negro no futebol brasileiro*. Rio de Janeiro: Mauad, 2003, p. 50.

28 Cf., respextivamente: JUNIOR, Carlos Fernando Ferreira da Cunha. Práticas corporais em Juiz de Fora (1876-1915). *Pro-Posições*, Campinas, v. 22, n. 3, p. 51-65, set./dez. 2011; SILVA, Luciano Pereira da. O futebol e o início da diversão esportivizada em Montes Claros, MG. In: *Licere*, Belo Horizonte, v.16, n.1, mar. 2013; DIAS, Cleber, *et. al.* História do futebol em Minas Gerais. *Tempos Gerais*, São João del-Rei, v. 3, n. 2, p. 67-86, jul./dez. 2014; RIBEIRO, Raphael Rajão. *A bola em meio a ruas alinhadas e a uma poeira infernal: Os primeiros anos do futebol em Belo Horizonte (1904-1921).* Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2007.

29 Cf., por exemplo: COUTO, Euclides de Freitas; BARROS, Aluízio Antônio de. Futebol e modernidade em São João del-Rei, MG: o caso do Athletic Club. *Anais do XXVI Simpósio Nacional de História – ANPUH*, São Paulo, julho 2011; COUTO, Euclides de Freitas; SILVA, Sabrina Alves da. Circularidade cultural e modernização dos hábitos: o modelo clubístico do *Athletic Club* (1909-1925). *Tempos Gerais*, São João del-Rei, v. 3, n. 2, p. 123-136, jul./dez. 2014; LIMA, Alex Witney. Trilhas históricas do *foot-ball* em São João del-Rei: os clubes, as ligas e os campeonatos (1909-1921). *Tempos Gerais*, São João del-Rei, v. 3, n. 2, p. 105-122, jul/dez. 2014; AMARAL, Daniel Venâncio de Oliveira; COUTO, Euclides de Freitas. Aspectos do clubismo na introdução do *foot-ball* em Oliveira, MG (1916-1920). *Outros Tempos*, São Luiz, v. 14, n. 24, p. 1-16, jul./dez. 2017; AMARAL, Daniel Venâncio de Oliveira; COUTO, Euclides de FREITAS. "Um festin obsceno": pertencimento clubístico e expansão socioespacial do *foot-ball* em Oliveira, MG (1920-1930). *Fênix*, Uberlândia, v. 14, n. 1, p. 1-19, jan./jun. 2017; AMARAL, Daniel Venâncio de Oliveira. História do futebol em Divinópolis, MG: cavalheirismo e integração regional (11916-1930). In: *FuliA*, Belo Horizonte, v. 1, n. 3, p. 90-111, maio/ago. 2017.

concepções de uso do corpo e um pequeno repertório de esportes atléticos. Na cidade de São João del-Rei, Euclides Freitas e Sabrina Silva, por exemplo, encontraram na influência simbólica da Baía de Guanabara, estreitada pelos trilhos da nova ferrovia, respostas para a fundação do *Athletc Club*, primeiro clube futebolístico dessa cidade, fundado no ano de 1909. Nas palavras dos autores: "A criação do *Athletc* pode ser considerada um ato de sintonia dos são-joanenses com os ventos modernos que sopravam da capital federal". [30] Já nas cidades de Divinópolis e Oliveira, eu mesmo, na minha dissertação de mestrado, no capítulo em que abordo a gênese clubística do futebol na atual região do Centro-Oeste mineiro, reforcei essa compreensão da influência de centros metropolitanos da região Sudeste, sobretudo o Rio de Janeiro, para a institucionalização do jogo. Naquela ocasião, eu havia concluído que:

> O processo de implantação do futebol nas cidades de Oliveira e Divinópolis foi fruto das ações desenvolvidas por um grupo de adeptos que, tomando por diferentes vias um contato mais próximo com os principais centros difusores, facilitados pelo transporte ferroviário, buscaram desenvolver, nas duas localidades do interior, o fenômeno considerado um dos principais modismos do período.[31]

Essa centralidade atribuída ao Rio de Janeiro na disseminação de práticas esportivas por todo o território brasileiro foi questionada por Cleber Dias, no artigo intitulado *Esportes e cidades: balanços e perspectivas*. Neste trabalho, Dias sugere que duas condições principais impedem a identificação de um ponto único para a disseminação dos esportes no Brasil: "a pujante diversidade cultural" e as "dimensões continentais do país". [32] Essa ideia é ancorada em pesquisas históricas de diferentes regiões brasileiras, cujos resultados revelam que os esportes floresceram simultaneamente, paralelamente e até independentemente da influência do Rio de Janeiro ou de outros centros metropolitanos da região Sudeste do Brasil.

A história da propagação do futebol no Rio Grande do Sul é particularmente interessante para ilustrar a multiplicidade e diversidade de caminhos para o desenvolvimento dos esportes no território brasileiro. De acordo com Gilmar Mascarenhas, que pesquisou o assunto, a difusão desta modalidade naquele estado está "intimamente relacionada à influência platina". O autor também destaca que a região do Prata foi a primeira da América do Sul a conhecer uma grande

---

30 COUTO, Euclides de Freitas; SILVA, Sabrina Alves da. Circularidade cultural e modernização dos hábitos: o modelo clubístico do *Athletic Club* (1909-1925). In: *Tempos Gerais*, São João del-Rei, v. 3, n. 2, p. 123-136, jul./dez. 2014.

31 AMARAL, Daniel Venâncio de Oliveira. *"À mania intoxicadora"*: introdução clubística e consolidação dos sentidos de competitividade do foot-ball no Centro-Oeste mineiro (1888-1930). Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal de São João del-Rei, São João del-Rei, 2016, p. 103.

32 Ver: Dias, Cleber. Esportes e cidades: balanços e perspectivas. In: *Revista Tempo*, Niterói, v.17, n. 34, p. 33-44, jan./jun. 2013.

força ao redor do futebol, organizando clubes e federações, além de realizar campeonatos regularmente. Os motivos para a receptividade tão precoce parecem estar presentes nas próprias circunstâncias históricas que afetavam o Prata. Ao final do século XIX, interesses comerciais britânicos concentravam-se ali de forma particularmente aguda. Por volta de 1890, a Argentina já era a principal fornecedora de matéria-prima da Inglaterra, e sua capital, Buenos Aires, grande porto escoador e cabeça de ampla rede ferroviária, apresentava vertiginoso crescimento econômico e demográfico. Nessa época, estima-se que 40 mil ingleses viviam na capital argentina, sendo os estrangeiros, ao todo, somando 3/4 da população portenha. No Uruguai, testemunhava-se prosperidade econômica semelhante, graças, sobretudo, ao intenso comércio portuário de Montevidéu.

Em 1887, cidades fronteiriças com o Uruguai, relativamente isoladas dos principais centros urbanos gaúchos, face à precariedade dos meios de comunicação, ficaram "plenamente mergulhadas" na área de influência do Prata, sobretudo a cidade de Montevidéu, após os trilhos da empresa inglesa administradora da ferrovia, *Brasil Great Southem*, atingirem o lado brasileiro dos pampas. No bojo desses acontecimentos, duas importantes variáveis para a gênese clubística do futebol na Campanha Gaúcha foram elencadas por Gilmar Mascarenhas: primeira, as "íntimas conexões" de cidades de fronteira do Sudoeste do Rio Grande do Sul com os maiores centros urbanos do Prata, processo que pode ter favorecido, nas palavras do autor, "copiar modismos em voga", entre eles o futebol; segunda, uma possível contribuição de quadros técnicos na introdução e difusão deste esporte entre ferroviários e comunidades ao longo da "cobertura da malha ferroviária".[33]

Este exemplo do mapeamento da via platina de introdução do futebol no Sudoeste gaúcho, ainda que denotado pelo esforço de evidenciar novos caminhos para a compreensão do surgimento e difusão espacial deste esporte no Brasil, acaba por incorrer nos mesmos impulsos de generalização da difusão dos valores culturais dos centros metropolitanos. Tal impulso parece ser assentado nos discursos de ideia-força do avanço da civilização sobre regiões periféricas. No final do século XIX, como bem apontou Gilmar Arruda, a noção de progresso estava bastante generalizada no Brasil e as ferrovias se tornaram instrumentos privilegiados para ligar regiões metropolitanas com a hinterlândia, processo que, no entendimento de uma elite letrada, cumpriria um papel de redesenhar o perfil e o comportamento social dos habitantes do interior, levando para aquele ambiente "exótico", "bárbaro" e "atrasado" as boas novas do

33 JESUS, Gilmar Mascarenhas de. A via platina da introdução do futebol no Rio Grande do Sul. In: *Lecturas*, Buenos Aires, año 5, n. 26, 2000.

"progresso", da "modernidade" e da "civilização".[34] É neste contexto que a influência do Rio de Janeiro tem ocupado centralidade investigativa nos processos de interiorização do futebol, como já demonstrado, por exemplo, nos trabalhos sobre algumas cidades do Oeste mineiro. Na narrativa produzida por Gilmar Mascarenhas, compartilha-se, em larga medida, do mesmo entendimento. Todavia, transfere para a região do Prata, sobretudo a capital uruguaia Montevidéu, o epicentro irradiador.

Existem outros exemplos historiográficos em que a interiorização do futebol brasileiro não passa, necessariamente, pela influência de centros metropolitanos. O caso do interior de Goiás é bastante ilustrativo nesse sentido. Cleber Dias detectou, em meados da década de 1910, os primeiros registros de partidas de futebol neste estado. O período coincide com o início das atividades da Estrada de Ferro Goiás, que desempenhou papel fundamental para uma série de transformações no estado, a exemplo da dinamização da exportação dos produtos agropecuários e do crescimento populacional acima da média nacional. Logo cidades como Pirenópolis, Catalão, Anápolis e Goiás, capital do estado, algumas com o crescimento já estimulado no final do século XIX pela proximidade de cidades do Triangulo Mineiro, atendidas por linhas da Companhia Mogiana da Estrada de Ferro, sofreram alterações nos padrões de comportamento dos seus moradores. Em 1913, fundou-se em Catalão, cidade que durante algum tempo foi a mais populosa de Goiás, o *Catalão Foot Ball Club*, sendo uma das primeiras equipes esportivas a criar-se mais formalmente no estado.

Em que pese essas transformações, Goiás ainda era fundamentalmente um estado rural e diversas cidades permaneceriam por muito tempo ainda sendo representadas como "lugares de poeira e lama" e "sem atrativos de ordem urbanística". Apesar disso, a organização de jogos de futebol ou outras práticas esportivas foram registradas, a partir da década de 1920, em diversas cidades do interior goiano, inclusive entre indígenas sob proteção do Posto de Redenção Indígena, na Ilha do Bananal. Em muitos desses ambientes, notadamente distantes do raio de transformação que afetava o Estado, o florescimento de práticas esportivas parece não ter sofrido influências significativas de centros metropolitanos. Nesses casos, segundo Cleber Dias, "outras regiões da hinterlândia impulsionaram o incremento do esporte".[35]

Nada obstante, nota-se que, mesmo na narrativa acima, existe algum esforço para encontrar "epicentros irradiadores" nos processos de difusão espacial do esporte no Brasil, o

---

34 Ver: ARRUDA, Gilmar. *Cidades e sertões:* entre a história e a memória. Bauru, SP: EDUSC, 2000.

35 DIAS, Cleber. Esporte e cidade: balanços e perspectivas. In: *Revista Tempo*, Niterói, v. 17, n. 34, p. 33-44, jan./jun. 2013.

que no caso de Goiás, como demonstrado, o eixo difusor recaiu sobre "outras regiões da hinterlândia". Ou seja, independente dos trajetos de irradiação do futebol, quer seja pelo Rio de Janeiro ou outros centros metropolitanos, ou ainda regiões periféricas, o ponto de convergência dessas pesquisas é a busca por um centro de influência nos processos históricos de espraiamento do esporte em terras sertanejas. Isso não significa dizer que o estabelecimento de correlações entre centros de influência e a difusão espacial dos esportes é algo errado em si mesmo, como bem demonstrado vários nexos de fato presentes entre essas estâncias. O estabelecimento dessas correlações interpretativas é apenas incompleto, o que vale também para as narrativas da urbanização, objeto de estudo da primeira sessão desta tese.

Mas quais seriam, então, os aspectos a oferecer explicações causais para a difusão espacial do esporte, que não apenas a urbanização e a influência de centros irradiadores? Algumas hipóteses alternativas talvez sejam possíveis. É nesta direção que o segundo capítulo desta tese, intitulado *Circuito futebolístico regional e a história de uma nova prática nos sertões das gerais, 1916-1930*, objetiva contribuir para a elaboração de uma nova possibilidade de leitura sobre a interiorização do futebol no Brasil. Mais especificamente, interessa identificar as relações entre a institucionalização do futebol em Oliveira, iniciada em 1916 com a fundação do *Oliveira Sport Club*, num contexto de valorização dos esportes corporais e a constituição de um "circuito futebolístico regional", no qual, comitivas esportivas de localidades adjacentes, compostas majoritariamente por membros proeminentes, passaram a cumprir o papel de promover redes de sociabilidades e de cooperação política entre os sócios e os municípios envolvidos institucionalmente com o jogo. Essas articulações fidalgas em torno das comitivas esportivas conformaram, até a primeira metade da década de 1920, período no qual o futebol carregava a simbologia do cavalheirismo e da civilidade, uma complexa rede de interesses sociais e políticos, aspecto que parece ter estimulado, entre os segmentos mais abastados dessas nucleações interioranas, a criação e a manutenção de clubes e campos de futebol. A partir de 1925, essa configuração lúdico-festiva sofreu mudanças significativas, quando a proliferação de clubes e a intensificação dos embates esportivos conferiram aos jogos de futebol atributos condizentes ao campo esportivo, tais como excitação, tensões e competitividade, processos que ocorrem em meio a interpretações ambíguas dos cronistas que cobriam as disputas esportivas.

Assim, diante dos dois caminhos de investigação histórica que foram apresentados, sendo o primeiro a participação do universo rural nos processos de modernização urbana e comportamental na sede urbana de Oliveira, e o segundo a influência de um circuito futebolístico regional nos processos de espraiamento institucional do jogo de bola pelo Oeste

de Minas Gerais, a presente pesquisa procurou inverter o papel dos sertões nos modos de organizar e fruir lazeres modernos, relativizando, por consequência, alguns dos pressupostos da vertente hegemônica da historiografia brasileira. De meras cópias do esforço civilizador deflagrado nas principais capitais do país, a análise das práticas de lazer e esportivas – posto que os espetáculos futebolísticos comportavam essas duas dimensões – podem, em alguma medida, revelar o protagonismo e a pujança social dos recônditos Brasil.

O termo sertão, neste trabalho, é usado como uma metáfora para o mundo rural ou, então, para o mundo urbano fora dos centros metropolitanos hegemônicos do país, e não como descrição de um recorte geográfico específico. São as periferias incrustadas nas margens do agito urbano das grandes cidades. Como disse o militar e escritor José Lima de Figueiredo nos primeiros anos da década de 1940, referindo-se ao "atraso" técnico das regiões ainda não tocadas pelo progresso e a necessidade de mapeamento e nomeação do território nacional, das suas coisas e gentes, "dia a dia nos convencemos de que agora é que começamos a descobrir o Brasil".[36] Os sertões seriam, então, estes lugares não descobertos pelo olhar da ciência e da civilização, podendo serem encontrados, com já bem dizia Riobaldo n'*O Grande Sertão Veredas*, "em toda a parte".[37]

No Brasil de princípios do século XX, para onde quer que se olhasse, ver-se-ia ambivalências. De um lado, cidades ou partes delas, "ultracosmopolitas", com todos os avanços tecnológicos e comportamentais disponíveis: automóveis, eletricidade, cafés, música clássica, carnaval veneziano, casas com arquitetura inovadora e quintais com jardins. Do outro, uma infraestrutura no mais das vezes pobre, com poucos elementos de modernidade: carroças, lamparina, taberna, lundu, entrudo, choupanas cobertas de palha e quintais com chiqueiros.[38] Nos dizeres de Lilia Schwartz: "mais do que as quimeras fáceis do progresso único e obrigatório, impunha-se agora uma acomodação incômoda entre o passado e o futuro, o velho e novo".[39] Mesmo as importantes capitais como Rio de Janeiro, São Paulo e Belo Horizonte, que foram objetos de intensas mutações de ordem urbanística, não se viram livres dessas diversas ambiguidades nas suas estruturas e organizações sociais. Na capital mineira, um correspondente belo-horizontino, em carta enviada no mês de setembro de 1917 para um jornal

---

36 FIGUEIREDO, José de Lima. *Cidades e sertões*: páginas da história e geografia do Brasil. Rio de Janeiro: Bloch, 1941, p. 135.
37 ROSA, João Guimarães. *Grande sertão*: veredas. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 1986.
38 Para uma síntese a esse respeito, ver: DIAS, Cleber. Esportes nos confins da civilização: Mato Grosso, 1920-1930. *Topoi*, Rio de Janeiro, v. 18, n. 34, p. 66-90, jan./abr. 2017.
39 SCHWARCZ, Lilia Moritz. Introdução: as marcas do período. In: SCHWARCZ, Lilia Moritz (Coord.). *História do Brasil nação*: a abertura para o mundo, 1889-1930. Rio de Janeiro: Objetiva, 2012. Vol. 3, p. 21.

do interior do estado, explicitou os paradoxos da vida urbana no cerne da civilização imaginada para o estado de Minas Gerais:

> O viandante que vem a esta cidade tem logo má impressão da mesma: nuvens enormes de pó, deste terrível pó de Belo Horizonte, cobrem constantemente a "Praça da Estação", cuidando o mesmo estar chegando em qualquer aldeia, mas nunca a capital de Minas Gerais! A falta de higiene na cidade é um fato, o "Ribeirão dos Arrudas", está sempre impregnado de animaizinhos em franca decomposição, além de colchões podres atirados à agua. Existem ainda vários canos despejando esgotos aqui e ali nas margens do referido ribeirão. A falta de calçamento, a nenhuma irrigação das ruas, dão a cidade um aspecto de roça grande.[40]

As comparações com "aldeia" ou "roça grande" feitas pelo cronista acima para descrever o espaço citadino de Belo Horizonte reforçam a impossibilidade de criar uma dicotomia ou linha divisória inequivocamente clara entre os mundos rurais e urbanos. Experiências tipicamente associadas ao mundo urbano não eram e não são, ainda, privilégios exclusivos das grandes cidades, da mesma forma que grandes metrópoles não estão inteiramente privadas de experiências rurais. No Rio de Janeiro, por exemplo, Nei Jorge dos Santos, num estudo recente sobre a história das diversões nos subúrbios cariocas, relativizou às representações de uma "capital irradiante" progressista e civilizada. Segundo este pesquisador, ao lado do aspecto sofisticado dos bairros centrais, onde o consumo de luxo encarnava a moda, a estética e o figurino do velho mundo, havia também, nos distritos mais afastados, chamados de "arrabaldes", um cotidiano mais simples e bastante marcado por traços de uma vida rural.[41] Já na "exótica" região amazônica, mais precisamente em pequenas cidades do interior do Acre, como Xapury, Penápolis e Cruzeiro do Sul, Joice Corrêa, no seu estudo sobre a história dos esportes neste estado, trouxe à tona um cenário relativamente rico de iniciativas lúdicas modernas, a exemplo de teatros, cinemas, corridas de bicicleta, corridas de cavalo, linhas de tiro ou ainda clubes de futebol.[42] Concisamente, pode-se mesmo dizer que, "em alguns casos havia certa modernidade urbana também nos sertões rurais, tanto quanto pode haver ainda ruralidade nas metrópoles".[43]

---

40 Belo Horizonte. *Divinópolis.* Divinópolis, 23 set. 1917, p. 3.
41 JUNIOR, Nei Jorge dos Santos. Diversões nos arrabaldes da capital irradiante. In: DIAS, Cleber (Org.). *Depois da avenida Central*: cultura, lazer e esportes nos sertões do Brasil. Rio de Janeiro: Jaguatirica, 2020, p 47-74.
42 CORRÊA, Joyce Nanci da Silva. Sports na terra dos rincões: Acre – 1909 a 1922. *Revista Brasileira de Estudos do Lazer*, Belo Horizonte, v. 4, n. 3, p. 24-45, set./dez. 2017.
43 Para uma discussão a esse respeito, ver: DIAS, Cleber. Cultura, lazer e esportes no mundo rural – uma introdução. In: DIAS, Cleber (Org.). *Depois da avenida Central*: cultura, lazer e esportes nos sertões do Brasil. Rio de Janeiro: Jaguatirica, 2020, p. 32-35.

O *corpus* documental que subsidiou as investigações foi composto, fundamentalmente, por um conjunto de exemplares do jornal *Gazeta de Minas*, publicado em Oliveira e disponível no acervo digital do próprio editorial.[44] Esta folha foi fundada, inicialmente, com o nome *Gazeta de Oliveira*, em setembro de 1887, pelo português Antônio Fernal, que ali se instalou no ano anterior vindo de Formiga, também no interior de Minas Gerais, onde dirigiu antes o jornal *O Democrata*. Em 1899, aproximadamente cinco anos depois de ter adquirido uma máquina tipográfica americana movida a vapor e com capacidade de imprimir três mil exemplares por hora, a antiga *Gazeta de Oliveira*, "órgão literário, comercial, agrícola e noticioso", já com periodicidade semanal e circulando sempre aos domingos, mudou seu nome para *Gazeta de Minas*. A mudança expressava claramente as novas ambições que cercavam o periódico. Daí em diante, tentando ampliar o espectro geográfico de sua circulação, a nova *Gazeta de Minas*, além de agentes e representantes instalados em pequenas cidades de Minas Gerais, como Passa Tempo, São João Batista, Japão, Carmo do Paranaíba e Dores do Indaiá, passou a contar, também, com colaboradores instalados até em grandes centros urbanos do exterior, como Montevidéu, Paris, Londres, Nova York e Cairo, segundo noticiava o próprio jornal. Logo, o periódico passou a se declarar como o "jornal de maior formato e circulação do estado de Minas Gerais", o que apesar de provavelmente exagerado, dado que desde antes já havia até jornais com circulação diária em Minas Gerais, expressava, assim mesmo, o novo horizonte de expectativas ao redor do periódico.[45]

Tanto pelas suas características quanto pela sua abundância, essas fontes, com mais de 1.800 edições disponíveis para o período que analisamos aqui, constituem ricos registros de diversos aspectos da vida econômica, política e cultural de Oliveira naquele período, incluindo iniciativas para a oferta comercial de diversões e jogos de futebol locais e intermunicipais. Esse título, porém, não esgota todo o universo possível de fontes periódicas para o município nesse período. Vários outros jornais foram editados na sede da cidade ao longo dos anos finais do século XIX e primeiras décadas do século XX, tais como *A Democracia* (1894), *A Pérola* (1895), *A Gazetinha* (1897), *O Oliveirense* (1906) e *A Luta* (1916).[46] Todos estes jornais,

44 <http://acervo.izap.com.br/>.

45 Para uma síntese da fundação e da circulação inicial do jornal *Gazeta de Oliveira*, ver: AMARAL, Daniel Venâncio de Oliveira; DIAS, Cleber. Lazer e mercado do entretenimento em uma cidade rural de Minas Gerais. In: *Revista Locus*, Juiz de Fora, v. 25, n. 1, p. 62-85, 2019.

46 Cf., respectivamente: A Democracia. *Gazeta de Oliveira*, Oliveira, 10 jan. 1894, p. 1; A Pérola. *Gazeta de Oliveira*, Oliveira, 3 fev. 1895, p. 3; A Gazetinha. *Gazeta de Oliveira*, Oliveira, 8 ago. 1897, p. 1; O Oliveirense. *Gazeta de Minas*, Oliveira, 18 mar. 1906, p. 1; A Luta. In: *Gazeta de Minas, Oliveira*, 5 mar. 1916, p. 1.

entretanto, não foram preservados ou simplesmente são de arquivos que não foram localizados (como acervos particulares).

Para dar mais corpo às temáticas investigadas nesta tese, principalmente os circuitos futebolísticos que se solidificaram no Oeste e em outras regiões do estado de Minas Gerais, foi consultado, adicionalmente, um conjunto diversificado de periódicos que circularam por cidades do interior mineiro no início do século passado. Os jornais *Divinópolis* (1916-1917), *A Estrela do Oeste* (1922-1925) e *A Pena* (1930), publicados na cidade de Divinópolis, foram consultados no acervo digital do Centro de Memória Professora Batistina Corgozinho, da Universidade do Estado de Minas Gerais.[47] Já os jornais *Colombo* (1920), da cidade de Campanha, *A Verdade* (1922), da cidade de Rio Preto, *O Pitangui* (1923), da cidade de Pitangui, *Correio da Semana* (1914, 1924), da cidade de Queluz de Minas e *Monitor Mineiro* (1925), da cidade de Guaranésia, foram consultados no site da Hemeroteca Digital Brasileira da Biblioteca Nacional.[48]

O uso dos jornais como fonte de pesquisa histórica remete-se à tradição da Escola dos *Annales* que, dentre outros avanços no campo historiográfico, propôs a ampliação do conceito de *fonte histórica*, possibilitando aos historiadores a incorporação de uma gama variada de vestígios da produção material humana. Para tanto, o trabalho histórico com os periódicos exige, entre outros procedimentos, a problematização da notícia veiculada, ou seja, a inquirição do seu processo de seleção pelos editores, assim como a identificação dos múltiplos personagens de produção de matérias, observando suas ligações com as instâncias do poder.[49]

Ao tentarmos compreender as crônicas jornalísticas que circularam por cidades do interior do Brasil na transição entre os séculos XIX e XX, deparamo-nos com a ideia de que as elites letradas carregam um conjunto de ambições simbólicas guiadas por expectativas imaginárias de progresso material e evolução dos hábitos urbanos. A imprensa apresentava-se como uma espécie de "farol de civilização" capaz de jogar luz sobre realizações que deveriam ser celebradas por serem marcos de modernidade, bem como sobre aquelas que deveriam ser condenadas por representarem costumes atrasados.[50] Nesse sentido, a análise desse tipo de fonte precisa levar em consideração as estruturas de mentalidades e suas correlações com as redes de

47 <http://www.emredes.org.br/>.
48 <http://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/>.
49 LUCA, Tânia Regina de. "História dos, nos e por meio dos periódicos". In: PINSKY, Carla Bassanezi (Org.). *Fontes históricas*. São Paulo: Contexto, 2005, p. 111-153.
50 Para uma síntese a esse respeito, ver: DIAS, Cleber. Esporte e lazer em Ilhéus na Primeira República (c. 1889-1930). Mimeo.

interesses presentes no contexto da sua produção, evitando tomar como "realidade histórica" uma "perspectiva histórica".

O que está escrito no jornal, independentemente de seu perfil, envolve uma série de interesses, ora convergentes, ora conflitantes, submersos numa teia de intenções que legitimam e privilegiam alguns conhecimentos em detrimentos de outros.[51] Em suma, as produções da imprensa são carregadas de intenções e cabe ao historiador buscar o entendimento dos motivos que levaram um dado cronista a defender, criticar ou ignorar determinadas teses. Nas palavras da historiadora Maria Capelato:

> A imprensa constitui um instrumento de manipulação de interesses e intervenção na vida social. Partindo desse pressuposto, o historiador procura estudá-lo como agente da história e captar o movimento vivo de ideias e personagens que circulam pelas páginas dos jornais. A categoria abstrata da imprensa se desmistifica quando se faz emergir a figura de seus produtores como sujeitos dotados de consciência determinada na prática social. A análise desse documento exige que o historiador estabeleça um diálogo com as múltiplas personagens que atuam na imprensa de uma época.[52]

Com vista a ampliar o escopo documental da pesquisa, foram consultados, também, documentos oficiais do poder público estadual, tais como questionários agrícolas ou censos estatísticos disponíveis no catálogo digital da Biblioteca do Ministério da Fazenda.[53] Essas fontes ofereceram um arcabouço privilegiado de informações que permitiram desnudar, com riqueza de detalhes, as transformações urbanas, econômicas, demográficas e sociais sofridas pelo município de Oliveira na virada para o passado, bem como acompanhar a difusão institucional do futebol por todo o interior de Minas Gerais. Na mesma proporção, o arsenal informativo contido nessas documentações possibilitou dar mais visibilidade para os povoados rurais e seus moradores, via de regra, ofuscados pela historiografia brasileira do lazer e dos esportes. Os nomes dos povoados, os números de imóveis rurais, os salários dos trabalhadores do campo, os gêneros agrícolas e pastoris produzidos nas propriedades ou, ainda, os volumes de exportação, são apenas alguns dos dados cotejados que possibilitaram à pesquisa equilibrar os graus de importância dos universos urbano e rural para a compreensão dos fenômenos modernos em Oliveira.

---

51 BASTOS, Maria Helena Câmara. Espelho de papel: a imprensa e a história da educação. In: *Novos temas em história da educação brasileira*. Instituições escolares e educação na imprensa. Campinas/Uberlândia: Autores Associados/EDUFU, 2002.
52 CAPELATO, Maria Helena. *Imprensa e história do Brasil*. São Paulo: Contexto/EDUSP, 1998.
53 <http://memoria.org.br/>.

No caso do questionário agrícola, produzido entre os anos de 1910 e 1913 pelo Serviço de Inspeção e Defesa Agrícola de Minas Gerais, anexado ao Ministério da Agricultura, Indústria e Comércio, é possível encontrar informações detalhadas sobre as terras, as águas, as áreas cultivadas e incultas, as culturas, as colheitas, os animais, as pastagens, as construções, os maquinismos, os veículos, o transporte, o sistema de trabalho, os salários, as despesas e as receitas dos 176 municípios existentes em Minas Gerais naquele momento. Já os censos estatísticos produzidos em 1921 pelo Serviço de Estatística Geral de Minas Gerais, anexado à Secretaria da Agricultura, reúnem cinco volumes de relatórios (alguns com subsídios que podem recuar ao ano de 1872) com informações detalhadas sobre as condições "física, demográfica, econômica, social, administrativa e política" das 789 cidades, vilas e distritos mineiros. O primeiro volume, *Situação Física*, reúne informações sobre posição, limite, divisões, condições gerais do território e climatologia. O segundo volume, *Situação Demográfica*, reúne informações sobre população, registro civil e colonização. O terceiro volume, *Situação Econômica*, reúne informações sobre agricultura, pecuária, indústria, vias de comunicação, meios de transporte, propriedades, comércio, crédito e previdência. O quarto volume, *Situação Social*, reúne informações sobre higiene e embelezamentos, instrução, imprensa, diversões públicas, assistência, cultos, associações, criminalidade e suicídios. O quinto e último volume, *Situação Administrativa e Política*, reúne informações sobre legislação e administração, tributação e finanças públicas, defesa nacional, justiça e representação política.

O entrelaçamento das informações extraídas dos jornais, do questionário agrícola e dos anuários estatísticos permitiu à pesquisa analisar as transformações urbanas e comportamentais na sede citadina de Oliveira em três momentos econômicos diferentes. O primeiro, a crise no final do século XIX, provocada pela queda de produtividade das lavouras, após a supressão da escravidão em 1888, bem como pelo significativo recuo das exportações de gado para o Rio de Janeiro entre os anos de 1897 e 1900. O segundo, a recuperação agrícola na década de 1900, com a gradativa adaptação dos fazendeiros ao trabalho livre, processo que foi acompanhado de um novo aquecimento das feiras de gado que abasteciam a capital fluminense. E o terceiro, o surto agropecuário na década de 1910, onde o município aproveitou-se do cenário de crescente demanda nacional e internacional de alimentos e gêneros para a indústria provocados pelos conflitos da primeira guerra mundial. Também foi possível, com o cotejamento dessas fontes primárias, desnudar a consolidação de um cenário favorável para a introdução de esportes atléticos, além de alguns aspectos envolvendo a institucionalização do futebol e os circuitos

futebolísticos que, no início da década de 1920, já haviam se difundido por praticamente todo o interior de Minas Gerais.

De forma secundária, a pesquisa se valeu de duas obras de memorialistas que subsidiaram informações que não foram possíveis de encontrar nas fontes oficiais e jornalísticas, a exemplo das particularidades dos festejos do entrudo na sede urbana de Oliveira, no final do século XIX, ou, ainda, informações sobre a construção do primeiro hipódromo e o responsável pela organização das primeiras corridas de cavalo. As duas obras cotejadas foram: *Recordações de Oliveira*, produzida em 1940 por José Demétrio Coelho e *História de Oliveira*, produzida em 1942 por Luiz Gonzaga da Fonseca.

Com a análise das fontes supracitadas, a pesquisa buscou encontrar elementos historiográficos novos sobre os divertimentos públicos e privados, o mercado do entretenimento e os circuitos futebolísticos em nucleações do interior do Brasil. Ao dar visibilidade aos povoados, moradores e trabalhadores rurais, ao enfatizar as relações entre economia rural, desenvolvimento econômico e modernização urbana, ao entender a institucionalização do futebol como uma forma de promover, por meio de circuitos futebolísticos, redes de sociabilidades e de cooperação política entre as principais elites interioranas, a pesquisa cumpriu o seu papel de dar protagonismo aos sertões brasileiros. Se, ao chegar aos trópicos, a modernidade assumiu incontáveis facetas e ressignificações, nos sertões suas distinções foram ainda mais ecléticas e imprevisíveis. Espero que as falhas e as lacunas deste trabalho, inscritas num curto recorte temporal, encorajem o empreendimento de novas pesquisas históricas que, igualmente, colaborem para o espraiamento das investigações sobre os lazeres e os esportes nos rincões do Brasil

CAPÍTULO 1 – DESENVOLVIMENTO RURAL E O SURGIMENTO DE NOVAS MODALIDADES DE ENTRETENIMENTO URBANO NO MUNICÍPIO DE OLIVEIRA, MINAS GERAIS, 1888-1920

Não há que discutir: para que o homem trabalhador ache prazer no seu trabalho, necessário é que tenha momentos de distração, concorrendo aos divertimentos que se lhe proporcionam.
De resto a vida corre numa monotonia insuportável, como a que se observa em Oliveira.

D. Fuas, *Gazeta de Minas*, 9 abr. 1899.

1.1 "Terra onde não há o menor divertimento"

Ao longo dos meses de junho e julho de 1900, a Companhia Dramática Araújo Silva ofereceu, num palco improvisado de uma casa particular, uma temporada de espetáculos ao público da cidade de Oliveira, onde alguns espetáculos foram concorridíssimos, "a ponto de não ficar um único lugar vazio".[54] Segundo um cronista que assinava com o pseudônimo de D. Fuas, a companhia chegava para cortar a "monotonia" em que habitualmente vivia a cidade. "Nem um divertimento, nem um passatempo, mesmo o mais simples e inocente gozamos a muito", queixava D. Fuas.[55] O espetáculo de despedida da Companhia Dramática Araújo Silva ocorreu na terceira semana de julho, ou seja, no momento da chegada a Oliveira do Circo Spinelli, dirigido pelo "estimável cavalheiro" Sr. Afonso Legran Spinelli. Constituído de 22 artistas, dentre os quais o palhaço Benjamim de Oliveira, que recebeu diversos elogios na imprensa por haver levado o público a uma "constante hilaridade", o Circo Spinelli ofereceu nove espetáculos entre os dias 21 e 31 de julho, partindo no dia 1º de agosto para as localidades de Ribeirão Vermelho e Perdões.[56] As atrações não pararam por aí. Mal o Circo Spinelli se despedia, Oliveira recebia a visita do Sr. Gustavo Vschenek com a promessa de, por alguns dias, "deliciar" o público da cidade com um cinematógrafo.[57] "Estamos na maré das vacas gordas", dizia outro cronista que assinava com o pseudônimo de Itagacheles. "Vivíamos a chorar por qualquer coisa que viesse quebrar a monotonia que nos matava mais do que os boxers

54 Companhia Dramática. *Gazeta de Minas*, Oliveira, 3 jun. 1900, p. 2; Teatro. *Gazeta de Minas*, Oliveira, 10 jun. 1900, p. 1; Teatro. *Gazeta de Minas*, Oliveira, 17 jun. 1900, p. 3; Teatro. *Gazeta de Minas*, Oliveira, 24 jun. 1900, p. 1; Teatro. *Gazeta de Minas*, Oliveira, 1 jul. 1900, p. 1; Teatro. *Gazeta de Minas*, Oliveira, 22 jul. 1900, p. 1.
55 Semana a Semana. *Gazeta de Minas*, Oliveira, 3 jun. 1900, p. 2.
56 Circo Spinelli. *Gazeta de Minas*, Oliveira, 22 jul. 1900, p 2; Circo Spinelli. *Gazeta de Minas*, Oliveira, 29 jul. 1900, p 2; Circo Spinelli. *Gazeta de Minas*, Oliveira, 5 ago. 1900, p 2.
57 Cinematógrafo. *Gazeta de Minas*, Oliveira, 22 jul. 1900, p. 1.

estão matando europeus", ironizou Itagacheles, fazendo referências aos espetáculos de teatro, circo e cinematógrafo que agitaram Oliveira entre os meses de junho, julho e início de agosto de 1900.[58]

Não obstante, a "maré das vacas gordas" deu-se por encerrada no último dia de exibição do cinematógrafo. Tão logo os empresários itinerantes deixaram Oliveira e a cidade voltou a sua "monotonia habitual". Em razão disso, cronistas da imprensa que antes comemoravam a "fartura" de diversões, passaram a lamentar a falta delas. Em meados de outubro de 1900, Itagacheles, novamente em tom irônico, queixou: "É tal a falta de diversões que há por aqui, que vivemos numa tristeza quase igual à de um candidato derrotado".[59] Cerca de dois meses após a queixa de Itagacheles, D. Fuas, em sentido ligeiramente parecido, discorreu uma série de críticas à "falta de diversões" em Oliveira, sugerindo como "pomada" para reverter um quadro de "cidade morta" a adoção de medidas voltadas para a introdução de espaços e práticas de entretenimento, cuja ausência, na visão de D. Fuas, provocavam uma "espécie de retraimento" da população oliveirense:

> [...] Depois de levantar um teatro, abrir um clube, transformar o largo da estação em um formoso passeio com o seu coreto, onde, uma banda de música vá todos os domingos de tarde executar trechos de operas e peças em voga, abrir uma estrada pitoresca, ladeada de arvoredo até a fonte de águas férreas que existi ali para os lados da porteira, fazer ali uma rotunda com muito arvoredo e bancos para os passeios, proporcionar diversões, prometer surpresas, fazer um mercado onde tudo concorresse, e Oliveira transformar-se-ia em um momento de uma cidade morta que é em uma das principais cidades de Minas.[60]

Essa imagem de uma cidade morta, monótona ou sem diversões, recorrentemente veiculada na imprensa, expressava, na verdade, a frustração dos grupos letrados com a falta de modalidades lúdicas bem específicas. Ou seja, não se tratava de uma completa falta de diversões, mas, sim, da falta de espaços públicos ou de estabelecimentos de comércio que oferecessem, de maneira permanente e diversificada, diversões alinhadas com os "modernos" padrões europeus. O cronista D. Fuas, que na nota acima idealizava um teatro, um clube, um passeio com bancos e arvoredos, um coreto e bandas de música se apresentando semanalmente, era um dos principais nomes da imprensa na propagação desse *modus vivendi* europeizado. Reitor do Liceu Municipal, professor do Colégio Nossa Senhora da Oliveira, proprietário do Colégio Oliveirense e redator-secretário do jornal *Gazeta de Minas*, Antonio Adelino Pinto

58 Casos e Cousas. *Gazeta de Minas*, Oliveira, 22 jul. 1900, p. 1.
59 Casos e Cousas. *Gazeta de Minas*, Oliveira, 14 out. 1900, p. 1.
60 Semana a Semana. *Gazeta de Minas*, Oliveira, 16 dez. 1900, p. 2.

Machado, criador do cognomino D. Fuas, era um imigrante português da região do Douro.[61] Formado pela Universidade de Coimbra, Pinto Machado já havia atuado em Portugal como educador e jornalista, tendo ministrado aulas no ensino primário e secundário e dirigido o jornal republicano *Norte da Beira*. Conforme informações de um cronista anônimo, Pinto Machado foi, no seu país de origem, "vítima de suas convicções e de sua imensa fé republicana", sendo denunciado pela polícia secreta da monarquia portuguesa pelo crime de "perturbador do bem público", fato que o levou a se "expatriar" em 1892.[62] Não foram encontrados registros históricos sobre quando ou onde aportou no Brasil este educador e jornalista português. Sabe-se, no entanto, que sua chegada à cidade de Oliveira ocorreu por volta do ano de 1894, constituindo, a partir de então, uma sólida carreira nas áreas do ensino e do jornalismo.

É possível especular que a ambiência urbana encontrada por Pinto Machado em Oliveira era bem menos efervescente do que aquela encontrada por ele na Europa ou em outros pontos do Brasil. O mesmo que dizia ter, por exemplo, frequentado "as principais casas de teatro do Rio, de São Paulo, de Lisboa, do Porto, de Madri, de Barcelona e de Paris", ou, ainda, assistido touradas "na Praça Real de Madri, na Grande Praça de Sevilha, na Praça de Sant'Ana de Lisboa, no Coliseu do Porto e na Praça do Mangue no Rio de Janeiro",[63] achava-se agora inserido numa realidade de densidade demográfica rarefeita e quase inteiramente rural. Seis anos antes de sua chegada, período para o qual dispomos de informações mais gerais sobre a cidade, Oliveira contava com vinte e duas ruas (S. Sebastião, Comércio, Senhor dos Passos, Direita, Duque de Caxias, General Osório, Ginásio, S. Antônio, Tiradentes, Aurora, Cruzeiro, 7 de Setembro, Dr. Fromm, Pescadores, Visconde do Rio Branco, Palmeira, Formosa, Flores, Municipal, Teatro, 2 de Dezembro e Brejo Alegre), três praças (Matriz, Rosário e Cruzeiro), três igrejas (Matriz, Rosário e Senhor dos Passos), um cemitério público, uma casa de Câmara e Cadeia, mil casas e uma população de aproximadamente quatro mil moradores divididos entre um espaço citadino desprovido de uma série de melhoramentos, a exemplo de serviço de calçamento, arborização, abastecimento domiciliar de água ou iluminação pública e as áreas rurais.[64] Para dimensionar,

61 Cf.: Colégio Oliveirense. *Gazeta de Oliveira*, Oliveira, 2 fev. 1896, p. 1; Colégio N. S. de Oliveira. *Gazeta de Oliveira*, Oliveira, 16 mar. 1896, p. 1; Dr. A. Adelino Pinto Machado. *Gazeta de Minas*, Oliveira, 8 out. 1899, p. 1; Dr. Pinto Machado. *Gazeta de Minas*, Oliveira, 15 jun. 1902, p. 1.
62 Dr. Pinto Machado. *Gazeta de Oliveira*, Oliveira, 28 jun. 1896, p. 1.
63 Semana a Semana. *Gazeta de Minas*, Oliveira, 2 ago. 1903, p. 1; Semana a Semana. *Gazeta de Oliveira*, Oliveira, 27 mar. 1898, p. 2.
64 Notas sobre o município da Oliveira. *Gazeta de Oliveira*, Oliveira, 15 jan. 1888, p. 1.

o Rio de Janeiro, capital política e maior centro urbano do país, contava, nessa época, com uma população acima de 400 mil pessoas, isto é, mais de cem vezes maior que Oliveira.[65]

Foto 1 – Largo da Matriz de Oliveira no ano final do século XIX.

Fonte: Casa da Cultura de Oliveira.

Não foram encontradas fontes documentais com dados sobre a divisão dos moradores que residiam na sede da cidade e nas áreas rurais nos anos finais do século XIX. Contudo, registros de imprensa revelam que vários povoados rurais compunham o território, não apenas da cidade, mas de todo o município naquele momento. A organização política de Oliveira possuía, em sua composição, além da cidade homônima, que era sede administrativa do município, outros cinco pequenos distritos. Em 1888, as populações desses distritos eram distribuídas da seguinte forma: Passa Tempo, com 2.876 moradores; Japão, com 3.295 moradores; Cláudio, com 4.111 moradores; São Francisco de Paula, com 5.449 moradores e Santo Antônio do Amparo, com 6.266 moradores.[66] É preciso destacar que os dois distritos

65 Notas Estatísticas. *Jornal do Agricultor*, Rio de Janeiro, jul. a dez. 1888, p. 195.
66 Notas sobre o município de Oliveira. *Gazeta de Oliveira*, Oliveira, 15 jan. 1888, p. 1.

mais populosos, São Francisco de Paula e Santo Antônio do Amparo, possuíam, na verdade, uma população inferior aos números oferecidos acima. Duas pequenas freguesias, Santana do Jacaré e Carmo da Mata, pertenciam, respectivamente, aos dois distritos citados, tendo então, suas populações incluídas.[67] Em 1890, essas duas freguesias contavam, na devida ordem, com uma população de 1.616 moradores e 2.250 moradores.[68]

Na jurisdição de cada uma dessas nucleações havia diversos povoados rurais. Entre os anos de 1890 e 1900, a imprensa de Oliveira veiculou notícias de pelo menos 44 povoações que tiveram contribuintes de impostos ou que receberam cadeiras de instrução primária, tapumes ou concertos de pontes.[69] Apenas em 1920 é possível encontrar descrições mais detalhadas da situação geopolítica do município. De acordo com dados oficiais, a cidade, os cinco distritos e as duas freguesias congregavam 78 povoados rurais, o que numa média daria quase dez povoados para cada nucleação.[70] Embora não existam registros históricos com o número exato de povoações existentes naquele final de dezenove, era nessas áreas rurais que estava concentrada a dinâmica demográfica e de empregabilidade do município. Isso por efeito do setor produtivo de Oliveira ser estruturado a partir de uma economia rural, ancorada na exportação de gado para o Rio de Janeiro, toucinho, queijos, doces, açúcar e tecidos para municípios vizinhos, além de uma pequena produção para o abastecimento local que incluía, entre outros gêneros, aguardente, fumo, licores, vinagre, azeite de mamona, café, arroz, milho, feijão, mandioca e batata.[71]

---

67 Notas sobre o município de Oliveira. *Gazeta de Oliveira*, Oliveira, 8 abr. 1888, p. 1.
68 MINAS GERAIS. Secretaria da Agricultura. Serviço de Estatística Geral. *Anuário estatístico*: ano I (1921), v. II, Belo Horizonte: Imprensa Oficial, 1926, p. 40.
69 Cf.: Pintos e Faleiros. *Gazeta de Oliveira*, Oliveira, 14 set. 1890, p. 3; Pará. *Gazeta de Oliveira*, Oliveira, 21 jun. 1891, p. 3; Câmara Municipal. *Gazeta de Oliveira*, Oliveira, 1 jan. 1893, p. 2; Câmara Municipal. *Gazeta de Oliveira*, Oliveira, 26 mar. 1893, p. 23; Câmara Municipal. *Gazeta de Oliveira*, Oliveira, 1 out. 1893, p. 3; Câmara Municipal. *Gazeta de Oliveira*, Oliveira, 1 jan. 1893, p. 2; Câmara Municipal. *Gazeta de Oliveira*, Oliveira, 10 out. 1893, p. 3; Câmara Municipal. *Gazeta de Oliveira*, Oliveira, 21 jan. 1894, p. 2; Câmara Municipal. *Gazeta de Oliveira*, Oliveira, 15 abr. 1894, p. 2; Câmara Municipal. *Gazeta de Oliveira*, Oliveira, 13 maio 1894, p. 2; Câmara Municipal. *Gazeta de Oliveira*, Oliveira, 19 maio 1895, p. 4; Câmara Municipal. *Gazeta de Oliveira*, Oliveira, 2 jun. 1895, p. 4; Câmara Municipal. *Gazeta de Oliveira*, Oliveira, 21 jul. 1895, p. 3; Câmara Municipal. *Gazeta de Oliveira*, Oliveira, 4 ago. 1895, p. 3; Câmara Municipal. *Gazeta de Oliveira*, Oliveira, 16 fev. 1896, p. 3; Câmara Municipal. *Gazeta de Oliveira*, Oliveira, 10 out. 1897, p. 3; Câmara Municipal. *Gazeta de Oliveira*, Oliveira, 6 fev. 1898, p. 3; Câmara Municipal. *Gazeta de Oliveira*, Oliveira, 15 maio 1893, p. 3; Câmara Municipal. *Gazeta de Oliveira*, Oliveira, 7 ago. 1898, p. 3; Lançamento dos contribuintes do distrito de Claudio. *Gazeta de Minas*, Oliveira, 30 set. 1900, p. 3; Lançamento dos contribuintes do distrito de Claudio. *Gazeta de Minas*, Oliveira, 7 out. 1900, p. 3.
70 Cf.: MINAS GERAIS. Secretaria da Agricultura. Serviço de Estatística Geral. *Anuário estatístico*: ano I (1921), v. III, Belo Horizonte: Imprensa Oficial, 1926, p. 612, 619, 636, 637.
71 Notas sobre o município de Oliveira. *Gazeta de Oliveira*, Oliveira, 11 dez. 1887, p. 1; Notas sobre o município de Oliveira. *Gazeta de Oliveira*, Oliveira, 5 fev. 1888, p. 1; Notas sobre o município de Oliveira. *Gazeta de Oliveira*, Oliveira, 11 mar. 1888, p. 1.

Quadro 1 – Cidade, distritos e freguesias do município de Oliveira com seus respectivos povoados rurais em 1920.

Oliveira	Areão dos Faleiros, Barreiros, Faleiros, Fradique, Maependy, Martins, Matinha, Picaria, Pintos e Silveiras
Passa Tempo	Aguadinha, Barro Vermelho, Curral, Morro do Ferro, Paciência, Serra e Sesmaria
Cláudio	Bananal, Boa Vista, Cachoeira de Santo Antônio, Cachoeira dos Lopes, Capão da Galinha, Caquente, Corumbá, Couto, Formiguinha, Macacos, Machadinho, Miguel Lopes, Ouro Fala, Palmital, Pará de D. Rosa, Pará dos Fernandes, Porto do Pica-pau, Ribeirão do Cervo, Rocinha, S. Bento, Sobrado e Sousas.
Japão	Barreira, Batatal, Cachoeira Dias, Cachoeira dos Martins, Campos, Felix da Costa, Forquilha, Paiol e Riacho.
São Francisco de Paula	Barro Preto, Borges, Campos, Gameleira, Jacaré, Lopes, Mata do Cintra, Mota, Três Córregos e Vieiros Bravos.
Santo Antônio do Amparo	Caridade, Guarita e Onça.
Santana do Jacaré	Callogy, Lavrinha, Moenda, Morembá, Quebra Dente, Ribeirão, Serra, Surjão e Zagaia.
Carmo da Mata	Barreira, Batatal, Cachoeira Dias, Cachoeira dos Martins, Campos, Felix da Costa, Forquilha, Paiol e Riacho.

Fonte: MINAS GERAIS. Secretaria da Agricultura. Serviço de Estatística Geral. *Anuário estatístico*: ano I (1921), v. III, Belo Horizonte: Imprensa Oficial, 1926, p. 612, 619, 636, 637.

No espaço citadino do conjunto de nucleações municipais, um pequeno comércio urbano servia como uma espécie de "entreposto" para o atendimento das demandas provenientes dos moradores e das atividades laborais dos povoados, distantes no máximo 24 km das suas respectivas sedes,[72] o que bem se corrobora com diferentes passagens de viajantes que visitaram localidades de menor porte do interior de Minas Gerais ao longo de todo século XIX. Tal como foi observado pelo historiador Alexandre Cunha, vida urbana, efetivamente, só ocorria quando as populações rurais dirigiam-se para as sedes das cidades, o que era feito com maior intensidade nos finais de semana, por ocasião das atividades religiosas. "Ao longo da

72 Para uma descrição detalhada das distâncias entre os povoados rurais e as sedes urbanas das nucleações que compunham o município de Oliveira, ver: MINAS GERAIS. Secretaria da Agricultura. Serviço de Estatística Geral. *Anuário estatístico*: ano I (1921), v. III, Belo Horizonte: Imprensa Oficial, 1926, p. 612, 619, 636, 637.

semana esses espaços eram, via de regra, extremamente vazios".[73] Em 1899, um cronista explicitou para Oliveira essa característica "domingueira", dizendo que ora a parte urbana da cidade apresentava "o comércio parado, as ruas abandonadas e os largos as moscas", ora se assemelhava "a uma grande e populosa cidade".[74]

Nessa direção, 13 casas para a venda de comida, bebida e gêneros do país, quatro farmácias, três pensões, uma padaria e um colégio particular funcionavam regularmente em Oliveira, ainda que parte importante das relações econômicas parecesse girar ao redor da subsistência.[75] Conhecida como "cidade de verduras", dizia-se que rara era a casa em Oliveira que não tinha sua própria horta, onde eram cultivados a par com inúmeras flores de "esquisita e lindíssima qualidade", couves, repolhos, cará, quiabo, inhame, taioba, batatas, chuchu, ervilhas, abóboras, rabanetes, nabos, cenouras e morangos.[76] Além das hortaliças, a criação de animais também integrava essa economia de autossuficiência. Frequentemente, a imprensa de Oliveira noticiava a presença de porcos, cabritos, galinhas, perus e gados no perímetro urbano da cidade, sempre condenando tais episódios como exemplos de falta de civilidade.[77]

Depois de 1888, quando foi inaugurado um ramal ferroviário da Estrada de Ferro Oeste de Minas, Oliveira experimentou um pequeno crescimento dos serviços urbanos. A nova ferrovia chegava com a promessa de transformar à acanhada cidade em um importante "centro de negócios". Na imprensa, cronistas, prevendo o surgimento de indústrias e a expansão da lavoura, diziam que o ramal ferroviário era uma espécie de "varinha mágica" que proporcionaria a construção de um "canal" por onde se "difundiriam riquezas".[78] Essa "ideologia do progresso", que no período apontava para a inauguração de estradas de ferro como agentes inequívocos de desenvolvimento,[79] parece ter aflorado as expectativas dos capitalistas locais. Na primeira década que seguiu a inauguração da ferrovia, diversos novos

---

73 Para uma síntese dessa característica "domingueira" das cidades, vilas e distritos do interior mineiro no século XIX, ver: CUNHA, Alexandre. Mendes. O urbano e o rural em Minas Gerais entre os séculos XVIII e XIX. *Cadernos da Escola do Legislativo*, Belo. Horizonte, v.11, n. 16, p. 57-70, jan./jun. 2009, p. 11.
74 Semana a Semana. *Gazeta de Minas*, Oliveira, 5 mar. 1899, p. 2.
75 Notas sobre o município da Oliveira. *Gazeta de Oliveira*, Oliveira, 18 dez. 1887, p. 1; Colégio N. S. da Piedade. *Gazeta de Oliveira*, Oliveira, 18 dez. 1887, p. 4; Anúncios. *Gazeta de Oliveira*, Oliveira, 21 out. 1888, p. 1; Confeitaria. *Gazeta de Oliveira*, Oliveira, 1 abr. 1887, p. 4.
76 Notas sobre o município da Oliveira. *Gazeta de Oliveira*, Oliveira, 5 fev. 1888, p. 1.
77 A ilustríssima Câmara Municipal. *Gazeta de Oliveira*, 10 nov. 1889, p. 3; Salubridade pública. *Gazeta de Oliveira*, Oliveira, 25 dez. 1898, p. 1; Contra a higiene. *Gazeta de Oliveira*, 20 ago. 1899, p. 1; Invasão de cabritos. *Gazeta de Minas*, 28 out. 1900, p. 1; Animais soltos. *Gazeta de Minas*, Oliveira, 30 jul. 1916, p. 1; Exposição. *Gazeta de Minas*, Oliveira, 29 abr. 1917, p. 1.
78 E. F. O. de Minas. *Gazeta de Oliveira*, Oliveira, 24 jun. 1888, p. 2.
79 Ver: BATISTA, Felipe Alvarenga; BARBOSA, Lidiany Silva; GODOY, Marcelo Magalhães. Transportes, modernização e formação regional – subsídios a história da era ferroviária em Minas Gerais, 1870-1940. In: *Revista de História Regional*, Ponta Grossa, v. 17, n. 1, p. 162-203, 2012.

estabelecimentos de comércio e de ensino foram inaugurados, dentre os quais, destacam-se o Hotel do Cruzeiro (1888), o Grande Hotel (1889), o Colégio São Luiz (1899), a Fábrica de Cervejas Oliveirense (1890), o Sanatório Oliveirense (1890), o Estabelecimento Hidroterápico (1890), o Colégio da Imaculada Conceição (1891), o Empório Oliveirense (1893), a Fábrica de Cervejas D'Oeste (1893), a Destilação Central de Oliveira (1893), a Padaria Universal (1894), a Oficina de Relojoaria e Ourives (1894), a Fábrica de Manufatura de Móveis (1894), o Jornal A Democracia (1894), o Jornal A Pérola (1895), Alfaiataria Silvio, Irmão e Lobato (1896), o Colégio Nossa Senhora de Oliveira (1896), o Colégio Oliveirense (1896), o Jornal A Gazetinha (1897), o Atelier de Fotografia Artística (1897) e a Empresa Artística de Pintura e Douradura (1898).[80]

Por outro lado, a inauguração do ramal ferroviário ocorreu quase que simultaneamente à supressão da escravidão. Com 1/4 da população municipal composta de escravos em 1888,[81] em princípios da década de 1890, cronistas da imprensa já falavam de "um desânimo cruel entre os lavradores", que se queixavam da "falta de braços" para os trabalhos no campo.[82] Esse tipo de queixa, recorrentemente veiculada na imprensa, parecia ser resultado não de uma efetiva falta de pessoas para os serviços rurais, mas, sim, de um quadro de preocupações acerca da repentina necessidade de adaptação dos produtores para trabalho livre.

Pesquisas clássicas, como o de Ana Lucia Lana, argumentam de maneira convincente que uma das peculiaridades da transição da escravidão ao trabalho livre em Minas Gerais foi, justamente, a abundância de mão de obra. Diferente de São Paulo, onde a imigração europeia foi a força motora que subsidiou uma crescente e vertiginosa expansão das áreas cultiváveis, em Minas Gerais, dado às limitações de expansão das fronteiras produtivas e o grande

---

80 Cf., respectivamente: Hotel do Cruzeiro. *Gazeta de Oliveira*, Oliveira, 30 set. 1888, p. 4; Grande Hotel. *Gazeta de Oliveira*, 6 jan. 1889, p. 2; Colégio São Luiz. *Gazeta de Oliveira*, Oliveira, 10 fev. 1899, p. 4; Fábrica de Cerveja. *Gazeta de Oliveira*, Oliveira, 2 nov. 1890, p.1; Fábrica de Destilação. *Gazeta de Oliveira*, Oliveira, 8 out. 1893, p. 1; Sanatório Oliveirense. *Gazeta de Oliveira*, Oliveira, 19 out. 1890, p. 1; Estabelecimento Hidroterápico. *Gazeta de Oliveira*, Oliveira, 9 mar. 1890, p. 4; Colégio de meninas. *Gazeta de Oliveira*, Oliveira, 22 fev. 1891, p. 1; Fábrica D'Oeste. *Gazeta de Oliveira*, Oliveira, 16 abr. 1893, p. 4; Empório Oliveirense. *Gazeta de Oliveira*, Oliveira, 22 jul. 1893, p. 4; Fábrica de destilação. *Gazeta de Oliveira*, Oliveira, 8 out. 1893, p. 1; Padaria Universal. *Gazeta de Oliveira*, Oliveira, 11 nov. 1894, p. 2; Relojoeiro e Ourives. *Gazeta de Oliveira*, Oliveira, 18 fev. 1894, p. 4; Manufatura Nacional de Móveis. *Gazeta de Oliveira*, Oliveira, 5 ago. 1894, p. 3; A Democracia. *Gazeta de Oliveira*, Oliveira, 10 jan. 1894, p. 1; A Pérola. *Gazeta de Oliveira*, Oliveira, 3 fev. 1895, p. 3; Alfaiataria. *Gazeta de Oliveira*, Oliveira, 14 fev. 1896, p.4; Colégio N. S. de Oliveira. *Gazeta de Oliveira*, Oliveira, 15 mar. 1896, p. 1; Colégio Oliveirense. *Gazeta de Oliveira*, Oliveira, 24 maio 1896, p. 4; A Gazetinha. *Gazeta de Oliveira*, Oliveira, 8 ago. 1897, p. 1; Fotografia Artística. *Gazeta de Oliveira*, Oliveira, 21 fev. 1897, p. 3; Empresa Artística. Gazeta de Oliveira, Oliveira, 17 abr. 1898, p. 4.

81 Conforme registros demográficos de 1888, o município de Oliveira contava com 26.213 livres, e 6.883 escravos. Cf.: População. *Gazeta de Oliveira*, Oliveira, 15 jan. 1888, p. 1.

82 Onde iremos parar? *Gazeta de Oliveira*, Oliveira, 15 fev. 1891; A bem da lavoura. *Gazeta de Oliveira*, Oliveira, 29 jul. 1894, p. 1; Pela lavoura. *Gazeta de Oliveira*, Oliveira, 22 nov. 1896, p. 2.

contingente populacional interno disponível (Minas era a mais populosa região do Brasil), as elites dirigentes nunca apostaram verdadeiramente na imigração de estrangeiros. No caso mineiro, segundo Lana, a principal reivindicação para o problema da "falta de braços" era a aprovação de boas e eficazes leis de locação de serviços para disciplinar e controlar o trabalhador livre e os ex-escravos que, na contramão do estrangeiro europeu "capaz de dignificar o trabalho", eram entendidos, naquele contexto, como indolentes e relutantes às obrigações laborais das fazendas.[83]

Em Oliveira, as dificuldades iniciais de adaptação ao sistema de trabalho livre parecem ter desarticulado o setor agrícola de todas as nucleações municipais, e a cidade, antes autossuficiente, passou a importar gêneros básicos de alimentação. Em 1896, artigos de jornais lamentavam o "estado decadente da lavoura", associando, em situação idêntica a outras regiões mineiras, a exiguidade de mão de obra para movimentar as propriedades rurais do município, com a indolência e vadiagem do trabalhador nacional. Conforme um desses artigos:

> Quem diria que nós havíamos de importar gêneros que nossas terras, cultivadas, produziriam em tanta quantidade que não só viveríamos no meio da abundância, mas até poderíamos exportar em grande escala! No entanto forçoso é curvarmo-nos a triste realidade dos fatos. Estamos importando farelo, milho, toucinho, etc., em breve muito mais importaremos por que a decadência da lavoura é cada vez maior. Ainda há pouco uma casa comercial importante desta cidade recebeu grande quantidade de milho que há de vender por elevado preço, atendendo a que os transportes importam em mais que a própria mercadoria. A caminharmos assim, onde iremos parar? Na ruina e na miséria que já nos está batendo a porta com a mão esquelética e mirrada, apontando-nos com a outra o trabalho, se queremos ver-nos livres de suas garras terríveis.
> Isso resulta da luta ingente em que se acha o lavrador de encontrar trabalhadores que lhe cultivem as extensas terras que possui; porque esses que podem trabalhar não querem, preferindo a vadiagem a ser uteis a si, a família, a sociedade e a pátria.[84]

O ramo da economia que provavelmente mais se beneficiou com a inauguração do ramal ferroviário foi a exportação de gado. A Estrada de Ferro Oeste de Minas, por meio da conexão com a Estrada de Ferro Central do Brasil (chamada, antes da república, Estrada de Ferro D. Pedro II), que partia do Rio de Janeiro, proporcionava uma ligação com o maior e principal mercado consumidor do país no período. A motivação para construção desta estrada relacionava-se, em grande medida, com possibilidades ou pretensões de incrementar,

---

83 Ver: LANNA, Ana Lúcia. O café e o trabalho "livre" em Minas Gerais – 1870/1920. In: *Revista Brasileira de História*, São Paulo, v. 6, n. 12, p. 73-88, mar./ago. 1986.
84 Pobre lavoura. *Gazeta de Oliveira*, Oliveira, 22 nov. 1896, p. 2.

justamente, o transporte de produtos agropecuários para o abastecimento dos maiores centros consumidores do Brasil.[85]

A primeira boiada partiu da estação de Oliveira no dia 6 de fevereiro de 1889.[86] A partir de então, a imprensa local passou a noticiar o movimento de embarque de boiadas na estação de Oliveira, sugerindo que o transporte por trem passou a ocupar um lugar relativamente importante nesse mercado. Embora as fontes cotejadas não ofereçam detalhes da quantidade de gado exportado no período anterior à inauguração da ferrovia, registros jornalísticos falam de um crescimento do setor pastoril após a ligação com a capital fluminense.[87] Em julho de 1892, por exemplo, o movimento de gado exportado nos vagões da Estrada de Ferro Oeste de Minas somente naquele mês foi calculado em aproximadamente três mil cabeças.[88] Neste cenário, um volume médio de aproximadamente 30 mil cabeças de gado anuais foi contabilizado entre 1892 e 1897.[89]

Mesmo a criação de gado, porém, sofreu um revés nos últimos anos do século XIX, principalmente pela diminuição do consumo de carne no Rio de Janeiro, cujo volume recebido declinou em aproximadamente 32% entre 1897 e 1900.[90] Cronistas da imprensa falavam de uma "desvalorização do gado", atividade que, naquele momento, conforme diziam, constituía "a vida do município".[91]

Diante do quadro de instabilidade econômica, marcado por crise no setor agrícola e diminuição da exportação de gado, somado à baixa densidade demográfica e o predomínio de uma estrutura rural e voltada para uma economia de subsistência, uma onda de falências afetou vários dos novos empreendimentos urbanos da cidade. O Hotel do Cruzeiro, o Colégio Imaculada Conceição, o Colégio Oliveirense, a Fábrica de Cervejas D'Oeste, o Bazar Oliveirense, a Destilação Central de Oliveira, o Sanatório Oliveirense, o Estabelecimento Hidroterápico, o Atelier de Fotografia Artística, a Empresa Artística de Pintura e Douradura e os jornais A Pérola e A Gazetinha já não mais funcionavam na virada para o novo século.[92] Em

85 LIMA, Pablo Luiz de Oliveira. *Ferrovia, sociedade e cultura, 1850 – 1930*. Belo Horizonte: Argumentum, 2009.
86 *Gazeta de Oliveira*, Oliveira, 10 fev. 1889, p. 2. Nota sem título.
87 GADO. *Gazeta de Oliveira*, Oliveira, 17 jul. 1892, p. 1.
88 *Gazeta de Oliveira*, 17 jul. 1892, p. 1. Nota sem título.
89 Carne Verde. *Gazeta de Oliveira*, Oliveira, 8 maio 1892, p. 1; Questão do Gado. *Gazeta de Oliveira*, Oliveira, 24 abr. 1898, p. 1.
90 Carnes Verdes. *Gazeta de Minas*, Oliveira, 13 jan. 1901, p. 1.
91 Orçamento Municipal. *Gazeta de Minas*, Oliveira, 2 dez. 1900, p. 1.
92 Cf.: Hotel do Cruzeiro. *Gazeta de Oliveira*, Oliveira, 30 set. 1888, p. 4; Hotel Pinto. *Gazeta de Oliveira*, Oliveira, 30 set. 1894, p. 4; Hotel Martinelli. *Gazeta de Oliveira*, Oliveira, 10 fev. 1895, p. 2; Colégio Imaculada da Conceição. *Gazeta de Oliveira*, Oliveira, 13 nov. 1898, p. 4; Fábrica de Cervejas Oeste. *Gazeta de Oliveira*, Oliveira, 11 out, 1896, p. 3; A' Praça. *Gazeta de Minas*, Oliveira, 29 jan. 1899, p. 1; Pela arte fotográfica. *Gazeta*

janeiro de 1899, um cronista, lamentando o estado de crise das áreas rurais, chegou a dizer que os consumidores se remediavam como podiam, fugindo das casas de comércio como o "diabo da cruz". "O que falta não é o artigo, mas o freguês, porque não há dinheiro, pois não há em que se faça".[93]

Todas essas conjunções acabaram por determinar, em grande medida, o insucesso e a baixa diversificação dos estabelecimentos de entretenimento que seriam introduzidos nos primeiros anos que seguiram a conexão ferroviária. Apenas algumas poucas iniciativas foram noticiadas na imprensa, ficando elas restritas à quase exclusiva oferta de salões de café e bilhar que, naquela conjuntura, integrando-se aos anseios de refinamento dos comportamentos citadinos, passavam a ser associados em anúncios de jornais (Figura 1) com a "moda" e a "Rua Ouvidor" do Rio de Janeiro, famosa pela oferta de bens de consumo de luxo.[94] Em 1893, um cronista anônimo, sinalizando para a limitação da oferta de entretenimento urbano, queixou-se da impossibilidade de encontrar na sede da cidade algo que pudesse lhe proporcionar alguma distração, com exceção, é claro, dos bilhares. "O bilhar, sempre o bilhar, de modo que todas as nossas distrações resumem-se no bilhar".[95]

Entre 1889 e 1898, foram inauguradas cinco casas de bilhar em Oliveira: o bilhar do Grande Hotel (1889), o bilhar dos Srs. Andrade Junior e Afonso Bicalho (1890), o bilhar do Sr. Lindolfo Pinheiro Chagas (1892), o Bilhar do Hotel da Estação, antigo Hotel do Cruzeiro, (1898) e o bilhar do Sr. Antenor Pio de Morais (1898).[96] Destas casas, porém, apenas o bilhar do Sr. Antenor Pio de Morais conseguiu prolongar sua existência até o penúltimo ano do século XIX.[97]

---

de Minas, Oliveira, 10 set. 1899, p. 1; Sanatório Oliveirense. *Gazeta de Minas*, Oliveira, 16 fev. 1902, p. 1; Sanatório de Oliveira. *Gazeta de Minas*, Oliveira, 25 maio 1902, p. 1; Semana a Semana. *Gazeta de Minas*, Oliveira, 16 dez. 1900, p. 1.

93 Semana a Semana. *Gazeta de Minas*, Oliveira, 29 jan. 1899, p. 2.

94 Sobre a Rua do Ouvidor e seu comércio de luxo, ver: NEEDELL, Jeffrey D. *Belle époque tropical*: sociedade e cultura de elite no Rio de Janeiro na virada do século. Rio de Janeiro: Companhia das letras, 1993.

95 Crônica. *Gazeta de Oliveira*, Oliveira, 18 jun. 1893, p. 1.

96 Cf.: Bilhar e Café. *Gazeta de Oliveira*, *Oliveira*, 6 jan. 1889, p. 1; Bilhar. *Gazeta de Oliveira*, Oliveira, 18 maio 1890, p. 2; Bilhar. *Gazeta de Oliveira*, Oliveira, 6 nov. 1892, p. 3; Bilhar. *Gazeta de Oliveira*, Oliveira, 28 ago. 1898, p. 1; Hotel Santos. *Gazeta de Oliveira*, Oliveira, 10 abr. 1898, p. 1.

97 Salão. *Gazeta de Oliveira*, Oliveira, 22 mar. 1896, p. 3; Bilhar. *Gazeta de Oliveira*, Oliveira, 28 ago. 1898, p. 1; Casa dos Bilhares. *Gazeta de Oliveira*, 14 maio, 1899, p. 4.

Figura 1 – Anúncio da Casa dos Bilhares.

Fonte: Casa dos Bilhares. *Gazeta de Oliveira*, Oliveira, 11 dez. 1898, p. 3.

Uma das poucas iniciativas que buscou concorrer para uma diversificação da oferta comercial de entretenimento foi a inauguração do Jockey Club Oliveirense, em meados de maio de 1898. A organização do clube foi empreendida pelo capitalista carioca Sr. José Barbosa de Miranda, que havia se estabelecido em Oliveira no início da década de 1890 para gerir a Destilação Central de Oliveira.[98] "Mirandão", como era chamado na imprensa, após se estabelecer definitivamente em Oliveira, passou a atuar também no ramo pecuarista, intermediando a exportação de *gado vacum*,[99] além de ter inaugurado algumas das novas casas de comércio urbano, a exemplo do Armazém Miranda & Miranda (1894) e da Panificadora Miranda & Miranda (1895), o que denota seu interesse em diferentes setores comerciais.[100]

A corrida inaugural do Jockey Club Oliveirense contou no seu programa de estreia com uma disputa de três páreos (Figura 2). Segundo os jornais da cidade, teria havido "um enorme

98 COELHO, José Demétrio. *Recordações de Oliveira*. Divinópolis: Gráfica Planeta, 1950, p. 25.
99 1.000 bois. *Gazeta de Oliveira*, Oliveira, 20 jan. 1895, p. 3.
100 Cf.: Armazém de Mantimentos e Molhados. *Gazeta de Oliveira*, Oliveira, 28 out. 1894, p. 4; Miranda. *Gazeta de Oliveira*, Oliveira, 5 maio 1895, p. 3.

concurso de povo ávido de ver e admirar um divertimento novo".[101] As corridas aconteceram na maior praça da cidade (Praça da Estação, também chamada de Largo do Cruzeiro), e a venda de bilhetes de apostas parece ter sido o principal interesse comercial do organizador, uma vez que não havia na cidade um hipódromo cercado que limitasse o acesso ao evento apenas a pessoas que tivessem comprado ingressos. Em várias partes do Brasil, onde as corridas de cavalo se desenvolveram no final do século XIX, a venda de bilhetes de apostas foi uma importante característica da modalidade.[102]

Figura 2 – Anúncio da corrida de inauguração do Jockey Club Oliveirense.

JOCKEY CLUB

OLIVEIRENSE

INAUGURAÇÃO

PROGRAMMA

das corridas de inauguração a realisar-se hoje, 15 de maio às 4 horas da tarde na

PRAÇA DA ESTAÇÃO

1º PAREO — INITIUM — Animaes nacionaes 900 metros

1º— Humaytá	5 annos	Alazão	Minas
2º— Jagunço	7 «	Pampa	«
3º— Estrellinho	8 «	Castanho	«

2º PAREO — OLIVEIRA — Animaes nacionaes 700 metros

1º— Cubano	8 Annos	Castanho	Minas
2º— Guarany	9 «	Marron	S. Paulo
3º— Veloz	6 «	Russo	Minas

3º PAREO — MIRANDA JUNIOR — Animaes nacionaes 800 metros

1º— Expresso	8 Annos	Pedrez	Minas
2º— Progresso	7 «	Bio	«
3º— Relampago	9 «	Alazão escuro	«

Juiz da raia	Miranda Junior
« « partida	Coronel Chagas S brinho
« « chegada	Dr Carlos de Castro
Chefe da casa das *poules*	Olympio Leite
Poules para 1º e 2º a	1$000

Fonte: Jockey Club Oliveirense. *Gazeta de Oliveira*, Oliveira, 15 maio 1898, p. 1.

Após o evento inaugural, três novas corridas foram organizadas no final daquele mesmo mês de maio, e o número de páreos aumentou de três para quatro, o que também ampliava as oportunidades de apostas e das respectivas vendas de bilhetes.[103] Cronistas diziam que o clube de corridas estava "na ponta, na culminância". Conforme relatou um deles, "a coisa deu no

101 Corridas de cavalo. *Gazeta de Oliveira*, Oliveira, 22 maio 1898, p. 1.
102 Cf.: Victor de Andrade Melo, *Cidade sporitva*: primórdios do esporte no Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2000; Wilson Gambeta, *A bola rolou*: o velódromo paulista e os espetáculos de futebol, 1895-1916. São Paulo: SESI-SP editora, 2015; SOUZA, Eliza Salgado. *Esportes em Manaus, 1880- 1910*. Dissertação (Mestrado em Estudos do Lazer) – Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2017.
103 Jockey Club Oliveirense. *Gazeta de Oliveira*, Oliveira, 29 maio 1898, p. 1.

gosto do povinho e é o que se vê todo domingo".[104] No entanto, na medida em que o divertimento deixava de ser uma novidade, o número de páreos de cada corrida foi diminuindo, chegando a apenas dois nas corridas realizadas em junho daquele ano, que acabaram sendo as últimas.[105] Acompanhando o mesmo destino de várias outras inciativas comerciais, o Jockey Club Oliveirense, com menos de dois meses de funcionamento, findou suas atividades.

Essa carência de estabelecimentos para o comércio de diversões – ou, pelo menos, de determinadas formas de diversão – buscava ser contornada com a organização de clubes literários, recreativos, teatrais ou dançantes. Tais clubes, geralmente idealizados por grupos abastados locais, tentavam promover uma sofisticação dos hábitos urbanos. No final de junho de 1889, foi organizado o Club Oliveirense que pretendia "levantar um salão" para que seus sócios pudessem se dedicar "a leitura, a jogos distrativos, a música e a dança".[106] Ainda no final de junho de 1889, "um grupo de moças das principais famílias" fundou o Grêmio das Moças, que prometia oferecer, semanalmente, "partidas dançantes".[107] Em 1893, "um grupo de distintos cavalheiros", fundou o Club Recreativo Oliveirense, com o intuito de adquirir uma sala própria, e nela oferecer "distrações úteis" para os sócios.[108] Em 1894, outras duas inciativas foram incutidas, o Clube Literário Democrata e o Grêmio Dramático. Este último, conforme anunciou um cronista anônimo, visava proporcionar saraus dramáticos à sociedade oliveirense, "tão vazia de distrações".[109] Já em 1896, outro clube literário recreativo foi fundado na cidade. Tratava-se do Clube Literário Recreativo Oliveirense, que também tinha como promessa a aquisição de uma sala própria para a distração dos sócios.[110]

Não obstante, os clubes sociais que foram noticiados na imprensa nessa época tiveram vida curta e a maior parte nem mesmo chegou a funcionar. Em 1897, por ocasião da ideia de fundação do Club Literário Oliveirense, um cronista comentou sobre o insucesso dessas iniciativas, dizendo que todos os clubes criados em Oliveira "morrem ao nascer".[111] No ano seguinte, após a publicação da ideia de fundação de uma Sociedade Recreativa, outros comentários foram registrados no mesmo sentido. Ironizando as constantes frustrações de introduzir no cotidiano da cidade clubes sociais, um cronista comentou: "Ora, vamos ver se

---

104 Casos e Cousas. *Gazeta de Oliveira*, Oliveira, 12 jun. 1898, p. 1.
105 Jockey Club. *Gazeta de Oliveira*, Oliveira, 12 jun. 1898, p. 1.
106 Club Oliveirense. *Gazeta de Oliveira*, Oliveira, 30 jun. 1889, p. 1.
107 Grêmio das Moças. *Gazeta de Oliveira*, Oliveira, 30 jun. 1889, p. 2.
108 Club Recreativo Oliveirense. *Gazeta de Oliveira*, Oliveira, 3 dez. 1893, p. 2.
109 C. L. D. *Gazeta de Oliveira*, Oliveira, 17 jun. 1894, p. 3; Grêmio Dramático. *Gazeta de Oliveira*, Oliveira, 9 dez. 1894, p. 2.
110 Club Literário Recreativo Oliveirense. *Gazeta de Oliveira*, Oliveira, 27 dez. 1896, p. 1.
111 Club Literário Oliveirense. *Gazeta de Oliveira*, Oliveira, 25 jul. 1897, p. 2.

desta vez a coisa pega, e a sociedade seja menos efêmera do que as centenas que temos tido e quase como a rosa Malherbe, vivem apenas o espaço de uma noite".[112] Em outro registro, o imigrante português Pinto Machado, que era o grande entusiasta da imprensa em noticiar e incentivar a fundação de clubes sociais, alegando que eram indispensáveis para o "progresso" e o "adiantamento" de uma cidade, ironizou a nova iniciativa, dizendo que era "mais fácil um boi voar" do que existir ali um clube recreativo:

> Muitas tentativas têm sido feitas para este fim, porém todas têm tido mal resultado. Algumas sociedades têm chegado mesmo a funcionar, mas sua duração é efêmera. Acaba por não haver quem as frequente.
> E não é que Oliveira é uma cidade constituída só de velhos, não senhores.
> A mocidade de Oliveira é alegre, expansiva e amiga de divertir-se. Ama em extremo os bailes e as reuniões, mas para qual clubes e sociedades recreativas não dá, tem uma negação absoluta para estes divertimentos que ordinariamente tem sempre seu lado útil [...] Enfim, pode ser que esta sociedade vá avante, mas duvido, no entanto faço votos para vê-la em breve vigorar e navegar em um mar de prosperidade.[113]

As circunstâncias que cercavam Pinto Machado ajudam a explicar sua descrença com a possibilidade de existir, no cotidiano da cidade, clubes sociais que promovessem "distrações úteis". Com a crise do setor rural, cujo desdobramento impactou negativamente no comércio urbano da cidade, gerando uma onda de falências, registros de imprensa passaram a falar de uma "diminuição da população" na sede citadina de Oliveira, onde, segundo denúncias, "rareavam habitações".[114] Nesses termos, quando Pinto Machado associa o insucesso dos clubes sociais, a falta de quem os frequente, alegando que a "mocidade" de Oliveira teria uma "negação absoluta para estes divertimentos", ele parece se referir à pequena movimentação de pessoas na sede da cidade que, obviamente, dificultava a manutenção de iniciativas interessadas na introdução de novos hábitos urbanos. Mesmo nos finais de semana, quando um maior contingente de pessoas advindas dos povoados rurais circulava pela cidade, essa circulação parecia se limitar ao horário das missas. Após as obrigações religiosas (com exceção dos dias de festas de santos católicos), a cidade ficava, conforme noticiou um cronista, "mais deserta que os carros da Oeste".[115]

Por conseguinte, esse quadro de vida contrasta profundamente com as experiências e expectativas imaginárias trazidas por Pinto Machado da Europa ou de outros centros brasileiros.

---

112 Casos e Cousas. *Gazeta de Oliveira*, Oliveira, 12 jun. 1898, p. 1.
113 Semana a Semana. *Gazeta de Oliveira*, Oliveira, 19 jun. 1898, p. 2.
114 Oliveira com as suas ruas e largos. *Gazeta de Oliveira*, Oliveira, 30 jun. 1895, p. 1.
115 Casos e Cousas. *Gazeta de Minas*, Oliveira, 14 out. 1900, p. 1.

No Rio de Janeiro, cidade onde o imigrante português afirma ter frequentado casas de teatro e assistido touradas, uma atmosfera urbana capitalizava de forma privilegiada "os modelos inspiradores das novas guinadas culturais" evocadas pelo universo europeu.[116] Livrarias, bibliotecas, museus, cafés, teatros, cosmoramas, hipódromos, belódromos, boliches, pistas para patinação, passeios públicos e jardim zoológico eram algumas das atividades lúdicas que ofereciam, no centro fluminense, um intenso movimento social de exploração comercial de diversões ou de espetáculos públicos.[117] Um cenário bem diferente de Oliveira, que convivia naquele final de dezenove com uma ambiência urbana tímida e desprovida de inovações no campo do entretenimento.

Não surpreende, portanto, que nas colunas publicadas por Pinto Machado, recorrentemente queixando-se de um suposto quadro de "monotonia insuportável" da sede urbana de Oliveira, seus argumentos eram sempre justificados pela inexistência de um teatro, uma biblioteca, um café, um passeio público, uma praça ajardinada, ou um clube recreativo.[118] Imbuído de um imaginário simbólico marcado por algum tipo de agitação urbana aos moldes europeus, o imigrante português que classificava a pequena e rural Oliveira, como das cidades que conhecia, a que "menos diversões" ofertava aos seus habitantes,[119] tendia a negligenciar as práticas de lazer mais tradicionais, isto é, aquelas que já faziam parte do cotidiano dos moradores citadinos e rurais residentes no conjunto de nucleações municipais.

Oliveira e seus distritos ofereciam, por certo, diferentes formas de festas, reuniões, jogos ou comemorações. O próprio Pinto Machado reconheceu, conforme passagem anterior em que ironizou a fundação de uma Sociedade Recreativa, que a mocidade de Oliveira era "alegre, expansiva e amiga de divertir-se". Sem embargo, o rol lúdico da cidade era negligenciado tão somente por estar à margem de um imaginário urbano, comprometido com uma outra e moderna

---

116 SALIBA, Elias Thomé. Cultura: as apostas na república. In: SCHWARCZ, Lilia Moritz, *História do Brasil nação*: A abertura para o mundo, 1889-1930. Rio de Janeiro: Objetiva, 2012. Vol. 3, p. 239-294; SEVCENKO, Nicolau. A capital irradiante: técnica, ritmos e ritos do Rio. In: SEVCENKO, Nicolau (Org.) *História da Vida Privada no Brasil*: República: da Belle Époque a Era do Rádio. São Paulo: Companhia das Letras, 1998. Vol. 3, p. 513-619.

117 Sobre o mercado de entretenimento do Rio de Janeiro, ver: ARAÚJO, Rosa Maria Barboza de. *A vocação do prazer*: a cidade e a família no Rio de Janeiro republicano. Rio de Janeiro: Rocco, 1993; DIAS, Cleber. Mercantilização do lazer no Brasil. In: *Licere*, Belo Horizonte, v. 21, n. 2, p. 364-403, 2018; MARTINS, William de Souza Nunes. *Paschoal Segreto*: "ministro das diversões" do Rio de Janeiro (1883-1920). Rio de Janeiro: Autografia, 2014; MENCARELLI, Fernando Antonio. *Cena aberta*: a absolvição de um Bilontra e o teatro de revista de Arthur Azevedo. Campinas: Editora da Unicamp, 1999.

118 Semana a Semana. *Gazeta de Minas*, Oliveira, 9 abr. 1899, p. 2; Semana a Semana. *Gazeta de Minas*, Oliveira, 16 dez. 1900, p. 2; Semana a Semana. *Gazeta de Minas*, Oliveira, 21 abr. 1901, p. 1; Semana a Semana. *Gazeta de Minas*, Oliveira, 24 jul. 1904, p. 1.

119 Semana a semana. *Gazeta de Minas*, Oliveira, 9 abr. 1899, p. 2.

escala de valores. Um rico calendário festivo distribuído e frequentado por moradores de todo o município, que congregava, às vezes sem distinção clara, festas cívicas e religiosas, da elite e populares, públicas e privadas, proporcionava um horizonte buliçoso de momentos de fruição do lazer.[120] Divertia-se com o repertório lúdico já tradicional da cidade ou dos distritos e freguesias confinantes por não haver, tal como registrou o imigrante português, "outras formas de diversão",[121] quer dizer, em outras palavras, inovações urbanas no ramo do entretenimento que possibilitasse a fruição regular de "divertimentos à moda das finas sociedades".[122]

Comemorações de dias santos promovidas pela Igreja Católica, por exemplo, ofereciam boas oportunidades de distração para os moradores do município. Festas religiosas tanto do catolicismo romano quanto do catolicismo popular, não podemos nos esquecer, foram, até o século XIX, acontecimentos culminantes da vida social das cidades brasileiras. Em Minas Gerais, particularmente, "cidadezinhas vazias" do interior eram caprichosamente enfeitadas para receber pessoas que vinham de longe por motivo dos festejos, "tornando-se toda movimento e agitação".[123] Ao se aproximar o dia santificado, os cantos dos carros de boi anunciavam a chegada dos fazendeiros de lugares próximos das nucleações promotoras. "Era sinal de que a festa estava por iniciar. As ruas deixavam sua habitual solidão com os últimos preparativos".[124]

No município de Oliveira, durante praticamente todos os meses do ano, eram organizados festejos religiosos, compartilhados, na maioria das vezes, por todos os distritos e freguesias, cabendo, naturalmente, algumas especificidades de comemorações envolvendo os santos padroeiros de cada lugar. O Mês de Maria, a Semana Santa e as festas em homenagem a Santa Cecília, São José, São Sebastião, São João Batista, Sagrado Coração de Jesus, Divino Espírito Santo, Nossa Senhora de Oliveira, Nossa Senhora do Rosário, Nossa Senhora do Carmo, Nossa Senhora das Dores e Nosso Senhor dos Passos constituíam os principais eventos religiosos noticiados na imprensa local.[125] Permeados de "pompa" e "brilhantismo", os festejos

120 Para alguns exemplos de diversões tradicionais em pequenas nucleações mineiras no século XIX, ver: PERES, Léa Freitas (Coor.); BELONE, Ana Paula Lessa; MARTINS, Marcos da Costa; GOMES, Rafael Barros (Org.). *Festas e viajantes em Minas Gerais no século XIX*: compêndio de citações. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2018.
121 Semana a Semana. *Gazeta de Minas*, Oliveira, 24 jul. 1904, p. 1.
122 Semana a Semana. *Gazeta de Minas*, Oliveira, 7 jan. 1906, p. 1.
123 Para uma síntese da organização histórica dessas festas religiosas em Minas Gerais, ver: PERES, Léa Freitas (Coor.); BELONE, Ana Paula Lessa; MARTINS, Marcos da Costa; GOMES, Rafael Barros (Org.). *Festas e viajantes em Minas Gerais no século XIX*: compêndio de citações. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2018, p. 57.
124 Cf.: LOTT, Wanessa Pires. *Cenas festivas da/na cidade de Belo Horizonte, 1897-1922*. Dissertação (Mestrado em Antropologia) – Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2009, p. 33.
125 Cf., por exemplo: Festa de S. Sebastião. *Gazeta de Oliveira*, Oliveira, 29 jan. 1888, p. 1; Festejos da Semana Santa. *Gazeta de Oliveira*, Oliveira, 18 mar. 1888, p. 3; Festa do Rosário. *Gazeta de Oliveira*, 9 set. 1894, p. 1; Mês Mariano. *Gazeta de Oliveira*, Oliveira, 10 jun. 1894, p. 1; Festividade de S. José. *Gazeta de Oliveira*, 24 mar.

católicos costumavam combinar as práticas sagradas com as profanas que, de modo geral, tinham início dentro dos templos religiosos e se estendiam com músicas mundanas, leilões, desfiles, danças, fogos de artifício, comidas e bebidas para as ruas centrais ou praças públicas.[126]

Foto 2 – Procissão na antiga Avenida Pinheiro Chagas, no centro de Oliveira, 1891.

Fonte: Casa da Cultura de Oliveira.

Essa combinação de diferentes modalidades festivas era característica basilar das comemorações religiosas espalhadas pelo conjunto de nucleações municipais. Podemos citar que, em janeiro de 1888, nos festejos do "glorioso mártir São Sebastião" que tiveram lugar na cidade de Oliveira, além de uma procissão com a imagem do referido santo e missas rezadas na

1895, p. 1; Festa de Santa Cecília. *Gazeta de Oliveira*, Oliveira, 27 nov. 1898, p. 1; Carmo da Mata. *Gazeta de Oliveira*, Oliveira, 14 abr. 1889, p. 2; Carmo da Mata. *Gazeta de Oliveira*, Oliveira, 21 out. 1894, p. 2; Claudio. *Gazeta de Oliveira*, Oliveira, 29 jan. 1893, p. 1; Claudio. *Gazeta de Oliveira*, Oliveira, 14 ago. 1894, p. 1; Japão. *Gazeta de Oliveira*, Oliveira, 10 jul. 1897, p. 2; Japão. *Gazeta de Minas*, Oliveira, 18 mar. 1900, p. 3; Santo Antônio do Amparo. *Gazeta de Oliveira*, 10 jun. 1888, p. 2; Santo Antônio do Amparo. *Gazeta de Oliveira*, 3 ago. 1890, p. 2; S. Francisco de Paula. *Gazeta de Oliveira*, *Oliveira*, 16 ago. 1893, p. 2; S. Francisco de Paula. *Gazeta de Minas*, Oliveira, 4 fev. 1900, p. 1.

126 Para um aprofundamento dos componentes sagrados e profanos que envolviam os festejos religiosos no período, ver: ABREU, Martha. *O Império do divino*: festas religiosas e cultura popular no Rio de Janeiro 1830-1900. Tese (Doutorado em História) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1996.

Igreja do Rosário e na recém-construída capela de São Sebastião, um leilão com um espetáculo musical e queima de fogos de artifício foi "alegremente concorrido" na Praça do Rosário.[127] Já em setembro de 1894, no distrito de São Francisco de Paula, as festividades do Divino Espírito Santo contaram, entre outras coisas, com apresentação de duas bandas de música e espetáculo de pirotecnia no Largo da Matriz.[128] Ainda em 1894, no mês de agosto, no distrito de Cláudio, os festejos do Rosário foram celebrados na Igreja da Matriz com danças ao som de instrumentos rústicos e "finos doces, boa cerveja e bom café", obsequiados aos partícipes pelo rei e rainha recém-eleitos.[129] Em outro registro, datado de fevereiro de 1897, fogos de artifício e a apresentação de uma orquestra no Largo da Matriz abriram os festejos do Sagrado Coração de Jesus na freguesia de Carmo da Mata, cujas principais atrações de fé foram uma procissão seguida de uma missa cantada na Igreja da Matriz.[130]

Toda essa arrumação plural e suntuosa dos festejos religiosos coadjuvava, sem dúvida, para que as sedes citadinas das nucleações promotoras fossem, nos dias santos, tomadas de gente e de agitação. Cronistas da imprensa, não poucas vezes, ressaltaram o "enorme concurso de povo" que chegava não apenas de diferentes pontos do município, como também de cidades e distritos próximos para tomarem parte dos eventos católicos. A esse propósito, são exemplares os festejos de São Sebastião promovidos na freguesia de Carmo da Mata no final de julho de 1896. Concorrido por "fiéis" daquela localidade, além de visitantes das cidades de Oliveira e Itapecerica, estimativas da imprensa dão conta que "aproximadamente quatro mil pessoas" estavam concentradas no Largo e na Igreja da Matriz, número que, notavelmente, superava em mais de duas vezes a população total da singela freguesia.[131]

A intensa vida festiva dos lugarejos nos dias de homenagem aos santos católicos tendia a ser complementada com boas reuniões de famílias em salões, casas ou fazendas de particulares. Via de regra, eram bailes, saraus ou jantares de cunho íntimo, frequentados por grupos abastados, onde as músicas e as danças se prolongavam até a madrugada. Foi o que aconteceu no distrito de Santo Antônio do Amparo, em agosto de 1890. Após os festejos de São Sebastião, concorridos por grande massa de povo do lugar, de Perdões, de Sant'Ana do Jacaré e de Oliveira, um baile na residência da professora Exma. Sra. Florentina, destinado a um seleto grupo de convidados, foi, pelo desenrolar da noite, "agradavelmente" dançado ao som de piano

127 Festa de S. Sebastião. *Gazeta de Oliveira*, Oliveira, 29 jan. 1888, p. 1.
128 S. Francisco de Paula. *Gazeta de Oliveira*, Oliveira, 16 set. 1893, p. 2.
129 Claudio. *Gazeta de Oliveira*, Oliveira, 14 ago. 1894, p. 1.
130 Carmo da Mata. *Gazeta de Oliveira*, Oliveira, 7 fev. 1897, p. 3.
131 Carmo da Mata. *Gazeta de Oliveira*, Oliveira, 2 ago. 1896, p. 2.

e de orquestra.[132] No mesmo sentido, também após os festejos de São Sebastião, só que em agosto de 1893, no distrito de São Francisco de Paula, "muitos bailes" dados em diversas casas ofereceram, no linguajar da época, "diversões em penca" para convidados do distrito, das cidades de Oliveira, de Campo Belo e de "outros lugares vizinhos". Num desses bailes, a animação e a hospitalidade dos anfitriões receberam ligeiros comentários de um correspondente da *Gazeta de Oliveira* residente naquela localidade:

> O nosso amigo Sr. Belisario Ribeiro Silvino, que não poupou esforços para dar-lhe toda pompa e brilhantismo, deu um lauto jantar aos seus amigos do lugar e das cidades vizinhas, seguindo-se esplendido baile que interrompido pela ceia, prosseguiu animado até a madrugada: salienta-se a extrema amabilidade dos donos da casa e de suas gentis filhas para com os obsequiados.[133]

Bailes, *sorries* e outras formas de divertimentos domésticos não ocorriam apenas por culminância dos festejos religiosos. Nos mais diversos concursos de famílias abastadas, entre os quais, casamentos, formaturas, aniversários, batizados, reestabelecimento de alguma enfermidade, retorno de viagens, mudança de domicílio, nomeação de cargo público, funções promovidas por clubes recreativos ou, ainda, manifestações de hospitalidade para o recebimento de visitantes ilustres, quase invariavelmente, as danças regadas de muita música, comidas e bebidas ditavam o ritmo para os convidados. Por todo o município de Oliveira, seja nas sedes urbanas das nucleações ou nas povoações rurais, é possível encontrar, com certa perenidade, registros dessa natureza e não era raro que moradores dos lugares adjacentes integrassem as lautas noites de júbilo.[134] Num desses bailes, datado de outubro de 1898, as

---

132 Santo Antônio do Amparo. *Gazeta de Oliveira*, 3 ago. 1890, p. 2.
133 S. Francisco de Paula. *Gazeta de Oliveira, Oliveira*, 27 ago. 1893, p. 1.
134 Cf., por exemplo: Grêmio das Moças. *Gazeta de Oliveira*, Oliveira, 30 jun. 1889, p. 2; Baile. *Gazeta de Oliveira*, Oliveira, 15 set. 1889, p. 2; Manifestação. *Gazeta de Oliveira*, Oliveira, 12 jan. 1890, p. 1; Uma excursão ao Claudio. *Gazeta de Oliveira*, Oliveira, 2 fev. 1890, p. 2; Aniversário. *Gazeta de Oliveira*, Oliveira, 10 ago. 1890, p. 1; Aniversários. *Gazeta de Oliveira*, Oliveira, 22 fev. 1891, p. 2; Aniversário. *Gazeta de Oliveira*, Oliveira, 26 jul. 1891, p. 2; Dr. Octavio Chagas. *Gazeta de Oliveira*, Oliveira, 31 jan. 1892, p. 1; Batizado. *Gazeta de Oliveira*, Oliveira, 3 abr. 1892, p. 3; Manifestação. *Gazeta de Oliveira*, Oliveira, 9 abr. 1893, p. 2; Crônica de Carmo da Mata. *Gazeta de Oliveira*, Oliveira, 31 dez. 1893, p. 2; Baile. *Gazeta de Oliveira*, Oliveira, 20 maio 1894, p. 3; Baile. *Gazeta de Oliveira*, Oliveira, 15 set. 1889, p. 2; Aniversário. *Gazeta de Oliveira*, Oliveira, 13 out. 1895, p. 2; Japão. *Gazeta de Oliveira*, 26 jan. 1896, p. 2; Baile. *Gazeta de Oliveira*, Oliveira, 2 out. 1896, p. 1; Sarau. *Gazeta de Oliveira*, Oliveira, 10 jan. 1897, p. 3; Passa Tempo. *Gazeta de Oliveira*, Oliveira, 29 ago. 1897, p. 2; Club Recreativo Familiar de Carmo da Mata. *Gazeta de Oliveira*, Oliveira, 13 fev. 1898, p. 1; Consorcio. *Gazeta de Oliveira*, Oliveira, 27 fev. 1898, p. 1; Casamento. *Gazeta de Oliveira*, Oliveira, 20 mar. 1898, p. 1; Cumprimento. *Gazeta de Oliveira*, Oliveira, 4 set. 1898, p. 1; Baile. *Gazeta de Minas*, Oliveira, 31 dez. 1899, p. 1; Baile. *Gazeta de Minas*, Oliveira, 24 abr. 1900, p. 2; Baile. *Gazeta de Minas*, Oliveira, 25 nov. 1900, p. 2.

festividades tiveram vez para o recebimento do "ilustre" médico Dr. Virgilio de Castro, que mudava sua residência da capital carioca para a sede de Oliveira:

> A sociedade oliveirense quis receber com festas um dos seus ilustres membros, isto é, um oliveirense que, não obstante achar-se muito tempo fora da sua terra natal, jamais deixou de fazer parte da sociedade de Oliveira.
> E assim, promoveu um baile para festejar a mudança da residência do ilustre médico Virgilio de Castro, do Rio de Janeiro para esta cidade.
> Realizou-se o baile com enorme concurso de gentis damas e distintos cavalheiros no palacete do comendador Faria Lobato, gentilmente cedido por aquele fidalgo cavalheiro e ilustre consorte para tão simpática quão significativa festa.
> Pelas 9 horas da noite do dia 27, acompanharam o manifestado muitos convidados, sendo recebidos na casa do baile ao som de uma marcha executada por uma banda de música. No salão do baile a gentil Carmen, filha da Exma. Sra. D. Elvira Chagas, ofertou ao festejado um belo "bouquet" de flores naturais, lendo em seguida um primoroso discurso de saudações e boas vindas. Sobre o manifestado caiu uma nuvem de "confetti" e a banda executou o hino nacional. Seguiram-se os cumprimentos e o serviço do "bufett", iniciando-se depois as danças que foram até quase que pela manhã interrompidas a espaços para os serviços de doces e bebidas.
> A animação e a cordialidade foram a nota brilhante desta simpática festa.[135]

A recorrência de bailes e *sorries* não passou despercebida aos olhos do imigrante português Pinto Machado e recebeu críticas sobre o modo como se repetiam. Nos preparativos para festejar a entrada do século XX, o cognominado D. Fuas se declarou em "protesto" contra a iniciativa da "elite" de Oliveira de organizar um baile, sugerindo, de maneira incisiva, que "tão solene data" fosse comemorada de "outro modo":

> Santo Deus! Quem ler os jornais de Oliveira há de se dizer que nesta cidade só se sabe festejar qualquer fato importante com bailes. Parece que em todos nós predomina a manta da dança!
> Pois não há tanta coisa boa com que se solenize um fato importante da vida de um povo ou da história da humanidade?
> Se há!
> Mas nós cá da terra, se não deitarmos dança, se não mexermos o quadril, nada temos feito.
> Baile, baile, e mais baile, e assim se passa a vida.
> Eu não sou dessa opinião. Que se dance, vá, mas dançar-se por qualquer motivo e sempre...
> Quem aproveita com isso são os farmacêuticos e os sapateiros, aqueles porque vendem os medicamentos que curam as constipações, este porque têm sempre muito o que fazer, visto desfazermos os calçados nos bailes.
> Pois não seria mais bonito festejarmos a entrada do novo século de outro modo? Com uma sessão literária, por exemplo?
> Depois se trataria do baile... para nos fazer bem aos músculos, etc.
> Se assim quiserem comemorar a entrada do século XX, contém comigo; se quiserem festeja-la com um baile, desde já podem contar com meu voto contra e com a ausência da minha ilustre pessoa.

135 Baile. *Gazeta de Oliveira*, Oliveira, 2 out. 1898, p. 1.

> Bem sei que não faço falta; mas é um protesto de festejar-se qualquer fato importante bailando a suar as estopinhas.[136]

Para a frustração do imigrante português, a sugerida sessão literária acabou não acontecendo e a virada de século foi mesmo comemorada com um baile dedicado ao "belo sexo oliveirense", no edifício do Colégio Nossa Senhora da Oliveira.[137] Comemorações de datas especiais ou de "fatos importantes", como foi o caso da virada para o século XX, eram outras formas de proporcionar entretenimento no município, o que, não raras vezes, culminavam com bailes, justificando as reclamações de Pinto Machado de que em Oliveira se dançava "por qualquer motivo e sempre". Na sede municipal e nos demais distritos e freguesias, festas promovidas pelo poder público, seja para solenizar uma data histórica ou um acontecimento político, agitavam as sociabilidades públicas e privadas dos moradores das sedes citadinas, das povoações e, nos casos dos festejos de maior pompa, dos distritos e freguesias circunvizinhas. Uma pequena parte do orçamento municipal era, inclusive, destinada aos gastos com "festejos nacionais", aparentemente utilizados para a compra de fogos de artifício, comidas, bebidas e pagamento de bandas de música.[138]

Em maio de 1897, por exemplo, no dia 13 que marca a supressão da escravidão no Brasil, a Banda de Música Oliveirense percorreu "alegremente" as ruas centrais da cidade de Oliveira, "tocando belas marchas e boas peças do seu vasto repertório". Os festejos ainda contaram com "diferentes bailes" em casas de particulares, reinando em todos, conforme descrição de um cronista anônimo, "muito entusiasmo".[139] Ainda em 1897, a vitória do exército brasileiro em Canudos, noticiada por intermédio de boletins que circularam pelo município no dia 8 de julho, foi largamente festejada. Na noite do dia 9, uma grande marcha com bandeiras, lanternas e galhardetes percorreu as principais ruas e praças de Oliveira, sendo servidos a "todos" que compunham o numeroso préstito "cervejas" e "bebidas finas".[140] Em maio do ano seguinte, um "grande concurso de povo" do município e do vizinho distrito de São João Batista acompanhou os festejos da exposição do quadro do Deputado Estadual eleito pelo município de Oliveira, o Dr. Francisco José Coelho de Moura, no prédio do Paço Municipal. Ali, segundo registros de imprensa, foram servidos aos presentes, ao som das bandas de música da cidade de

136 Semana a Semana. *Gazeta de Oliveira*, Oliveira, 2 dez. 1900, p. 1.
137 Baile. *Gazeta de Minas*, Oliveira, 31 dez. 1899, p. 1.
138 Para detalhes dos gastos públicos com festejos nacionais, ver: Câmara Municipal. *Gazeta de Minas*, Oliveira, 18 nov. 1900, p. 3.
139 Festa. *Gazeta de Oliveira*, Oliveira, 16 maio 1897, p. 1.
140 Canudos. *Gazeta de Oliveira*, Oliveira, 11 jul. 1897, p. 1.

Oliveira, do distrito de Japão, do distrito de São Francisco de Paula e do distrito de São João Batista "cervejas, vinho, licores, cafés, etc.". Para desfecho da festa, a "mocidade elegante de Oliveira" promoveu um baile íntimo, frequentado por pessoas da "melhor sociedade", e que foi cordialmente oferecido à Exma. esposa do Deputado Estadual Dr. Coelho Moura.[141] Já no dia 3 de maio de 1900, data em que se comemoraria o quadricentenário da descoberta do Brasil, um robusto programa de festas, intermediado por vereadores, foi composto por uma "alvorada" com salva de 21 tiros de dinamite, uma "missa campal" na Praça do Cruzeiro, uma "sessão solene" no Paço Municipal, além de uma "passeata cívica" pelas ruas centrais da sede de Oliveira, com a participação da Banda de Música Oliveirense.[142]

Outra forma de atuação do setor político na promoção de festividades era na inauguração de obras públicas nas sedes citadinas ou nas povoações rurais. A realização de melhoramentos capazes de afetar a vida do município configurava-se como um momento de grande importância para toda comunidade, merecendo, então, algum tipo de comemoração. Autoridades políticas, funcionários da Câmara, profissionais contratados para conduzirem as obras e jornalistas quase sempre acompanhavam, junto à população, a entrega das construções, reformas ou aquisição de serviços públicos e, como não poderia deixar de ser, muitas das festividades em torno dos novos melhoramentos eram acompanhados de bailes.

A instalação de lampiões para iluminação pública (1894), o encanamento de água potável (1895), a reforma da cadeia (1898) e a inauguração da Santa Casa de Misericórdia (1899) na cidade de Oliveira; o encanamento de água potável nos distritos e freguesias de Santana do Jacaré (1898), Japão (1899), Carmo da Mata (1900), São Francisco de Paula (1900) e Claudio (1900) ou, ainda, a inauguração da ponte sobre o Rio Jacaré, na freguesia de Sant'Ana do Jacaré (1898), tiveram todos algum tipo de comemoração que poderia incluir queima de fogos, missas campais, passeatas, bebidas alcoólicas, apresentações musicais ou bailes frequentados pelas famílias dos principais agentes arrolados com as melhorias locais.[143] O registro da inauguração do serviço de água potável na freguesia de Carmo da Mata que, segundo um corresponde do jornal *Gazeta de Minas*, foi concorrido pela "quase totalidade de habitantes"

---

141 A manifestação. *Gazeta de Oliveira*, Oliveira, 29 maio 1898, p. 1.
142 4º Centenário do Brasil. *Gazeta de Minas*, Oliveira, 20 abr. 1900, p. 1.
143 Cf., respectivamente: Iluminação pública. *Gazeta de Oliveira*, Oliveira, 11 mar. 1894, p. 1; Água potável. *Gazeta de Oliveira*, Oliveira, 18 ago. 1895, p. 1; Cadeia de Oliveira. *Gazeta de Oliveira*, Oliveira, 20 fev. 1898, p. 1; Santa Casa de Misericórdia. *Gazeta de Minas*, Oliveira, 2 abr. 1899, p. 1; Santana do Jacaré. *Gazeta de Oliveira*, Oliveira, 9 out. 1898, p. 1; Japão. *Gazeta de Minas*, Oliveira, 27 ago. 1899, p. 2; Carmo da Mata. *Gazeta de Minas*, Oliveira, 15 jul. 1900, p. 2; São Francisco de Paula. *Gazeta de Minas*, Oliveira, 28 out. 1900, p. 2; Claudio. *Gazeta de Minas*, Oliveira, 9 dez. 1900, p. 1; Santana do Jacaré. *Gazeta de Oliveira*, Oliveira, 9 out. 1898, p. 1.

daquela freguesia, além de diversos convidados da cidade de Oliveira e dos distritos vizinhos, estampa um retrato vibrante da pompa e da variedade de atrações festivas que marcavam a inauguração dessas melhorias públicas:

> Não podiam ser mais brilhantes nem mais solenes os festejos com que o povo carmelitano celebrou o faustoso acontecimento [...].
> Eram 5 horas da tarde quando o Revmo. Padre Galdino Diniz, digno e ilustrado vigário da freguesia dava começo a cerimônia da benção, que realizou-se no meio do mais profundo e religioso silêncio.
> Mal havia o Revmo. pronunciado as últimas palavras concernentes ao ato que celebrava, o povo prorrompeu em delirantes aclamações que foram abafadas pelo som entusiástico do hino nacional, brilhantemente executado pela excelente Banda de Música Euterpe Carmelitana.
> Dali seguiu o povo, precedido da banda de música, em demanda do chafariz ereto na Praça da Matriz, onde ia realizar-se a cerimônia da inauguração.
> Ali chegado usou da palavra o Sr. Capitão José Antonio Ferreira, que em nome do Conselho Distrital, de que é digno presidente, convidou o Major agente do executivo municipal a inaugurar o serviço de abastecimento de água, que apesar de obstáculos sem conta e sacrifícios não pequenos o Conselho entregava cheio de orgulho à apreciação do povo [...].
> Depois de haver a banda de música executado o hino nacional e de subir aos ares inúmeras girandolas, fez-se o mais profundo silêncio para ouvir-se o orador oficial, nosso companheiro Ferreira Carvalho, a quem o Conselho Distrital delegou tão honrada incumbência [...].
> Em seguida saiu o povo, sempre precedido pela banda de música, em passeata pelas ruas do poético arraial, sendo durante o trajeto saudados diversos cidadãos [...].
> Na elegante e confortável moradia do Capitão Francisco Cambraia de Abreu, foi servido ao povo um profuso copo de cerveja e outras bebidas finas, organizando-se depois animada *sorrie* dançante que prolongou animadíssima até o alvorecer do dia seguinte, sendo que a meia noite foram interrompidos as danças para que fosse servido aos convidados chá acompanhado de finíssimos e variados biscoitos.[144]

E não eram dignos de festas apenas os melhoramentos públicos. Algumas inaugurações de indústrias, casas de comércio ou colégios particulares contavam, também, com atos festivos, em geral, com o intuito de apresentar aos moradores e convidados da cidade ou dos distritos e freguesias próximas as instalações de algum novo estabelecimento comercial. O Grande Hotel, a Fábrica de Cervejas Oliveirense e o Colégio Oliveirense, inaugurados na cidade de Oliveira respectivamente nos anos de 1889, 1890 e 1896, são exemplos de iniciativas empresariais que foram, no dia de abertura para visitação pública, acompanhadas de benção de religiosos, fogos de artifício, espetáculos de música, comidas e bebidas. Quase obrigatoriamente, essas festividades de inauguração desdobravam-se em bailes, *sorries* ou jantares íntimos, oferecidos

144 Carmo da Mata. *Gazeta de Minas*, Oliveira, 15 jul. 1900, p. 2.

pelos proprietários a investidores, famílias abastadas, autoridades públicas e jornalistas encarregados de noticiar o funcionamento das novas iniciativas comerciais.[145]

Uma das mais ricas descrições de festas oferecidas por motivo de instalação de empreendimentos particulares nos é dada por um cronista anônimo da imprensa de Oliveira, em abril de 1889, data que marca a inauguração do tráfego de trens da estação ferroviária da sede municipal. A narrativa preconiza um cenário alegre, faustoso e que foi detalhadamente ajaezado para o recebimento do "trem inaugural" que conduzia diversos políticos mineiros, incluindo o governador da então província, diretores, empresários, engenheiros, representantes da imprensa de Minas e do Rio de Janeiro, bem como convidados cooptados nas estações da Oeste de Minas já em atividade nas cidades de São João del-Rei, Bom Sucesso, Aureliano Mourão, Perdões e Lavras. Conforme foi registrado:

> A chegada do trem inaugural foi tão majestosa, tão pomposa e tão solene, que com palavras de três ou quatro idiomas não poderíamos pintar o quadro que então contemplamos. Luzes, arcos, folhagens, flores, foguetes, fogos cambiantes, música, sorrisos e entusiasmo não faltaram para a maior sublimidade da festa [...].
> Às oito e meia da noite dirigiu-se o S. Ex. Sr. Presidente da província, diretores e empresários da Oeste e seus convidados para o banquete que foi servido pela casa Paschoal, da corte [...]. Ao champanhe romperão os brindes na efusão a mais prodiga da alegria de todos [...].
> Após o banquete dirigiu-se o Sr. Presidente da província e convidados, acompanhados por uma banda musical para o palacete do Sr. Antonio da Silva Campos, onde a Municipalidade individualmente e coadjuvada por alguns cidadãos, ofereceu aos excursionistas e famílias da localidade um baile faustoso, abrilhantado com joias da sociedade oliveirense [...].
> Às 11 horas começaram as danças [...] e o baile prolongou-se até o amanhecer [...].
> Ao romper do dia 15 [...] às 9 horas da manhã, em meio da aglomeração do povo, ao som da música e do estourar de foguetes, S. Ex. o Sr. Presidente bateu a primeira estaca inaugurando os trabalhos do prolongamento da estrada ao Alto S. Francisco e ramais de Pitangui e Itapecerica [...].
> Terminada esta solenidade, os convidados dirigiram-se para a casa onde foi servido um lauto almoço.
> Ao espumar de champanhe foram erguidos muitos brindes [...].
> A uma hora da tarde retiraram-se nossos distintos hospedes, levando desta cidade gratíssimas impressões e deixando-nos imersos em saudades e ledas recordações.[146]

As diversões não acabavam por aí. Bares, botequins ou tabernas[147] também ofereciam bons momentos de distração por todo município oliveirense. Em diferentes registros de

145 Grande Hotel. *Gazeta de Oliveira*, Oliveira, 6 jan. 1889, p. 1; Fábrica de Cerveja. *Gazeta de Oliveira*, Oliveira, 2 nov. 1890; Colégio Oliveirense. *Gazeta de Oliveira*, Oliveira, 21 jun. 1896, p.2.
146 E. F. Oeste de Minas. *Gazeta de Oliveira*, Oliveira, 21 abr. 1889, p. 1, 2.
147 Não havia para o período, conforme foi apontado pela pesquisadora Thaina Shwan Karls, uma diferenciação clara entre os diferentes estabelecimentos de comércio encarregados de vender bebidas alcoólicas. Ver: KARLS, Thaina Schwan. *Comida, bebida e diversão*: uma análise comparada do perfil de restaurantes e confeitarias no Rio de Janeiro do século XIX (1854-1890). Tese (Doutorado em História Comparada) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2017.

estabelecimentos dessa natureza que funcionavam nas regiões do interior de Minas Gerais, um clima aprazerado e, às vezes, tempestuoso, regado de jogos lícitos ou ilícitos, músicas com os mais variados instrumentos e o consumo exacerbado de cerveja, vinho, licores, cachaça, ou bebidas destiladas era uma regra compartilhada por essas casas de molhados.[148]

Na sede de Oliveira, em 1819, quando a cidade era ainda uma nascente povoação, o naturalista francês Auguste de Sant-Hilare, em passagem pelo "lugarejo", já comentava sobre a existência de "botequins" frequentados, segundo ele, pelos moradores rurais, quando estes visitavam a sede citadina.[149] De fato, eram nos dias de missa e de festas dos santos católicos, quando as sedes das nucleações recebiam os visitantes das povoações, que os proprietários das casas de bebidas e comidas tendiam a conquistar um maior número de clientes. Isso porque, após o sagrado, era a vez do profano e, como bem apontou Pinto Machado numa nota publicada em dezembro de 1897, praticamente não existiam, em Oliveira, distrações que pudessem competir com as "garras da taberna".[150] Ainda segundo ele, na sede municipal nos domingos e dias santos, depois das duas horas da tarde, ocasião em que geralmente já estavam encerradas as celebrações católicas, a "cachaça" passava a ser o "único artigo consumível pelos *habitues* das vendas onde vão esconder-se dos trabalhos que reclamam seus braços".[151]

Não foram encontradas fontes documentais com informações sobre a dinâmica interna ou o perfil social dos frequentadores das casas de molhados instaladas na sede municipal no final do século XIX. Nas páginas da *Gazeta*, provavelmente por se tratar de um periódico conservador e com forte influência da Igreja Católica,[152] poucas foram as referências cujo eixo temático direciona-se a esses tipos de estabelecimentos, sendo que todas eram com conotações negativas por suas relações com o alcoolismo e os jogos de azar. Mesmo assim, esses poucos registros jornalísticos, ainda que com um caráter de denúncia ou de alerta das autoridades

148 Ver: NAKAYAMA, Marina Fernandes Braga. *Divertimentos e tempo livre*: experiências dos trabalhadores em Juiz de Fora (1900-1924). Tese (Doutorado em Estudos do Lazer) – Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2016; OLIVEIRA, Renata Cristina Simões de. *O teatro e algumas diversões em Diamantina*: uma história registrada pela imprensa (1888-1915). Dissertação (Mestrado em Estudos do Lazer) – Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2016; NOGUEIRA JÚNIOR, João Martins. *Uma história dos divertimentos do sul mineiro*: Itajubá, Pouso Alegre e Campanha entre o final do século XIX e as primeiras décadas do século XX (1891-1930). Dissertação (Mestrado em Estudos do Lazer) – Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2017.

149 AUGUSTE de, Sant-Hilaire. *Viagem às nascentes do Rio São Francisco*. Belo Horizonte: Ed. Itatiaia, 2004, p. 85.

150 Semana a Semana. *Gazeta de Oliveira*, Oliveira, 12 dez. 1897, p. 2.

151 Semana a Semana. *Gazeta de Oliveira*, Oliveira, 6 fev. 1898, p. 2.

152 Essa afirmação da folha oliveirense ter uma feição conservadora e religiosa é reforçada pela presença do padre José Theodoro Brasileiro na comissão de redação que viabilizou a organização e a publicação dos primeiros exemplares. Cf.: Comissão de Redação. *Gazeta de Oliveira*, Oliveira, 2 out. 1887, p. 1.

policiais, fornecem elementos comprobatórios do uso desses espaços para fruição dos "*habitues* das vendas". Dois exemplos são instigantes nesse sentido. No primeiro, datado de março de 1893, alguns moradores da sede de Oliveira, mais precisamente, da Rua do Cruzeiro, viabilizaram a publicação de uma reclamação direcionada ao delegado de polícia, solicitando que o mesmo lançasse "suas vistas" para uma "grande algazarra" com "sanfonas" que ocorria numa dessas casas que, segundo a reclamação, "atormentam a vizinhança".[153] Já no segundo exemplo, datado de março de 1900, autoridades policiais de Oliveira receberam denúncias que no distrito de Claudio se jogava "desbragadamente a roleta", motivo pelo qual um destacamento policial foi enviado com o intuito de inspecionar as casas de molhados e "apreender todos os objetos do jogo".[154]

Vis-à-vis, para além das festas religiosas, cívicas e domésticas, ou das festas de inauguração de empreendimentos públicos e privados, ou, ainda, dos jogos, músicas populares e bebidas alcoólicas servidas nas casas de molhados no período do carnaval, parte da população de Oliveira deleitava-se com o alvorecer dos folguedos. Até a última década do século XIX, a diversão ficava por conta do entrudo, uma brincadeira de origem ibérica trazida para o Brasil pelos portugueses ainda no período colonial, cujo objetivo consistia em molhar os adversários, atirando limões de cheiro, água, ovos ou farinha.[155] Disseminado e infiltrado na agenda festiva de praticamente todas as regiões brasileiras, os três dias que antecediam a quaresma não passavam despercebidos e eram rigorosamente festejados. Registros de memorialistas descrevem como o cotidiano da sede do município de Oliveira ganhava um colorido especial com as "batalhas" à base de "bisnagas", "canecas" ou "cuias de água":

> No entrudo, era um gosto ver-se a batalha travada entre os combatentes de ambos os sexos com limões de cera em punho. No aceso da batalha costumava haver correrias pelas ruas, gritinhos aflitos e histéricos, portas batidas com estrépito e sentenças de punições para outra oportunidade, como revanche… Coisa gozada era quando se conduzia um paciente para um banho em regra! Às vezes era um frajola todo impecável na sua fatiota limpa e passada a ferro… Lá sabiam os poços de água e os velhos cochos da Praça o estado em que o almofadinha voltava para casa... E quando a batalha se feria dentro de casa? Ficavam as ceras multicores agarradas por toda a parte, nas paredes, no portais e portas, nos móveis e até no teto.
> O gosto da petizada era quando o limão atingia o alvo e não se quebrava. Quase toda casa comercial expunha tabuleiros de "limões" para vender. E esses tomavam formas das mais variadas e bizarras. Uns eram moldados em forma de toco, outros em forma

153 Ao sr. Delegado. *Gazeta de Oliveira*, Oliveira, 19 mar. 1893, p. 2.
154 O jogo. *Gazeta de Minas*, Oliveira, 11 mar. 1900, p. 1.
155 Para uma síntese das diferentes maneiras de se brincar o entrudo no Brasil, ver: FLORES, Moacyr. Do entrudo ao carnaval. *Estudos Ibero-Americanos*, PUCRS, v. 23, n. 1, p. 149-161, junho 1996. Para uma discussão mais específica sobre o entrudo em Minas Gerais, ver: ARAÚJO, Patrícia Vargas Lopes de. *Folganças populares: festejos de entrudo e carnaval em Minas Gerais no século XIX*. São Paulo: Annablume, 2008.

> de garrafinha de óleo de rícino, outros em forma de laranjas, limas, papo de galinha etc. E eram verdes, vermelhos, brancos e até cor de terra, de tanto se aproveitar a cera servida.
> Que medo não nos causava a aproximação de um atacante, que, já de longe, se denunciava: mãos enfiadas nos bolsos do paletó e toda cautela. Os rapazes não deixavam que se lhes aproximassem as moças, porque a detenção era certa e o banho, inevitável.
> Acabados os limões, entrava em cena a água da bica. Do andar superior dos sobrados, ela descia sobre a vítima, às vezes com vasilha e tudo, escapando-se das mãos do atacante. Era um prazer e uma tormenta ao mesmo tempo.
> A meninada, à míngua de outro recurso, confeccionava um repuxo de bambu que esguichava água à grande distância. Mas que diabo! Faziam suprimento de água em qualquer lugar, pondo a roupa da vítima em estado lamentável![156]

Em 1894, uma novidade foi introduzida nas comemorações do carnaval de Oliveira: um desfile de carros alegóricos, seguido de espetáculos musicais e bailes íntimos de mascarados, cuja iniciativa principal ficou a cargo do capitalista carioca Sr. José Barbosa de Miranda.[157] É bem verdade que, em 1890, um pequeno grupo de rapazes e "lindas *toilets*" já havia, nos dizeres de um cronista, "inventado o carnaval", com a circulação de "troles cheios de mascarados" pelas ruas e praças centrais de Oliveira.[158] Contudo, nem de longe se comparava a grandiosa festa organizada pelo "Mirandão", que chegou, inclusive, a contratar artistas do Rio de Janeiro, para ornamentar os cinco carros que compuseram o préstito alegórico.[159]

Na capital fluminense, este novo modelo de carnaval, alinhado com as experiências dos festejos realizados na Europa, particularmente em Roma e Veneza, e depois Paris, já era, neste momento, uma realidade consolidada entre a elite carioca que, paulatinamente, destronava o velho entrudo, substituindo-o pelo "moderno" e "civilizado" Carnaval Veneziano.[160] Não surpreende, portanto, que "Mirandão" tenha trago do Rio valores e expectativas simbólicas conectadas a esse ideal de modernidade e sofisticação comportamental, o que ajuda a entender seu deliberado esforço na promoção de atividades culturais desse tipo. Cabe lembrar que, quatro anos mais tarde, o mesmo estaria envolvido na fundação do Jokey Club Oliveirense, a quem coube o ensejo de inaugurar os primeiros páreos de turfe na cidade.

---

156 FONSECA, Luiz Gonzaga da. *História de Oliveira*. Belo Horizonte: Editora Bernardo Álvares S/A, 1961, p. 363-364.
157 Carnaval. *Gazeta de Oliveira*, Oliveira, 14 jan. 1894, p. 2.
158 Macaquitos. *Gazeta de Oliveira*, Oliveira, 23 fev. 1890, p.1.
159 COELHO, José Demétrio. *Recordações de Oliveira*. Divinópolis, MG: Gráfica Planeta, 1950, p. 25-26.
160 Sobre o carnaval no Rio de Janeiro, ver: CUNHA, Maria Clementina Pereira. *Ecos da folia*: uma história social do carnaval carioca entre 1880 e 1920. São Paulo: Companhias das Letras, 2001; SOIHET, Rachel. *A subversão pelo riso*: estudos sobre o carnaval carioca da Belle époque ao tempo de Vargas. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1998; PEREIRA, Leonardo Affonso de Miranda. *O carnaval das letras*: literatura e folia no Rio de Janeiro do século XIX. Campinas: Editora da Unicamp, 2004.

Outros dois carnavais ao molde Veneziano tiveram festas na década final do século XIX, sendo um em 1897 e outro fora de época, em 1898, ambos também idealizados e promovidos pelo "Mirandão", que fundou, nestes dois anos, o Club dos Políticos Carnavalescos (Figura 3).[161] Em todos, o timbre luzido dos carros de alegoria, do cortejo musical, do adereçamento do centro da cidade e dos salões particulares que sediariam os bailes de mascarados, atraiu, segundo registros de imprensa, "um enorme concurso de povo" para a sede de Oliveira, onde o público apinhou-se para acompanhar o préstito carnavalesco.[162]

Figura 3 – Anúncio do carnaval fora de época de 1898.

CLUB
DOS
POLITICOS
HOJE! HOJE! HOJE!
E amanhã tambem
Grrrrrande, Enorrrrme
PASSEIATA CARNAVALESCA

Riou emfim a aurora do dia em que vamos obter mais uma victoria mas luctas do espirito do luxo, e da grandeza
Preparae-vos todos para assistir o desfilados vencedores de todos os carnavaes do Oeste; vencedore
mais de verdade do que os taes quarenta e cinco mil contos... em fixas!
Quereis ter uma idéa, ó povo, do que preparámos com o maximo capricho só, para o vosso goso? Ahi vae
Abri alas! Vae desfilar o imponentissimo

PRESTITO

A's tres horas em ponto uma salva de 3 tiros annunciará nossa sahida que se effectuará na seguinte ordem
Oito guapos rapagões vestidos no ultimo rigor do *dernie cri* e montando soberbos *pur sang*, romperão a
marcha recebendo as infaliveis ovações do zé povinho que, mais feliz do que os desterrados politicos, obteve
habeas corpus amplo para a alegria e a satisfação que reinarão livres nas physionomias de todos.

A
BANDA DE MUSICA

que fará as delicias de todos tocando as mais requebradas habanêras, os mais enthusiasticos dobrados, as mais
amaxixadas polkas, os mais... tudo do seu repertorio
Palmas! Flores! muitas palmas! muitas flores,— ahi vai o carro do nosso glorioso Estandarte — uma luxuosa,
riquissima e imponente

GONDOLA VENEZIANA

Fonte: Clube dos Políticos. *Gazeta de Oliveira*, Oliveira, 10 abr. 1898, p. 3.

Em virtude dessa ativa participação no fomento de modalidades lúdicas inteiramente de acordo com os preceitos sociais que presidiam ações e mentalidades de vários grupos de elite da época, "Mirandão" logo foi retratado na imprensa de Oliveira como o "infatigável promotor

161 Grupo dos Políticos Carnavalescos. *Gazeta de Oliveira*, Oliveira, 28 fev. 1897, p. 3; Carnaval. *Gazeta de Oliveira*, Oliveira, 27 mar. 1898, p. 1.
162 Carnaval. *Gazeta de Oliveira*, Oliveira, 11 fev. 1894, p. 1; Carnaval de 1897. *Gazeta de Oliveira*, Oliveira, 7 mar. 1897, p. 1; Carnaval. *Gazeta de Oliveira*, Oliveira, 17 abr. 1898, p. 1.

das diversões".[163] Em abril de 1898, uma comissão liderada por jornalistas promoveu uma "manifestação" de agradecimento ao capitalista pela sua atuação no setor cultural, manifestação que teve como orador o imigrante português Pinto Machado:

> O Dr. Pinto Machado, em nome da comissão promotora da manifestação, saudou o distinto moço significando-lhe sua admiração e gratidão pelo modo por que conseguia tirar a esta população da monotonia própria das cidades pouco movimentadas, proporcionando-lhes divertimentos do labutar constante de todos os dias, animando-lhes a um trabalho útil e proveitoso, pois que a vida não se resume só a trabalhar sem tréguas, desejando ao Sr. Miranda todas as felicidades de que são credores sua alma generosa e seu coração magnânimo. Em seguida foram os manifestantes convidados a entrar na casa do Sr. Miranda, a qual se achava artisticamente ornamentada com bandeiras nacionais e estrangeiras, sendo a todos servidos cerveja, vinho do Porto e licores [...].[164]

Todavia, se de uma parte o registro acima explicita o papel de destaque das iniciativas do "Mirandão" para tirar Oliveira de uma suposta "monotonia própria das cidades pouco movimentadas", de outra revela certa negligência dos jornalistas locais com as diversões tradicionais oferecidas aos oliveirenses na sede da cidade, nas povoações, ou nos distritos e freguesias municipais. Isto é, desconsiderando o importante papel das modalidades que já faziam parte do cotidiano lúdico do conjunto municipal e de seus promotores, grupos letrados tendiam a enxergar apenas os novos modismos europeizados que tomavam corpo e forma por intermédio dos valores e experiências do "Mirandão", como de capazes proporcionar à população de Oliveira "divertimentos do labutar de todos os dias".

No caso específico do carnaval, por mais que o entrudo tenha permanecido, na virada para o novo século, ditando a principal cena do tríduo carnavalesco de Oliveira, "folia gorda" e "quebra da monotonia" só tiveram vez na imprensa nos préstitos promovidos nos anos de 1894, 1897 e 1898, não por acaso, quando a cidade recebeu os "sofisticados" desfiles de carros de alegoria e bailes de mascarados. Em fevereiro de 1899, o cognominado Itagacheles, valendo-se de uma nota para ironizar a "morte", ou melhor, a ausência dos préstitos alegóricos e o consequente protagonismo do entrudo neste ano, deixou sinais nítidos de quais divertimentos referenciavam as constantes queixas de monotonia publicadas na imprensa de Oliveira:

> Pobre carnaval! Cá pelas terras o pobrezinho está morto e bem morto apesar dos esforços que fizeram para salvá-lo uma espirituosa viúva inconsolada, mas não inconsolável, que buscando por toda a parte quem quisesse substituir o seu defunto, aceitava de um modo horrível os que não queria tal promoção, e de uns meninos, quatro ou cinco, que andaram pelas ruas berrando o estafado – você me conhece?

163 Corridas de cavalos. *Gazeta de Oliveira*, Oliveira, 22 maio 1898, p. 1.
164 Manifestação. *Gazeta de Oliveira*, Oliveira, 17 abr. 1898, p. 1.

> Morreu o coitado, mas sua morte deu nova vida ao entrudo que neste ano foi de uma prodigalidade incrível de barris d'água atirados à cabeça do pobre diabo que ousasse sair à rua.
> E não foi só na rua: em casa também precisava-se estar a sete chaves, porque, quando menos se esperava, entravam pelas janelas, atirados com toda a força, os tais limões que de cheiro só tem o nome, ou então invadiam o lar inviolável, verdadeiros exércitos e travavam incruentas batalhas de que saiam todos, assaltantes e assaltados, molhados como uns pintos.
> Magnífico divertimento em que quebram-se vidros, estragam-se os móveis e ainda por cima, apanham-se bronquites que nos mandão desta para melhor em dois tempos e três movimentos.[165]

Naturalmente que não temos a pretensão de exaurir o repertório tradicional de diversões públicas ou privadas, negligenciadas por cronistas da imprensa naquele final de dezenove. Diversas outras modalidades lúdicas que compunham este universo, a exemplo da fogueira de São Pedro, do jogo da malha e da caçada, poderiam ser incluídas.[166] No caso da caçada, uma carta do Sr. H. Montandon, da cidade de Ouro Preto, publicada no dia 22 de março de 1896, na *Gazeta de Oliveira*, dizia que se tratava de um "magnífico divertimento", onde, segundo o correspondente ouro-pretano, "ali se encontram comoções violentíssimas e prazeres inefáveis".[167] Em Oliveira, tal divertimento parece que angariava adeptos. Em setembro de 1900, uma notícia que trazia no título "Boa caçada", veiculada pela *Gazeta*, informava que um grupo de caçadores do interior mineiro, entre os quais o jornalista oliveirense Carlos Sanzio, promoveu uma caçada na Serra de Carrancas, tendo matado, no período de doze dias, 376 perdizes.[168]

Com efeito, os exemplos até aqui apresentados se prestaram, essencialmente, para o entendimento das razões pelas quais cronistas da imprensa tendiam a negligenciar o rol lúdico tradicional. Aos olhos de Pinto Machado e de outros jornalistas, não seria errado dizer que as recorrentes afirmações de "tédio" e "monotonia" eram mais uma questão de perspectiva histórica do que de realidade histórica. A cidade de fato não oferecia, com exceção das iniciativas (quase todas efêmeras) das casas de café e bilhar, das corridas do Jokey Club Oliveirense, dos clubes literários, recreativos, teatrais ou dançantes, dos desfiles de carros

---

165 Casos e Cousas. *Gazeta de Minas*, Oliveira, 19 fev. 1899, p. 1.
166 Cf.: Casos e Cousas. *Gazeta de Minas*, Oliveira, 9 jul. 1899, p. 1; Câmara Municipal. *Gazeta de Oliveira*, Oliveira, 9 jan. 1890, p. 3; Boa Caçada. *Gazeta de Minas*, Oliveira, 9 set. 1900, p. 1.
167 Caçada do mateiro. Gazeta de Oliveira, Oliveira, 22 mar. 1896, p. 2. Uma descrição detalhada do formato das atividades cinegéticas promovidas no Brasil do século XIX, pode ser encontrada na primeira obra nacional específica sobre o tema, publicada no ano de 1860, qual seja: VARNHAGEN, F. A. *A caça no Brasil, ou Manual do caçador em toda América tropical acompanhado de um glossário dos termos usuais da caça*. E. & H. Laemmert, Rio de Janeiro, 1860. Para uma síntese do desenvolvimento histórico da caça no Brasil, ver: FERREIRA, Hugo Fernandes. *A caça no Brasil*: panorama histórico e atual (volume I e II). Tese (Doutorado em Zoologia) – Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2014.
168 Boa Caçada. *Gazeta de Minas*, Oliveira, 9 set. 1900, p. 1.

alegóricos e dos bailes de mascarados, entretenimentos engendrados com os anseios dos grupos letrados por uma europeização dos hábitos urbanos, o que torna compreensível a leitura de notas que se referiam a Oliveira como uma "terra onde não há o menor divertimento".[169]

Dentre o rol das poucas opções de combate a este cenário percebido como "sorumbático" e carente de diversões, estavam os espetáculos oferecidos por artistas itinerantes que, periodicamente, excursionavam pelo interior do Brasil. Esses artistas, que comercializavam espetáculos de teatro, circo, touradas, ilusionismo, prestidigitação, cinematógrafo, fantoches ou música, muitas vezes sem distinção clara entre os gêneros ambulantes, podiam oferecer espetáculos por períodos variados que oscilavam de alguns poucos dias até a alguns meses em certos casos. O gênero do espetáculo, o tamanho do corpo artístico e a receptividade do público eram alguns dos principais fatores que pareciam determinar a extensão de suas estadias. "Mesmo cidades pequenas, sem teatros adequados ou praças apropriadas, podiam, em algum momento, ser visitados por grupos ambulantes que, por vezes, representavam uma das únicas oportunidades para o consumo desses tipos de espetáculos".[170]

Em todo caso, o cotidiano das cidades acabava transfigurado com a chegada desses ambulantes que diziam trazer em suas bagagens as experiências vividas nos principais centros do Brasil e da Europa e as mais novas modas deflagradas no velho mundo. Em janeiro de 1894, por exemplo, o "afamado ilusionista" Faure Nicolay declarou, no anúncio de estreia, ter se apresentado para "os personagens mais famosos do mundo" e para "monarcas da Europa", selecionando para o público de Oliveira um espetáculo que constaria, entre outras coisas, suas "últimas criações em Paris".[171] Já em maio deste mesmo ano, em sentido parecido, o Circo Pery e Coelho foi apresentado de forma entusiasmada na imprensa por ter, segundo um cronista anônimo, "colhido os mais virentes louros e triunfos", não só nas "mais adiantadas cidades da República", como também "em diversas cidades da Europa".[172] Era justamente essa sintonia com um mundo especial, "supostamente vivido por reis e rainhas de toda Europa" e "idealizado como *locus* da civilização da humanidade",[173] que garantia, em larga medida, que as temporadas

169 Semana a Semana. *Gazeta de Minas*, Oliveira, 21 abr. 1901, p.1.
170 AMARAL, Daniel Venâncio de Oliveira; DIAS, Cleber. Nos trilhos do lazer: entretenimento urbano e mercado de diversões em Divinópolis, Minas Gerais, 1890-1920. In: *Revista de História Regional*, Ponta Grossa, v. 22, n. 2, p. 237-261, jul./dez. 2017, p. 249.
171 Grande sucesso do dia. *Gazeta de Oliveira*, Oliveira, 28 jan. 1894, p. 4.
172 Circo Pery e Coelho. *Gazeta de Oliveira*, Oliveira, 31 out. 1894, p. 1.
173 Cf.: HORTA, Regina Duarte. *Noites circenses*: espetáculos de circo e teatro em Minas Gerais no século XIX. Belo Horizonte: Fino Traço, 2018, p. 107-108.

de espetáculos artísticos, diferentemente das modalidades lúdicas tradicionais, fossem entendidas pelos grupos letrados que trabalhavam na imprensa, como momento no qual "o tédio que reinava como um déspota" preparava suas malas para "pôr-se ao fresco".[174]

Parece existir na historiografia especializada no estudo dos artistas ambulantes que circularam pelo território de Minas Gerais no século XIX, e princípios do XX, uma supervalorização do papel desses artistas na organização e oferta de diversões nos recônditos mineiros. Tomando como "realidade histórica" uma "perspectiva histórica" dos cronistas da imprensa que claramente desejavam outras formas de lazer, vistas por eles mesmos como mais adequadas para uma cidade que pretendia se exibir como civilizada, muitos estudos sobre o assunto tendem, tal como faziam os grupos letrados da época, a negligenciar um cenário tradicional alegre, festivo e recheado de festas, jogos, reuniões íntimas ou comemorações públicas. A historiadora circense Regina Horta, por exemplo, em seu estudo clássico sobre a história do circo e do teatro em Minas Gerais no século XIX, subestimando o robusto e diversificado repertório lúdico tradicional, registra que, nessa época, "as cidades mineiras não tinham muitas opções de diversão e a vida corria, em geral, sem maiores agitações".[175] Na mesma direção, a também historiadora circense Rosana Xavier, em pesquisa recente sobre as companhias de circo que visitaram o Oeste de Minas Gerais, na virada para o século passado, chega a afirmar que os moradores das cidades instaladas "no vasto interior do Brasil" e, mais especificamente, de Minas Gerais, conviviam, nas palavras da autora, com "a falta de entretenimento".[176]

De outra parte, porém, é inegável que a chegada dos artistas ambulantes tendia a impulsionar as vivências lúdicas dos lugarejos sedes das turnês artísticas, com "inovações, notícias, hábitos e modas de outros lugares".[177] Entre 1890 e 1900, foram anunciados na imprensa de Oliveira pelo menos 33 espetáculos desses tipos, organizados por 28 diferentes grupos itinerantes, numa média de uma visita a cada três ou quatro meses. Tendo a imprensa de Oliveira como fonte, é difícil saber o perfil ou a quantidade do público que frequentava tais espetáculos. Não era usual a publicação de informações desse tipo. Todavia, diante do interesse

174 Casos e Cousas. *Gazeta de Minas*, Oliveira, 12 jun. 1898, p. 1.
175 HORTA, Regina Duarte. *Noites circenses*: espetáculos de circo e teatro em Minas Gerais no século XIX. Belo Horizonte, MG: Fino Traço, 2018, p. 143.
176 XAVIER, Rosana Daniele. *Respeitável público, o circo chegou*: itinerários, espetáculos e estratégias comerciais dos circos na cidade de Oliveira, Minas Gerais, (1888-1920). Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal de São João del-Rei, São João del-Rei, 2019, p. 47.
177 HORTA, Regina Duarte. *Noites circenses*: espetáculos de circo e teatro em Minas Gerais no século XIX. Belo Horizonte: Fino Traço, 2018, p. 143.

esporádico, mas regular, desses artistas em visitarem a cidade, presumimos que um número de espectadores grande o suficiente para justificar suas presenças costumava comparecer a esses eventos.[178] Em 1910, numa rara referência do tipo, um cronista anônimo, comentando as apresentações do Circo Mineiro, mencionou "noites de enchentes", de um circo que teria capacidade "para mais de novecentas pessoas".[179]

Também não era usual que a imprensa anunciasse o local desses espetáculos. Os poucos registros a esse respeito indicam que artistas com necessidades de alugar teatros ou casas do tipo, como era o caso das companhias de teatro, dos músicos, dos ilusionistas, dos cinematógrafos ambulantes e dos prestidigitadores, recorriam a lugares improvisados. Entre os fins da década de 1880 e princípios de 1890, Oliveira até contou com um "sofrível teatrinho", segundo descrição da imprensa local, mantido por uma associação chamada Sociedade Teatral Oliveirense. No ano de 1892, no entanto, a Câmara Municipal solicitou que o clube teatral fizesse reparos no teatro, alegando risco de desabamento, o que provavelmente não foi atendido, uma vez que, no ano seguinte, o teatro foi demolido.[180] A Sociedade Teatral Oliveirense, seguindo o destino de várias iniciativas semelhantes na cidade naquele período, provavelmente foi diluída na mesma época.

Assim, apenas lugares improvisados estariam à disposição de artistas que necessitavam da locação de salas particulares, o que não impediu a visitação de grupos teatrais e de outras artes, contrariando a afirmação da Regina Horta de que "apenas as cidades mais populosas" tinham "o privilégio de receber artistas de teatro".[181] Em setembro de 1892, a Companhia de Teatro Automático Alexandre Apparicio realizou espetáculos com dez bonecos de fantoche no prédio da fábrica de cerveja. Em janeiro de 1894, o artista Faure Licolay, realizou uma série de trabalhos de ilusionismo e hipnotismo no Salão da Câmara Municipal. Em abril de 1898, o maestro Emilio Grossoni e sua esposa, D. Diuletta Dionesi, realizaram concertos musicais em um salão privado, cedido pelo Major Antônio da Silva Campos.[182] Já em meados de 1899, o

178 Sobre alguns aspectos da presença de artistas ambulantes em Oliveira e municípios adjacentes no final do século XIX, ver: XAVIER, Rosana Daniele; AMARAL, Daniel Venâncio de Oliveira; DIAS Cleber. Cultura, ferrovias e desenvolvimento econômico: circos em Minas Gerais no final do século 19. In: *Revista de História Regional*, v. 24, n. 1, p. 135-159, jan./jun. 2019; XAVIER, Rosana Daniele; AMARAL, Daniel Venâncio de Oliveira; DIAS Cleber. Repertórios circenses e ferrovias: um estudo sobre o Oeste de Minas Gerais, c. 1890-1920. In: *Revista Repertório*, Salvador. Prelo.

179 Circo Mineiro. *Gazeta de Minas*, Oliveira, 16 out. 1910, p. 1.

180 Câmara Municipal. *Gazeta de Oliveira*, Oliveira, 13 mar. 1892, p. 2; Oliveira. *Gazeta de Oliveira*, Oliveira, 12 nov. 1893, p. 2.

181 HORTA, Regina Duarte. *Noites circenses*: espetáculos de circo e teatro em Minas Gerais no século XIX. Belo Horizonte: Fino Traço, 2018, p. 39

182 AMARAL, Daniel Venâncio de Oliveira; DIAS, Cleber. Lazer e mercado do entretenimento em uma cidade rural de Minas Gerais. In: *Revista Locus*, Juiz de Fora, v. 25, n. 1, p. 62-85, 2019.

grupo de teatro do empresário Palhaes e da atriz Rosalina ofereceu, de forma improvisada, uma pequena série de espetáculos em um "rancho abandonado" nas imediações do centro da cidade.[183]

Figura 4 – Anúncio do espetáculo de ilusionismo do artista Faure Nicolay no salão da Câmara Municipal.

Fonte: Salão Municipal. *Gazeta de Oliveira*, Oliveira, 28 jan. 1894, p. 4.

A demolição do "sofrível teatrinho de Oliveira" foi acompanhada da publicação de uma série de notas na imprensa local, com o intuito de pressionar o poder público para a construção de uma nova casa de espetáculos. No século XIX, edifícios próprios para o funcionamento de teatros aparecem em vários discursos como parte de um conjunto de melhoramentos urbanos que determinavam o grau de adiantamento de uma localidade. Além disso, o teatro também assume, nesses discursos, um suposto papel pedagógico, "capaz de reformar os hábitos do

183 FONSECA, Luiz da Gonzaga. *História de Oliveira*. Belo Horizonte: Editora Bernardo Álvares S/A, 1961, p. 244.

público teatral", atuando como uma espécie de "escola dos bons costumes".[184] Em Oliveira, cronistas da imprensa, ávidos por lazeres sofisticados, usavam desses dois argumentos – índice de progresso e agente educativo – para justificar suas defesas em favor do teatro. Em dezembro de 1897, o cognominado D. Fuas publicou uma nota dizendo que "uma cidade para ser cidade" era essencial que tivesse, entre outros melhoramentos, um teatro que, segundo ele, além de ser um divertimento útil, era uma "escola onde se educa o povo".[185] Já em fevereiro do ano seguinte, retornando novamente ao assunto, D. Fuas cobrou da municipalidade maior empenho para a construção de um teatro, reiterando se tratar de melhoramento indispensável para que Oliveira pudesse alcançar "o progresso e a civilização".[186]

Apesar dos frequentes pedidos de um teatro que, nas palavras de um cronista anônimo, ocorriam "com a mesma insistência com que os investidores pedem a baixa do câmbio",[187] as dificuldades orçamentárias e a realização de melhoramentos de maior urgência, como o encanamento de água potável nas nucleações municipais e a iluminação pública da sede de Oliveira, prorrogaram as condições de investimentos públicos para uma casa de espetáculos até, pelo menos, os primeiros meses de 1906, quando a Câmara Municipal levou a termo a construção de um teatro provisório na sede do município. Iniciativas particulares também foram desmotivadas em meio a um cenário de crise do setor rural, escassez das atividades laborais, diminuição da população citadina e ondas de falências que acometeram vários estabelecimentos de comércio urbano. É necessário enfatizar que o teatro, mais do que uma "escola dos bons costumes", ou um "símbolo de progresso", era, antes de tudo, um empreendimento comercial.

Em março de 1894, um grupo de vereadores chegou a contratar o orçamento de construção de um teatro de "estilo moderno e elegante" com o engenheiro argentino Henrique Sastre.[188] Entretanto, a obra, que foi orçada em 50:000$000, correspondia a praticamente toda a receita de arrecadação do município para aquele ano, estimada em 56:000$000, o que inviabilizava os esforços públicos para contratação do serviço.[189] Nos últimos anos do século XIX, ainda que as receitas de Oliveira tenham apresentado um leve crescimento de 25% entre

184 Para uma discussão a esse respeito, ver: HORTA, Regina Duarte. *Noites circenses*: espetáculos de circo e teatro em Minas Gerais no século XIX. Belo Horizonte: Fino Traço, 2018; MARZANO, Andrea. *Cidade em cena*: o ator Vasques, o teatro e o Rio de Janeiro, 1839-1892. Rio de Janeiro: Folha Seca, 2008.
185 Semana a Semana. *Gazeta de Oliveira*, Oliveira, 12 dez. 1897, p. 2.
186 Semana a Semana. *Gazeta de Oliveira*, Oliveira, 13 fev. 1898, p. 2.
187 Casos e Cousas. *Gazeta de Minas*, Oliveira, 29 jul. 1900, p. 1.
188 Teatro Oliveirense. *Gazeta de Oliveira*, Oliveira, 18 mar. 1894, p. 2.
189 Câmara Municipal. *Gazeta de Oliveira*, Oliveira, 1 out. 1893, p. 3.

os anos de 1893 e 1897 (período que coincide com o crescimento das exportações de gado),[190] a capacidade de investimentos em melhorias públicas foi comprometida por uma série de empréstimos feitos pela Câmara Municipal para os serviços de canalização e abastecimento de água potável em todos os distritos e freguesias municipais. Em fevereiro de 1900, um cronista publicou suas preocupações com o orçamento do município. Segundo ele, a remuneração dos funcionários, a manutenção dos serviços públicos e o pagamento dos empréstimos da canalização de água consumiam todo o dinheiro arrecadado, ficando a Câmara Municipal obrigada "a restringir despesas, pautando-as com a mais severa economia".[191]

À vista disso, não apenas o teatro, mas diversos outros melhoramentos urbanos, também identificados por cronistas da imprensa como capazes de imprimir "ares de progresso" na cidade, não apresentavam condições orçamentárias para serem empreendidos.[192] No dia 20 de março de 1898, o imigrante português Pinto Machado chegou a pedir que a Câmara Municipal trabalhasse na "criação de um corpo de bombeiros e aquisição dos materiais necessários para extinção de incêndios", citando como exemplo as corporações da Europa que, no entendimento dele, prestavam "relevantes serviços às populações que têm a felicidade de possuir tão humanitária instituição".[193] Obviamente que os desejos dos cronistas por melhoramentos urbanos alinhados com os padrões europeus – o que incluía espaços para o lazer da população – esbarravam na falta de dinheiro para investimentos públicos, tornando irrealizáveis quase todas as solicitações de ações públicas de cunho modernizador veiculadas nas páginas da imprensa de Oliveira nos anos finais do século XIX. "Mas qual! Nem com a mão de Deus Padre consigo coisa alguma, nem mesmo um cordão de pedra, de um metro de largura, que ligue com calçamento a estação com a primeira rua".[194]

1.2 "Diversões? Não tem faltado ultimamente em Oliveira"

190 Mais precisamente, as receitas do município saltaram de 56:000$000 em 1893, para 70:000$000 em 1900. Cf.: Câmara Municipal. *Gazeta de Oliveira*, Oliveira, 1 out. 1893, p. 3; Orçamento Municipal. *Gazeta de Minas*, Oliveira, 2 dez. 1900, p. 1.
191 Orçamento Municipal. *Gazeta de Minas*, Oliveira, 2 dez. 1900, p. 1.
192 Para alguns exemplos de pedidos de cronistas por melhoramentos urbanos na cidade, ver: Praça da Estação. *Gazeta de Oliveira*, Oliveira, 10 maio 1896, p. 1; Semana a Semana. *Gazeta de Oliveira*, Oliveira, 22 maio 1898, p. 2; Semana a Semana. *Gazeta de Oliveira*, Oliveira, 18 dez. 1898, p. 2; Salubridade pública. *Gazeta de Oliveira*, Oliveira, 25 dez. 1898, p. 1; Semana a Semana. *Gazeta de Minas*, Oliveira, 9 abr. 1899, p. 2; Semana a Semana. *Gazeta de Minas*, Oliveira, 16 dez. 1900, p. 2.
193 Semana a Semana. *Gazeta de Oliveira*, Oliveira, 20 mar. 1898, p. 2.
194 Semana a Semana. *Gazeta de Minas*, Oliveira, 4 fev. 1900, p. 2.

A partir da segunda metade da década de 1900, o quadro social de Oliveira começou a se alterar. Nessa época, os produtores rurais foram, aos poucos, recuperando-se da depressão causada pela adaptação ao trabalho livre, registrando-se uma pequena melhora da produção agropecuária do município, além de uma ligeira expansão industrial. Em 1902, foi inaugurado, na Praça do Cruzeiro, o Engenho de Beneficiar Café Santa Cruz, de propriedade dos Srs. Miranda & Fernal.[195] Nos dois anos seguintes, o fazendeiro e capitalista Sr. Tenente Coronel Manoel Antônio Xavier inaugurou, junto à estação ferroviária, o Engenho Central de Oliveira, com um moinho de fubá e beneficiadores de arroz e café.[196] Engenhos de beneficiar café também foram inaugurados, no mesmo período, nos distritos de Claudio e na freguesia de Carmo da Mata.[197]

A introdução dos novos maquinários foi acompanhada do crescimento da produção de grãos, sobretudo milho, arroz e café, cujas colheitas dos produtores rurais passaram a sanar as demandas locais, interrompendo a necessidade de importação, gerando, no caso do café, algum excedente para exportação.[198] Em 1906, segundo registros de imprensa, os lavradores de Oliveira colheram cerca de dez mil litros de arroz agulha.[199] Já a exportação de café produzido e beneficiado nos engenhos do município atingiu, em 1909, 150 mil arrobas,[200] sendo quase 75% da safra cafeeira colhida no distrito de Claudio.[201]

Outro ramo industrial que ganhou impulso foi a produção de manteiga. A primeira fábrica de manteiga que se tem notícias começou a ser montada em novembro de 1904, na sede de Oliveira.[202] A partir de então, novas iniciativas foram registradas em diferentes pontos municipais. Em 1906, no distrito de Passa Tempo, o Sr. Capitão Gabriel Augusto de Andrade, "adiantado e inteligente fazendeiro e criador", inaugurou a fábrica Manteiga Mineira.[203] Em 1909, mais duas iniciativas foram registradas, sendo a fábrica Manteiga Japonesa, de propriedade do fazendeiro Sr. Capitão Américo Paulinelli, no distrito de Japão, e a fábrica

195 Engenho de beneficiar café. *Gazeta de Minas*, Oliveira, 26 jan. 1902, p. 1; Engenho de beneficiar café. *Gazeta de Minas*, Oliveira, 9 fev. 1902, p. 1.
196 Engenho Central de Oliveira. *Gazeta de Minas*, Oliveira, 11 jan. 1903, p. 3; Café Moído. *Gazeta de Minas*, Oliveira, 25 jan. 1903, p. 1; Pela Indústria. *Gazeta de Minas*, Oliveira, 14 abr. 1904, p. 1.
197 Cf. respectivamente: Engenho Central. *Gazeta de Minas*, Oliveira, 22 abr. 1903, p. 2; Carmo da Mata. *Gazeta de Minas*, Oliveira, 20 jan. 1907, p. 1.
198 Cf.: Minas Gerais. *Serviço de Inspeção e Defesa Agrícola do Estado de Minas Gerais*. Rio de Janeiro: Tipografia do Serviço de Estatística, 1913, p. 265-268.
199 Arroz agulha. *Gazeta de Minas*, Oliveira, 6 maio 1906, p. 1.
200 Cooperativa Agrícola. *Gazeta de Minas*, Oliveira, 14 mar. 1909, p. 1.
201 Linha de Claudio. *Gazeta de Minas*, Oliveira, 6 fev. 1910, p. 1.
202 Laticínios. *Gazeta de Minas*, Oliveira, 16 nov. 1904, p. 1.
203 Manteiga Mineira. *Gazeta de Minas*, Oliveira, 19 ago. 1906, p. 1.

Manteiga Delícias, de propriedade do industrial Sr. José Robortella, na sede de Oliveira.[204] No ano seguinte, também na sede de Oliveira, "ao fundo da Ladeira dos Frades", outra fábrica de manteiga de propriedade dos Srs. Francisco Robortella & Comp. foi inaugurada.[205]

O rápido desenvolvimento da indústria de manteiga "inspirou", conforme registros de um correspondente da freguesia de Carmo da Mata, "um desejo unânime e contagioso" entre os fazendeiros do município de "melhorar a raça bovina". Nas palavras do correspondente, "vários reprodutores e de sangue puro" fizeram importações de animais do exterior, "dando preferência para a raça leiteira", sendo "raro o curral" onde não era encontrado "pelo menos um animal de raça melhorada".[206] Em março de 1909, por exemplo, chegaram a Oliveira "diversos animais de raça importados dos Estados Unidos, destinados às fazendas dos Srs. Coronel Gabriel A. de Andrade e Majores Américo Leite e José F. Leite".[207] Como resultado das novas indústrias de laticínios e do crescimento e melhoramento do gado leiteiro, a exportação de manteiga do município de Oliveira atingiu, no ano de 1910, a expressiva marca de 300 toneladas.[208]

Além das indústrias de grãos e laticínios, algumas pequenas fábricas de menor expressividade e de diferentes setores produtivos também tiveram iniciativas na primeira década do século XX. Entre 1903 e 1910, foram noticiados na imprensa local a inauguração de uma fábrica de banha de porco, uma fábrica de cerveja e uma fábrica de ferraduras na sede de Oliveira, além de um engenho de cana na freguesia de Carmo da Mata e uma fábrica de biscoitos no distrito de Japão.[209] Somado a isso, a exportação de gado do município, que no final do século XIX havia declinado por razão da diminuição do consumo de carne no Rio de Janeiro, entrou em franca recuperação com um novo aquecimento das feiras que abasteciam os mercados cariocas, crescendo mais de 140% ao longo da década de 1900.[210]

---

204 Cf.: Japão. *Gazeta de Minas*, Oliveira, 8 ago. 1909, p. 1; Manteiga Delícias. *Gazeta de Minas*, Oliveira, 16 maio 1909, p. 1.
205 Fábrica de Manteiga. *Gazeta de Minas*, Oliveira, 6 nov. 1910, p. 1.
206 Indústria Pastoril. *Gazeta de Minas*, Oliveira, 1 jan. 1909, p. 1
207 *Gazeta de Minas*, Oliveira, 28 mar. 1909, p. 2. Nota sem título.
208 Cf.: Minas Gerais. *Serviço de Inspeção e Defesa Agrícola do Estado de Minas Gerais*. Rio de Janeiro: Tipografia do Serviço de Estatística, 1913, p. 265-268.
209 Cf., respectivamente: Indústria Mineira. *Gazeta de Minas*, Oliveira, 31 maio 1903, p. 1; Pela Indústria. *Gazeta de Minas*, Oliveira, 18 fev. 1906, p. 1; Fábrica de Ferraduras. *Gazeta de Minas*, Oliveira, 6 nov. 1910, p. 1; Carmo da Mata. *Gazeta de Minas*, Oliveira, 21 jul. 1907, p. 1; Pela Indústria. *Gazeta de Minas*, Oliveira, 12 maio 1907, p. 1.
210 A exportação de gado do município saltou para 50 mil reses anuais no início da década de 1910. Cf.: Minas Gerais. *Serviço de Inspeção e Defesa Agrícola do Estado de Minas Gerais*. Rio de Janeiro: Tipografia do Serviço de Estatística, 1913, p. 265-268.

Essa recuperação agropecuária proporcionou novas e mais ocupações para a mão de obra local, ampliando, também, por consequência, a atividade comercial da sede de Oliveira. Embora boa parte da mão de obra agrícola, que era seguramente o setor econômico mais dinâmico do município, não necessariamente recebesse salários ou pagamentos em dinheiro por todo o trabalho realizado, pelo menos uma parte desses serviços era remunerado dessa forma, ao menos durante um período do ano, mais usualmente na colheita.[211]

Segundo Ana Lucia Lana, em virtude da abundância de mão de obra, e da entrada de um número relativamente pequeno de imigrantes, ao invés do contrato de trabalho assalariado permanente, duas relações de trabalho livre, com pagamentos em dinheiro, predominaram nas propriedades rurais de Minas Gerais: a "parceria", com trabalhadores fixos residentes nas fazendas recebendo alguma parte dos lucros, e o "assalariamento temporário", com trabalhadores sendo contratados para desenvolver determinados tipos de serviço por alguns meses do ano.[212]

Documentos censitários da época citam médias de salários pagos a certas ocupações agrícolas, conforme demostrado na tabela abaixo, o que reforça a interpretação de que ao menos uma parte do trabalho no campo era remunerada. Tudo isso ampliava potencialmente o mercado consumidor para diversos bens e serviços na sede urbana da cidade, entre os quais o do mercado de diversões. Uma vez que a produção agrícola empregava a maior parte da população, a remuneração do trabalho em dinheiro nesse segmento oportunizava, ao menos em tese, um mercado consumidor maior. Além disso, uma dinâmica econômica mais intensiva gerava impostos para o poder público municipal, o que também ampliava a capacidade de atuação desse setor.

Quadro 2 – Salário médio de algumas profissões na zona rural em 1920.

Profissões	**Salário médio por dia de trabalho**
Arador	4$300

211 Cf.: LIMA, João Heraldo. Café e indústria em Minas Gerais no início do século: algumas observações. *Estudos Econômicos*, São Paulo, v. 8, n. 2, 1978.

212 Ver: LANNA, Ana Lúcia. O café e o trabalho "livre" em Minas Gerais – 1870/1920. *Revista Brasileira de História*, São Paulo, v. 6, n. 12, p. 73-88, mar./ago. 1986. Segundo dados oficiais, o município de Oliveira possuía, em 1920, aproximadamente, 253 estrangeiros, sendo 103 italianos, 73 portugueses, 62 espanhóis, 5 austríacos, 1 alemão, 1 francês e outros 8 de nações não especificadas, provavelmente sírios, dado que havia uma pequena colônia síria na sede municipal. Tais números representam menos de 1% da população de Oliveira, o que reforça a ideia da utilização da mão de obra nacional para os trabalhos nas propriedades rurais das nucleações municipais. Cf.: MINAS GERAIS. Secretaria da Agricultura. Serviço de Estatística Geral. *Anuário estatístico*: ano I (1921), v. II, Belo Horizonte: Imprensa Oficial, 1926, p. 94.

Carpinteiro	6$600
Carreiro	3$500
Carroceiro	3$600
Cortador de cana	2$800
Derribador de mandioca	3$700
Ferreiro	6$500
Lenhador	2$900
Oleiro	4$100
Pedreiro	6$500
Roçador de mato	2$900
Trabalhador de enxada adulto – homem	2$700
Trabalhador de enxada adulto – mulher	1$700
Tirador de leite	2$300
Tropeiro	3$200
Vaqueiro	3$200

Fonte: MINAS GERAIS. Secretaria da Agricultura. Serviço de Estatística Geral. *Anuário estatístico*: ano I (1921), v. III, Belo Horizonte: Imprensa Oficial, 1926, p. 24.

Na esteira das pequenas transformações econômicas que se processavam em Oliveira, novos espaços de comércio urbano logo começaram a ser construídos na sede municipal. A Farmácia Cesar Monteiro (1901), o Hotel Central (1902), o Hotel dos Viajantes (1902), o Atelier Fotográfico Cícero Camões (1903), o Internato de Oliveira (1904), a Farmácia Chagas & Carvalho (1905), o Grande Hotel (1905), o Salão de Barbeiro e Cabelereiro Leandro Barbosa (1906), o Jornal O Oliveirense (1906), a Alfaiataria Alfredo Monteiro de Cruz (1907), a Tinturaria e Chapelaria José Domingos Zegrini (1907), o Instituto Carvalho Brito (1909) e o Gabinete Dentário Dr. Francisco Bernardes (1910) são alguns dos novos estabelecimentos de

comércio urbano, que foram anunciados no jornal *Gazeta de Minas*, na primeira década do século XX.[213]

Foto 3 – Uma das ruas centrais de Oliveira no início da década de 1910.

Fonte: Casa da Cultura de Oliveira.

Diferente da onda de falências que acometeu vários dos estabelecimentos de comércio urbano inaugurados nos últimos anos do século XIX, o novo impulso comercial, favorecido pela superação da crise dos setores agrícola e pastoril, parece ter gerado resultados mais consistentes e duradouros. Em 1907, um cronista teceu comentários sobre um movimento "admirável" e "animador" que tomava forma na sede urbana de Oliveira:

> É admirável o movimento que atualmente se nota em Oliveira. Apraz-me dar esta notícia, pois noto que vamos entrar na vida do movimento, da atividade, saindo da inação a que tem estado condenada esta futurosa terra, por motivos que não se

213 Cf., respectivamente: Farmácia. *Gazeta de Minas*, Oliveira, 1 jun. 1901, p. 1; Hotel Central. *Gazeta de Minas*, Oliveira, 26 out. 1902, p. 1; Hotel dos Viajantes. *Gazeta de Minas*, Oliveira, 26 out. 1902, p. 1; Fotografia. *Gazeta de Minas*, Oliveira, 8 fev. 1903, p. 1; Internato de Oliveira. *Gazeta de Minas*, Oliveira, 6 mar. 1904, p. 1; Farmácia. *Gazeta de Minas*, Oliveira, 10 ago.; 1905, p. 1; Grande Hotel. *Gazeta de Minas*, Oliveira, 19 nov. 1905, p. 1; Salão de Barbeiro. *Gazeta de Minas*, Oliveira, 12 ago. 1906, p.1; O Oliveirense. *Gazeta de Minas*, Oliveira, 18 mar. 1906, p. 1; Alfaiataria. *Gazeta de Minas*, Oliveira, 17 mar. 1907, p. 1; Tinturaria e Chapelaria. *Gazeta de Minas*, Oliveira, 12 maio 1907, p. 1; Instituto Carvalho Brito. *Gazeta de Minas*, Oliveira, 17 jan. 1909, p. 1; Gabinete Dentário. *Gazeta de Minas*, Oliveira, 17 abr. 1910, p. 1.

> explicam quando é certo que Oliveira, pela sua posição, clima e outras condições favoráveis podia ser já hoje uma das mais notáveis cidades mineiras.
> Ainda vamos, porém, a tempo de alcançar o progresso de outras; e não raro ver-se um povo que durante anos ficou estacionado, colocar-se, num momento, ao lado dos mais prósperos e adiantados.
> A questão reduz-se a continuar o movimento animador que ora todos admiramos.[214]

Com o cenário econômico e laboral mais favorável, alguns novos espaços para o comércio de entretenimento receberam investimentos por parte dos empresários locais. Em 1903, o Sr. Contrano Fantini inaugurou uma casa de bilhar associada com uma tabacaria.[215] Em 1907, os Srs. José Vieira & Faleiro Junior inauguraram a "primeira confeitaria e botequim" de Oliveira.[216] Entre março de 1906 e outubro de 1907, o empresário Francisco Miranda, proprietário do Hotel Central, instalou, nas dependências da hospedaria, um "amplo e bem construído boliche", um "espaçoso" bar dotado de um "magnífico Odeon" que tocava todas as noites "um esplêndido repertório de operetas, cantos, canções, cançonetas, etc.", além de um pequeno teatro improvisado – denominado Éden Teatro.[217]

O novo teatro, inaugurado em meados de maio de 1906, logo se apresentou como uma possibilidade de oferta comercial de espetáculos para as companhias itinerantes, ou grupos de amadores locais, que poderiam, a partir desse momento, montar estruturas de palco e comercializar entradas, sem ter que recorrer a salões improvisados. Já na primeira semana de funcionamento, o Eden Teatro recebeu espetáculos de ventriloquia do artista Aristy Wilson.[218] Encerrada a turnê do "notável ventríloquo" que, conforme descrições da imprensa, "agradou extraordinariamente o público de Oliveira", foi a vez da Companhia Luso Brasileira, dirigida pelo "popular artista Sr. Roberto Guimarães, levar ao palco do 'elegante e confortável teatrinho', dramas, comédias e operetas".[219]

Dois meses após a inauguração desse teatro, a Câmara Municipal de Oliveira inaugurou outra instalação teatral: o Teatro Provisório Municipal, com lugar para 120 cadeiras e capacidade para 600 pessoas.[220] A situação, entretanto, não parece ter ampliado as ofertas

---

214 Semana a Semana. *Gazeta de Minas*, Oliveira, 9 jul. 1907, p. 1.
215 Bilhar. *Gazeta de Minas*, Oliveira, 27 set. 1903, p. 1.
216 Confeitaria S. José. *Gazeta de Minas*, Oliveira, 1 dez. 1907, p. 2.
217Cf.: Boliche. *Gazeta de Minas*, Oliveira, 18 mar. 1906, p. 1; AUX BONS AMIS... *Gazeta de Minas*, Oliveira, 15 jul. 1906, p. 1; Odeon. *Gazeta de Minas*, Oliveira, 6 out. 1907, p. 1; Teatro. *Gazeta de Minas*, Oliveira, 27 maio 1906, p. 1.
218 Artista Wilson. *Gazeta de Minas*, Oliveira, 20 maio 1906, p. 1; Teatro. *Gazeta de Minas*, Oliveira, 27 maio 1906, p. 1; Ventríloquo. *Gazeta de Minas*, Oliveira, 3 jun. 1906, p. 1.
219 Teatro. *Gazeta de Minas*, Oliveira, 10 jun. 1906, p. 1; Teatro. *Gazeta de Minas*, Oliveira, 17 jun. 1906, p. 1; Teatro. *Gazeta de Minas*, Oliveira, 24 jun. 1906, p. 1.
220 Teatro Municipal. *Gazeta de Minas*, Oliveira, 1 jul. 1906, p. 1.

comerciais de espetáculos na cidade, cujas apresentações artísticas continuavam, em larga medida, dependentes das visitas esporádicas de companhias itinerantes. Entre 1906 e 1907, dois clubes recreativos, sendo eles o Clube Literário Recreativo de Oliveira e o Clube Teatral Instrução e Recreio, até tentaram promover um calendário mais frequente de peças teatrais.[221] Contudo, ambos os clubes tiveram uma existência efêmera, não permitindo, assim, a consolidação de uma agenda diária ou semanal de espetáculos que favorecesse o funcionamento simultâneo de duas casas de diversões. Considerando análises disponíveis sobre a história do lazer em outros pontos de Minas Gerais nesse período, é razoável supor que a frequência média de visitas de grupos itinerantes ou eventos artísticos de grupos locais acontecesse a cada dois, três ou quatro meses.[222] Em Oliveira, é pouco provável que situações desse tipo pudessem ter sido muito frequentes, em razão da efemeridade dos clubes recreativos e da inconstância das visitas das companhias nômades.

Devido à proeminência arquitetônica do Teatro Provisório Municipal, isto é, um palco maior e capacidade de absorver mais público, quando comparado com o Eden Teatro, grupos artísticos que necessitavam de locação de espaços para a comercialização de entradas passaram a dar preferência à casa de espetáculos edificada pela Câmara Municipal de Oliveira. No caso da turnê artística da Companhia Luso Brasileira, por exemplo, um cronista anônimo de Oliveira elencou, justamente, as dimensões do palco e o tamanho da plateia para justificar a transferência dos espetáculos da companhia supracitada, do Eden Teatro para o Teatro Provisório Municipal.[223] Nesses termos, sem dispor de uma agenda frequente de espetáculos e com as companhias priorizando o teatro da municipalidade, o proprietário do Eden Teatro foi forçado a encerrar as atividades dessa casa de espetáculos.[224] Todavia, o Teatro Provisório Municipal seguiu funcionando, concentrando, dessa forma, toda a oferta comercial de espetáculos de

221 Clube L. R. de Oliveira. *Gazeta de Minas*, Oliveira, 21 jan. 1906, p. 1; Grupo Teatral Instrução e Recreio. *Gazeta de Minas*, Oliveira, 24 mar. 1907, p. 2.

222 Cf.: AMARAL, Daniel Venâncio de Oliveira; DIAS, Cleber. Nos trilhos do lazer: entretenimento urbano e mercado de diversões em Divinópolis, Minas Gerais, 1890-1920. In: *Revista de História Regional*, Ponta Grossa, v. 22, n. 2, p. 237-261, jul./dez. 2017.

223 Teatro. Gazeta de Minas, Oliveira, 10 jun. 1906, p. 1; Teatro Municipal. *Gazeta de Minas*, Oliveira, 1 jul. 1906, p. 1.

224 Em que pese o fechamento do Eden teatro, o proprietário do Hotel Central reservou um pequeno palco nas dependências do Bar, onde esporadicamente passou a receber espetáculos de músicos locais ou de artistas itinerantes que faziam apresentações reservadas para um público menor, a exemplo do concerto promovido pelo violoncelista professor do Instituto Nacional de Música do Rio de Janeiro, Eurico Costa, em fevereiro de 1911; o concerto promovido pelo músico formado pelo Conservatório de Portugal, Abreu de Souza, em outubro de 1913; ou ainda o concerto promovido pelo violinista estudante do Conservatório de Música do Rio de Janeiro, Sr. Antônio de Paula Afonso, em novembro de 1915. Cf.: Hotel Central. *Gazeta de Minas*, Oliveira, 26 fev. 1911, p. 2; Turnê Artística. *Gazeta de Minas*, Oliveira, 26 out. 1913, p. 1; Violinista. *Gazeta de Minas*, Oliveira, 21 nov. 1915, p. 1.

cinematógrafo, ilusionismo, ventriloquia, teatro e outras variedades daí em diante – fossem organizados por grupos itinerantes ou por artistas amadores da cidade. Entre os espetáculos ofertados nesse Teatro Provisório Municipal em 1909, aparecem os da empresa cinematográfica Faleiro & Cia., que visitou Oliveira por duas vezes; os da Companhia de variedades, prestidigitação, magnetismo, ventriloquia e cançonetas, dirigida pelos artistas Clemente Pace e Ferreira Zico; os da companhia dramática de prestidigitação e cançonetas, dirigida pelo artista Luiz Couto Rocha; além de festivais literários e dramáticos organizados em fevereiro e junho por grupos de "distintas moças" de Oliveira, em benefício da Associação do Sagrado Coração de Jesus.[225] Em conjunto, sempre tomando anúncios publicados na imprensa de Oliveira como fonte, tratava-se de algo um pouco mais frequente do que era habitual até ali, mas ainda esporádico e eventual.

Este cenário só veio a ser modificado com a inauguração do primeiro cinema fixo de Oliveira, que representou, de fato, a possibilidade da oferta comercial regular e constante de diversões supostamente sofisticadas e de "bom gosto".[226] O Cinema Oliveirense, iniciativa do empresário Augusto Sabino da Trindade, que atuava no ramo de casas de gêneros, artigos do país e máquinas agrícolas,[227] foi inaugurado com uma "sessão de gala" na véspera do natal de 1909, após o empresário ter feito um contrato de arrendamento do Teatro Provisório Municipal, além de ter comprado fitas diversas e um aparelho de projeção da marca Pathé de uma empresa do Rio de Janeiro.[228] Nos primeiros anos de funcionamento do cinema, Augusto Sabino da Trindade introduziu uma série de melhoramentos ali. Em março de 1910, foi realizada a "reconstrução do teatro", com a introdução de "amplas e confortáveis acomodações". Em abril do mesmo ano, foi montado um café "com bebidas, sorvetes, sanduiches, etc.". Já em fevereiro de 1912, foram implantados, na parte externa do prédio do Teatro Provisório Municipal, um coreto e um pequeno jardim.[229]

---

225 Cf., respectivamente: Cinematógrafo. *Gazeta de Minas*, Oliveira, 8 abr. 1909, p. 2; Teatro Municipal. *Gazeta de Minas*, Oliveira, 8 ago. 1909, p. 1; Teatro Municipal. *Gazeta de Minas*, Oliveira, 13 jun. 1909, p. 1; Teatro. *Gazeta de Minas*, Oliveira, 14 fev. 1909, p. 1; Teatro Municipal. *Gazeta de Minas*, Oliveira, 27 jun. 1909, p. 1.

226 Desde antes, é preciso esclarecer, bares, cafés e salões de bilhar já funcionavam diariamente, às vezes oferecendo, além da comida, bebida e oportunidades para sociabilidades, apresentações musicais e aparelhos de Odeon. Todavia, ainda que elencados na imprensa como integrantes dos anseios de refinamento dos hábitos urbanos, diversões nesses ambientes geralmente não cobravam ingressos, atenuando, assim, seu caráter propriamente comercial.

227 Cf.: Propaganda Agrícola. *Gazeta de Minas*, Oliveira, 8 out. 1911, p. 1.

228 Cf.: Cinema Permanente. *Gazeta de Minas*, Oliveira, 21 nov. 1909, p. 1; Cinema Oliveirense. *Gazeta de Minas*, 19 dez. 1909, p. 1.

229 Para uma síntese das melhorias realizadas por Augusto Sabino Trindade no prédio do Teatro Provisório Municipal, ver: AMARAL, Daniel Venâncio de Oliveira; DIAS, Cleber. Lazer e mercado do entretenimento em uma cidade rural de Minas Gerais. *Revista Locus*, Juiz de Fora, v. 25, n. 1, p. 62-85, 2019.

Logo após a inauguração e subsequentes reformas e melhorias das instalações internas, o Cinema Oliveirense passou a oferecer não apenas filmes, mas também outros gêneros de espetáculos, como fora comum nos primórdios do cinema. Segundo o historiador José Inácio de Melo Souza, a combinação das projeções com outras práticas ou formas de espetáculos que, num primeiro momento, foram determinantes para a sobrevivência do cinema ambulante, manteve com sua tradição mista, isto é, cinema e outros gêneros de diversão, mesmo depois das instalações de salas fixas, disseminadas por todo o território nacional a partir da segunda metade da década de 1900.[230] No caso da cidade de Oliveira, o proprietário do cinema local passou a adotar duas estratégias principais para munir o cinema de sua propriedade com companhias de variedades: ora arrendava o cinema para os ambulantes, ficando com os lucros do aluguel e do bar, ora investia na contratação de artistas com contratos preestabelecidos, o que permitia, além das vendas do bar, acesso aos valores das entradas comercializadas. Entre 1910 e 1920, o Cinema Oliveirense recebeu pelo menos 35 temporadas de espetáculos dos mais variados gêneros artísticos itinerantes.[231]

Em outubro de 1910, por exemplo, a "genial artista lírica, dramática e tragicômica Onelia Menzatri" levou ao palco do cinema variadíssimos números de transformação, o que constituiu, conforme descrições da imprensa, "um espetáculo muito agradável para o publico

230 Para uma discussão a esse respeito, ver: SOUZA, José Inácio de Melo. *Imagens do passado*: São Paulo e Rio de Janeiro nos primórdios do cinema. São Paulo: Editora Senac São Paulo, 2004, p. 191-196.

231 É provável que o número apresentado seja maior, uma vez que não estão indisponíveis para consulta os jornais da *Gazeta de Minas* entre os meses de janeiro e agosto de 1915. Além disso, espetáculos podem ter se realizado sem que notícias ou propagandas fossem publicadas na imprensa local. Ausência de evidência, afinal, não equivale a evidência de ausência. Cf.: Teatro. *Gazeta de Minas*, Oliveira, 30 out. 1910, p. 1; Teatro Municipal. *Gazeta de Minas*, Oliveira, 27 nov. 1910, p. 1; Concerto. *Gazeta de Minas*, Oliveira, 24 dez. 1911, p. 1; Companhia Dramática. *Gazeta de Minas*, Oliveira, 22 set. 1912, p. 1; Cinema Oliveirense. *Gazeta de Minas*, Oliveira, 2 mar. 1913, p. 1; Circo Filadélfia. *Gazeta de Minas*, Oliveira, 6 abr. 1913, p. 2; Tournée Artística. *Gazeta de Minas*, Oliveira, 26 out. 1913, p. 1; Função Bennep. *Gazeta de Minas*, Oliveira, 9 nov. 1913, p. 1; Pepe-Otero. *Gazeta de Minas*, Oliveira, 5 jul. 1914, p. 1; Cinema Oliveirense. *Gazeta de Minas*, Oliveira, 13 set. 1914, p. 1; Companhia Alzira Leão. *Gazeta de Minas*, Oliveira, 10 out. 1915, p. 1; Companhia de Variedades Ferreira Silva. *Gazeta de Minas*, Oliveira, 7 jan. 1916, p. 1; The Olympian Troupe. *Gazeta de Minas*, Oliveira, 8 out. 1916, p. 1; Ilusionista. *Gazeta de Minas*, Oliveira, 8 out. 1916, p. 1; Consuelo Escriche. *Gazeta de Minas*, Oliveira, 8 out. 1916, p. 1; Troupe. *Gazeta de Minas*, Oliveira, 29 out. 1916, p. 1; Professor Clemente Pace. *Gazeta de Minas*, Oliveira, 3 dez. 1916, p. 1; Nilo Durval. *Gazeta de Minas*, Oliveira, 10 dez. 1916, p. 1; O Briguella. *Gazeta de Minas*, Oliveira, 24 dez. 1916, p. 1; Mme. Mejane. *Gazeta de Minas*, Oliveira, 15 abr. 1917, p. 1; Troupe de Variedades, 8 jul. 1917, p. 1; Um Atleta. *Gazeta de Minas*, Oliveira, 9 set. 1917, p. 1; Tournée Ideal. *Gazeta de Minas*, Oliveira, 28 out. 1917, p. 1; Companhia Goytackizis. *Gazeta de Minas*, Oliveira, 16 dez. 1917, p. 1; Olga Lagrange. *Gazeta de Minas*, Oliveira, 23 jun. 1918, p. 1; Dr. Javier. *Gazeta de Minas*, Oliveira, 28 jul. 1918, p. 1; Clube Gramático Arthur Azevedo. *Gazeta de Minas*, Oliveira, 22 set. 1918, p. 1; Companhia N. A. Carlitos. *Gazeta de Minas*, Oliveira, 6 out. 1918; Um Guitarrista virtuose. *Gazeta de Minas*, Oliveira, 12 jan. 1919, p. 1; Diversões. *Gazeta de Minas*, Oliveira, 14 dez. 1919, p. 1; Concerto. *Gazeta de Minas*, Oliveira, 25 abr. 1920, p. 2; Companhia Lírica. *Gazeta de Minas*, Oliveira, 13 jun. 1920, p. 2; Great Michelin. *Gazeta de Minas*, Oliveira, 11 jul. 1920, p. 2; Cinema Oliveirense. *Gazeta de Minas*, Oliveira, 15 ago. 1920, p. 1; Mister Morris. *Gazeta de Minas*, Oliveira, 14 nov. 1920, p. 1; Troupe Lemos. *Gazeta de Minas*, Oliveira, 5 dez. 1920, p. 1.

expectador".[232] Em abril de 1913, o Circo Filadélfia exibiu, no mesmo palco, um "elefante indiano de peso colossal", que se demonstrou "por meneios e difíceis trabalhos", ser um quadrúpede "perfeitamente bem educado".[233] Em julho de 1914, foi a vez do "simpático" dueto Pepe-Otero fazer as "delícias" da plateia de Oliveira, com danças modernas, canções, cançonetas e recitativos.[234] Em outro registro que remonta ao mês de outubro de 1916, o "apreciado" ilusionista Prof. Conde Themistocle "agradou imensamente" o público do cinema, com seus trabalhos de "telepatia, transmissão do pensamento, argolas japonesas e o arriscado estrangulamento indiano".[235] Ainda em outubro de 1916, a Companhia de Variedades Olympian Troupe, dirigida pelo "reputado professor de cultura física e massagem Santiago P. Santier", levou para o palco do cinema um variado repertório de atrações que incluía, entre outras coisas, quadros plásticos morais e instrutivos, contorções, danças modernas, acrobacia, cobra humana e box.[236] Por fim, em junho de 1920, estreou no palco do Cinema Oliveirense a Companhia Lírica Juvenil Cittá di Roma, cujos "jovens artistas", ao longo de toda a turnê na cidade, foram acolhidos pelo público local com "aplausos frenéticos e entusiásticos".[237]

E não foram apenas os espetáculos de artistas itinerantes que estiveram presentes nas dependências da nova casa de diversões. Grupos de amadores locais também foram contratados ou arrendaram o palco do cinema para oferecer ao público da cidade representações teatrais ou números de dança e música. Na década de 1910, pelo menos 15 temporadas de encenações dessa natureza foram anunciadas na imprensa, cuja organização ficou a cargo de clubes dramáticos ou "seletos" grupos de "senhores" e "senhoritas".[238] Pode-se citar que, em dezembro de 1912, um grupo de "distintos amadores" promoveu um festival de teatro dedicado, exclusivamente, a recitas dramáticas.[239] Em maio do ano seguinte, "senhoritas" da "melhor

232 Teatro. *Gazeta de Minas*, Oliveira, 30 out. 1910, p. 1.
233 Circo Filadélfia. *Gazeta de Minas*, Oliveira, 6 abr. 1913, p. 2.
234 Pepe-Otero. *Gazeta de Minas*, Oliveira, 5 jul. 1914, p. 1.
235 Ilusionista. *Gazeta de Minas*, Oliveira, 8 out. 1916, p. 1.
236 The Olympian Troupe. *Gazeta de Minas*, Oliveira, 8 out. 1916, p. 1
237 Companhia Lírica. *Gazeta de Minas*, Oliveira, 13 jun. 1920, p. 2.
238 Cf.: Festival *Gazeta de Minas*, Oliveira, 21 nov. 1910, p. 1; Diversões. *Gazeta de Minas*, Oliveira, 1 dez. 1912, p. 1; Benefícios. *Gazeta de Minas*, Oliveira, 4 maio 1913, p. 1; Teatro Municipal. *Gazeta de Minas*, Oliveira, 26 jul. 1914, p. 1; Festa Humanitária. *Gazeta de Minas*, Oliveira, 23 ago. 1914, p. 1; Clube Dramático. *Gazeta de Minas*, Oliveira, 26 nov. 1916, p. 1; G. D. O. *Gazeta de Minas*, Oliveira, 18 fev. 1917, p. 1; Benefício. *Gazeta de Minas*, Oliveira, 3 jun. 1917, p. 1; S. União Operária. *Gazeta de Minas*, Oliveira, 7 jul. 1918, p. 1; Clube Dramático Carlos Gomes. *Gazeta de Minas*, Oliveira, 12 jan. 1919, p. 3; Notas de arte. *Gazeta de Minas*, Oliveira, 1 jun. 1919, p. 1; Flores de Sombra. *Gazeta de Minas*, Oliveira, 19 out. 1919, p. 1; A première para quinta feira. *Gazeta de Minas*, Oliveira, 9 nov. 1919, p. 2; Festival A. Gomes. *Gazeta de Minas*, Oliveira, 16 maio 1920, p. 2; Festas. *Gazeta de Minas*, Oliveira, 30 maio 1920, p. 2.
239 Diversões. *Gazeta de Minas*, Oliveira, 1 dez. 1912, p. 1.

sociedade de Oliveira" ofereceram espetáculos de comédia, dança portuguesa e cançonetas.[240] Em novembro de 1916, uma "enchente de espectadores", segundo noticiou-se, tomou os assentos do cinema para prestigiar o espetáculo teatral de estreia do Clube Dramático Oliveirense.[241] Já em outubro de 1919, a título de último exemplo, um "improvisado grupo de atores" encenou a comédia "Flores de Sombra", ficando os "*habitues* do cinema", nas palavras de um cronista anônimo, "extasiados com a noite de fino prazer intelectual".[242]

Outro tipo de atração sediada pelo Cinema Oliveirense foram as palestras e conferências cívicas e literárias feitas por intelectuais e jornalistas da capital Belo Horizonte, ou por profissionais liberais da cidade de Oliveira. Cronistas da imprensa, inalteradamente, faziam extensas e elogiosas publicações, esboçando nos comentários o caráter polido e sofisticado desses eventos. Na primeira década que seguiu a inauguração do cinema, pelo menos cinco diferentes palestrantes e conferencistas passaram pelo palco do cinema, quais sejam: o jornalista Cornelio Pires, que abordou, em momentos diferentes, os "costumes nacionais" (1911) e a figura do "caipira" (1917); o professor e jornalista J. Paixão, que falou sobre a "Igreja Católica" (1912); o professor Antônio Pinheiro Campos, que tratou da temática "o amor, a mulher e a poesia" (1917); o engenheiro agrônomo Alberto Jacobina, que proferiu um longo discurso sobre "o dia do martírio de Tiradentes" (1920) e, por fim, o jornalista Pinheiro Brandão, que tomou por tema o assunto "Pela vida e Pela pátria" (1920).[243]

Completando o repertório das outras formas de diversões oferecidas pelo Cinema Oliveirense, no período do carnaval, o empresário Augusto Sabino da Trindade passou a organizar, no espaço do jardim, bailes de mascarados e batalhas de confete, serpentina e lança-perfume.[244] Tal iniciativa buscava tirar proveito comercial das transformações dos festejos, isto é, da completa substituição do "velho" e "incivilizado" entrudo, tal como se dizia na imprensa, pelo "moderno" e "elegante" tríduo veneziano, processo que ocorreu ao longo da década de 1900.[245] O primeiro baile de carnaval promovido pelo Cinema Oliveirense ocorreu no ano de

240 Benefícios. *Gazeta de Minas*, Oliveira, 4 maio 1913, p. 1.
241 Clube Dramático. *Gazeta de Minas*, Oliveira, 26 nov. 1916, p. 1.
242 Flores de Sobra. *Gazeta de Minas*, Oliveira, 19 out. 1919, p. 1.
243 Cf.: Palestra. *Gazeta de Minas*, Oliveira, 18 nov. 1911; Conferência. *Gazeta de Minas*, Oliveira, 29 abr. 1917, p. 1; Conferência literária. *Gazeta de Minas*, Oliveira, 17 mar. 1912, p. 1; Palestra. *Gazeta de Minas*, Oliveira, 25 nov. 1917, p. 1; Comemoração cívica. *Gazeta de Minas*, Oliveira, 25 abr. 1920, p. 1; Conferência. *Gazeta de Minas*, Oliveira, 2 maio 1920, p. 2.
244 Cf., por exemplo: Carnaval de 1913. *Gazeta de Minas*, Oliveira, 9 fev. 1914, p. 1; O Carnaval. *Gazeta de Minas*, Oliveira, 12 mar. 1916, p. 1; Carnaval. *Gazeta de Minas*, Oliveira, 25 fev. 1917, p. 1; Carnaval. *Gazeta de Minas*, Oliveira, 9 mar. 1919, p. 1.
245 Carnaval. *Gazeta de Minas*, Oliveira, 22 fev. 1903, p. 1; Semana a Semana. *Gazeta de Minas*, Oliveira, 14 fev. 1904, p. 1.

1912.[246] A partir de então, o cinema passou a ser ponto certeiro para os três dias de folguedos na sede urbana da cidade:

> Reinou o maior entusiasmo nas três noites nesta casa de diversões.
> A concorrência foi a cunha, travando-se reunidos combates em que as armas eram os lança-perfumes, os confetes e as serpentinas; não havia tréguas, não havia mãos a medir; quanto mais suavam os combatentes, maior, mais vivo era o ardor com que todos, moços e moças, velhos e novos, batalhavam, porém tudo na maior harmonia como costuma acontecer nas festas de Oliveira.
> Notavam-se diversas fantasias, algumas muito bonitas, outras muito elegantes.
> Não fecharemos esta nota, sem a nossa referência elogiosa a uns guitarristas, em trajes característicos, que fizeram as delicias dos nossos ouvidos.[247]

Com uma agenda lúdica mais agitada e que atendia, perfeitamente, a nova estrutura de sentimentos preconizada pelos grupos letrados, o Cinema Oliveirense passou a ser retratado na imprensa como a principal casa de diversões da cidade. E não era sem razão. Conforme foi demonstrado, ali eram oferecidos, mensalmente, festas de mascarados ou palestras e conferências cívicas e literárias ou, ainda, espetáculos de variedades locais e itinerantes. Além disso, e como não poderia deixar de ser, o cinema também exibia títulos de filmes. No início, a periodicidade das exibições de filmes era de ao menos uma vez por semana.[248] Com o tempo, a novidade parece ter impregnado no gosto dos oliveirenses e os recorrentes registros de "casa a cunha" revelam a necessidade do proprietário do cinema de aumentar, gradativamente, o número de sessões. Entre meados de 1910 e meados de 1912, o cinema passou a funcionar, no mínimo, três vezes na semana.[249] Nos meses finais de 1912, conforme se pode depreender das fontes, havia já, à disposição do público, uma sessão cinematográfica todos os dias.[250]

Em setembro de 1915, não obstante, a imprensa de Oliveira noticiou o baixo movimento do cinema, o que teria justificado a diminuição da quantidade e da frequência das sessões:

---

246 Carnaval. *Gazeta de Minas*, Oliveira, 28 fev. 1912, p. 1.
247 Ecos do Carnaval. *Gazeta de Minas*, Oliveira, 1 mar. 1914, p. 1.
248 Cf., por exemplo: Cinema Oliveirense. *Gazeta de Minas*, Oliveira, 16 jan. 1910, p. 1; Cinema Oliveirense. *Gazeta de Minas*, Oliveira, 27 fev. 1910, p. 1; Cinema Oliveirense. *Gazeta de Minas*, Oliveira, 13 mar. 1910, p. 1; Cinema Permanente. *Gazeta de Minas*, Oliveira, 10 abr. 1910, p. 1; Jardim público. *Gazeta de Minas*, Oliveira, 22 maio 1910, p. 1.
249 Cf., por exemplo: Cinema Oliveirense. *Gazeta de Minas*, Oliveira, 26 jun. 1910, p. 1; Cinema Oliveirense. *Gazeta de Minas*, Oliveira, 21 ago. 1910, p. 1; Cinema Oliveirense. *Gazeta de Minas*, Oliveira, 2 out. 1910, p. 1; Cinema Oliveirense. *Gazeta de Minas*, Oliveira, 12 mar. 1911, p. 1; Cinema Oliveirense. *Gazeta de Minas*, Oliveira, 23 abr. 1911, p. 1; Cinema Oliveirense. *Gazeta de Minas*, Oliveira, 31 jul. 1910, p. 1; Cinema Oliveirense. *Gazeta de Minas*, Oliveira, 13 ago. 1910, p. 1; Diversões. *Gazeta de Minas*, Oliveira, 24 set. 1911, p. 1; Cinema Oliveirense. *Gazeta de Minas*, Oliveira, 1 out. 1911, p. 1; Cinema Oliveirense. *Gazeta de Minas*, Oliveira, 3 dez. 1911, p. 1; Cinema Oliveirense. *Gazeta de Minas*, Oliveira, 14 jan. 1912, p. 1; Cinema Oliveirense. *Gazeta de Minas*, Oliveira, 31 mar. 1912, p. 1; Cinema Oliveirense. *Gazeta de Minas*, Oliveira, 19 maio 1912, p. 1; Cinema Oliveirense. *Gazeta de Minas*, Oliveira, 16 jun. 1912, p. 1.
250 Diversões. *Gazeta de Minas*, Oliveira, 17 nov. 1912, p. 1.

"Temos cinema somente aos domingos e dias de guarda. Quem o havia de dizer, depois de anos de funcionamento diário!".[251] Nessa época, em todo o país, depois de um grande desenvolvimento entre 1911 e 1913, houve uma crise comercial do cinema, que só seria plenamente superada por volta de 1920. Circunstâncias econômicas adversas, especialmente a alta do câmbio, associadas a uma diminuição aguda da exportação de filmes europeus, cujos países sofriam os efeitos da Primeira Guerra Mundial, alteraram os modos de funcionamento do mercado de exibição de filmes no Brasil.[252]

A quantidade e a periodicidade das sessões de cinema pareciam depender, antes de tudo e como é presumível, da disposição do público em assistir aos filmes exibidos. Tais disposições poderiam ser condicionadas por um conjunto bastante diverso de fatores, desde limitações financeiras para compra de ingressos, até interesses puros e simples nos filmes que eram exibidos. Parecia existir uma estreita relação entre a disposição do público em ir ao cinema e o volume ou diversidade de filmes exibidos. Quanto maior a oferta de filmes novos, maiores as chances de ter boa adesão do público, interessado, mais que tudo, ao que parece, em assistir novidades. Sempre que os programas passavam a ser repetitivos, a quantidade de público e de sessões tendia a diminuir.[253] O fenômeno não era novo, tampouco restrito aos cinemas. Em 1894, quando o Circo do Sr. Barros prolongou sua estadia em Oliveira mais que o habitual, artigos na imprensa local se apressaram em criticá-lo: "Entendemos que a companhia do Sr. Barros deveria dar por encerrada a série de espetáculos que pretendia exibir nesta cidade. O repertório dos seus artistas está esgotado e não mais satisfaz ao nosso público".[254] Já em 1907, em sentido parecido, com a aquisição por parte do empresário Francisco Miranda de novas peças de operetas e cançonetas para serem exibidas no Oden, pertencente ao bar do Hotel Central, anúncios de imprensa passaram a registrar o retorno da concorrência dos clientes, o que sugere que a falta de peças musicais inéditas havia arrefecido o entusiasmo do público: "Ninguém resiste à tentação de ouvir as novas peças do Odeon, e é de bom gosto".[255] No cinema, do mesmo modo, quando os trens vindos do Rio de Janeiro chegavam em Oliveira sem

---

251 Cf.: Cinema Oliveirense. *Gazeta de Minas*, Oliveira, 10 out. 1915, p. 1; Cinema Oliveirense. *Gazeta de Minas*, Oliveira, 31 out. 1915, p. 1; Cinema Oliveirense. *Gazeta de Minas*, Oliveira, 14 nov. 1915, p. 1.
252 SIMIS, Anita. *Estado e cinema no Brasil*. São Paulo: Editora Unesp, 2015, p. 66-67.
253 Sobre as predileções do público por novidades no cinema de Oliveira, ver: AMARAL, Daniel Venâncio de Oliveira; DIAS, Cleber. Lazer e mercado do entretenimento em uma cidade rural de Minas Gerais. *Revista Locus*, Juiz de Fora, v. 25, n. 1, p. 62-85, 2019.
254 XAVIER, Rosana Daniele. Respeitável público, o circo chegou! Uma análise da apropriação dos espetáculos circenses no Oeste de Minas Gerais (1888-1930). In: AZEVEDO, Lemos Mota de; FERREIRA, José Heleno; PIRES, João Ricardo Ferreira e ANJOS, Carlos Martins Versiani dos (Orgs.). *História e memória do Centro-Oeste Mineiro*: perspectivas. Divinópolis: EdUEMG, 2018, p. 195.
255 O Odeon. *Gazeta de Minas*, Oliveira, 17 nov. 1907, p. 1.

filmes novos, fosse porque os contratos não previam envio mais frequente, fosse por quaisquer outros problemas logísticos, a imprensa da cidade falava então de uma frustração dos interesses comerciais do empresário Augusto Trindade – apenas reforçando o quanto a oferta de novidades era importante para esse ramo de negócios.[256]

Afora o gosto do público por novidades, que já marcava as predileções populares nos entretenimentos e espetáculos desde o século XIX, havia ainda limitações relacionadas ao perfil e ao tamanho do mercado consumidor de Oliveira, com um público potencial relativamente pequeno, dado as próprias dimensões demográficas da cidade. Assim, o cinema precisava ainda sincronizar suas exibições com outros divertimentos da cidade, especialmente os circos itinerantes, a fim de não coincidirem os horários, minimizando, assim, concorrências entre si. Quando havia um circo na cidade, o cinema tendia a antecipar os horários das suas sessões de filmes, aparentemente supondo já que não haveria mercado consumidor suficientemente grande para sustentar simultaneamente duas formas diferentes de lazer e entretenimento. Em agosto de 1912, por exemplo, o empresário do cinema comunicou aos "*habitues*" daquela casa de diversões que, sempre que houvesse noites de espetáculos do Circo Spinelli, as sessões cinematográficas iniciariam "às 7 em ponto, devendo terminar antes das 9", horário no qual o circo se apresentaria.[257] Já em junho de 1917, em sentido idêntico, outro comunicado foi publicado: "Nas noites em que funcionar o Gran Circo Brasil, começará a sessão cinematográfica do cinema logo que apareça a luz elétrica".[258] Além disso, um espectador não necessariamente assistiria um mesmo filme mais de uma vez, o que reforça a importância econômica da oferta frequente de filmes novos.

Nesse contexto, possibilidades de aquisição e exibição frequente de filmes novos era mesmo um fator crucial para o sucesso comercial desse ramo de negócios. Mais do que isso, era necessário um esforço de diversificação do gênero fílmico, que poderia ser constituído de dramas, comédias, romances, filmes nacionais, científicos, pedagógicos, religiosos ou ainda de imagens naturais, o que dependia, sobremaneira, da articulação comercial entre o proprietário do cinema e os fornecedores. Não sem razão, portanto, em 1916, a imprensa de Oliveira noticiou, com certo entusiasmo, contratos firmados entre Augusto Trindade e o Cinema Parisiense do Rio de Janeiro, além de contratos com a firma Faleiros de São João del-Rei, o Cinema Barbacenense da capital carioca e o Coronel Gomes Nogueira, apresentado como "o

256 A Tela, a Cena e o Circo. *Gazeta de Minas*, Oliveira, 14 jan. 1916, p. 1.
257 Diversões. *Gazeta de Minas*, Oliveira, 4 ago. 1912, p. 1.
258 Cinema Oliveirense. *Gazeta de Minas*, Oliveira, 10 jun. 1917, p. 1.

primeiro empresário de cinemas no Estado de Minas Gerais".[259] Conforme registrou um cronista anônimo do jornal *Gazeta de Minas*: "que isto quer dizer, que teremos agora frequentes exibições de magníficas películas". De fato, depois disso, com as novas remessas de fitas, o público parece ter voltado ao cinema da cidade, animando, então, exibições mais frequentes. Já em junho daquele ano, as sessões do cinema voltaram a ser diárias. No mês seguinte, apenas reforçando as relações entre a exibição de novidades e a disposição do público em pagar por ingressos, seriam já duas sessões noturnas diárias, todos os dias da semana.[260] "Tem ultimamente tido bastante concorrência o Cinema Oliveirense devido às excelentes fitas que ali tem sido passadas na tela. Realmente vale a pena assistir agora uma sessão do cinema".[261]

Buscando ampliar as oportunidades de exploração comercial das diversões da cidade, entre 1913 e 1915, Augusto Sabino da Trindade inaugurou, ainda, dois novos estabelecimentos: o Salão do Ponto e o Café da Oeste, que possuíam, entre outras coisas, bilhares, mesas para jogos de cartas e espaço de choperia.[262] Proprietário de três das principais casas de diversões de Oliveira, Augusto Sabino da Trindade logo passou a ser chamado pela imprensa da cidade como "o Paschoal Segreto oliveirense".[263] Em junho de 1914, um cronista da *Gazeta de Minas,* ao destacar o Salão do Ponto com um dos refúgios da "juventude oliveirense" nos domingos e dias santos, comentou que Augusto Trindade andava "sempre parafusando no modo de proporcionar diversões constantes". Ainda segundo o cronista: "homens assim são indispensáveis no seio da sociedade". [264]

O destaque obtido na imprensa dos estabelecimentos de propriedade do empresário Augusto Sabino da Trindade, especialmente o Cinema Oliveirense, ocorreu no momento em que o município experimentava um alargamento das atividades agropecuárias. Há uma clara coincidência temporal entre os dois fenômenos. Muito provavelmente a circulação de capitais gerados pelos negócios do campo acabou por ampliar as oportunidades comerciais também dos setores urbanos. De certo modo, o lucro dos negócios rurais direta e indiretamente ajudava a financiar uma série de reformas, construções e ações modernizadoras no espaço urbano de

---

259 Cf.: Benefício. *Gazeta de Minas*, Oliveira, 14 maio 1916, p. 1; Cinema Oliveirense. *Gazeta de Minas*, Oliveira, 20 fev. 1916, p. 1; O Cinema. *Gazeta de Minas*, Oliveira, 29 out. 1916, p. 1.
260 Progredimos. *Gazeta de Minas*, Oliveira, 11 jun. 1916, p. 1.
261 Cinema Oliveirense. *Gazeta de Minas*, Oliveira, 20 fev. 1916, p. 1.
262 Cf.: Salão do Ponto. *Gazeta de Minas*, Oliveira, 2 mar. 1913, p. 1; Chops. *Gazeta de Minas*, Oliveira, 12 set. 1915, p. 1.
263 SALÃO DO PONTO. *Gazeta de Minas*, Oliveira, 2 mar. 1913, p. 1. Paschoal Segreto foi empresário de destaque no ramo dos divertimentos no Rio de Janeiro desde os últimos anos do século XIX. Ver: MARTINS, William de Souza Nunes. *Paschoal Segreto*: "ministro das diversões" do Rio de Janeiro (1883 - 1920). Rio de Janeiro: Autografia, 2014.
264 A CIDADE. *Gazeta de Minas*, Oliveira, 28 jun. 1914, p. 1.

Oliveira, incluindo aqueles dedicados à oferta pública ou comercial de lazer para parte da população local.

É difícil encontrar uma causalidade principal para o exponencial crescimento da produção agropecuária do município no decorrer da década de 1910. Muitos fatores podem estar associados a isso. Por certo, a organização de cooperativas agrícolas e pastoris, bem como uma maior racionalização e mecanização das práticas produtivas do campo, tiveram participação decisiva.

No dia 13 de abril de 1909, fundou-se em Oliveira, por inciativa do industrial e fazendeiro Coronel Manoel Antônio Xavier, a primeira Cooperativa Agrícola de Oliveira.[265] No dia seguinte, na freguesia de Carmo da Mata, um grupo de agricultores liderados pelo fazendeiro Olynto Dinis e pelo industrial Coronel Manoel Jorge de Matos (proprietário de uma olaria de telhas, manilhas, tijolos e produtos cerâmicos) fundou outra cooperativa agrícola, quer seja a Cooperativa Distrital de Carmo da Mata, que em outubro de 1909 foi oficialmente registrada com o nome de Cooperativa Agrícola Oeste de Minas.[266] De acordo com o brasilianista John D. Wirth, as cooperativas agrícolas foram encorajadas pelo poder político mineiro, a partir do final da década de 1900, numa tentativa de "melhorar a qualidade da produção e dos métodos de cultivo e diversificação da lavoura". Por meio da organização de cooperativas, os produtores rurais podiam vender seu fabrico diretamente aos consumidores, além de receber empréstimos a juros baixos do Banco de Crédito Real do estado.[267]

No município de Oliveira, as duas iniciativas de cooperação entre fazendeiros, que se unificaram por volta de 1911 (congregando, já nessa época, mais de 70 produtores rurais), concentraram suas atuações em três frentes: primeira, aquisição de maquinários para a lavoura; segunda, instalação de beneficiadores de café e arroz nas imediações das estações ferroviárias de Oliveira, Carmo da Mata e da vizinha cidade de Bom Sucesso; e terceira, construção de um grande galpão, na sede de Oliveira, para estocagem da produção dos fazendeiros. A nova Cooperativa Agrícola, segundo registros de imprensa, intermediou a remessa de safras beneficiadas de café e cereais dos produtores oliveirenses para os "mercados do Rio de Janeiro" ou mesmo "da Europa", até pelo menos os meses finais de 1918, quando os sócios decidiriam

265 Cooperativa Agrícola. *Gazeta de Minas*, Oliveira, 8 abr. 1909, p. 1.
266 Cooperativa Agrícola. *Gazeta de Minas*, Oliveira, 8 abr. 1909, p. 1; Carmo da Mata. *Gazeta de Minas*, Oliveira, 24 out. 1909, p. 1.
267 WIRTH, John D. *O fiel da balança*: Minas Gerais na federação brasileira, 1889-1937. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982, p. 86-87.

interromper suas atividades institucionais, colocando em liquidação o galpão de estocagem e as máquinas de beneficiamento.[268]

Na esteira da iniciativa de cooperação dos agricultores, um grupo de criadores e invernistas do município de Oliveira e de outros municípios adjacentes se reuniu, em junho de 1912, na freguesia de Carmo da Mata, para tratar da organização de uma cooperativa de boiadeiros. O interesse principal dos pecuaristas era "vender o gado dos associados diretamente aos açougueiros dos mercados consumidores", sem a intervenção de "marchantes", que adquiriam os estoques mineiros nos centros de pastagem de inverno ou feiras do sul e depois revendiam com comissões lucrativas (por volta de 25%) nos grandes mercados urbanos.[269] A ideia só veio a se concretizar em março de 1914, quando foi oficialmente fundada a Cooperativa Pastoril Oeste de Minas, constituída de 37 sócios, uma agência na capital federal e um escritório instalado na Rua Direita, da cidade de Oliveira.[270]

Nos jornais cotejados não foi possível encontrar informações acerca da movimentação de gado, dos ganhos financeiros ou mesmo do tempo de funcionamento da cooperação dos boiadeiros. Especula-se, porém, que a Cooperativa Pastoril Oeste de Minas tenha atuado no comércio de gado dos associados até pelo menos o início do ano de 1916. Foi a partir deste momento que os esforços dos criadores e invernistas do município, sejam eles cooperados ou não, auxiliados, sobremaneira, pelo fundador da Cooperativa Agrícola de Oliveira e na época presidente da Câmara de Vereadores, Manoel Antônio Xavier, voltaram-se para a instalação de indústrias de charque nas imediações das estações ferroviárias de Oliveira e Carmo da Mata.[271] Pelo que sugerem as fontes, os produtores oliveirenses esperavam, com as charqueadas, agregar valor na parte final da produção, ou seja, no abate e beneficiamento da carne, rompendo com a dependência da venda do gado vivo para os frigoríficos do Rio de Janeiro ou de São Paulo, sendo este último inserido no comércio de gado do Oeste mineiro por volta de 1910, após a

---

268 Nos registros jornalísticos não foi possível encontrar notícias do volume de produção e exportação dos membros da nova Cooperativa Agrícola de Oliveira, nem os motivos que levaram a sua dissolução. Cf.: Cooperativa Agrícola de Oliveira. *Gazeta de Minas*, Oliveira, 14 nov. 1909, p. 1; Cooperativa Agrícola Oeste de Minas. *Gazeta de Minas*, Oliveira, 5 dez. 1909, p. 1; Cooperativas. *Gazeta de Minas*, Oliveira, 23 jul. 1911, p. 1; Um apelo aos invernistas mineiros. *Gazeta de Minas*, Oliveira, 25 out. 1914, p. 1; Cooperativa Agrícola de Oliveira. *Gazeta de Minas*, Oliveira, 11 ago. 1918, p. 3.

269 Para uma síntese da atuação dos marchantes do Rio de Janeiro e São Paulo no comércio de carne de vaca em Minas Gerais, ver: WIRTH, John D. *O fiel da balança*: Minas Gerais na federação brasileira, 1889-1937. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982, p. 90-93. Sobre a reunião em Carmo da Mata dos invernistas e criadores do Oeste mineiro, ver: Cooperativa de Invernistas. *Gazeta de Minas*, Oliveira, 16 jun. 1912, p. 1.

270 Nova Cooperativa. *Gazeta de Minas*, Oliveira, 8 mar. 1914, p. 1; Cooperativa Pastoril. *Gazeta de Minas*, Oliveira, 22 mar. 1914, p. 1.

271 Cf.: Charqueada. *Gazeta de Minas*, Oliveira, 27 fev. 1916, p. 1; Charqueada em Carmo da Mata. *Gazeta de Minas*, Oliveira, 2 abr. 1916, p. 1.

fundação de uma companhia frigorífica e pastoril na cidade de Barretos.[272] O resultado desse novo interesse dos boiadeiros da principal zona de criação de gado do estado parece ter sido bastante satisfatório para o setor pecuarista. Em 1920, Oliveira já era o município com maior número de indústrias de charque, abatendo gado em todo território de Minas Gerais, com uma exportação 164% maior que Campo Belo, município que ocupava a segunda posição em números de charqueadas em atividade no estado naquele momento.[273]

Sincronicamente à fundação das primeiras cooperativas agrícolas e pastoris, em janeiro de 1910 foi expedida, pelo poder público estadual, uma carta autorizando o funcionamento de uma escola de ensino agrícola na Fazenda da Bela Vista, no distrito de Japão. A propriedade pertencia ao Capitão João J. Rabelo Costa, "probidoso e conceito vereador" eleito por aquela localidade.[274] A iniciativa não consistia em novidade para os agricultores do município. Em novembro de 1896, a cidade de Oliveira já havia recebido do governo do estado uma Escola Prática de Agricultura, na Fazenda do Bom Retiro.[275] Segundo Irlen Antônio e Daniela Pereira, a organização do ensino agrícola, oferecido em escolas edificadas em propriedades rurais, foi resultado de uma política pública brasileira preocupada em "modernizar a produção agrícola pela via da institucionalização do saber do ofício no trato das questões do campo".[276] Sobre o que levou o afloramento dessas preocupações com a formação técnica do trabalhador rural, a pesquisadora da educação Marli Cimino, na tese de doutorado *Iluminar a terra pela inteligência*, tece as seguintes considerações:

> O Cenário pós-escravatura com as fazendas carentes de mão de obra qualificada para um uso mais produtivo da terra assinalava um horizonte sombrio de subexploração

272 Cf.: WIRTH, John D. *O fiel da balança*: Minas Gerais na federação brasileira, 1889-1937. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982, p. 91. Sobre o envio do gado mineiro para ser abatido nos estabelecimentos frigoríficos dos estados do Rio de Janeiro e São Paulo, ver: SAES, Alexandre Macchione; ROSA, Elton Rodrigo. Mercado pontual: atuação estadual na formação da feira de gado de Três Corações (1900-1920). *Estudos Econômicos*, São Paulo, vol. 43, n.4, p.745-772, out./dez. 2013.

273 Os municípios mineiros com seus respectivos estabelecimentos de charque no ano de 1920 eram: Araguary, com uma indústria, Barbacena, com uma indústria, Campos Gerais, com uma indústria, Curvelo, com uma indústria, Lavras, com uma indústria, Patrocínio, com uma indústria, Campo Belo, com duas indústrias e Oliveira, com três indústrias. Já no tocante a produção de xarque no estado, os principais municípios exportadores eram: Oliveira, com 4.119.000 kg, Campo Belo, com 1.560.000 kg, Curvelo, com 1.260.000 kg, Formiga, com 1.100.000 kg, Lavras, com 587.322 kg, Araguary, com 402.890 kg, Bambuí, com 300.000 kg, Patos, com 102.000 kg e São João del.Rei, com 100.000 kg. Cf.: MINAS GERAIS. Secretaria da Agricultura. Serviço de Estatística Geral. *Anuário estatístico*: ano I (1921), v. III, Belo Horizonte: Imprensa Oficial, 1926, p. 266, 710-802.

274 Fazenda Agrícola. *Gazeta de Minas*, Oliveira, 23 jan. 1910, p. 1.

275 Cf.: Escola Prática de Agricultura. *Gazeta de Oliveira*, Oliveira, 13 dez. 1896, p. 1.

276 Para uma síntese da criação de estabelecimentos de ensino agrícola em propriedades rurais de Minas Gerais na passagem do século XIX para o XX, ver: GOLÇALVEZ, Irlen Antônio; VERSIEUX, Daniela Pereira. Escrevendo por sobre terra: as fazendas-modelo em Minas Gerais (1906-1915). *Revista História da Educação*, Porto Alegre, v. 19 n. 46, p. 201-222, maio/ago. 2015.

> das possibilidades das riquezas naturais em eventual carência de alimentos, despertando nos políticos o interesse pela formação profissional na área agrícola. [...] Para tal, era necessário um comprometimento e maior investimento dos órgãos públicos nas instituições de aprendizagem profissional e agrícola, tornando-as cada vez mais afinadas com as novas tecnologias de acordo com as demandas econômicas e sociais do país, sintonizadas com as mudanças que se pretendiam por em curso.[277]

Embora todas as escolas de ensino agrícola fundadas em fazendas mineiras no final do século XIX tenham tido existência efêmera (cerca de um ano de duração 1896-1897), abriu-se, a partir delas, caminho para uma crescente institucionalização de estabelecimentos de ensino público, voltados para a formação do trabalhador do campo em seu *locus* produtivo, quer seja, a fazenda.[278] Entre 1906 e 1907, o poder público estadual iniciou um novo esforço de dotar as diferente regiões mineiras de estabelecimentos agrícolas desse tipo, autorizando, às expensas do estado ou na forma de subvenção de municípios ou fazendeiros particulares, a criação de "fazendas-modelo agrícola-pastoris", onde seriam ministrados cursos práticos para formar chefes de agricultura, administradores de propriedades rurais e instruir os filhos dos agricultores nos modernos processos de cultura e nas práticas referentes à zootecnia, veterinária e indústrias rurais.[279] A Escola Agrícola da Fazenda Subvencionada da Bela Vista, na zona rural do distrito de Japão, é resultado desse novo impulso, dispondo, segundo registros da época, de mais de cinco alqueires de terrenos planos para o uso experimental de "semeadores, arados, destorroadores, grades, capinadores, engenhos de beneficiar café e arroz e máquinas de preparar polvilho". Em julho de 1910, isto é, seis meses após sua autorização de funcionamento, o centro de aprendizagem prático do Japão já contava com 30 alunos que recebiam instruções técnicas para o manejo desses diferentes maquinários agrícolas.[280]

No primeiro mês do ano de 1917, um novo estabelecimento de ensino agrícola foi inaugurado no município de Oliveira. Tratava-se do Instituto Moderno, de iniciativa do professor e jornalista português Pinto Machado, que adquiriu um "vasto prédio com boas

---

277 CIMINO, Marli de Souza Saraiva. *Iluminar a terra pela inteligência*: trajetória do aprendizado agrícola de Barbacena, MG (1910-1933). Tese (Doutorado em Educação) – Universidade do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2013, p. 32.

278 Cf.: GOLÇALVEZ, Irlen Antônio; VERSIEUX, Daniela Pereira. Escrevendo por sobre terra: as fazendas-modelo em Minas Gerais (1906-1915). *Revista História da Educação*, Porto Alegre, v. 19 n. 46, p. 201-222, maio/ago. 2015.

279 Para uma análise do papel das "fazendas-modelo" no ensino agrícola e pastoril em Minas Gerais, ver: VERSIEUX, Daniela Pereira; GOLÇALVEZ, Irlen Antônio. A criação das fazendas-modelo em Minas Gerais: uma política pública para a educação profissional agrícola na Primeira República (1906-1914). *Revista de História Regional*, Ponta Grossa, vol. 18, n. 1, p. 125-151, jan./jun. 2013.

280 Ensino Agrícola. *Gazeta de Minas*, Oliveira, 17 jul. 1910, p. 1. Em razão da indisponibilidade de fontes, não foi possível discorrer uma narrativa mais detalhada da trajetória histórica da Escola Agrícola da Fazenda Subvencionada da Bela Vista.

acomodações" na parte central da cidade, com o intuito de oferecer cursos de instrução primaria, secundária e comercial, este último voltado exclusivamente para agronomia teórica e prática.[281] A direção do "Curso Comercial Agrícola" ficou a cargo do engenheiro agrônomo, recém-formado pela Escola de Agricultura de Pinheiros, no estado do Rio de Janeiro, José Augusto Trindade, que passou a cuidar da contratação de professores e aquisição de um terreno nas imediações do instituto, dotando-o com maquinários próprios para o ensino agrícola prático.[282] Segundo um resumo dos estatutos do Instituto Moderno, publicado na *Gazeta de Minas*, o objetivo do aprendizado de agricultura naquele estabelecimento era, por um lado, preencher uma lacuna provocada pelo encerramento, em 1914, das atividades da Escola Agrícola da Fazenda Subvencionada da Bela Vista, em razão da suspensão das subvenções públicas em todas as propriedades rurais de Minas Gerais,[283] e, por outro, dar continuidade às instruções técnicas do trabalho no campo para que os agricultores pudessem produzir mais, melhor e com menos custos, abraçando os métodos que favoreciam uma racionalização dos processos de cultivar a terra:

> A agricultura é a base da nossa riqueza, quando a ele presidem a teoria e a prática, substituímos os antigos processos de cultivar a terra pelos modernos processos adotados nos países mais adiantados.
> O Brasil precisa de agricultores instruídos, para saberem aproveitar devidamente as terras, tirando delas o mais que possam dar, sem as cansarem nem as inutilizarem, evitando assim a devastação das florestas que tantos bens nos prestam.[284]

É possível especular que as atuações das cooperativas do setor agropecuário e das escolas de ensino agrícola tiveram participação decisiva nos processos de dinamização, diversificação e mecanização dos trabalhos no campo, seja, por exemplo, auxiliando os produtores rurais na aquisição de maquinários, fomentando a plantação de novas culturas por

---

281 Instituto Moderno. *Gazeta de Minas*, Oliveira, 7 jan. 1917, p. 1.
282 Pela Instrução. *Gazeta de Minas*, Oliveira, 10 dez. 1916, p. 1. José Augusto Trindade seguiu na direção do ensino agrícola do Instituto Moderno até o mês de julho de 1917. Nesta data, o engenheiro agrônomo recebeu do Ministério da Agricultura a incumbência de ocupar o cargo de Chefe de Cultura do Serviço de Agricultura Prática, sendo necessário partir para os estados da Paraíba e Rio Grande do Norte, onde atuou no combate da lagarta rosada. Para uma descrição da trajetória profissional do engenheiro agrônomo José Augusto Trindade, ver: TRINDADE, Marcos Augusto. *A agronomia do essencial*: vida, obra e ensinamentos do Agrônomo José Augusto Trindade, precursor da ecologia no nordeste. Paraíba: Editora UNJPÊ, 2005.
283 O fim das subvenções públicas em escolas agrícolas instaladas em fazendas particulares do território mineiro, foram ocasionadas por já estar, segundo noticiou um cronista da *Gazeta*, "divulgada à utilidade das máquinas agrícolas entre os trabalhadores rurais mineiros". Cf.: *Gazeta de Minas*, Oliveira, 3 maio 1914, p. 2. Nota sem título.
284 Instituto Moderno. *Gazeta de Minas*, Oliveira, 17 dez. 1916, p. 1. Não foi possível encontrar informações sobre o número de alunos matriculados, as disciplinas ministradas, o corpo de professores, ou ainda o tempo de funcionamento do curso comercial agrícola. Na imprensa de Oliveira eram escassas as notícias do cotidiano dos colégios particulares.

meio da distribuição de sementes, ou, ainda, instruindo os trabalhadores rurais no manejo de novas tecnologias. Não sem razão, em setembro 1913, um cronista anônimo da *Gazeta de Minas* publicou uma nota dizendo que estavam sendo introduzidos no município "os modernos processos de cultura", sendo já avultado, conforme noticiou-se, o número de fazendeiros que possuíam "arado, capinadeiras, grades de disco, semeadeiras, etc.".[285] Segundo fontes oficiais, em 1920, as propriedades rurais do município já contavam com 225 arados, 11 grades de disco, 7 semeadeiras, além de 107 máquinas para o fabrico de açúcar e 194 máquinas para a moagem de cereais.[286]

Essa automatização das práticas produtivas do campo foi estendida para o setor industrial urbano, que se beneficiava da maior eficiência e diversificação das culturas rurais, ao mesmo tempo em que estimulava o aumento da produção e a introdução de novos gêneros agrícolas. Parece haver uma relação intrínseca entre esses dois setores, uma espécie de via de mão dupla, em que um dos ramos comerciais tendia a acompanhar o outro no processo de dinamização das atividades campestres, convergindo para uma inovação tecnológica nos sistemas de fabrico. No início da década de 1900, esse processo já era perceptível com a inauguração dos primeiros engenhos de beneficiar arroz, milho e café que foram acompanhados do crescimento da produção desses grãos. No final da década de 1910, não por acaso, as plantações das principais culturas comercializadas por produtores do município (café, milho, cascas para curtume, arroz, cana-de-açúcar e mandioca) foram acompanhadas da inauguração de novos beneficiadores de café, arroz e milho e engenhos de açúcar, além das primeiras fábricas de polvilho, curtume e torrefadores de café.[287]

Outro gênero agrícola que ganhou importância entre os produtos de exportação foi o algodão, que recebeu forte incremento com a inauguração da primeira fábrica de fiação e tecelagem do município, inaugurada em agosto de 1913 no centro da cidade de Oliveira.[288] Segundo registros de jornais, após a instalação da nova indústria de tecidos, seu diretor, o Major Nascimento Teixeira, não apenas distribuiu gratuitamente para os agricultores do município "sementes selecionadas do algodoeiro", como também reservou, "por sua conta",

---

285 Município de Oliveira. *Gazeta de Minas*, Oliveira, 28 set. 1913, p. 1.
286 MINAS GERAIS. Secretaria da Agricultura. Serviço de Estatística Geral. *Anuário estatístico*: ano I (1921), v. III, Belo Horizonte: Imprensa Oficial, 1926, p. 222,235.
287 Cf.: Fábrica de Curtumes. *Gazeta de Minas*, Oliveira, 14 maio 1914, p. 1; A cidade. *Gazeta de Minas*, Oliveira, 26 jul. 1914; Engenho de arroz. *Gazeta de Minas*, Oliveira, 7 nov. 1915, p. 1; Cooperativa Agrícola de Oliveira. *Gazeta de Minas*, Oliveira, 25 dez. 1915, p. 1; Carmo da Mata progride. *Gazeta de Minas*, Oliveira, 26 maio 1917, p. 1; Oliveira Industrial. *Gazeta de Minas*, Oliveira, 18 abr. 1920, p. 1.
288 *Gazeta de Minas*, Oliveira, 17 ago. 1913, p. 1. Nota sem título.

aproximadamente "cem hectares" de terra para o cultivo do algodão, na Fazenda da Boa Vista, na zona rural de Oliveira.[289] No ano de 1919, todos os gêneros agrícolas de exportação, que já vinham desde o início da década de 1900 recebendo algum tipo de maquinário para beneficiamento, já ocupavam 7.210 dos 8.096 alqueires de plantações existentes nas povoações do município.[290]

No ramo pecuário, é possível observar as mesmas confluências do campo e das indústrias urbanas nos processos de automatização e alavancamento dos gêneros de exportação. O crescimento do rebanho bovino, por exemplo, foi acompanhado de indústrias de charque que mecanizava o processo de abate e beneficiamento da carne do gado de corte. Em sentido idêntico, a expansão das áreas de pasto para o gado leiteiro, assim como a instalação de diversas indústrias de manteiga ao longo da década de 1900,[291] foram acompanhadas da instalação de duas fábricas de latas para manteiga na sede urbana de Oliveira, ambas inauguradas em maio de 1914.[292] Segundo o anúncio de uma dessas fábricas, os novos empreendimentos permitiam que os fazendeiros litografassem externamente os nomes dos fabricantes ou das marcas das fábricas, distinguindo seus produtos genuínos dos que estavam sendo lançados por "produtores pouco escrupulosos", tornando o produto mais acreditado e, portanto, mais fácil de ser vendido no mercado por preços superiores.[293]

Os ramos comerciais de suínos e cavalares que já haviam recebido, ao longo da década de 1900, uma fábrica de banha e de ferraduras, também foram alvos de novas iniciativas industriais, a exemplo de uma fábrica de linguiças, salames, presuntos, toucinho, costelas defumadas e banha e duas novas fábricas de ferraduras e banha, inauguradas na parte urbana de Oliveira, respectivamente nos anos de 1914, 1916 e 1920.[294] Já a criação de "galinhas de raça" adquiriu um "animador desenvolvimento" a partir de 1912, quando o município recebeu a

289 Cf.: Fábrica de Tecidos. *Gazeta de Minas*, Oliveira, 24 ago. 1913, p. 1; Fábrica de Tecidos. *Gazeta de Minas*, Oliveira, 18 out. 1914, p. 1.
290 A distribuição por alqueires das culturas de café, milho, algodão, arroz e mandioca era a seguinte: café, 4.276 alqueires (3.207.050 pés plantados), milho, 2.521 alqueires, algodão, 1.913 alqueires, arroz, 1.885 alqueires, cana-de-açúcar, 407 alqueires e mandioca, 35 alqueires. Cf.: MINAS GERAIS. Secretaria da Agricultura. Serviço de Estatística Geral. *Anuário estatístico*: ano I (1921), v. III, Belo Horizonte: Imprensa Oficial, 1926, p. 137,142,147,157,168,173,178.
291 Segundo registros de imprensa, em 1913, o município de Oliveira contava com uma fábrica de grande porte e outras 30 fábricas de pequeno porte. Cf.: Oliveira. *Gazeta de Minas*, Oliveira, 25 maio 1913, p. 1.
292 Aos fabricantes de manteiga. *Gazeta de Minas*, Oliveira, 3 maio 1914, p. 2; A cidade. *Gazeta de Minas*, Oliveira, 31 maio 1914, p. 1.
293 Aos fabricantes de manteiga. *Gazeta de Minas*, Oliveira, 3 maio 1914, p. 2.
294 Cf.: Salsicharia Alemã. *Gazeta de Minas*, Oliveira, 20 dez. 1914, p. 1; Fábrica de Ferraduras de João Mansur. *Gazeta de Minas*, Oliveira, 3 dez. 1916; Pela Indústria. *Gazeta de Minas*, Oliveira, 17 set. 1920, p. 1.

montagem de algumas incubadoras e criadoras, o que consistiu, nas palavras de um cronista anônimo, "fator essencial" para a instalação das primeiras "avícolas modernas".[295]

Doravante, ainda que os processos de automação dos gêneros de comércio rural tenham favorecido uma ambiência produtiva mais eficiente, apenas isso não explica a nova dinâmica de produção tracejada por fazendeiros e industriais de Oliveira. Era necessário, como é presumível, que as redes de comércio municipal estivessem conectadas a mercados consumidores capazes de absorver todos os estoques despachados no interior de vagões ferroviários.

No período de transição do século XIX para o XX, a sociedade brasileira dinamizou-se enormemente, resultado de um crescimento geral da população combinado com uma política agressiva de incentivo à imigração de estrangeiros. De 14,3 milhões pessoas em 1890, o contingente demográfico do país passou para 30,5 milhões em 1920, crescendo 113% nessas três décadas. A distribuição dessa população entre a cidade e o campo apresentou um salto aproximado de 2,6% em favor do primeiro, e o número de operários em relação ao número de trabalhadores rurais dobrou entre os anos de 1900 e 1920, passando de 6,4%, para 12,8%, acompanhando uma tendência de crescimento da indústria. No censo de 1907, listou-se 3.25 mil fábricas no país. Já no censo oficial de 1920, foram registrados nada menos que 13,3 mil estabelecimentos industriais.[296] Foi na Região Sudeste, em especial nos estados de São Paulo e Rio de Janeiro, onde mais se processou a somatória de crescimento demográfico e concentração urbana, motivada pela expansão cafeeira, principal gênero de exportação do país, e por uma crescente industrialização.[297] Esses dois estados absorveram, sozinhos, cerca de 87% dos mais de três milhões e meio de imigrantes que entraram no Brasil entre os anos de 1890 e 1929, para reforçar a economia do café e substituir a mão de obra escrava pela assalariada, além de se tornarem os principais destinos dos intensos movimentos de migração interna, (sobretudo na região Nordeste que apresentou a maior perda populacional), resultante da desmontagem do sistema escravocrata em várias regiões brasileiras.[298]

---

295 Cf.: Avicultura. *Gazeta de Minas*, Oliveira, 19 maio 1912, p. 1.
296 Cf.: CALDEIRA, Jorge. *História da riqueza no Brasil*: cinco séculos de pessoas, costumes e governos. Rio de Janeiro: Estação Brasil, 2017, p. 512.
297 Segundo fontes oficiais, 42% dos 13.336 estabelecimentos industriais recenseados no Brasil em 1920, estavam instalados nos estados de São Paulo e Rio de Janeiro. Cf.: BRASIL. Ministério da Agricultura, Indústria e Comércio. Volume 4. *Recenseamento do Brasil de 1920*. Rio de Janeiro: Tipografia da Estatística, p. 8.
298 Para uma síntese do desenvolvimento urbano e industrial da região Sudeste na virada para o século XX, ver: MORAES, José Geraldo Vince de. *Cidade e cultura na Primeira República*. São Paulo: Atual, 2001.

Logo, as capitais de São Paulo e Rio de Janeiro firmaram suas posições de cidades mais populosas e com os maiores índices de urbanização e industrialização do país. O Rio de Janeiro, maior centro industrial do Brasil até a final da década de 1900, foi o primeiro núcleo nacional a atingir a marca de mais de um milhão de habitantes. No período que corresponde aos anos de 1890 e 1920, a população fluminense mais que dobrou, passando de 522.651 habitantes para 1.157.873 habitantes. Semelhantemente, a capital paulista viu sua população ser multiplicada por mais de oito vezes nesse intervalo de três décadas, passando de 64.934 habitantes para 579.033 habitantes.[299] Na virada para o século XX, São Paulo deixava de ser um modesto centro urbano para se transformar em cidade polo industrial, reunindo, em 1920, aproximadamente 30% de toda a população operária do Brasil.[300]

Toda essa concentração urbana e industrial nas duas maiores cidades brasileiras acabou desencadeando uma necessidade crescente por gêneros de subsistência para as populações citadinas e matérias-primas para o setor fabril. Essa necessidade se tornou ainda mais sensível com a deflagração da Primeira Guerra Mundial, que provocou uma forte retração das importações de bens de consumo, alimentos, manufaturas e insumos para a indústria. No período de guerra (1914-1918) as importações brasileiras tiveram uma queda de 55,4% em relação ao período de 1911 a 1913. Segundo Villela e Suzigan, a retração da demanda externa ocorreu num momento favorável para a indústria brasileira que, no período anterior à guerra, havia expandido seu potencial produtivo, ampliando, por consequência, suas condições de abastecer um mercado interno consumidor de dimensão significativa.

Nas regiões rurais do Brasil, os conflitos beligerantes estimularam os fazendeiros e lavradores a suprir a escassez de gêneros alimentícios importados, a exemplo de arroz, feijão, batata e milho. Entre 1916 e 1918, o Brasil passou de importador para exportador desses alimentos. Outros gêneros agrícolas e pastoris produzidos no campo, como gado, cana de açúcar e algodão, sofreram pressões da indústria nacional por maior produtividade. Os estabelecimentos fabris do Brasil, além das demandas do mercado interno, passaram a ter que atender à crescente demanda de importações industriais de carnes congeladas, banha, açúcar refinado ou tecidos dos países aliados envolvidos com o conflito bélico. Antes da guerra, o

---

299 Cf.: MORAES, José Geraldo Vince de. *Cidade e cultura na Primeira República*. São Paulo: Atual, 2001, p. 30-40.

300 No ano de 1920, a população operária brasileira era de 279.006 trabalhadores. São Paulo era o estado com maior número de operários, com 85.466, seguido por Rio de Janeiro, com 73.023. Cf: RESENDE, Antônio Paulo. *História do Movimento Operário no Brasil*. São Paulo: Átila, 1986. Sobre o desenvolvimento da indústria paulista na virada para o século XX, ver: DEAN, Warren. *A industrialização de São Paulo (1890-1945)*. Rio de Janeiro: Editora Bertrand Brasil S. A., 1991.

valor da exportação dessas mercadorias era de 2%. Em 1918, ela atingiu 18% do valor total das exportações brasileiras.[301]

Tudo isso teve ressonâncias positivas na cadeia produtiva do município de Oliveira, cujos produtores rurais se viram diante de uma carência dos dois maiores centros urbanos do país, Rio de Janeiro e São Paulo, por gêneros de subsistência para a alimentação de suas populações e insumos agropecuários para serem empregados nas suas indústrias. Fazendeiros e industriais do município parecem ter notado essa carência e toda uma estrutura mecanizada de produção foi sendo organizada para suprir essas demandas. Em 1914, um cronista anônimo da *Gazeta de Minas* já fazia previsões das possibilidades de ganhos financeiros com a deflagração da guerra na Europa, no sentido de tentar convencer os produtores rurais do município da necessidade de ampliar suas lavouras para abastecer os mercados nacionais e internacionais:

> Os senhores fazendeiros e lavradores precisam desenvolver a maior energia e máxima atividade na atual sementeira, plantando muito, para colherem gêneros que abastecem não só os nossos mercados, mas ainda os do estrangeiro.
> Chegou o momento em que o cultivador pode e deve aproveitar bem o seu terreno, na certeza matemática de serem devidamente compensados todos os seus esforços.
> As nossas terras são ótimas; produzem tudo quando assim queiramos; rendem extraordinariamente, desde que dediquemos ao cultivo um pouco de cuidado, mesmo alguns sacrifícios, pois nada vem sem trabalho: portanto votemo-nos com coragem á lavoura que será seguramente a salvação do Brasil, indo nós com o muito que nos sobrar para o nosso consumo, suavizar os males a que estão sendo arrastadas aquelas nações que se degladiam em combates temerosos, num encarniçamento feroz e estúpido em que avultam rivalidades de longe amadurecidas.
> Estamos na época das plantações: previdente será o fazendeiro, previdente será o lavrador que cultive grandes porções de terreno, que plante muito milho, muito feijão, muito arroz, etc., porque este terá o prazer de ver abundância em roda de si, venderá tudo muito bem e tirará lucros com que nunca contava e que lhe causarão admiração e espanto.[302]

As previsões do cronista se concretizaram, e os agricultores e industriais de todas as nucleações municipais de Oliveira adequaram tecnologicamente seus empreendimentos para suprir as demandas por alimentos e bens industriais do mercado interno e das nações beligerantes. De fato, "admiração e espanto", conforme previa o cronista, nortearam uma nova fase do setor agropecuário oliveirense que, até a década de 1910, limitava seu potencial de exportação em três produtos: manteiga, gado vivo e algum café. No ano de 1920, segundo dados da Secretaria de Agricultura de Minas Gerais, já havia no município de Oliveira,

---

301 Cf.: VILLELA, Anibal Villanova; SUZIGAN, Wilson. *Política do governo e crescimento da economia brasileira*. Brasília: IPEA, 2001.
302 Aos fazendeiros e lavradores. *Gazeta de Minas*, Oliveira, 13 set. 1914, p. 1.

aproximadamente, 1.892 estabelecimentos rurais agrícolas e de laticínios[303] e um rebanho de mais de 100 mil cabeças de gado e aves (diante de uma população de quase 35 mil habitantes).[304] Neste mesmo ano, a exportação de Oliveira alcançou a marca de 4.149 toneladas de charque, 1.800 toneladas de café, 750 toneladas de milho, 200 toneladas de cascas para curtumes, 175 toneladas de polvilho, 120 toneladas de arroz, 40 toneladas de manteiga, 20 toneladas de fumo, 15 toneladas de toucinho, três toneladas de feijão, além de 1.500 quilômetros de tecidos e 4.000 dúzias de ferraduras. Soma-se a essa exportação uma pequena produção, a exemplo de açúcar, aguardente, queijo, mandioca, batata, madeira, mel e cera, sem volume especificado e destinada exclusivamente para o abastecimento local ou de municípios adjacentes.[305] Os números acima são ainda mais expressivos e surpreendentes, quando nos damos conta que, neste período, os distritos de Claudio, Passa Tempo e Santo Antônio do Amparo já não mais pertenciam ao município: os dois primeiros conquistaram suas emancipações políticas em 1911 e o último foi anexado, em 1891, à jurisdição do município de Bom Sucesso.[306]

Essa atividade comercial, quase inteiramente ligada a setores agropecuários, foi acompanhada, ou talvez mesmo permitida, por um considerável crescimento populacional no município. Na cidade de Oliveira, entre os anos de 1890 e 1920, a população saltou de aproximadamente 4.000 pessoas para 11.876. No distrito de Carmo da Mata, de 2.250 para 6.974. No distrito de Japão, de 3.750 para 7.455. No distrito de Santana do Jacaré, de 1.161,

303 Os números dos principais estabelecimentos agrícolas com suas respectivas culturas eram: milho, 373 estabelecimentos, feijão, 373 estabelecimentos, arroz, 225 estabelecimentos, laticínios, 197 estabelecimentos, café, 195 estabelecimentos, cana de açúcar e açúcar, 107 estabelecimentos, fumo, 95 estabelecimentos, mandioca e derivados (farinha, polvilho e tapioca), 57 estabelecimentos e algodão, 51 estabelecimentos. É preciso esclarecer que o número total de estabelecimentos recenseados no município pelos agentes da estatística estadual, provavelmente foi superdimensionado, dado que uma propriedade rural poderia estar envolvida com diferentes gêneros agrícolas ou de laticínios, sendo incluída, separadamente, em cada um deles. Cf.: MINAS GERAIS. Secretaria da Agricultura. Serviço de Estatística Geral. *Anuário estatístico*: ano I (1921), v. III, Belo Horizonte: Imprensa Oficial, 1926, p. 137, 142, 147, 157, 203.

304 A distribuição dos rebanhos existentes nas propriedades rurais do município era a seguinte: bovina, 44.189 cabeças, aves, 36.589 cabeças, suína, 14.545 cabeças, equina, 3.436 cabeças, assina e muar, 2.048 cabeças, ovina 961 cabeças e capina, 191 cabeças. Cf.: MINAS GERAIS. Secretaria da Agricultura. Serviço de Estatística Geral. *Anuário estatístico*: ano I (1921), v. III, Belo Horizonte: Imprensa Oficial, 1926, p. 191, 197, 203, 223.

305 Cf.: MINAS GERAIS. Secretaria da Agricultura. Serviço de Estatística Geral. *Anuário estatístico*: ano I (1921), v. III, Belo Horizonte: Imprensa Oficial, 1926, p. 767. Em geral, o transporte de mercadorias dos povoados rurais ou dos distritos que não eram atendidos por trilhos ferroviários, para as estações de embarque de Oliveira ou de Carmo da Mata, era feito "em carros de boi, à razão de 1$000 por arroba". Cf.: Oliveira. *Gazeta de Minas*, Oliveira, 28 set. 1913, p. 1.

306 A freguesia de Carmo da Mata, que no início da década de 1890 pertencia ao distrito de Santo Antônio do Amparo, permaneceu sob a jurisdição oliveirense, sendo elevada, assim como a freguesia de Santana do Jacaré, que era vinculada ao território do distrito de São Francisco de Paula, a condição de distrito de Oliveira. Cf.: COSTA, Joaquim Ribeiro. *Toponímia de Minas Gerais*: com estudo histórico da divisão territorial administrativa. Belo Horizonte: Imprensa Oficial do Estado, 1970, p. 201, 320, 369.

para 2.844. Já no distrito de São Francisco de Paula, os números pouco se alteraram, saltando de 5.449 para 5.642.[307] Esse incremento da população municipal se processou, especialmente, nos povoados rurais.[308] Isso pode ser comprovado com a distribuição dos moradores da sede administrativa do município que, embora reunisse, no final da década de 1910, os serviços públicos e os principais estabelecimentos de comércio e indústrias urbanas, 60% (7.232) dos seus moradores residiam nas áreas rurais.[309] Se na sede e centro urbano do município, onde dispomos de dados demográficos mais completos, a proporção dos moradores rurais era de seis para cada dez, é perfeitamente possível especular que nos distritos essa proporção fosse ainda maior. Basicamente, foi o crescimento da população rural que forneceu a mão de obra necessária para os estabelecimentos agropecuários que movimentavam a economia e a nova dinâmica demográfica do município. Em 1920, dos 10.553 moradores da cidade e dos distritos de Oliveira que declararam suas profissões, 71% (7.551) diziam trabalhar na "exploração do solo", isto é, em outras palavras, plantando, colhendo e ordenhando.[310]

Nesse contexto de crescimento populacional e intensificação das atividades econômicas, comércios e serviços públicos das sedes urbanas das nucleações municipais tiveram que aprimorar suas estruturas para melhor atender as novas demandas. Já em 1916, cronistas da imprensa falavam de ruas e praças "muito movimentadas" no centro de Oliveira, contrastando um cenário que, no final do século de XIX, era descrito por cronistas como "morto", "deserto" e "sorumbático". Conforme registrou um deles: "Não há dúvida que muita gente tem sido atraída para a cidade, e com isso muito lucra o comércio".[311] Empreendimentos urbanos logo se diversificaram e o número de anúncios de casas comerciais, oficinas, colégios ou pequenas fábricas funcionando na sede de Oliveira apresentou um enorme salto, sobretudo, entre os anos de 1914 e 1919, período no qual a imprensa anunciou a inauguração de diversos novos pontos de comércio urbano. Dentre alguns dos novos empreendimentos urbanos, podemos citar: Barbearia Valentim (1914), Padaria Vieira Silva (1914), Alfaiataria Italo Brasileira (1914), Leiteria José Campos (1914), Fábrica de Massas Lobato & C. (1914), Escola Acadêmica

307 Cf.: MINAS GERAIS. Secretaria da Agricultura. Serviço de Estatística Geral. *Anuário estatístico*: ano I (1921), v. II, Belo Horizonte: Imprensa Oficial, 1926, p. 851 e 911.
308 Os povoados rurais que pertenciam ao município de Oliveira no ano de 1920 estão listados na tabela 1.
309 Cf.: MINAS GERAIS. Secretaria da Agricultura. Serviço de Estatística Geral. *Anuário estatístico*: ano I (1921), v. II, Belo Horizonte: Imprensa Oficial, 1926, p. 929.
310 As demais profissões declaradas e o número de trabalhadores recenseados no município foram: 1.541 na indústria, 465 no comércio, 338 no serviço doméstico, 207 de profissão mal definida, 201 de profissões liberais, 166 no transporte, 39 na extração de minerais, 21 que viviam de suas rendas, 13 na administração pública e 11 na administração particular. Cf.: MINAS GERAIS. Secretaria da Agricultura. Serviço de Estatística Geral. *Anuário estatístico*: ano I (1921), v. II, Belo Horizonte: Imprensa Oficial, 1926, p. 444.
311 As festas. *Gazeta de Minas*, Oliveira, 10 set. 1916, p. 1.

(1914), Ateliê Fotográfico Antônio Sousa (1914), Hotel e Restaurante da Estação (1914), Escritório de Plantas de Construções Ribeiro & Miranda (1914), Jornal A Luta (1915), Oficina de Seleiro e Correeiro Reis Lacerda (1915), Alfaiataria Modelo (1915), Alfaiataria Tesoura Brasileira (1915), Alfaiataria Internacional (1916), Açougue Mineiro (1916), Sapataria Aurora (1916), Olaria de Tijolos Isidio Thiago (1916), Gabinete Cirúrgico Dentário Dr. Cícero de Sá Lobato (1916), Instituto Moderno (1916), Oficina de Funileiro Costa & Adolpho (1917), Grande Hotel (1917), Hotel do Comércio (1917), Farmácia e Laboratório Ferreira Carvalho (1917), Salão de Instrumentos Musicais Rio (1917), Clínica Médica Dr. Domingos Ribeiro (1918), Barbearia Sírio Oliveirense (1918), Escritório de Advocacia Arthur Diniz (1918), Oficina de Ferreiro e Latoeiro A. Laranjo (1919), Casa de Armarinho, Calçado e Chapéus Gustavo Martins (1919) e Casa de Gêneros e Artigos do País Chagas & Campos (1919).[312] Em 1920, 79 casas comerciais e depósitos, além de 22 negociantes ambulantes, contribuíram com o Imposto de Indústrias e Profissões – a maioria concentrada na sede do município, posto que a arrecadação ali foi quase o dobro do segundo principal distrito contribuinte (Carmo da Mata).[313] Nessa época, um cronista do jornal *Gazeta de Minas* já podia dizer, sem medo do exagero, que as alfaiatarias, barbearias e casas comerciais das ruas centrais de Oliveira, davam "a impressão das grandes cidades".[314]

Na sede de Oliveira, o número de moradores e imóveis urbanos cresceu substancialmente, superando um quadro que, no final do século XIX, era de perda populacional e rareamento de habitações. No início da década de 1910, cronistas da imprensa já falavam de uma "febre bendita de construções" no centro urbano da cidade, fazendo referências aos novos

---

312 Cf.: A Cidade. *Gazeta de Oliveira*, Oliveira, 17 maio 1914, p. 1; A Cidade. *Gazeta de Oliveira*, Oliveira, 31 maio 1914, p. 1; A Cidade. *Gazeta de Oliveira*, Oliveira, 10 maio 1914; A Cidade. *Gazeta de Oliveira*, Oliveira, 7 jun. 1914, p. 1; Oliveira Progride. *Gazeta de Oliveira*, Oliveira, 18 out. 1914, p. 1; Escola Acadêmica. *Gazeta de Oliveira*, Oliveira, 11 out. 1914, p. 1; Fotógrafos. *Gazeta de Oliveira*, Oliveira, 3 maio 1914, p. 1; Hotel e Restaurante da Estação. *Gazeta de Oliveira*, Oliveira, 3 maio 1914, p. 1; A Cidade. *Gazeta de Oliveira*, Oliveira, 21 jun. 1914, p. 1; A Luta. *Gazeta de Minas*, Oliveira, 5 mar. 1916, p. 1; Seleiro. *Gazeta de Oliveira*, Oliveira, 12 set. 1915, p. 2; Alfaiataria Modelo. *Gazeta de Oliveira*, Oliveira, 14 nov. 1915, p. 1; Tesoura Brasileira. *Gazeta de Oliveira*, Oliveira, 28 nov. 1915, p. 1; Alfaiataria Internacional. *Gazeta de Oliveira*, Oliveira, 13 ago. 1916, p. 1; Açougue Mineiro. *Gazeta de Oliveira*, Oliveira, 17 jul. 1916, p. 1; Sapataria Aurora. *Gazeta de Oliveira*, Oliveira, 1 out. 1916, p. 1; Olaria. *Gazeta de Oliveira*, Oliveira, 30 jul. 1916, p. 1; Odontologia. *Gazeta de Oliveira*, Oliveira, 23 jul. 1916, p. 1; Instituto Moderno. *Gazeta de Oliveira*, Oliveira, 17 dez. 1916, p. 1; Oficina de Funileiro. *Gazeta de Oliveira*, Oliveira, 22 jul. 1917, p. 1; Grande Hotel. *Gazeta de Oliveira*, Oliveira, 11 nov. 1917, p. 1; Hotel do Comércio. *Gazeta de Oliveira*, Oliveira, 7 out. 1917, p. 2; Farmácia Carvalho. *Gazeta de Oliveira*, Oliveira, 30 dez. 1917, p. 1; Salão do Rio. *Gazeta de Oliveira*, Oliveira, 27 maio 1917, p. 3; Dr. Domingos Ribeiro. *Gazeta de Oliveira*, Oliveira, 21 abr. 1918, p. 4; Barbearia Sírio Oliveirense. *Gazeta de Oliveira*, Oliveira, 14 jul. 1918, p. 1; Arthur Diniz. *Gazeta de Oliveira*, Oliveira, 28 set. 1918, p. 5; Oficina de Ferreiro e Latoeiro A. Laranjo. *Gazeta de Oliveira*, Oliveira, 28 set. 1919, p. 2; Comércio local. *Gazeta de Oliveira*, Oliveira, 2 fev. 1919, p. 1.

313 Câmara Municipal de Oliveira. *Gazeta de Minas*, Oliveira, 7 nov. 1920, p. 2.

314 Retrospecção. *Gazeta de Minas*, Oliveira, 25 jul. 1920, p. 1.

imóveis mandados construir, em sua grande maioria, por fazendeiros, comerciantes, industriais, profissionais liberais, funcionários públicos e autoridades políticas. Em meados de 1914, por exemplo, o político Djalma Pinheiro Chagas, o advogado Leopoldo Monteiro e o empresário Augusto Trindade deram início à construção de "diversas casas" no Bairro Engenho de Serra e em algumas ruas onde antes, segundo registros de imprensa, só se viam "muros esburacados e rendilhados pela ação das águas pluviais".[315] No final de 1915, após o alargamento da Rua Coronel Xavier, cronistas registraram a construção de "diversos imóveis nos dois lados da rua", sendo alguns "muito elegantes e de estilo moderno", como a casa que o Sr. Leopoldo Monteiro havia mandado construir.[316] Em junho de 1916, deu-se início à construção de cinco grupos de "casas operárias" nas ruas das Flores e Palmeiras, por iniciativa do Sr. Olegário Ribeiro, que possuía ali "alguns terrenos marginais".[317] Em agosto de 1916, três "belos palacetes" de propriedade dos fazendeiros Acácio Ribeiro, Ignácio Diniz e Francisco J. Ribeiro Junior foram construídos nas imediações da Praça da Matriz, sob direção dos arquitetos Manoel Barbosa Miranda e J. Senra.[318] Por fim, também em agosto de 1916, a imprensa anunciaria, ainda, a construção de diversas outras casas "de menor importância" em ruas mais afastadas da área central.[319] Se, no final do século XIX, existiam aproximadamente 1.000 imóveis distribuídos entre a sede citadina e, principalmente, as povoações rurais, no ano de 1920, os agentes da estatística estadual recensearam, apenas na área urbana, 774 imóveis (730 térreos, 36 sobrados e 8 assobradados), números que reforçam a percepção da imprensa de que Oliveira estaria sofrendo uma "febre bendita de construções".[320]

Mesmo com as novas construções, em 1919 os veículos de imprensa denunciariam a falta de moradias em Oliveira. Segundo um artigo do jornal *Gazeta de Minas*: "o problema da habitação já vai se tornando um caso sério. Com o sensível acréscimo de nossa população tornaram-se insuficientes as nossas moradias. Houve um acréscimo nos alugueis e mesmo assim não existe uma única casa vazia".[321] Essa exiguidade de imóveis urbanos era, de fato, conforme sinalizou o cronista, resultado do "sensível acréscimo" da população citadina que, no ano de

315 A cidade. *Gazeta de Minas*, Oliveira, 24 maio 1914, p. 1.
316 Rua Coronel Xavier. *Gazeta de Minas*, Oliveira, 5 dez. 1915, p. 1.
317 Oliveira caminha. *Gazeta de Minas*, Oliveira, 18 jun. 1916, p. 1.
318 Oliveira progride. *Gazeta de Minas*, Oliveira, 20 ago. 1916. p. 1.
319 Oliveira progride. *Gazeta de Minas*, Oliveira, 20 ago. 1916. p. 1.
320 Cf.: MINAS GERAIS. Secretaria da Agricultura. Serviço de Estatística Geral. *Anuário estatístico*: ano I (1921), v. II, Belo Horizonte: Imprensa Oficial, 1926, p. 929.
321 Um problema local. *Gazeta de Minas*, Oliveira, 20 jul. 1919, p. 1.

1920, foi calculada em, aproximadamente, 4.644 pessoas.[322] Para dimensionar esse crescimento, em 1888, a população da sede e dos povoados de Oliveira foi calculada em, aproximadamente, 4.000 pessoas, ou seja, um número menor do que apenas a população da parte urbana da cidade em 1920.

Com esse novo dinamismo demográfico e comercial das áreas urbanas e rurais, as receitas da Câmara Municipal que vinham em recuperação desde a segunda metade da década de 1900, quando o município quitou os empréstimos feitos nos anos finais do século XIX para o serviço de canalização de água na cidade, nos distritos e nas freguesias, tiveram um salto substancial. A estimativa de crescimento nos seis anos que seguiram a deflagração dos conflitos na Europa foi a maior registrada em todo o período analisado, ultrapassando, mesmo com o desmembramento dos distritos de Claudio e Passa Tempo em 1911, 70%, (saindo de 73.000$000 arrecadados em 1914, passando para 121.607$285 arrecadados em 1920). Para dimensionar esses números, entre os anos de 1900 e 1911, as receitas do município tiveram um pequeno crescimento de 6% e, entre os anos de 1912 e 1913, após as perdas de arrecadação dos dois distritos emancipados, as receitas tiveram um decréscimo de 14%.[323]

Inteiramente em conformidade ao ideário de progresso da época, autoridades políticas locais aproveitaram a relativa prosperidade financeira da Câmara Municipal e irromperam várias ações modernizadoras para tentar ordenar e melhorar espaço urbano da cidade.[324] Cada novo melhoramento seria anunciado com exaltação pela imprensa local, que chegou a classificar as reformas e ações de embelezamento realizadas no centro urbano de Oliveira como um "surto de progresso".[325] Em si mesma, a própria imprensa local, tal como aconteceu em outros pontos do Brasil e de Minas Gerais, fará parte do cenário de transformações que afetava

---

322 Cf.: MINAS GERAIS. Secretaria da Agricultura. Serviço de Estatística Geral. *Anuário estatístico*: ano I (1921), v. II, Belo Horizonte: Imprensa Oficial, 1926, p. 929.

323 Cf.: Orçamento Municipal. *Gazeta de Minas*, Oliveira, 2 dez. 1900, p. 1; Câmara Municipal de Oliveira. *Gazeta de Minas*, Oliveira, 15 jan. 1911, p. 2; Câmara Municipal. *Gazeta de Minas*, Oliveira, 29 set. 1912, p. 2; Câmara Municipal. *Gazeta de Minas*, Oliveira, 5 out. 1913, p. 2.

324 As ações de cunho modernizador que acompanharam os processos de crescimento das receitas públicas, ainda que realizadas em maior intensidade na sede de Oliveira, que foi o alvo de interesse da pesquisa, foram estendidas, também, para as demais nucleações que faziam parte do município naquele momento. Em Carmo da Mata, por exemplo, em 1917, tivemos dois importantes melhoramentos, sendo: a construção do Teatro Municipal, que passou a sediar exibições fílmicas do Cinema Carmense, e a inauguração do Jardim Público. Em São Francisco de Paulo, por essa mesma época, tivemos a construção do Teatro Distrital. Já em Santa Ana do Jacaré, um correspondente registrou, com certo entusiasmo, em 1914, o início dos trabalhos de arborização de diversas ruas, a construção do matadouro público, além da instalação das primeiras linhas telefônicas. Por certo, pesquisas futuras poderão trazer uma compreensão detalhada do movimento de progresso urbano e comportamental dos distritos, freguesias ou mesmo povoações que compunham o território oliveirense no período analisado. Cf., respectivamente: Carmo da Mata. *Gazeta de Minas*, Oliveira, 26 out. 1917, p. 1; S. Francisco de Paula. *Gazeta de Minas*, Oliveira, 4 fev. 1917, p. 1; Rabiscando. *Gazeta de Minas*, Oliveira, 8 nov. 1914, p. 1.

325 A Cidade. *Gazeta de Minas*, Oliveira, 17 maio 1914, p. 1.

a cidade, ocupando papel de destaque na propagação de ideias tidas e apresentadas como civilizadoras.[326]

Em 1907, a cidade receberia os primeiros focos de iluminação elétrica que, em 1914, com a construção de uma Usina de Eletricidade na cachoeira do Rio Jacaré, foram ampliados para atender à crescente demanda de imóveis, comércios e indústrias urbanas.[327] Entre 1912 e 1914, foram inaugurados os serviços telefônicos e de esgotos, ampliados os serviços de abastecimento de água, além de terem sido construídos ou reformados um matadouro, um posto meteorológico, um fórum, um hospital e uma cadeia.[328] Já no final da década de 1910, a imprensa anunciaria outras duas novas construções, sendo elas um laboratório, anexado ao prédio da Santa Casa de Misericórdia, e um Pavilhão com estábulos e bebedores, para exposições anuais do agronegócio.[329] Nessa mesma época, o poder público de Oliveira promoveria também, entre outras coisas, uma série de demolições de construções mais antigas em condição de ruínas, limpeza e melhorias em diversas ruas e largos da parte urbana e suburbana da cidade, a exemplo dos trabalhos de alinhamento, alargamento, calçamento ou arborização do Largo Quinze de Novembro (1910), Largo do Rosário (1912), Rua dos Cabraes (1912), Rua da Santa Casa de Misericórdia (1914), Rua Coronel Xavier (1915), Rua das Flores (1916), Beco da Ladeira dos Frades (1918) e Avenida Rio Branco (1920).[330] Em junho de 1920, um cronista da *Gazeta de Minas* diria que Oliveira passava por uma fase de "progresso assombroso", o que poderia ser comprovado, segundo ele, pelas reformas, construções e "falta completa de casas" para receber dezenas de pessoas que, "atraídas por elementos de vida, diariamente vêm empregar a sua atividade".[331]

---

326 Ver: GOODWIN JUNIOR, James William. *Cidades de papel*: imprensa, progresso e tradição, Diamantina e Juiz de Fora, MG (1884-1914). Belo Horizonte: Fino Traço, 2015; TAVARES, Denis Pereira. Representações da modernidade de São João del-Rei. In: *Revista de História Regional*, Ponta Grossa, v. 18, n. 2, p. 438-461, 2013.

327 Cf.: Luz Elétrica. *Gazeta de Minas*, Oliveira, 1 set. 1907, p. 2; Melhoramentos Municipais. *Gazeta de Minas, Oliveira*, 5 abr. 1914, p. 1.

328 Cf.: Matadouro Municipal. *Gazeta de Minas*, Oliveira, 17 mar. 1912, p. 1.; Linha Telefônica. *Gazeta de Minas*, Oliveira, 3 mar. 1912, p. 1 Posto Meteorológico. *Gazeta de Minas*, Oliveira, 6 jul. 1913, p. 1; O Palácio da Justiça. *Gazeta de Minas*, Oliveira, 18 jan. 1914, p. 1; Santa Casa. *Gazeta de Minas*, Oliveira, 23 ago. 1914, p. 1; *Gazeta de Minas*, Oliveira, 14 jan. 1914. Nota sem título; Melhoramentos Municipais. Gazeta de Minas, Oliveira, 9 ago. 1914, p. 1. Em 1920, o serviço de esgotos já atendia 77 imóveis da sede urbana de Oliveira. MINAS GERAIS. Secretaria da Agricultura. Serviço de Estatística Geral. *Anuário estatístico*: ano I (1921), v. IV, Belo Horizonte: Imprensa Oficial, 1926, p. 43.

329 Laboratório. *Gazeta de Minas*, Oliveira, 4 abr. 1920, p. 1; Exposição Agropecuária. *Gazeta de Minas*, Oliveira, 13 jun. 1920, p. 1.

330 Cf., respectivamente: Jardim Público. *Gazeta de Minas*, Oliveira, 23 jan. 1910, p. 1; Câmara Municipal. *Gazeta de Minas*, Oliveira, 11 ago. 1912, p. 1; Câmara Municipal. *Gazeta de Minas*, Oliveira, 18 fev. 1912, p. 2; Melhoramentos Municipais. *Gazeta de Minas*, Oliveira, 9 ago. 1914, p. 1; Rua Coronel Xavier. *Gazeta de Minas*, Oliveira, 5 dez. 1915, p. 1; Oliveira Caminha. *Gazeta de Minas*, Oliveira, 18 jun. 1916, p. 1; Retrospecção. *Gazeta de Minas*, Oliveira, 25 jul. 1920, p. 1.

331 Crise de Habitações. *Gazeta de Minas*, Oliveira, 20 jun. 1920, p. 1.

Com efeito, apesar dos melhoramentos urbanos que afetavam a vida da cidade naquele momento, hábitos muitas vezes alheios aos novos dogmas comportamentais que se disseminavam internacionalmente, continuavam frustrando expectativas de suas elites. Animais no centro urbano de Oliveira era uma das coisas que mais explicitamente contrariariam todo o empenho em se criar uma ambiência moderna e civilizada ali em conformidade aos centros mais adiantados do país, conforme se dizia com frequência na época. Em junho de 1913, por exemplo, um artigo no jornal *Gazeta de Minas* queixava-se da presença de cabritos na parte central da cidade, bem em frente ao escritório de eletricidade, em situação percebida como grave contradição, uma vez que impunha elementos bastante tradicionais a um dos principais símbolos de progresso e modernidade da época.[332] No ano seguinte, um cronista denunciaria que carneiros, cabritos e éguas desgarradas transformavam o centro de Oliveira em "arca de Noé".[333] Em junho de 1916, outra queixa do mesmo tipo denunciava animais soltos no centro urbano da cidade. Segundo dizia-se, vacas, bezerros e cavalos assaltavam as hortas e quintais.[334] Rigorosamente no mesmo sentido, em abril de 1917, no intuito de chamar atenção dos fiscais da prefeitura, um cronista da *Gazeta de Minas* anunciou, em tom de ironia, uma exposição de animais nas ruas centrais da cidade:

> Quem disse que em Oliveira não se realizam exposições?
> Pois há, e variadas.
> Por exemplo, todos os dias um bando de perus percorre as ruas centrais da cidade, começando pela Praça da Matriz, ostentando a gordura e plumagem em glu-glu-glus que provocam a atenção.
> Depois desta exposição virão as de galinhas e porcos.[335]

Nada disso, porém, inibiu uma retórica entusiasmada e grandiloquente a respeito das transformações que se processavam ou que se imaginavam estar se processando na cidade. "Notícias e artigos em jornais, tanto quanto medidas políticas e atos legislativos do poder público municipal, pareciam carregar consigo, antes de tudo, um *desejo de progresso e modernidade*" que claramente afetava certos setores das elites de Oliveira, tal e qual ocorria em várias outras regiões do Brasil.[336] Outro aspecto da vida social do período que reforçava a percepção de que transformações "assombrosas" estavam em curso em Oliveira era

---

332 *Gazeta de Minas*, 15 jun. 1913, p. 1. Nota sem título.
333 A Cidade. *Gazeta de Minas*, Oliveira, 24 maio, 1914, p. 1.
334 Animais soltos. *Gazeta de Minas*, Oliveira, 30 jul. 1916, p. 1.
335 Exposição. *Gazeta de Minas*, Oliveira, 29 abr. 1917, p. 1.
336 AMARAL, Daniel Venâncio de Oliveira; DIAS, Cleber. Nos trilhos do lazer: entretenimento urbano e mercado de diversões em Divinópolis, Minas Gerais, 1890 – 1920. In: *Revista de História Regional*, Ponta Grossa, v. 22, n. 2, p. 237-261, jul./dez. 2017.

o surgimento de novas modalidades de lazer. Utilizadas como recursos simbólicos para realizar expectativas imaginárias a respeito do grau de modernidade e civilização de uma cidade, o surgimento de novas práticas ou espaços públicos e privados de diversões servia, a um só tempo, como recurso cultural e econômico, servindo como fonte de renda para empresários que ofereciam tais serviços, ao mesmo tempo em que dramatizava as expectativas dos cronistas que reivindicavam, nas páginas da imprensa, por práticas conectadas a um ideal de modernidade e refinamento comportamental.

Entre os meses de fevereiro e maio de 1917, uma pequena comissão de políticos viabilizou a construção do primeiro jardim público de Oliveira, na Praça da Igreja da Matriz.[337] O local logo se transformou no principal espaço público de lazer da cidade, além de ponto privilegiado para algumas diversões entendidas por grupos letrados como sofisticadas e de bom gosto. Uma das diversões oferecidas ali foi a patinação, que teve início no mês de abril, após a compra e instalação de um "grande rinque".[338] Na imprensa, já nos primeiros dias de funcionamento do rinque, cronistas elogiaram os "esforços másculos" da comissão, dizendo se tratar de um melhoramento "útil", "agradável" e "progressista".[339] Conforme registrou um cronista anônimo, após uma visita às obras do jardim: "O rinque tem sido muito frequentado por patinadores, patinadoras e *mirones*, constituindo a grata atração de Oliveira nestas tardes de outono".[340]

Além do rinque, a comissão construtora do jardim realizou trabalhos de pintura e forramento no coreto da praça, que já havia sido instalado pela Câmara Municipal em agosto de 1914.[341] Com a inauguração do coreto e a abertura do jardim para a visitação pública, as bandas de música de Oliveira, que até então se apresentavam esporadicamente, ganharam regularidade nos concertos oferecidos. Nessa época, o regente João Lúcio do Nascimento e o mestre de música José Alexandre Caminha, organizaram as bandas Santa Cecília e Euterpe Oliveirense, superando uma época em que, segundo registros de imprensa, as organizações musicais, por motivo da inconstância das apresentações, "estavam quase desaparecidas".[342] A

337 Cf.: Coreto. *Gazeta de Minas*, Oliveira, 30 ago. 1914, p. 1; O Jardim. *Gazeta de Minas*, Oliveira, 11 fev. 1917, p. 1; O Jardim. *Gazeta de Minas*, Oliveira, 18 mar. 1917, p. 1; O Jardim. *Gazeta de Minas*, Oliveira, 8 abr. 1917, p. 1; Jardim Público. *Gazeta de Minas*, Oliveira, 13 maio 1917, p. 1; Quermesse. *Gazeta de Minas*, Oliveira, 20 maio 1917, p. 1.
338 O Jardim. *Gazeta de Minas*, Oliveira, 18 mar. 1917, p. 1.
339 Sports. *Gazeta de Minas*, Oliveira, 22 abr. 1917, p. 1.
340 O Jardim. *Gazeta de Minas*, Oliveira, 15 abr. 1917, p. 1.
341 Cf.: Coreto. Gazeta de Minas, Oliveira, 30 ago. 1914, p. 1; O Jardim. *Gazeta de Minas*, Oliveira, 15 abr. 1917, p. 1.
342 A música. *Gazeta de Minas*, Oliveira, 27 maio 1917, p. 1.

presença constante e regular de bandas de música no coreto do jardim parece fazer parte dos planos de progresso dos costumes imaginados pelas elites e autoridades políticas para aquele espaço. Não é sem razão que a Câmara Municipal passou a conceder "auxílios financeiros" (600$000) para que as bandas Santa Cecília e Euterpe Oliveirense pudessem se apresentar, alternadamente, nos domingos, dias santos e feriados nacionais.[343] No dizer de um cronista anônimo, as retretas no coreto fizeram do jardim "uma festa das mil e uma noites".[344]

Foto 4 – Jardim público da Praça da Matriz de Oliveira (sem data).

Fonte: Casa da Cultura de Oliveira.

Entre maio e junho de 1920, outras duas atividades lúdicas desenvolvidas no espaço do jardim foram noticiadas no jornal *Gazeta de Minas*. Uma foi o "jogo da peteca" que, segundo dizia-se, era um esporte "sadio, útil e muito apreciado na Europa".[345] Já a outra foi o "dia

343 Cf., por exemplo: A música. *Gazeta de Minas*, Oliveira, 27 maio 1917, p. 1; Retreta. *Gazeta de Oliveira*, Oliveira, 16 jun. 1918, p. 2; Retreta. *Gazeta de Oliveira*, Oliveira, 14 jul. 1918, p. 2; Notas Mundanas. *Gazeta de Minas*, Oliveira, 3 ago. 1919, p. 2; Retreta. *Gazeta de Minas*, Oliveira, 25 abr. 1920, p. 2; Retreta. *Gazeta de Minas*, Oliveira, 23 maio 1920, p. 2.
344 Quermesse. *Gazeta de Minas*, Oliveira, 20 maio 1917, p. 1.
345 Esportes. *Gazeta de Minas*, Oliveira, 6 jun. 1917, p. 1.

chique", que consistia em promover, nas quintas-feiras, uma tarde de festas no jardim, com uma retreta especial que culminaria com uma sessão cinematográfica no Cinema Oliveirense:

> Atendendo a várias considerações, ficou definitivamente marcada a quinta feira para o dia chique em Oliveira.
> Já a quinta feira última, afluiu ao jardim público, onde se fez ouvir a correta banda musical Euterpe Oliveirense, uma sociedade numerosa e distinta, que em agradável palestra e doce enleio ali permaneceu até cerca de 8 horas [...].
> Para mais realce do dia chique a empresa do [Cinema] Oliveirense fez exibir na tela de sua apreciada casa de diversões o magistral filme "A imposição", superprodução da *Golden Pictures*.
> Assim, o dia chique é uma vitória e, certamente, na próxima semana, será ainda maior a concorrência ao jardim, onde se fará ouvir uma bem organizada orquestra.[346]

Em março de 1917, simultaneamente às obras de construção do jardim, a Câmara Municipal de Oliveira inaugurou o "Teatro Infantil" do Grupo Escolar Francisco Fernandes, com capacidade para 250 pessoas.[347] Este colégio público de instrução primária para meninos e meninas começou a ser edificado no ano de 1907, após o fazendeiro Francisco Fernandes de Andrade e Silva fazer a doação para a Câmara Municipal de "um belo palacete", localizado na parte central de Oliveira.[348] As obras foram concluídas por volta do final de 1908 e, no início do ano seguinte, a imprensa anunciaria a abertura das aulas, com uma frequência média de 300 alunos.[349]

Após a inauguração do Teatro Infantil, o diretor Jacinto de Almeida, auxiliado por alguns "educadores", organizou uma "orquestra infantil" e um "grupo infantil de amadores" que, periodicamente, promoveriam noites de espetáculos para o público oliveirense. O novo teatro também receberia espetáculos de artistas itinerantes, amadores locais ou, ainda, conferências literárias. Entre março de 1917 e janeiro de 1920, a imprensa de Oliveira anunciou, pelo menos, 13 espetáculos, o que representa, aproximadamente, um espetáculo a cada três meses.[350] Em abril de 1917, por exemplo, com a casa "literalmente cheia", um programa "variadíssimo", constituído de encenações teatrais, duetos, monólogos e "apresentação

346 Cf.: O dia chique. *Gazeta de Minas*, Oliveira, 6 jun. 1920, p. 1.
347 Teatro do Grupo Escolar. *Gazeta de Minas*, Oliveira, 4 mar. 1917, p. 1.
348 Semana a Semana. *Gazeta de Minas*, Oliveira, 13 out. 1907, p. 1.
349 Grupo Escolar Francisco Fernandes. *Gazeta de Minas*, Oliveira, 7 mar. 1909, p. 1.
350 Teatro do Grupo Escolar. *Gazeta de Minas*, Oliveira, 4 mar. 1917, p. 1; Teatro Infantil. *Gazeta de Minas*, Oliveira, 1 abr. 1917, p. 1; Teatro Infantil. *Gazeta de Minas*, Oliveira, 27 maio. 1917, p. 1; Teatro do Grupo Escolar. *Gazeta de Minas*, Oliveira, 9 set. 1917, p. 1; Teatro Infantil. *Gazeta de Minas*, Oliveira, 2 dez. 1917, p. 1; Um guitarrista virtuose. *Gazeta de Minas*, Oliveira, 12 jan. 1919, p. 2; Os concertos. *Gazeta de Minas*, Oliveira, 12 jan. 1919, p. 2; Conferência. *Gazeta de Minas*, Oliveira, 4 maio 1919, p. 2; Notas de arte. *Gazeta de Minas*, Oliveira, 1 jun. 1919, p. 2; Teatro do Grupo Escolar. *Gazeta de Minas*, Oliveira, 22 jun. 1919, p. 2; Teatro do Grupo Escolar. *Gazeta de Minas*, Oliveira, 24 ago. 1919, p. 1; Tournée Teatral. *Gazeta de Minas*, Oliveira, 28 set. 1919, p. 1; A première para quinta feira. *Gazeta de Minas*, Oliveira, 9 nov. 1919, p. 2.

especial" da orquestra infantil, foi encenado no palco do teatro, em benefício das obras do jardim público.[351] No mês seguinte, os alunos do colégio encenaram o "teatro de revista de Oliveira", sob os títulos "o pancrácio" e a "família espirradeira". O evento ainda contou com um bailado espanhol e a orquestra infantil que fechou a noite causando, segundo noticiou-se, "geral admiração".[352] Em janeiro de 1919, o Teatro Infantil sediou dois recitais do guitarrista ambulante Martinho Vasconcelos, ambos notabilizados, conforme registros de imprensa, com "cintilações flutuantes dos gênios Chopin, Shumman, Sarazate, Berguer e outras glórias musicais, além de composições do *virtuose* e dolentes e tristes da alma popular do Brasil e de Portugal".[353] Já em maio de 1919, o "apreciado" literato João de Minas realizou, para um "seleto auditório" que "lotou" as dependências do teatro, uma conferência sobre os "pavorosos crimes pessoais da guerra universal", obtendo, ao terminar a palestra, uma "prolongada e merecida salva de palmas".[354] Por fim, como último exemplo, em junho de 1919, um grupo de "esforçados amadores da cidade" subiram à cena no Teatro Infantil duas "chistosas comédias", sendo elas "Amor, Miséria e Comp." e "Os dois surdos", tendo ambas, segundo noticiou um cronista anônimo, "regular desempenho".[355]

Além dos melhoramentos urbanos introduzidos pelo poder público, indivíduos ou grupos particulares também tentaram promover ações modernizadoras na cidade. Em 1910, por iniciativa dos sócios do Elite Club Oliveirense, foi inaugurada, no pavimento térreo do edifício municipal, a biblioteca Vigário Jose Theodoro, com mais de mil volumes de livros, diversos jornais recebidos diariamente do Rio de Janeiro, Belo Horizonte e Juiz de Fora, além de semanários, revistas e outras publicações. [356] Na imprensa, a iniciativa dos sócios da recém-fundada associação "literário-recreativa" foi entendida como uma "tarefa patriótica" levada adiante por um grupo de "devotados batalhadores do progresso e engrandecimento de Oliveira".[357] A nova biblioteca, que passou a funcionar todos os dias da semana entre 13 e 17 horas, oferecia uma sala de leitura pública, ficando exclusivo para os sócios o direito de retirar livros para leitura em domicílio. Apenas no primeiro ano de funcionamento, segundo dados

351 Teatro do Grupo Escolar. *Gazeta de Minas*, Oliveira, 9 set. 1917, p. 1.
352 Teatro Infantil. *Gazeta de Minas*, Oliveira, 27 maio. 1917, p. 1.
353 Os concertos. *Gazeta de Minas*, Oliveira, 12 jan. 1919, p. 2.
354 Conferência. *Gazeta de Minas*, Oliveira, 4 maio 1919, p. 2.
355 Teatro do Grupo Escolar. *Gazeta de Minas*, Oliveira, 22 jun. 1919, p. 2.
356 Biblioteca Vigário Jose Theodoro. *Gazeta de Minas*, Oliveira, 24 abr. 1910, p. 1.
357 Biblioteca Vigário Jose Theodoro. *Gazeta de Minas*, Oliveira, 29 jan. 1911, p. 1.

levantados por um cronista anônimo da *Gazeta de Minas*, a biblioteca Vigário José Theodoro foi frequentada por 2.981 pessoas, sendo pelos sócios do clube retirados 1.055 livros.[358]

Outra iniciativa particular foi o *ground* de *Basket ball* mandado construir em meados de 1916, na Praça Manuelita Chagas, por "gentilíssimas moças" sócias dos clubes *Graçia y Fuerza* e *Éden Club Esportivo*, formados por estudantes da Escola Nossa Senhora de Oliveira. Ao menos até outubro daquele ano, a imprensa noticiou "deliciosas partidas" entre as "gentilíssimas moças" que se batiam, "todas as tardes", com "denodo extraordinário".[359]

Diferente da efemeridade dos clubes sociais que surgiram na sede urbana de Oliveira entre os anos finais do século XIX e primeiros do XX, quando cronistas queixavam-se de "não haver quem as frequente", o novo dinamismo econômico iniciado na segunda metade da década de 1900, e intensificado ao longo de toda a década de 1910, que se desdobrou no crescimento de uma elite citadina constituída de agentes públicos, autoridades políticas, industriais, capitalistas, profissionais liberais, donos de pequenas fábricas, oficinas, lojas, hotéis, ou ainda armazéns, parece ter possibilitado a formação de um público mais vigoroso para integrar as atividades dos novos clubes organizados na sede da cidade. Eram justamente esses grupos urbanos, somados com os produtores rurais, os principais responsáveis por organizar e manter em funcionamento as novas tendências lúdicas. Com mais pessoas morando na sede citadina e dispostas a frequentar as atividades dos clubes, a tendência era que essas associações conquistassem maior longevidade. O Elite Club Oliveirense, por exemplo, manteve suas atividades por quase seis anos (de fevereiro de 1910 até outubro de 1915), período em que organizou bailes, piqueniques e palestras literárias.[360]

Na mesma direção, o Grêmio Oliveirense, associação recreativa fundada em maio de 1912, prolongou sua existência até, pelo menos, o início de 1916, período em que organizou

---

358 A Biblioteca. *Gazeta de Minas*, Oliveira, 23 abr. 1911, p. 1. Em agosto de 1915, os sócios do Elite Club Oliveirense fizeram a doação da Biblioteca Vigário José Theodoro para a Câmara Municipal de Oliveira. Cf.: Biblioteca Vigário José Theodoro. *Gazeta de Minas*, Oliveira, 24 out. 1915, p. 1.

359 Cf., por exemplo: 7 de setembro. *Gazeta de Minas*, Oliveira, 10 set. 1916, p. 1; Club Gracia y Fuerza. *Gazeta de Minas*, Oliveira, 17 set. 1916, p. 1; Éden Club Esportivo. *Gazeta de Minas*, Oliveira, 22 out. 1916, p. 1.

360 Cf.: Clube de Diversões. *Gazeta de Minas*, Oliveira, 6 fev. 1910, p. 1; Elite Club Oliveirense. *Gazeta de Minas*, Oliveira, 3 abr. 1910, p. 1; As árvores. *Gazeta de Minas*, Oliveira, *Gazeta de Minas*, Oliveira, 3 jul. 1910, p. 1; Elite Club Oliveirense. *Gazeta de Minas*, Oliveira, 9 out. 1910, p. 1; Elite Club Oliveirense. *Gazeta de Minas*, Oliveira, 8 jan. 1911, p. 1; Elite Club. *Gazeta de Minas*, Oliveira, 2 jul. 1911, p. 1; Elite Club. *Gazeta de Minas*, Oliveira, 15 out. 1911, p. 1; Elite Club Oliveirense. *Gazeta de Minas*, Oliveira, 14 abr. 1912, p. 1; Elite Club Oliveirense. *Gazeta de Minas*, Oliveira, 17 nov. 1912, p. 1; Elite Club Oliveirense. *Gazeta de Minas*, Oliveira, 2 fev. 1913, p. 1; Elite Club Oliveirense. *Gazeta de Minas*, Oliveira, 3 mar. 1913, p. 1; Elite Club Oliveirense. *Gazeta de Minas*, Oliveira, 14 set. 1913, p. 1; Elite Club Oliveirense. *Gazeta de Minas*, Oliveira, 1 mar. 1914, p. 1; Biblioteca Vigário José Theodoro. *Gazeta de Minas*, Oliveira, 24 out. 1915, p. 1.

bailes, saraus dançantes e festas a fantasia.[361] Já a Linha de Tiro de Oliveira funcionou por quase três anos (de meados de 1917 até o início de 1920), oferecendo aos sócios, nesse período, *soirées*, exercícios militares e *raid* pedestre de Oliveira aos municípios vizinhos, a exemplo Bom Sucesso, Carmo da Mata e São Francisco de Paula.[362] Embora com trajetórias ainda inconstantes, é inegável que muitas das novas associações conseguiram superar um quadro onde os clubes de Oliveira, conforme disse um cronista da antiga *Gazeta de Oliveira* em 1898, eram "quase como a rosa Malherbe", vivendo "apenas o espaço de uma noite".[363]

Estabelecimentos de comércio urbano, voltados para a oferta de entretenimento, também encerravam elementos de teatralização simbólica do progresso material da cidade, tornando-se, na mesma dimensão, atrativos para as elites oliveirenses por seu alinhamento com os ideais de modernidade, civilidade e progresso dos costumes. Em outubro de 1915, inaugurou-se o "moderníssimo" Bar Saxônia, com mobiliário "elegante" e "excelentes adornos nas paredes, como os espelhos *Biseautés*".[364] Além de chopes, cerveja e refrescos, uma "boa orquestra" passou a fazer "as delícias dos frequentadores quase todos as noites" na semana seguinte de sua inauguração.[365] Nos dois anos seguintes, seriam inaugurados a Charutaria Popular, a Charutaria Primor, o Café Oeste, a Casa Oeste e a Confeitaria e Bilhares Lobato & Ferrari, oferecendo aos seus clientes comidas, cervejas, vinhos e outras bebidas finas, além de bilhares.[366] Já em fevereiro de 1919, um "esplêndido e luxuoso" café, denominado *Café Club*, seria inaugurado com espaço para confeitaria, bar, café, bilhares, sala para leitura de jornais estrangeiros e até uma academia para exercícios físicos. Na imprensa local, um cronista anônimo chegou a apresentar pomposamente o *Café Club* como um dos cafés mais "chiques" do interior mineiro.[367]

---

361 Cf., por exemplo: Grêmio Oliveirense. *Gazeta de Minas*, Oliveira, 18 maio 1913, p. 1; Grêmio Oliveirense. *Gazeta de Minas*, Oliveira, 15 fev. 1914, p. 1; Grêmio Oliveirense. *Gazeta de Minas*, Oliveira, 1 mar. 1914, p. 1; Associações. *Gazeta de Minas*, Oliveira, 26 abr. 1914, p. 2; Baile. Grêmio Oliveirense. *Gazeta de Minas*, Oliveira, 2 ago. 1914, p. 2; Grêmio Oliveirense. *Gazeta de Minas*, Oliveira, 5 dez. 1915, p. 1.

362 Cf., por exemplo: As Linhas de Tiro. *Gazeta de Minas*, Oliveira, 11 nov. 1917, p. 1; Linha de Tiro. *Gazeta de Minas*, Oliveira, 25 nov. 1917, p. 1; Linha de Tiro. *Gazeta de Minas*, Oliveira, 16 dez. 1917, p. 1; Raid São João – Oliveira. *Gazeta de Minas*, Oliveira, 23 dez. 1917, p. 1; RAID. *Gazeta de Minas*, Oliveira, 18 ago. 1918, p. 1; Os desportos do Tiro 327. *Gazeta de Minas*, Oliveira, 1 set. 1918, p. 1; Raid. *Gazeta de Minas*, Oliveira, 22 set. 1918, p. 1; Linha de Tiro. *Gazeta de Minas*, Oliveira, 26 jan. 1919, p. 1.

363 Cf.: Casos e Cousas. *Gazeta de Oliveira*, Oliveira, 12 jun. 1898, p. 1.

364 Bar Saxônia. *Gazeta de Minas*, Oliveira, 24 out. 1915, p. 1.

365 Bar Saxônia. *Gazeta de Minas*, Oliveira, 7 nov. 1915, p. 1.

366 Cf., respectivamente: Charutaria Popular. *Gazeta de Minas*, Oliveira, 27 fev. 1916, p. 1; Charutaria Primor. *Gazeta de Minas*, Oliveira, 12 set. 1915, p. 1; Chops. *Gazeta de Minas*, Oliveira, 12 set. 1915, p. 1; Casa Oeste. *Gazeta de Minas*, Oliveira, 22 out. 1916, p. 2; Confeitaria e Bilhares de Lobato & Ferreira. *Gazeta de Minas*, Oliveira, 28 abr. 1917, p. 3.

367 Cf.: Café Clube. *Gazeta de Minas*, Oliveira, 2 fev. 1919, p. 1; Café Clube. *Gazeta de Minas*, Oliveira, 23 fev. 1919, p. 1; Café Clube. *Gazeta de Minas*, Oliveira, 6 abr. 1919, p. 3.

Todas essas lojas ficavam nas imediações da Rua Direita, localizada no centro da cidade. O local passou a ser descrito na imprensa, como o ponto "moderno", "smart" e "civilizado" de Oliveira. Em janeiro de 1917, um cronista anônimo da *Gazeta de Minas*, em alusão ao cinema, os artistas itinerantes e os novos estabelecimentos de comércio lúdico, explicitou que eram justamente essas formas modernas de entretenimento que referenciavam a compreensão de lazer, estampadas nas páginas dos jornais da cidade: "Diversões? Não tem faltado ultimamente em Oliveira; dinheiro haja, como dizia o outro".[368]

Outra inauguração empresarial em Oliveira, na época, foi o Hipódromo Coronel Xavier, que sediava corridas de cavalo, contando com arquibancadas, casa de apostas e uma filial do Bar Saxônia, representante de uma fábrica de cerveja de Barbacena (cidade há cerca de 150 quilômetros de Oliveira).[369] Apesar da principal responsabilidade pela construção do hipódromo ter sido atribuída pela imprensa da cidade ao médico Alexandrino Chagas, a organização das primeiras corridas no local coube a um grupo de agricultores e pecuaristas do município (dentre eles, Olinto Diniz e Afonso Lobato, do distrito de Carmo da Mata, Acácio Ribeiro, do distrito de São Francisco de Paula e Orosimbo Ribeiro, da cidade de Oliveira).[370] Em setembro de 1915, o Hipódromo passou por uma "completa remodelação" e um cronista anônimo que acompanhou a corrida inaugural, narrou, com riqueza de detalhes, a pomposidade da estrutura mandada construir para o recebimento dos páreos turfísticos:

> Verdadeiramente imponente era o aspecto do Prado. Da arquibancada colocada no centro pendiam flores e guirlandas, bandeiras multicores, folhagens e galhardetes e no alto o pavilhão branco e azul ultramar flutuava ao sopro suave desses dias luminosos de início da primavera. O espaço muito azul, com pequenas nuvens espedaçadas e alvas, era o reflexo de um dia saudável e glorioso.
> A verdura suave e alegre da nossa pequenina e bela cidade vista do alto, tinha a beleza singular de pinturas caprichosas. A verde da campina a poucos metros de distância, e ao longe a nossa *urbs* como linda garça branca pousada no imenso tapete verde dos quintais. Nas colunas destacavam-se os escudos dourados com os nomes dos principais representantes do comércio, das letras, da indústria, da agricultura e da pecuária da nossa zona [...].
> O elegante coreto de música, azul e branco, muito artístico, apresentava um lindo aspecto. Dele pendiam também florões, guirlandas e flores naturais.
> Ao lado do coreto de música, um pequeno pavilhão com torre lateral procurava imitar uma mesquita otomana. Era o pavilhão da colônia Síria. No alto da torre a bandeira com a meia lua no centro.

368 A tela, a cena e o circo. *Gazeta de Minas*, Oliveira, 16 jan. 1917, p. 1.
369 Devido à indisponibilidade de acesso aos registros jornalísticos entre os meses de janeiro e outubro de 1915, não foi possível indicar a data de inauguração do Hipódromo Coronel Xavier.
370 Para referências ao médico, cf.: Dr. Alexandre Justiniano Chagas. *Gazeta de Minas*, Oliveira, 21 maio 1916, p. 2. Sobre o envolvimento dos fazendeiros, cf.: TURF. *Gazeta de Minas*, Oliveira, 3 out. 1915, p. 1; Hipódromo Coronel Xavier. *Gazeta de Minas*, Oliveira, 7 nov. 1915, p. 1.

> Ao lado direito da arquibancada o Saxônia Bar, profusamente decorado a capricho e gosto pelo incansável Arnobio Caldeira, pintado com as cores nacionais. Enfim, a harmonia do conjunto agradava imensamente não só pelo gosto artístico, assim como pela disposição de todas as dependências do Prado.[371]

Nos primeiros dois meses que seguiram a reinauguração do Hipódromo Coronel Xavier, foram organizadas corridas quase semanais, onde corredores do município, ou mesmo de outros países como era o caso do argentino Rogério Primogel, "já habituado no Prado de corridas de Palermo", segundo diziam, disputavam, em média, cinco páreos, sendo as entradas franqueadas a todos os espectadores, fincado apenas as arquibancadas reservadas às "senhoras e senhoritas de Oliveira e dos municípios vizinhos".[372] No final do mês de outubro, porém, um forte temporal que atingiu a cidade de Oliveira destruiu as arquibancadas do Hipódromo, além de ter provocado fortes estragos na casa de apostas e no Bar Saxônia.[373] Os prejuízos parecem ter arrefecido a capacidade de novos investimentos financeiros. No mês de novembro, apenas duas novas corridas que já estavam programadas foram realizadas, em meio, segundo foi noticiado, às "ruínas" do hipódromo.[374]

Nos três meses que seguiram a última corrida, isto é, entre dezembro de 1915 e fevereiro de 1916, a imprensa de Oliveira não publicou nenhuma notícia envolvendo corridas no hipódromo, o que sugere que os proprietários e organizadores dos páreos interromperam suas atividades. Apenas no início de março, a imprensa de Oliveira anunciaria uma disputa com quatro páreos no Hipódromo Coronel Xavier, que permanecia sem qualquer tipo de reparo, razão pela qual um cronista atribuiu a queda do número de apostadores.[375] Na soma dos meses de maio, junho e julho, com o Hipódromo Coronel Xavier ainda sem receber reparos, apenas dois registros de corridas foram publicados na imprensa local, sendo o último datado de 9 de julho.[376]

A dissolução dos páreos de turfe ocorreu no momento em que os sócios da recém-fundada comitiva esportiva do *Oliveira Sport Club* realizaram trabalhos de "terraplanagem e nivelamento" no Hipódromo Coronel Xavier, com vistas a transformá-lo em um *ground* de

---

371 Hipódromo Coronel Xavier. *Gazeta de Minas*, Oliveira, 12 set. 1915, p. 1.
372 Cf.: Hipódromo Coronel Xavier. *Gazeta de Minas*, Oliveira, 19 set. 1915, p. 1; Hipódromo Coronel Xavier. *Gazeta de Minas*, Oliveira, 26 set. 1915, p. 1; TURFE. *Gazeta de Minas*, Oliveira, 3 out. 1915, p. 1; Hipódromo Coronel Xavier. *Gazeta de Minas*, Oliveira, 10 out. 1915, p. 1; Hipódromo Coronel Xavier. *Gazeta de Minas*, Oliveira, 24 out. 1915, p. 1.
373 Cf.: Hipódromo Coronel Xavier. *Gazeta de Minas*, Oliveira, 24 out. 1915, p. 1.
374 Cf.: Hipódromo Coronel Xavier. *Gazeta de Minas*, Oliveira, 7 nov. 1915, p. 1; Hipódromo Coronel Xavier. *Gazeta de Minas*, Oliveira, 21 nov. 1915, p. 1.
375 Prado Coronel Xavier. *Gazeta de Minas*, Oliveira, 12 mar. 1916, p. 1.
376 Corrida. *Gazeta de Minas*, Oliveira, 25 jun. 1916, p. 2; Corrida. *Gazeta de Minas*, Oliveira, 9 jul. 1916, p. 1.

futebol.[377] A inauguração do campo do Hipódromo ocorreu no dia 2 de julho de 1916, com uma disputa entre os dois quadros do *Oliveira Sport Club*, partida que contou com pouca concorrência, em razão das fortes chuvas que ocorreram na cidade no horário do jogo.[378] A partir de então, os sócios do primeiro clube de futebol da cidade passaram a realizar, quase semanalmente, exercícios físicos, treinos e jogos no campo do hipódromo, atividades que eram franqueadas ao público de Oliveira.[379] Intensificando o número de jogos e torneios de futebol na cidade, logo novos clubes surgiram, entre eles, o Scratch Acadêmico Comercial (1916), o Scrath Comercial (1919), o Acadêmico (1919), o Oliveirense (1920), e o Sport Club Comercial (1920).[380]

Em suma, todo esse conjunto de novas atividades lúdicas apresentadas até aqui, que acampava, entre outras coisas, bares, cafés, charutarias, bilhares, teatros, cinema, hipódromo, clubes recreativos, biblioteca, jardim público, coreto, rinque de patinação, quadra de basquete, ou ainda um campo de futebol, mais do que uma simples ampliação dos espaços públicos e privados de lazer disponíveis à população local, era parte fundamental dos desejos e esforços de empresários, setores das elites e políticos de introduzir, no cotidiano da cidade, formas de sociabilidades tidas como mais modernas e alinhadas com os grandes centros urbanos do Brasil e da Europa. Como bem sintetizou um artigo do jornal *Gazeta de Minas*, de 1907, "Olhem o Rio de Janeiro como é hoje uma Paris, e os cariocas uns parisienses, tudo devido aos melhoramentos que ali se fizeram. Os passeios públicos, os teatros, os cafés, etc., são elementos da vitalidade de um povo. Cidade sem estes complementos é uma roça".[381] Nesse discurso, inteiramente de acordo com valores sociais que predominaram desde então, o mundo rural, isto

377 Oliveira Sport Club. *Gazeta de Minas*, Oliveira, 7 maio 1916, p. 1.
378 Oliveira Sport Club. *Gazeta de Minas*, Oliveira, 9 jul. 1916, p. 1.
379 Sobre as atividades promovidas no campo do Hipódromo por sócios do Oliveira Sport Club, cf., por exemplo: Oliveira Sport Club. *Gazeta de Minas*, Oliveira, 16 jul. 1916, p. 1; Oliveira Sport Club. *Gazeta de Minas*, Oliveira, 1 ago. 1916, p. 1, Oliveira Sport Club. *Gazeta de Minas*, Oliveira, 9 jul. 1916, p. 1; Oliveira Sport Club. *Gazeta de Minas*, Oliveira, 22 out. 1916, p. 2; Oliveira Sport Club. *Gazeta de Minas*, Oliveira, 9 jul. 1916, p. 1; Oliveira Sport Club. *Gazeta de Minas*, Oliveira, 5 nov. 1916, p. 1; Oliveira Sport Club. *Gazeta de Minas*, Oliveira, 9 jul. 1916, p. 1; Oliveira Sport Club. *Gazeta de Minas*, Oliveira, 17 dez. 1916, p. 1; Oliveira Sport Club. *Gazeta de Minas*, Oliveira, 7 jan. 1917, p. 1; Oliveira Sport Club. *Gazeta de Minas*, Oliveira, 9 jul. 1916, p. 1; Foot Ball. *Gazeta de Minas*, Oliveira, 18 fev. 1917, p. 1; Oliveira Sport Club. *Gazeta de Minas*, Oliveira, 8 abr. 1917, p. 2; Oliveira Sport Club. *Gazeta de Minas*, Oliveira, 29 abr. 1917, p. 1; Foot Ball. *Gazeta de Minas*, Oliveira, 12 ago. 1917, p. 1.
380 Para uma síntese da criação de clubes de futebol nos primeiros anos de organização da modalidade na sede de Oliveira, ver: AMARAL, Daniel Venâncio de Oliveira; COUTO, Euclides de Freitas. "Um festin obsceno": pertencimento clubístico e expansão socioespacial do foot-ball em Oliveira, MG (1920-1930). In: *Fênix – Revista de História e Estudos Culturais*, Uberlândia, v. 14, n. 1, p. 1-19, jan./jun. 2017.
381 Semana a Semana. *Gazeta de Minas*, Oliveira, 3 nov. 1907, p. 1.

é, a roça, assumia uma conotação negativa, a despeito de ser esse desprezado universo uma das principais fontes da riqueza que garantiria os desejados melhoramentos urbanos.

Oliveira tinha sérios limites materiais e objetivos para o desenvolvimento de um mercado de diversões e entretenimento urbano, situação que contrastava significativamente com a realidade lúdica de outras cidades brasileiras economicamente mais dinâmicas e mais populosas, como Rio de Janeiro, São Paulo ou mesmo Belo Horizonte. Na capital de Minas Gerais, por exemplo, com uma população, em 1920, aproximadamente cinco vezes maior que a de Oliveira, com 55.563 moradores, em grande medida empregados em setores urbanos, contabilizava-se, nessa mesma época, 15 associações esportivas (com 2.847 sócios), 18 associações artísticas e recreativas (com 869 sócios), 7 associações literárias e científicas (com 464 sócios), 8 museus, 14 largos, praças e parques, além de 7 cinemas, que ofereciam, cada um deles, 14 sessões semanais.[382] Não se deve, portanto, acreditar demais nas versões postas em circulação por cronistas da imprensa de Oliveira, sempre entusiasmados com quaisquer vestígios de melhoramento urbano, sob o risco de se superestimar as dimensões modernas que de fato afetavam a cidade em alguma medida. Em sentido contrário, porém, longe de se constituir como um lugar isolado ou temporalmente imóvel, como prescrevem boa parte dos imaginários históricos até hoje projetados sobre regiões sertanejas do Brasil, a pequena cidade do interior mineiro, embora apresentasse um baixo índice demográfico e de urbanização, também desenvolveu, assim mesmo, novos hábitos de lazer atrelados a valores de progresso e modernidade, que tão frequentemente ditavam ambições e expectativas das elites de grandes cidades brasileiras na transição entre os séculos XIX e XX.

Para o segundo capítulo, pretendo tratar, especificamente, do futebol e sua organização institucional. Em linhas gerais, se o arcabouço investigativo arrolado nessa primeira sessão lançou luz a novas frentes analíticas sobre a história do lazer nos sertões do Brasil, evidenciando as percepções dos cronistas da imprensa sobre os divertimentos públicos e privados e a participação do setor rural agropecuário nos processos de urbanização e sofisticação dos hábitos urbanos, para a sessão seguinte, o objetivo é compreender o processo de sociogênese do futebol interiorano, de modo a superar o recurso heurístico denotado pela modernidade e pelas mediações culturais entre interior e "centros irradiadores".

382 Cf.: MINAS GERAIS. Secretaria da Agricultura. Serviço de Estatística Geral. *Anuário estatístico*: ano I (1921), v. II e IV, Belo Horizonte: Imprensa Oficial, 1926, p. 63 e 49, 316, 322, 421 e 426.

CAPÍTULO 2 – CIRCUITOS FUTEBOLÍSTICOS E A HISTÓRIA DE UMA NOVA PRÁTICA NOS SERTÕES DAS GERAIS.

Ainda hoje das ruínas imortais da Grécia evola-se uma poesia encantadora, um divino canto de arte e de beleza. Mas a célula geradora da civilização grega era o ginásio, a arena da força, da graça e da esbelteza. A superioridade da alma romana residia, na robustez dos corpos fortes e ágeis.

Cronista anônimo, *Gazeta de Minas*, 22 dez. 1918, p. 1.

2.1 "É preciso um espírito forte, num corpo forte"

No dia 02 de abril de 1916, realizou-se nas dependências do Cinema Oliveirense uma reunião com objetivo de fundar o primeiro clube futebolístico de Oliveira, evento prestigiado por "diversos sócios e convidados, havendo comparecido também a banda Santa Cecília que executou várias peças do seu vasto repertório". Um cronista anônimo, que acompanhou o evento inaugural, narrou as primeiras movimentações dos sócios do novo clube:

> Realizou-se no dia 2, às 3 horas da tarde, no Teatro Municipal, a primeira reunião para discutir as bases de um clube desportivo em Oliveira. Abriu a sessão o engenheiro agrônomo Sr. José A. Trindade que, depois de expor os fins daquela reunião, propôs para presidir a mesa o acadêmico Cícero de Castro Filho, que, tomando lugar, escolheu para secretário o Sr. José Trindade; depois, em um longo e eloquente discurso, propôs a utilidade dos jogos desportivos, citando exemplos e fatos históricos e mostrando a necessidade que a mocidade de Oliveira tem de se dedicar aos esportes para se tornar forte, bem disposta e apta para enfrentar os perigos, evitando os vícios. [...] Pelo presidente da mesa foi proferido um voto de agradecimento ao empresário do Cinema Oliveirense pela sua gentileza de haver cedido o teatro para aquela reunião. São nossos melhores votos e que o Club não tenha vida efêmera e preencha cabalmente os seus intuitos, pelos inúmeros benefícios que traz a mocidade oliveirense.[383]

A iniciativa principal de fundação do *Oliveira Sport Club* ficou a cargo do acadêmico de Direito, Cícero de Castro Filho, e do engenheiro agrônomo, José Augusto Trindade, que ocuparam, respectivamente, os cargos de presidente e vice-presidente.[384] Uma nota publicada no jornal *Gazeta de Minas* sobre um convite para a participação de jornalistas na reunião de fundação da agremiação esportiva nos fornece indícios da proeminência destes dois agentes para a institucionalização do futebol em Oliveira: "Srs. acadêmico Cicero de Castro Filho e

383 Oliveira Sport Club. *Gazeta de Minas*, Oliveira, 9 abr. 1916, p. 1.
384 Oliveira Sport Club. *Gazeta de Minas*, Oliveira, 9 abr. 1916, p. 1.

engenheiro agrônomo José Trindade nos vieram convidar para a reunião hoje, às 2 horas da tarde no Cinema Oliveirense, com o fim de se fundar um club sportivo".[385]

Acredita-se que o pioneirismo clubístico ao redor de Cicero de Castro Filho e José Augusto Trindade era fruto de suas relações educacionais com outros centros urbanos mais desenvolvidos. Registros de imprensa revelam que, após a inauguração da estação da Estrada de Ferro Oeste de Minas em Oliveira e sua integração, já na virada para o século XX, a uma complexa teia de entroncamentos ferroviários que dava acesso a outras regiões de Minas, São Paulo e Rio de Janeiro, tornaram-se cada vez mais comuns as viagens de filhos da elite oliveirense para escolarização em cidades maiores como Belo Horizonte, Ouro Preto, Juiz de Fora, São Paulo e, principalmente, a capital federal.[386] É no escopo desse processo que a gênese clubística do esporte bretão em Oliveira é creditada à iniciativa dos dois estudantes supracitados que, retornando de férias ou formados de faculdades situadas no Rio de Janeiro (cidade considerada, na época, a metrópole do futebol brasileiro) e Ouro Preto (cidade onde o futebol já havia atingido algum grau de desenvolvimento),[387] trouxeram a experiência da institucionalização clubística do jogo.[388]

---

385 Vida social. *Gazeta de Minas*, Oliveira, 2 abr. 1916, p. 2.

386 De acordo com as fontes cotejadas, os principais destinos escolares dos acadêmicos de Oliveira eram as faculdades de medicina, odontologia, direito e agronomia do Rio de Janeiro, seguido das faculdades de direito e farmácia de Ouro Preto, das faculdades de direito e engenharia de Belo Horizonte, e das faculdades de odontologia e direito de Juiz de Fora. Cf., por exemplo: Registro. *Gazeta de Minas*, Oliveira, 17, fev. 1901, p. 3; Registro. *Gazeta de Minas*, Oliveira, 19, jan. 1902, p. 3; Registro. *Gazeta de Minas*, Oliveira, 23, fev. 1902, p. 3; Registro. *Gazeta de Minas*, Oliveira, 15, jun. 1902, p. 3; Estudantes. *Gazeta de Minas*, Oliveira, 18, jan. 1903, p. 2; Alexandrino J. Chagas. *Gazeta de Minas*, Oliveira, 3, abr. 1904, p. 3; Registro. *Gazeta de Minas*, Oliveira, 3, abr. 1904, p. 3; Registro. *Gazeta de Minas*, Oliveira, 19, jun. 1904, p. 3; Registro. *Gazeta de Minas*, Oliveira, 9, jul. 1905, p. 2; Assis Chagas. *Gazeta de Minas*, Oliveira, 16, dez. 1906, p. 1; Novos Farmacêuticos. *Gazeta de Minas*, Oliveira, 16, dez. 1906, p. 1; Maio R. de Castro. *Gazeta de Minas*, Oliveira, 23, dez. 1906, p. 1; Escritório de Advocacia. *Gazeta de Minas*, Oliveira, 17, jan. 1909, p. 1; Dr. Júlio Ribeiro. *Gazeta de Minas*, Oliveira, 14, fev. 1909, p. 1; Vida Social. *Gazeta de Minas*, Oliveira, 6, mar. 1910, p. 2; Vida Social. *Gazeta de Minas*, Oliveira, 29, dez. 1912, p. 2; Vida Social. *Gazeta de Minas*, Oliveira, 6, jul. 1913, p. 2; Vida Social. *Gazeta de Minas*, Oliveira, 11, jan. 1914, p. 2; Vida Social. *Gazeta de Minas*, Oliveira, 18, jan. 1914, p. 1; Vida Social. *Gazeta de Minas*, Oliveira, 6, jan. 1916, p. 2; Vida Social. *Gazeta de Minas*, Oliveira, 27, fev. 1916, p. 2; Vida Social. *Gazeta de Minas*, Oliveira, 5, mar. 1916, p. 2.

387 Ouro Preto é considerada a primeira cidade mineira a desenvolver institucionalmente o futebol. Essa modalidade foi introduzida ali em 1903, com a fundação do *Club Unionista de Football*. Em meados da década de 1910, quando estudantes do Oeste mineiro retornavam de férias ou formados das instituições de ensino superior de Ouro Preto, e assumiam protagonismo na criação de clubes futebolísticos nas suas cidades de origem, a antiga capital mineira já apresentava indícios de ter um campo esportivo com alguma estrutura de clubes, jogos locais ou mesmo competições intermunicipais. Em setembro de 1914, por exemplo, o clube ouro-pretano *Planeta Foot Ball Club* viajou para a cidade de Queluz de Minas, onde participou de um "match amistoso" que marcou a inauguração do *Guarany Foot Ball Club*, conforme foi narrado por um cronista anônimo daquela localidade. Cf.: FOOT BALL. *Correio da Semana*, Queluz de Minas, 6 set. 1914, p. 6.

388 Para uma discussão a esse respeito, ver: AMARAL, Daniel Venâncio de Oliveira. *"À mania intoxicadora"*: introdução clubística e consolidação dos sentidos de competitividade do foot-ball no Centro-Oeste mineiro (1888-1930). Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal de São João del-Rei, São João del-Rei, 2016, p. 71-73.

Em municípios vizinhos a Oliveira, é possível observar, na produção historiográfica, a mesma influência de acadêmicos com vínculos de matrícula nas instituições de ensino superior da capital carioca e da antiga capital mineira, nos processos de institucionalização do esporte bretão. Em São João del-Rei, segundo levantamentos realizados por Kleber Adão e Diego Silva, a introdução do futebol foi iniciativa de estudantes que, retornando de férias do Rio de Janeiro, trouxeram para essa cidade as primeiras bolas de "pneu", realizando algumas partidas de futebol com os rapazes do comércio.[389] Já em Divinópolis, o principal incentivador e que ocupou o cargo de presidente do primeiro clube de futebol dessa localidade foi o farmacêutico Pedro Xavier Gontijo, que havia se formado pela Faculdade de Farmácia de Ouro Preto.[390]

Essas narrativas da institucionalização do futebol nas cidades de Oliveira, Divinópolis e São João del-Rei apresentam semelhanças com uma historiografia tradicional que aponta para estudantes brasileiros, filhos da elite e escolarizados na Europa, como os responsáveis pela introdução clubística desse esporte no país. Segundo é convencionalmente defendido, os filhos das famílias abastadas, ao buscarem essa educação em instituições de ensino europeias, aprendiam novas práticas culturais e também suas tradições. "Ao retornarem para o Brasil, contribuíam para o enraizamento de uma nova cultura e uma nova civilização".[391] Charles Miller em São Paulo, Oscar Cox no Rio de Janeiro e Victor Serpa em Belo Horizonte são personagens consagrados por uma escolarização na Europa e, consequentemente, por suas atuações decisivas na introdução do futebol em clubes esportivos dessas capitais.[392] Em cidades do Oeste mineiro, é possível observar uma reiteração desse "cânone teórico", onde a centralidade de interesse nas atuações de jovens estudantes das classes abastadas e escolarizados em centros urbanos proeminentes, por mais que seja um nexo causal privilegiado,

---

389 ADÃO, Kleber do sacramento; SILVA, Diego Wandley Araújo. O esporte na cidade mineira de origem colonial: uma leitura a partir do jornal "a tribuna" (1907-1925). *Anais do XII Congresso de Ciências do Desporto e educação Física dos Países de Língua Portuguesa*. Porto Alegre: set., 2008.

390 AMARAL, Daniel Venâncio de Oliveira. *"À mania intoxicadora"*: introdução clubística e consolidação dos sentidos de competitividade do foot-ball no Centro-Oeste mineiro (1888-1930). Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal de São João del-Rei, São João del-Rei, 2016, p. 91.

391 Para uma síntese a esse respeito, ver: RODRIGUES, Marilita Aparecida Arantes. *A constituição e o enraizamento do esporte na cidade*: uma prática moderna de lazer na cultura urbana de Belo Horizonte (1894-1920). Tese (Doutorado em História) – Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2006.

392 Sobre os processos de escolarização na Europa e suas relações com as atuações decisivas de Charles Miller, Oscar Cox e Victor Serpa na gênese clubística do futebol nas cidades de São Paulo, Rio de Janeiro e Belo Horizonte, ver: MÁXIMO, João. Memórias do futebol brasileiro. *Estudos Avançados*, São Paulo, v. 13, n. 37, p. 179-188, 1999; MILLS, John Robert. *Charles Miller: o pai do futebol brasileiro*. São Paulo: Panda Books, 2005; PEREIRA, Leonardo Afonso. *Footballmania:* uma história social do futebol no Rio de Janeiro, 1902-1938. Rio de Janeiro: Nova fronteira, 2000; MAYOR, Sarah Teixeira Soutto; NETO, Georgino Jorge de Souza. Victor Serpa e a "Mania Foot-Ball": o mito fundador do esporte bretão na cidade de Belo Horizonte, MG (1904-1905). *PODIUM Sport, Leisure and Tourism Review*, n. 1, vol. 3, p. 50-60, jan./jun. 2014.

parece desviar o olhar investigativo de outras variáveis igualmente importantes para a compreensão do fenômeno futebolístico interiorano.

No final de março de 1916, "o aplicado e inteligente" José Augusto Trindade se reestabelecia na sede da cidade de Oliveira, após concluir o curso de engenharia agrônoma pela Escola de Agricultura de Pinheiros, no estado do Rio de Janeiro".[393] No mesmo período, o "inteligente acadêmico" Cícero de Castro Filho retornava dos seus estudos na Faculdade de Direito de Ouro Preto. Logo, essas duas lideranças, aparentemente imbuídas de uma experiência esportiva vivenciada no constante contato com as sedes citadinas carioca e ouro-pretana, passaram a promover uma série de ações com o objetivo de deixar o terreno fértil para o cultivo do futebol. Primeiro, buscaram o apoio do jornal *Gazeta de Minas*, na intenção de ter uma coluna especial dedicada à divulgação das suas iniciativas esportivas. Em seguida, firmaram um acordo com o empresário Augusto Sabino da Trindade, para que teatro do Cinema Oliveirense fosse cedido para reuniões e outras atividades de interesse dos *sportmen*. Por fim, enviaram convites para uma reunião inaugural aos grupos das elites locais, com vistas a angariar membros para o corpo de sócios e os quadros atléticos.[394] Todas essas movimentações tiveram ampla aceitação entre os envolvidos e, como desdobramento inevitável, no dia 16 de abril de 1916, um comunicado oficial da criação do novo clube esportivo foi publicado na imprensa local: "Assinado pelo Sr. Cícero de Castro Filho, presidente, recebemos um ofício em que este distinto moço nos comunica a fundação do *Oliveira Sport Club*".[395]

393 Vida social. *Gazeta de Minas*, Oliveira, 30 mar. 1913, p. 1.
394 Cf.: Esporte. *Gazeta de Minas*, Oliveira, 2 abr. 1916, p. 1; Oliveira Sport Club. *Gazeta de Minas*, Oliveira, 9 abr. 1916, p. 1; Oliveira Sport Club. *Gazeta de Minas*, Oliveira, 16 abr. 1916, p. 1; Oliveira Sport Club. *Gazeta de Minas*, Oliveira, 7 maio 1916, p. 1.
395 Oliveira Sport Club. *Gazeta de Minas*, Oliveira, 16 abr. 1916, p. 1.

Foto 5 – *Oliveira Sport Club* no campo do Prado Coronel Xavier, 1916.

Fonte: Casa da Cultura de Oliveira.

Nas duas semanas seguintes da criação do clube esportivo, a "esforçada e operosa diretoria" deu início aos trabalhos de "nivelamento, terraplanamento e recuperação das arquibancadas do Prado Coronel Xavier", que no final do ano anterior havia sofrido graves estragos em razão das fortes chuvas que ocorreram na cidade.[396] O objetivo principal era transformar o espaço, antes dedicado ao turfe, em lugar de referência para exercícios físicos, treinos e jogos amistosos. Uma sessão cinematográfica em benefício ao *Oliveira Sport Club* foi realizada no Cinema Oliveirense, no dia 10 de maio, cuja arrecadação foi toda destinada ao clube para a conclusão das obras de adaptação do campo e recuperação das arquibancadas:

> A população de Oliveira, sempre generosa, correspondeu brilhantemente ao apelo que fez a diretoria do Oliveira Sport Club para auxiliar no grande tentamen de dotar a nossa mocidade dos meios de se exercitar nos jogos esportivos.
> No benefício do dia 10 em favor deste clube, viam-se no Cinema Oliverense quase todas as famílias da cidade, enchendo-se literalmente a espaçosa sala e a maior parte das galerias, apresentado o teatro um aspecto festivo, notando-se que não perdeu o tempo quem ali foi, porque o programa era muito bom, como de resto têm sido todos os programas daquela casa de diversões.[397]

396 Oliveira Sport Club. *Gazeta de Minas*, Oliveira, 7 maio 1916, p. 1.
397 Benefício. *Gazeta de Minas*, Oliveira, 14 maio 1916, p. 1.

Os primeiros exercícios e ensaios no campo do Prado Coronel Xavier tiveram início no último domingo do mês de maio e se estenderam por todos os finais de semana do mês de junho.[398] No mesmo período, a presidência do clube convocou novas reuniões de associados no Cinema Oliveirense, onde foram "discutidos e aprovados os estatutos" e "escolhidas as cores e símbolos do clube – um triângulo com um fundo azul".[399] Na esteira dessa trajetória de criação do clube, dos símbolos, dos estatutos e das obras para a revitalização do Prado Coronel Xavier, uma partida inaugural entre o "*team* azul e o *team* vermelho" foi promovida pelos sócios do *Oliveira Sport Club*. Na manhã de sábado do dia 8 de julho, um cronista narrou a "festa 'inaugural" que, ainda com o tempo chuvoso, o que arrefeceu a presença do público, contou com espetáculo musical, partida esportiva e passeata dos *sportmen* pelas ruas centrais de Oliveira:

> A INAUGURAÇÃO
> O dia esteve feio e choveu até ás duas da tarde, depois ficou melhor e começou então a festa inaugural do Oliveira Sport Club.
> Pouca concorrência devido ao tempo. A banda de música Santa Cecília executava várias peças. Os rapazes não desanimaram, na esperança de uma tarde melhor, e assim sucedeu.
> Foi içado o pavilhão que é branco, com um triângulo vermelho no centro, ao som de um belo dobrado; depois começou o jogo no meio da maior animação.
> Dado o *kick off* contra o *team* vermelho pelo coronel Américo Leite, seguiu-se o jogo comparado entre os dois *teans*, sendo nesta ocasião dado o sinal de descanso pelo Juiz.
> Ao começar o 2º tempo, Raul marcou o primeiro e único *goal* contra o *team* vermelho.
> Depois Omar marcou um *goal* contra o *team* branco, continuando o jogo aferrado entre as duas equipes, até que Cícero marcou o 2º *goal* contra o *team* branco. Logo após, Toniquinho marcou o 3º *goal* contra o *team* branco, dando o juiz por terminado o jogo.
> Seguiu-se animada passeata pelas ruas da cidade.[400]

A fundação do *Oliveira Sport Club* e os esforços empreendidos para a edificação do seu estádio ocorreram em meio a um movimento de valorização dos "esportes ginásticos" que, gradativamente, ganhavam as praças públicas, as ruas, os clubes e os pátios escolares. Até o final do ano de 1915, a imprensa de Oliveira pouco havia se envolvido com a promoção dos esportes, limitando seu escopo de atuação na divulgação de algumas iniciativas de caçadores e na cobertura de iniciativas efêmeras de clubes e empreendimentos comerciais, a exemplo do

---

398 Cf.: Oliveira Sport Club. *Gazeta de Minas*, Oliveira, 28 maio 1916, p. 1; Oliveira Sport Club. *Gazeta de Minas*, Oliveira, 4 jun. 1916, p. 1; Gazeta Desportiva. *Gazeta de Minas*, Oliveira, 11 jun. 1916, p. 1; Oliveira Sport Club. *Gazeta de Minas*, Oliveira, 18 jun. 1916, p. 1; Oliveira Sport Club. *Gazeta de Minas*, Oliveira, 25 jun. 1916, p. 1.
399 Oliveira Sport Club. *Gazeta de Minas*, Oliveira, 18 jun. 1916, p. 1.
400 A INAUGURAÇÃO. *Gazeta de Minas*, Oliveira, 9 jul. 1916, p. 1.

"tiro ao alvo, esgrima e ginástica" prometidos pelo Clube Literário Recreativo de Oliveira, em janeiro de 1906, ou as corridas de cavalo organizadas pelo Jokey Club Oliveirense, entre maio e junho de 1898, e depois com uma nova tentativa empresarial entre os meses finais de 1915 e primeiros meses de 1916.[401]

A mudança de postura das elites letradas em relação às práticas esportivas parece estar alinhada com a nova dinâmica econômica e demográfica experimentada pela sede do município naquela conjuntura. Conforme discutido na sessão anterior, com o surto agropecuário das áreas rurais, cujos motivos estavam relacionados, entre outras coisas, com a diversificação, mecanização e racionalização dos processos produtivos, a organização de cooperativas agropastoris e a crescente demanda de alimentos e gêneros para as indústrias dos dois maiores centros urbanos do país, Rio de Janeiro e São Paulo, Oliveira vivenciou, na década de 1910, um expressivo processo de crescimento da população e da mão de obra assalariada, ampliação e diversificação do comércio citadino, aumento das receitas públicas e transformações modernizadoras na sede urbana da cidade. Ao lado disso, empreendimentos para a oferta de lazer e cultura, tanto por meios comerciais quanto por meios associativos, se fizeram presentes de maneira mais intensa e duradoura, acompanhando os anseios quase obsessivos de setores das elites por práticas sociais valorizadas por uma economia simbólica de matriz europeia.

No curso desse processo, o "corpo" assumirá certo protagonismo nas interações sociais, apresentando-se como instrumento privilegiado para a incorporação de modelos éticos e estéticos capazes de traduzir os novos tempos que ora se abriam. Com efeito, o pensamento médico-higienista, que nessa época se difundia pelo interior país, propagandeava o entendimento que a solução para os problemas relativos às más condições de saúde e debilidade física e moral do povo brasileiro passava pela "aquisição de bons hábitos de higiene e práticas de exercícios ginásticos, tal qual faziam os povos civilizados europeus".[402] Os emergentes "valores higiênicos", que ganhavam voz entre a intelectualidade brasileira, passaram a incidir sobre um conjunto de ações assépticas no quadro urbano das cidades que implicaram, como

401 Cf., respectivamente: Club L. R. de Oliveira. *Gazeta de Minas*, Oliveira, 21 jan. 1906, p. 1; Corridas de cavalo. *Gazeta de Oliveira*, Oliveira, 22 maio 1898, p. 1; Jockey Club. *Gazeta de Oliveira*, Oliveira, 12 jun. 1898, p. 1; Hipódromo Coronel Xavier. *Gazeta de Minas*, Oliveira, 12 set. 1915, p. 1; Corridas. *Gazeta de Minas*, Oliveira, 9 jul. 1916, p. 1.

402 Cf.: ADÃO, Cleber do Sacramento; SILVA, Diego Wandley Araújo; CAMPOS, Áurea Ester Dornelas. O esporte na cidade mineira de origem colonial: uma leitura a partir do jornal *A Tribuna* (1907-1925). In: *Tempos Gerais*, São João del-Rei, v. 3, n. 2, p. 87-104, jul./dez. 2014. Para um debate aprofundado sobre o discurso médico-higienista no Brasil, ver: JUNIOR, Edvaldo Gois. *Os higienistas e a educação física*: a história dos seus ideais. Dissertação (Mestrado em Educação Física) – Universidade Gama Filho, Rio de Janeiro, 2000.

bem observou o historiador Edivaldo Junior, na idealização de corpos saudáveis e bem treinados:

> As relações entre esporte e saúde, e entre corpo saudável e atlético eram lentamente difundidas. [...] A cidade deveria ser higienizada com bulevares, praças, áreas verdes, prédios amplos e arejados, bem como seus habitantes com corpos limpos e saudáveis. Este era o projeto de modernidade das principais cidades brasileiras.[403]

No município de Oliveira, as representações positivas acerca do esporte, nas quais o corpo deveria condizer com uma nova racionalidade higiênica, começaram a ganhar ressonâncias na imprensa no início da década de 1910, quando tornou-se mais comum a circulação de registros que advogavam em favor de "um espírito forte, num corpo forte".[404] Em março de 1912, um cronista da *Gazeta* veiculou uma longa matéria defendendo a adoção dos "exercícios ginásticos" como instrumento de "regeneração física". Segundo constava na matéria, "os principais e, talvez, exclusivos exercícios físicos" praticados pelos oliveirenses, se "resumiam em caminhar". Embora representasse um "excelente exercício", o cronista alertava que se tratava de uma atividade incompleta: "quando andamos, os músculos não são distendidos nem contraídos inteiramente; os pulmões não se dilatam suficientemente; a circulação é mediocremente ativada". Era necessário, portanto, que novos modelos de exercícios, em especial os "esportes em voga na Europa", delineassem uma nova cultura física para os moradores da sede da cidade:

> As novas formas de exercício, científicas, aprazíveis e completas, darão um pulmão mais robusto, um coração mais resistente, um sistema digestivo mais poderoso, maior graça. Ter-se-á dado um passo importante para a perfeição da humanidade, e os flagelos das aflições cardíacas, da tísica, de muitas enfermidades constitucionais, desaparecerão quase das nações civilizadas, em virtude do exercício, aliado a uma alimentação sã e uma higiene bem entendida.[405]

Esse tipo de discurso, sintonizado com as ambições de grupos das elites de plasmar uma cidade que fosse moderna e habitada por corpos limpos, belos e saudáveis, cada vez mais ganharia visibilidade nas páginas da imprensa de Oliveira. Nos primeiros meses de 1916, sobretudo após a fundação do *Oliveira Sport Club*, teve curso na cidade uma verdadeira campanha publicitária em favor dos "esportes ginásticos", cujas bases discursivas eram

---

403 Ver: JÚNIOR, Edivaldo Gois. O esporte a modernidade em São Paulo: práticas corporais no fim do século XIX e início do XX. *Movimento*, Porto Alegre, v. 19. n. 4, p. 95-117, out./dez. 2013.
404 Cultura física. Gazeta de Minas, Oliveira, 9 abr. 1911, p. 1.
405 Os exercícios físicos. *Gazeta de Minas*, Oliveira, 3 mar. 1912, p. 1.

ancoradas nos supostos benefícios "físicos, higiênicos, estéticos, morais e intelectuais" que advinham da sua fruição. Segundo passou a ser reiteradamente veiculado, os "jogos ginásticos" seriam capazes de, por exemplo, favorecer a constituição de "uma raça viril, sadia, resistente e vigorosa"; de tornar "o mais covarde, o mais forte, o mais tímido, o mais audaz, o mais raquítico, o mais valente" ou, ainda, de criar "patriotas, sempre prontos na defesa da pátria".[406] Uma espécie de "culto" aos "sports jeux", conforme escreveu um cronista anônimo,[407] oferecia um apelo irrecusável para atualizar práticas e valores que deveriam ser alicerçados nos pilares do progresso dos costumes e, por extensão, no ajuste dos corpos "aos novos requisitos do físico e da beleza".[408]

Neste quadro de rápida mudança dos sentidos e significados dos esportes, práticas que antes eram consideradas modernas e que recebiam o apoio irrestrito da imprensa passaram a sofrer um nítido desprestígio por parte dos cronistas de Oliveira. Foi o que aconteceu com a caça e o turfe, atividades que, por suas relações com a tradição e o universo rural, gradativamente perderam espaço nas coberturas jornalísticas. No caso da caça, ainda que fosse considerada, segundo foi noticiado em algumas ocasiões, um "exercício cinegético", promotor de "robustez e agilidade" e com estreitas ligações com o universo europeu, em especial a "aristocracia inglesa",[409] à medida que se acentuava o processo modernizador no centro da cidade, as caçadas em matas situadas nos arredores de Oliveira tornaram-se símbolos de hábitos antigos, desvencilhados da nova civilização desejada. Não é por outra razão que as notas elogiosas dos anos finais do século XIX e primeiros do XX, que alertavam e instruíam os caçadores sobre licenças, armas, cachorros de caça, vestimentas, perigos encontrados nas matas ou, ainda, a experiência de caçadores da Europa,[410] no início da década de 1910, mudaram radicalmente seu tom discursivo para críticas ou mesmo pedidos para que a atividade fosse "abolida".[411]

---

406 Cf., respectivamente: FOOTBALL. *Gazeta de Minas*, Oliveira,18 fev. 1917, p. 1; DESPORTO. *Gazeta de Minas*, Oliveira, 2 abr. 1916, p 1.
407 Cf.: DESPORTO. *Gazeta de Minas*, Oliveira, 2 abr. 1916, p 1.
408 Para uma síntese dessa atualização das práticas e valores esportivos, ver: FRANZINI, Fábio. "Esporte, cidade e modernidade: São Paulo". In: MELO, Victor Andrade de. *Os sports e as cidades brasileiras*: transição dos séculos XIX e XX. Rio de Janeiro: Apicuri, 2010, p. 51.
409 Cf., por exemplo: Semana a Semana. *Gazeta de Oliveira*, Oliveira, 2 out. 1896, p. 2; O primeiro caçador do mundo. *Gazeta de Oliveira*, Oliveira, 10 fev. 1895, p. 3.
410 Cf., por exemplo: Câmara Municipal. *Gazeta de Oliveira*, Oliveira, 5 jan. 1890, p. 2; Perigo da caça. *Gazeta de Oliveira*, Oliveira, 17 fev. 1895, p. 2; O primeiro caçador do mundo. *Gazeta de Oliveira*, Oliveira, 10 fev. 1895, p. 3; Caçada do Mateiro. O primeiro caçador do mundo. *Gazeta de Oliveira*, Oliveira, 22 mar. 1896, p. 2; Semana a Semana. *Gazeta de Oliveira*, Oliveira, 2 out. 1896, p. 2; Aviso aos caçadores. *Gazeta de Oliveira*, Oliveira, 26 set. 1897, p. 3; Boa caçada. *Gazeta de Minas*, Oliveira, 9 set. 1900, p. 1.
411 Cf.: Os exercícios físicos. *Gazeta de Minas*, Oliveira, 3 mar. 1912, p. 1.

Em sentido parecido, as corridas de cavalo também ficaram à margem do avanço na estrutura social da sede citadina de Oliveira. No final de outubro de 1915, quando o turfe era uma unanimidade esportiva, isto é, sem outras modalidades que pudessem fazer concorrência aos jóqueis, fortes temporais que destruíram as arquibancadas e parte da casa de apostas e do Bar Saxônio do Hipódromo Coronel Xavier prejudicaram, conforme já revelado na sessão anterior, o investimento comercial de agricultores e pecuaristas envolvidos com a organização dos páreos turfísticos. Ainda assim, os promotores do turfe insistiram em levar adiante seu empreendimento, promovendo, entre fevereiro e julho de 1916, algumas novas corridas.

Nada obstante, duas conjunções impossibilitaram as corridas de cavalo de ter, no seu renascimento, a mesma "imponência" dos eventos realizados no período anterior aos estragos provocados pelo temporal. A primeira diz respeito aos prejuízos financeiros que dificultaram a contratação de serviços para a recuperação das instalações internas do hipódromo e a aplicação de capitais para uma maior organização e qualificação dos páreos. Já a segunda tem a ver com a nova estrutura de mentalidade que passava a entender o exercício físico como sinônimo de saúde, regeneração e vigorosidade. No turfe, como bem observou Victor Melo, as principais referências das competições eram os cavalos e seus proprietários que apenas assistiam as corridas. Situação bem diferente das modalidades esportivas em que o corpo era o protagonista, incorporando, efetivamente, um novo estilo de vida adequado aos preceitos da saúde e da forma física.[412] A somatória dessas duas conjunções teve como resultado a minoração das coberturas jornalísticas aos páreos de turfe e a transformação do hipódromo em um estádio de futebol, processos que foram acompanhados pelo interesse crescente da imprensa em propagar novas formas de organização esportiva, onde o corpo era o símbolo ativo da sua realização.

No acosso da dissolução do turfe e do desaparecimento de notícias sobre caçadas, o novo espectro de ambição esportiva ensejada por cronistas da imprensa teve, no ambiente escolar, seu promotor privilegiado. O desenvolvimento do sistema educacional de Oliveira esteve diretamente atrelado ao crescimento produtivo e demográfico do município. Nos anos finais do século XIX, diante de um cenário de crise no setor agropecuário, de ondas de falência e de comprometimento das receitas públicas, diversos estabelecimentos de ensino público e privado, fundados após a inauguração dos ramais ferroviários, tiveram suas portas fechadas,

412 Ver: MELO, Victor Andrade de. *Cidade sportiva*: primórdios do esporte no Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: Relume Dumará: FAPERJ, 2001, p. 78.

entre eles, os colégios de ensino primário e secundário Nossa Senhora da Piedade (1889), Imaculada Conceição (1890), Oliveirense (1896) e o Liceu Municipal (1899).[413]

A partir de meados da década de 1900, com a progressiva recuperação do setor produtivo e das finanças municipais, bem como o crescimento demográfico de todo o município, novos investimentos foram realizados em estabelecimentos educacionais, com vistas a atender as novas demandas que se apresentavam. Em 1905, o Colégio Nossa Senhora da Oliveira, fundado em 1896 e que resistiu ao período agudo da crise, foi elevado à condição de Escola Normal.[414] Em 1907, o colégio público de instrução primária e secundária Francisco Fernandes passou a funcionar, inicialmente, em instalações provisórias e em 1909 na sede própria.[415] Também em 1909, foi inaugurado o instituto de instrução primária, ginasial e comercial Carvalho Brito.[416] Já na década de 1910, especialmente entre os anos de 1914 e 1917, uma profusão de instituições de ensino técnico e ginasial, quais sejam a Escola Acadêmica (1914), o Colégio Suíço Brasileiro (1916), o Instituto Moderno (1916) e o Ginásio Oliveirense (1917) instalaram-se na sede urbana com a oferta de matrículas para os cursos de agricultura, farmácia, odontologia, comércio e administração.[417] Em 1920, segundo dados censitários, Oliveira reunia nove instituições de ensino municipal, estadual e particular, com 904 alunos matriculados,[418] sendo que uma parte importante dos estudantes, sobretudo das instituições particulares, residia nos distritos circunvizinhos, tais como Carmo da Mata, Santa Ana do Jacaré e São Francisco de Paula.[419]

Não é possível saber com exatidão quando os "esportes ginásticos" entraram no cronograma curricular das escolas públicas e privadas de Oliveira. Conjectura-se, porém, tendo por base estatutos, registros de currículos escolares e resultados de exames finais com os nomes

---

413 Cf.: Colégio de N. S. da Piedade. *Gazeta de Oliveira*, Oliveira, 1 set. 1889, p. 2; Colégio da Imaculada Conceição. *Gazeta de Oliveira*, Oliveira, 22 fev. 1890, p. 3; Colégio Oliveirense. *Gazeta de Oliveira*, Oliveira, 2 fev. 1896, p. 1; A instrução em Oliveira. *Gazeta de Minas*, Oliveira, 12 mar. 1899, p. 1.

414 Cf.: Colégio N. S. de Oliveira. *Gazeta de Oliveira*, Oliveira, 15 mar. 1896, p. 1; Colégio N. S. de Oliveira. *Gazeta de Minas*, Oliveira, 23 jul. 1905, p. 1.

415 Prédio para o grupo. *Gazeta de Minas*, Oliveira, 12 maio 1907, p. 1; Grupo Escolar Francisco Fernandes. *Gazeta de Minas*, Oliveira, 7 mar. 1909, p. 1.

416 Instituto Carvalho Brito. *Gazeta de Minas*, Oliveira, 17 jan. 1909, p. 1.

417 Cf., respectivamente: Escola Acadêmica. *Gazeta de Minas*, Oliveira, 1 fev. 1914, p. 1; Colégio Suíço Brasileiro. *Gazeta de Minas*, Oliveira, 5 nov. 1916, p. 1; Instituto Moderno. *Gazeta de Minas*, Oliveira, 17 dez. 1916, p. 1; Ginásio de Oliveira. *Gazeta de Minas*, Oliveira, 25 fev. 1917, p. 1.

418 Este valor representa um crescimento de 93% quando comparado com o ano de 1909. Cf.: Grupo Escolar Francisco Fernandes. *Gazeta de Minas, Oliveira*, 4 abr. 1909, p. 1.

419 Mais precisamente, em 1920, Oliveira possuía duas escolas estaduais, com 689 alunos matriculados, três escolas municipais, com 128 alunos matriculados e quatro escolas particulares, com 87 alunos matriculados. Cf.: MINAS GERAIS. Secretaria da Agricultura. Serviço de Estatística Geral. *Anuário estatístico*: ano I (1921), v. IV, Belo Horizonte: Imprensa Oficial, 1926, p. 148.

das disciplinas ofertadas, que foi nos anos finais da década de 1900 que a ginástica e os jogos esportivos ensaiaram sua entrada nos currículos obrigatórios. Em 1905, o jornal *Gazeta de Minas* publicou uma circular dirigida aos inspetores escolares, recomendando que as escolas públicas primárias do município instituíssem "um intervalo de 20 minutos, a partir do meio dia, durante o qual possam os alunos repousar o espírito, fazendo exercícios físicos e entregando-se a jogos infantis compatíveis com as comodidades da casa onde funcionam as escolas".[420] Na mesma edição, em resposta à publicação da circular, um cronista anônimo, ainda que reconhecendo se tratar de uma "ideia que não é má e que se aproxima da realidade", argumentou que os colégios instalados em Oliveira ainda não haviam introduzido os "exercícios da ginástica" por haver, de um lado, um "desconhecimento" dos professores sobre os "métodos de exercícios físicos" e, de outro, uma "oposição dos pais a estes exercícios, exigindo dos professores que os obriguem a olhar só para os livros durante as longas horas diárias da escola".[421] Em 1907, isto é, dois anos após as recomendações das atividades físicas no intervalo, a situação pouco havia se alterado. Em outubro deste ano, um cronista chegou a sugerir que os "recreios" fossem "banidos" das escolas de Oliveira, alegando que o tempo de intervalo que deveria ser usado para "empregar-se, alternadamente, em exercícios militares, em exercícios físicos e ginástica" estava sendo usado para "brincadeiras estúpidas que, de ordinário, darão maus resultados para as crianças e desgosto para os professores".[422]

Foi nos primeiros meses de 1909, mais precisamente após a inauguração do instituto de ensino primário, ginasial e comercial Carvalho Brito, que a imprensa de Oliveira publicou os primeiros registros de atividades físicas nos currículos escolares. Até este momento, as propagandas e as coberturas jornalísticas das provas e exames finais das instituições de ensino davam ênfase à educação moral, intelectual, cívica e doméstica compenetrada de um conjunto de disciplinas obrigatórias que poderia incluir Línguas Estrangeiras, Português, Geometria, Álgebra, Aritmética, Lógica, Trigonometria, Física, Química, História Natural, História Universal, História do Brasil, Geografia, Astronomia, Mecânica, Música, Desenho e Costura.[423]

Nos estatutos do Instituto Carvalho Brito dizia-se que o novo colégio tinha por objetivo promover uma educação "orientada por processos modernos que não cansam o aluno nem

420 Instrução primária. *Gazeta de Minas*, Oliveira, 19 mar. 1905, p. 1.
421 Semana a Semana. *Gazeta de Minas*, Oliveira, 19 mar. 1905, p. 1.
422 Semana a Semana. *Gazeta de Minas*, Oliveira, 6 out. 1907, p. 1.
423 Cf., por exemplo: Colégio Sagrado Coração de Jesus. *Gazeta de Minas*, Oliveira, 3 nov. 1907, p. 4; Exames da Escola Normal. *Gazeta de Minas*, Oliveira, 22 dez. 1907, p. 2; Colégio de Nossa Senhora de Oliveira. *Gazeta de Minas*, Oliveira, 17 jan. 1909, p. 1.

fazem dele um autômato".[424] Essa orientação pedagógica parece ser uma tentativa de aproximação das reformas educacionais, capitaneadas pelo Secretário do Interior, Carvalho Brito, em 1906, que possibilitou modificações na formação de professores e o surgimento de práticas educativas inéditas. Segundo Marilita Rodrigues, no contexto dessas transformações, "a escola passou a ser vista como o lugar específico para uma educação que visasse ao desenvolvimento popular sob tríplice aspecto: físico, moral e intelectual".[425] No caso do Instituto Carvalho Brito, eram exatamente esses três aspectos que, segundo constava nos seus estatutos, norteavam suas referências pedagógicas: "A educação moral forma o coração, a intelectual cultiva o espírito e a física faz o homem robusto".[426]

O aspecto físico foi trabalhado, pioneiramente, por duas disciplinas obrigatórias, sendo elas "exercícios militares e de ginástica".[427] Ainda que se tratasse de uma iniciativa, até então isolada, sua aplicação parece ter sido fundamental para auxiliar na superação da "oposição dos pais" em relação aos exercícios ginásticos no ambiente escolar, ao mesmo tempo em que era possível compartilhar novas experiências pedagógicas com as demais instituições educacionais do município.

Em março de 1914, a direção do Liceu São Luiz, em nota publicada na imprensa, defendeu o "aspecto físico" do que chamou de "educação moderna que contrapõe-se a educação antiga", argumentando que, quando oferecido em "proporções equilibradas" com os aspectos "moral e intelectual", promoveria no aluno alguns atributos como "força", "iniciativa" e "caráter individual".[428] Cerca de dois anos após essa defesa, é possível encontrar registros históricos de uma professora de *gymnastica* nos quadros acadêmicos da Escola Normal Nossa Senhora da Oliveira e uma disciplina de *hygiene* nas atividades finais da Escola Estadual Coronel Xavier, localizada no "vasto povoado dos Martins".[429]

---

424 Instituto Carvalho Brito. *Gazeta de Minas*, Oliveira, 21 mar. 1909, p. 1.
425 Para uma discussão sobre as leis e os currículos que regiam a educação física no ambiente escolar em Minas Gerais nesse período, ver: RODRIGUES, Marilita Aparecida Arantes. *A constituição e o enraizamento do esporte na cidade*: uma prática moderna de lazer na cultura urbana de Belo Horizonte (1894-1920). Tese (Doutorado em História) – Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2006, p. 208-215.
426 Instituto Carvalho Brito. *Gazeta de Minas*, Oliveira, 31 jan. 1909, p. 3.
427 Instituto Carvalho Brito. *Gazeta de Minas*, Oliveira, 17 jan. 1909, p. 5.
428 Cf.: Colégio S. Luiz. *Gazeta de Oliveira*, Oliveira, 10 fev. 1889, p. 4; A educação moderna. *Gazeta de Minas*, Oliveira, 21 mar. 1914, p. 1.
429 Cf., respectivamente: Club Gracia y Fuerza. *Gazeta de Minas*, Oliveira, 17 set. 1916, p. 1; Escola Coronel Xavier. *Gazeta de Minas*, Oliveira, 30 jan. 1916, p. 1.

Foto 6 – Escola Normal Nossa Senhora da Oliveira (sem data).

Fonte: Casa da Cultura de Oliveira.

Em 1916, ano de fundação do *Oliveira Sport Club*, já havia toda uma base favorável para que não apenas a ginástica e outros tipos de exercícios físicos fossem oferecidos no interior das instituições de ensino de Oliveira, como também que novas modalidades e espaços físicos, até então inexistentes na cultura esportiva do município, fossem organizados por estudantes e educadores. Em setembro deste ano, a imprensa de Oliveira noticiou o surgimento de dois clubes esportivos, ambos organizados por professoras e alunas da Escola Normal Nossa Senhora da Oliveira, sendo eles o *Gracia y Fuerza* e o *Éden Club Sportivo*. Por intermédio dos dois clubes, foram construídos um *ground* de tênis e de basquetebol na "chácara do Colégio", além de um *ground* de basquetebol na Praça D. Manuelita Chagas.[430] As iniciativas escolares logo receberam elogios nas páginas do jornal *Gazeta de Minas* por suas conexões com a saúde, a higiene e a educação dos corpos. Conforme escreveu um cronista anônimo, os novos clubes esportivos atuariam favoravelmente para o "desenvolvimento físico", além de "emular a alegria

430 Cf.: Gracia y Fuerza. *Gazeta de Minas*, Oliveira, 17 set. 1916, p. 1; Éden Clube Sportivo. *Gazeta de Minas*, Oliveira, 22 out. 1916, p. 1; Club Gracia y Fuerza. *Gazeta de Minas*, Oliveira, 19 nov. 1916, p. 1.

comunicativa e a educação de sentimentos como o da liberdade" das "gentis compatrícias" matriculadas no curso normal.[431]

No final de outubro de 1916, foi noticiado que partidas de basquetebol franqueadas ao público estavam acontecendo todas as tardes no *ground* da Praça D. Manuelita Chagas:

> São deliciosas as partidas de basquetebol realizadas todas as tardes no ground da Praça D. Manuelita Chagas, pelas nossas gentilíssimas moças que se batem com um denodo extraordinário, divididas em dois partidos – Vermelho e Azul [...].
> A quem cabe a vitória?
> Terrível dilema este!
> Se todas se esforçam tanto!
> Deixemos passar mais alguns dias; depois seremos severamente justiceiros, vergando-se vencedoras e vencidas ao veredito dos juízes imparciais.[432]

Nas festas escolares e na participação das escolas em festas cívicas, e outros tipos de festividades que faziam parte do calendário lúdico municipal, os jogos esportivos também passaram a fazer parte do repertório de atrações. Até o ano de 1915, exames finais, entrega de diplomas e eventos diversos organizados na sede do município, a exemplo da festa das aves, festa da bandeira, festa do 7 de setembro ou, ainda, nas tradicionais comemorações da emancipação política de Oliveira, a participação da comunidade escolar podia ser vista, por exemplo, em desfiles pelas ruas da cidade, hasteamento da bandeira nacional, sessões cívicas, apresentação de bandas de música, recitas dramáticas, bailes ou, ainda, na exposição de objetos diversos nas instalações educativas.[433] Já em 1916, é possível encontrar na imprensa as primeiras referências de jogos esportivos no rol dos eventos festivos que contavam com a participação das escolas de Oliveira. As comemorações do 7 de setembro, por exemplo, "grandiosa data da independência", contou com uma passeata dos alunos do grupo escolar Francisco Fernandes, em marcha batida pelas ruas centrais, retreta da Banda Santa Cecília na Praça da Matriz e uma "partida de basquetebol das alunas da escola Normal" no *ground* da Praça D. Manuelita.[434] Já no dia 19 de novembro, por ocasião das comemorações do dia

---

431 Cf.: Gracia y Fuerza. *Gazeta de Minas*, Oliveira, 22 out. 1916, p. 1.
432 Éden Clube Sportivo. *Gazeta de Minas*, Oliveira, 22 out. 1916, p. 1.
433 Cf., por exemplo: Colégio Nossa Senhora de Oliveira. *Gazeta de Minas*, Oliveira, 1 dez. 1907, p. 1; Grupo escolar Francisco Fernandes. *Gazeta de Minas*, Oliveira, 21 nov. 1909, p. 1; Instituto Carvalho Brito. *Gazeta de Minas*, Oliveira, 21 nov. 1909, p. 1; Colégio Nossa. S. de Oliveira. *Gazeta de Minas*, Oliveira, 21 nov. 1909, p. 1; Colégio Nossa. S. de Oliveira. *Gazeta de Minas*, Oliveira, 12 dez. 1909, p. 1; Sete de setembro. Colégio Nossa. S. de Oliveira. *Gazeta de Minas*, Oliveira, 11 set. 1910, p. 1; Festival. *Gazeta de Minas*, Oliveira, 20 nov. 1910, p. 1; Teatro Municipal. *Gazeta de Minas*, Oliveira, 1 dez. 1912, p. 1; Grupo Escolar. *Gazeta de Minas*, Oliveira, 13 dez. 1914, p. 1; 7 de setembro. *Gazeta de Minas*, Oliveira, 12 set. 1915, p. 1; Festa das aves. *Gazeta de Minas*, Oliveira, 19 set. 1915, p. 1.
434 7 de setembro. *Gazeta de Minas*, Oliveira, 10 set. 1916, p. 1.

bandeira, os "elegantíssimos" clubes *Gracia y Fuerza* e *Éden Club Sportivo* promoveram um festival esportivo no *ground* da chácara do Colégio Nossa Senhora de Oliveira, onde partidas de tênis e de basquetebol foram disputadas com "muita animação e grande entusiasmo da assistência".[435]

No ano seguinte, isto é, em 1917, os jogos esportivos e os exercícios ginásticos promovidos pelas instituições de ensino da sede municipal ganharam o reforço do Tiro de Guerra 327. As primeiras movimentações para se instalar uma associação militar em Oliveira remontam ao início da década de 1910. Em janeiro de 1911, uma reunião no edifício da Câmara Municipal foi noticiada pela *Gazeta*, onde um pequeno grupo de sócios se ajuntou para tratar das bases de fundação de um clube militar, o que foi chamado por um cronista anônimo de "um melhoramento de interesse magno". Mesmo com o cadastramento de 50 associados na reunião inaugural, a baixa adesão dos sócios nos encontros que sucederam à primeira iniciativa de criação de uma Linha de Tiro fez com que o clube militar tivesse uma existência efêmera.[436]

No mês final de 1916, uma nova tentativa de criação de uma Linha de Tiro teve andamento na sede de Oliveira. Desta vez, dois movimentos principais deixaram o ambiente citadino mais favorável para que esse tipo de ação lograsse êxito. Primeiro, a consolidação dos discursos que associavam as modalidades atléticas e os exercícios ginásticos e militares à ideia de saúde, civismo e modernização dos hábitos. Segundo, "a execução da lei do sorteio militar", que permitia aos jovens integrantes dessas sociedades, filiadas à Confederação do Tiro Brasileiro, reduzir pela metade o tempo prestado ao serviço militar obrigatório.[437] No dia 10 de dezembro, "depois de várias reuniões preparatórias", a Linha de Tiro de Oliveira foi oficialmente instalada, fomentando publicações nas páginas dos jornais locais enaltecendo a capacidade das associações militares de promover, "nos mancebos com idade de alistamento", atributos como "coragem, resistência e bravura". Conforme escreveu um cronista anônimo: "São incontestáveis as vantagens da Linha de Tiro para a nossa mocidade que não pode mais

435 Club Gracia y Fuerza. *Gazeta de Minas*, Oliveira, 19 nov. 1916, p. 1.
436 Linha de Tiro. *Gazeta de Minas*, Oliveira, 15 jan. 1911, p. 1.
437 De acordo com Selma Gonzales, que pesquisou sobre o assunto, a filiação na Confederação do Tiro Brasileiro, fundada em 1906, permitia aos integrantes das sociedades de tiro, entre outras coisas, a prestação de metade do tempo do serviço militar obrigatório mediante sorteio. Entre 1913 e 1915, as sociedades de tiro sofreram um arrefecimento em razão do não cumprimento da Lei do Sorteio, instituída em 1908. Como bem apontou Selma Gonzales, "como, na prática, o sorteio não ocorria, tornou-se desnecessário ser integrante das sociedades". Já a partir de 1916, com a efetivação da Lei do Sorteio, houve uma espécie de "surto" de novas sociedades que saltaram de 112, em 1915, para 430, em 1917. Ver.: GONZALES, Selma Lúcia de Moura. *A territorialidade militar terrestre no Brasil*: os tiros de guerra e a estratégia da presença. Tese (Doutorado em Geografia Humana) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2008.

continuar a viver nessa apatia, com geral e fundo sentimento dos que desejam ver gerações de fortes. O município de Oliveira tem tudo a lucrar com a criação da linha de tiro".[438]

As atividades do clube militar tiveram começo em abril de 1917, quando um ofício endereçado ao presidente da associação confirmava sua incorporação à Confederação do Tiro Brasileiro, ficando registrada com o nome de Tiro de Guerra 327.[439] Inicialmente, o Tiro se limitou em promover pequenas marchas pelas ruas centrais da cidade, ora ao som de clarim, ora ao som de bandas de música, nos feriados e dias festivos.[440] A partir do início de dezembro, com a chegada a Oliveira do Sargento Instrutor Sr. Luiz Gonzaga Veras, nomeado pelo Ministério da Guerra, os trabalhos foram diversificados com a inclusão de *raids* pedestres, desportos e exercícios militares.[441] Já no dia 25 de dezembro, o Tiro de Guerra 327 participou do "*raid* pedestre Sul e Norte-Americano" organizado pelo 51º Batalhão de Caçadores de São João del-Rei, percorrendo, entre as cidades de São João del-Rei e Oliveira, 155 km pelo leito da Estrada de Ferro Oeste de Minas.[442] No ano seguinte, outros três *raids* pedestres foram organizados pelo Sargento Instrutor do Tiro de Guerra 327, o Sr. Luiz Gonzaga Veras: o primeiro no dia 10 de agosto entre as cidades de Oliveira e Bom Sucesso, num percurso de 57 km; o segundo no dia 25 de agosto entre a cidade de Oliveira e o distrito de Carmo da Mata, num percurso de 26 km; e o terceiro no dia 16 de setembro entre a cidade de Oliveira e o distrito de São Francisco de Paula, num percurso de "três léguas e tanto".[443] Este último, em razão da calorosa recepção dos moradores do distrito vizinho e das festividades promovidas no retorno dos membros do clube militar, o que incluiu uma sessão cinematográfica, recebeu uma ampla cobertura do jornal *Gazeta de Minas*:

> No dia 16, pelas 4 da manhã, saiu, sob o comando do sargento instrutor Sr. Luiz Veras, com destino a S. Francisco de Paula, havendo percorrido três léguas e tanto, por maus caminhos, em pouco mais de três horas.
> Naquele prospero arraial foi a ele elegante e briosa mocidade recebida por duas bandas de música e por uma enorme massa de povo, sendo muito aclamada.
> Dali regressou no dia 17, chegando a cidade às 8 e meia horas da noite, sendo recebida defronte ao Paço Municipal pela banda de música Santa Cecília, franqueando-lhe uma sessão cinematográfica o Sr. Capitão Augusto Trindade, Empresário do Cinema Oliveirense, convite que foi aceito, mostrando os valentes moços que não estavam cansados.

438 Linha de Tiro. *Gazeta de Minas*, Oliveira, 10 dez. 1916, p. 1.
439 Linha de Tiro. *Gazeta de Minas*, Oliveira, 13 abr. 1917, p. 1.
440 Cf., por exemplo: Linha de Tiro. *Gazeta de Minas*, Oliveira, 25 nov. 1917, p. 1.
441 Linha de Tiro. *Gazeta de Minas*, Oliveira, 16 dez. 1917, p. 1.
442 Raid S. João – Oliveira. *Gazeta de Minas*, Oliveira, 23 dez. 1917, p. 1.
443 Cf., respectivamente: Raid. *Gazeta de Minas*, Oliveira, 18 ago. 1918, p. 1; Os desportos do Tiro 327. *Gazeta de Minas*, Oliveira, 1 set. 1918, p. 1; Raid do Tiro 327. *Gazeta de Minas*, Oliveira, 22 set. 1918, p. 1.

> Ouvimos alguns sócios sobre o sucesso do *raid* que ocorreu sem o menor incidente, mostrando-se todos infinitamente reconhecidos para com a nobre e hospitaleira população de S. Francisco que primou pela recepção e acolhimento que tão espontânea, fidalga e indistintamente lhes dispensou, parecendo que cada um queria exceder outro em gentilezas.
> Não apontam nomes, com receio de ofensa, ainda que involuntária, omitindo algum; mas pateteiam aquele generoso povo a sua gratidão, com a recordação permanente das horas deliciosas que ali passaram.[444]

Nas festas cívicas, feriados e festividades escolares, o Tiro de Guerra 327 passou a ter presença cativa ao lado das instituições de ensino, organizando paradas, marchas, passeatas, hinos, cantos patrióticos, exercícios e desportos militares. No dia 21 de abril de 1918, por exemplo, nas festividades do dia de Tiradentes, "passeatas", "exercícios" e "cantos" tiveram como promotores a "Linha de Tiro de Oliveira e os alunos do Colégio Suíço Brasileiro, a que foram assistidos por uma multidão que saudou a grande data".[445] No dia 2 de junho, nas comemorações de oferecimento do pavilhão nacional ao Tiro de Guerra 327, pelo "belo sexo oliveirense", uma grande passeata foi realizada com participação dos sócios do clube militar de Oliveira, de representantes das Linhas de Tiro de Bom Sucesso e Itapecerica, além de alunos dos colégios Suíço Brasileiro, Francisco Fernandes e Ginásio Oliveirense. O "numeroso préstito", segundo foi noticiado, seguiu pela Rua Direita rumo ao Fórum, onde os sócios do Tiro de Oliveira prestaram um juramento à bandeira, seguindo-se depois "diversos números de desporto militar, como corridas a pé, salto em altura e em distância, corrida de obstáculos, etc., mostrando-se moços garbosos, ágeis e bem adestrados".[446] Por fim, nas comemorações do 7 de setembro, as festividades foram divididas entre o Colégio Francisco Fernandes, que organizou a festa das árvores e o hino nacional cantado pelos alunos, o Colégio Nossa Senhora de Oliveira, que organizou uma noite de discursos e manifestações de homenagem a "gloriosa data", e o Tiro de Guerra 327 que, com o auxílio do Colégio Suíço Brasileiro, organizou uma parada militar que foi acompanhada de "desportos militares".[447]

Integrando-se aos novos códigos higiênicos difundidos por colégios públicos e privados, por clubes esportivos e militares, autoridades políticas e grupos das elites, seja de forma coletiva ou individual, não se furtaram da responsabilidade de endereçar, na sede citadina do município, espaços públicos ou estabelecimentos de comércio voltados para a prática dos exercícios ginásticos e desportos de toda a sorte. Em meados de fevereiro de 1917, um grupo de vereadores

---

444 Raid do Tiro 327. *Gazeta de Minas*, Oliveira, 22 set. 1918, p. 1.
445 21 de abril. *Gazeta de Minas*, Oliveira, 28 abr. 1918, p. 1.
446 Cf.: A entrega da bandeira ao Tiro de Guerra 327. *Gazeta de Minas*, Oliveira, 2 jun. 1918, p. 3;
A entrega da bandeira ao Tiro de Guerra 327. *Gazeta de Minas*, Oliveira, 9 jun. 1918, p. 1.
447 7 de setembro. *Gazeta de Minas*, Oliveira, 8 set. 1918, p. 1.

liderados pelo presidente da Câmara Municipal, Coronel Manuel Antônio Xavier, levantou a ideia de construir um jardim público na Praça da Matriz.[448] Uma "comissão construtora", segundo chamou a imprensa, foi constituída para angariar fundos e acompanhar as obras de instalação do gradeamento, do portão, dos canteiros, do coreto, do adro em frente à Matriz para os serviços religiosos externos, além de "um grande rinque de patinação de 40 metros de comprimento e 20 de largura", mandado trazer da capital Belo Horizonte.[449]

As despesas da construção do jardim foram financiadas por "avultadas doações" de fazendeiros, capitalistas e profissionais liberais residentes em Oliveira, sendo complementadas com a organização de quermesses, onde "muitos, excelentes e valiosos prêmios" foram "generosamente oferecidos em benefício das obras do jardim".[450] Na segunda semana de maio, com a intenção de superar as "dificuldades orçamentárias para a terminação das obras", a comissão construtora "resolveu cobrar a modica importância de 5$000 mensais por pessoa entrada no rinque, ou 300 réis por dia", havendo ali no jardim, diariamente, um fiscal voluntário para a entrega dos ingressos.[451] Os trabalhos de construção e quitação das despesas do jardim tiveram fim em janeiro de 1918, momento em que a comissão construtora entregou o jardim público para a responsabilidade administrativa da Câmara Municipal de Oliveira.[452]

Não demorou para que o jardim da Praça da Matriz, como já foi revelado na sessão anterior, transformasse-se "no principal espaço público de lazer da cidade, além de ponto privilegiado para algumas diversões entendidas por grupos letrados como sofisticadas e de bom gosto".[453] Na sessão atual, quero dar destaque para as experiências esportivas vivenciadas nas instalações do jardim. Já no início de abril, quando o jornal *Gazeta de Minas* noticiou que estava "terminado as obras de instalação do rinque", os primeiros ensaios com os patins atraíram a atenção dos cronistas da imprensa local: "Quanta alegria e encanto, à tardinha, no jardim público? Flores entre flores, as belas senhoritas oliveirenses, atraindo olhares doces de quantos observam seus trejeitos gráceis de tímidas patinadoras, no rinque que se construiu".[454] No final de outubro, o rinque precisou ser fechado pela comissão construtora para algumas obras e

448 O Jardim. *Gazeta de Minas*, Oliveira, 11 fev. 1917, p. 1.
449 Cf.: O Jardim. *Gazeta de Minas*, Oliveira, 11 fev. 1917, p. 1; Jardim. *Gazeta de Minas*, Oliveira, 25 fev. 1917, p. 1; O Jardim. *Gazeta de Minas*, Oliveira, 11 mar. 1917, p. 1; O Jardim. *Gazeta de Minas*, Oliveira, 1 abr. 1917, p. 1.
450 Cf., por exemplo: O Jardim. *Gazeta de Minas*, Oliveira, 8 abr. 1917, p. 1; Quermesse. *Gazeta de Minas*, Oliveira, 20 maio 1917, p. 1; O Jardim. *Gazeta de Minas*, Oliveira, 27 maio 1917, p. 1.
451 O Jardim. *Gazeta de Minas*, Oliveira, 13 maio 1917, p. 1.
452 Ata de reunião da Câmara Municipal do dia 17 jan. 1918. In: OLIVEIRA (1917-1921), p. 13, verso.
453 Ver discussão nas páginas 99-100.
454 Cf.: O Jardim. *Gazeta de Minas*, Oliveira, 8 abr. 1917, p. 1; O Jardim. *Gazeta de Minas*, Oliveira, 15 abr. 1917, p. 1; SPORTS. *Gazeta de Minas*, Oliveira, 22 abr. 1917, p. 1.

ajustes finais,[455] sendo reaberto no primeiro mês do ano seguinte, data que marcou a inauguração oficial do jardim público de Oliveira.[456]

Os "gloriosos dias do rinque, com a concorrência de patinadores e patinadoras", tiveram seu "entusiasmo arrefecido" nos primeiros meses de 1918, quando a imprensa passou a noticiar que a "amabilidade inebriante" do novo esporte havia se transformado na tristeza de uma "velha casa em ruínas".[457] Essa situação se agravou na semana final de outubro, por motivo da "entrada alarmante" da Gripe Espanhola na sede urbana do município.[458] No dia 10 de novembro, a cidade de Oliveira já contava com 167 doentes notificados, número que saltou para quase 500 nas duas semanas seguintes, o que fez com que as autoridades políticas suspendessem as aulas escolares, ao mesmo tempo em que o cinema, o jardim e uma parte do comércio citadino foram fechados.[459] Conforme registrou um cronista anônimo, "nesses dias dramáticos", o centro de Oliveira ficou deserto: "casas de comércio fechadas; raro em raro nas ruas um transeunte nostálgico; e o jardim, que aos domingos sob o ruído de estrídula fanfarra, se engalanava e se povoava de garridas silhuetas, agora com o vento a dedilhar canções de saudade na arpa das folhas".[460]

No início de dezembro, após o período agudo da epidemia, o número de pessoas internadas na Santa Casa declinou de 48 para 21. Já o número de contaminados pela "pertinaz pandemia" teve um substancial recuo, mais precisamente, de "quatrocentos de tantos" para 100.[461] Aos poucos, a cidade foi voltando aos seus "hábitos antigos interrompidos pela espalhafatosa espanhola".[462] O jardim público foi reaberto na noite do dia 8 de dezembro, com uma retreta musical no coreto. Na semana seguinte, foi a vez do Cinema Oliveirense, cujo proprietário aproveitou os dias de restrição para promover ali uma "completa reforma".[463] Nos dias finais de 1918, a imprensa de Oliveira noticiou que poucos casos se notavam, com poucos

455 O Jardim Público. *Gazeta de Minas*, Oliveira, 28 out. 1917, p. 1.
456 Em razão da indisponibilidade de fontes jornalísticas entre os meses de janeiro e março de 1918, não foi possível trazer para o leitor descrições sobre as festividades de inauguração do jardim público municipal.
457 Cf.: Sports. *Gazeta de Minas*, Oliveira, 25 abr. 1920, p. 2; Notas Mundanas. *Gazeta de Minas*, Oliveira, 20 out. 1918, p. 2.
458 A Gripe Espanhola em Oliveira. *Gazeta de Minas*, Oliveira, 27 out. 1918, p. 2.
459 Cf.: Gripe Espanhola em Oliveira. *Gazeta de Minas*, Oliveira, 3 nov. 1918, p. 2; A Gripe Espanhola em Oliveira. *Gazeta de Minas*, Oliveira, 10 nov. 1918, p. 2; A Gripe Espanhola. *Gazeta de Minas*, Oliveira, 24 nov. 1918, p. 2.
460 Notas Mundanas. *Gazeta de Minas*, Oliveira, 24 nov. 1918, p. 2.
461 Cf.: A Gripe Espanhola. *Gazeta de Minas*, Oliveira, 1 dez. 1918, p. 1; A Gripe Espanhola. *Gazeta de Minas*, Oliveira, 8 dez. 1918, p. 2.
462 Notas Mundanas. *Gazeta de Minas*, Oliveira, 8 dez. 1918, p. 2.
463 Notas Mundanas. *Gazeta de Minas*, Oliveira, 8 dez. 1918, p. 2.

doentes na Santa Casa, sendo já, segundo foi noticiado, reestabelecida a "vida normal, notando-se pelas ruas o movimento de costume e o comércio, na sua atividade ordinária".[464]

O retorno do convívio público na sede de Oliveira teve como saldo negativo o desaparecimento das notícias sobre a patinação, onde os quase dois meses de fechamento do jardim público contribuíram para que o rinque adquirisse um aspecto de "abandono, com o asfalto todo partido, quase inutilizado".[465] Ao longo de todo o ano de 1919, nenhum registro histórico de atividades esportivas no jardim público foi encontrado. No mês de abril, um cronista anônimo lamentou a ausência da patinação nos "incomparáveis crepúsculos do jardim": "não seria delicioso assistir-se no rinque, deslizarem sobre patins velozes as nossas elegantes patinadoras?"[466] No mês de julho, por ocasião da chegada do inverno, outra nota foi publicada, desta vez ironizando o fato das "formosas patinadoras oliveirenses" estarem "encorujadas dentro de casa", com os "lábios enrijecidos", enquanto o rinque, "apesar das trincas como pés de galinhas em casa de titia Madurazia", ainda era "perfeitamente patinável".[467]

Apenas em maio de 1920 a patinação voltou a receber o "giro aligeiro dos patins". No dia 25 de abril, um cronista anônimo fez um apelo para que o rinque reconquistasse o seu "esplendor primitivo": "A patinação é um dos esportes mais distintos e aristocráticos e dos mais apropriados ao nosso clima, principalmente agora em que os primeiros frios nos chegam. Porque não se reiniciarem os exercícios da patinação?"[468] Três semanas após essa matéria, a imprensa de Oliveira registrou que "foram vistos no rinque do jardim público, alguns menores entregando-se ao apreciado esporte", o que serviria, segundo foi noticiado, de motivação para "despertar da apatia os nossos patinadores".[469] Com o chamado da imprensa e com o novo aparecimento da "mocidade oliveirense" no rinque, o entusiasmo pelo "apreciado esporte de patinação" foi reacendido no "alarido alegre do jardim da Matriz". Nos últimos dias de maio, um cronista anônimo registrou o crescente número de pessoas praticando a patinação, assim como o compromisso da Câmara Municipal de promover a reforma do rinque:

---

464 A Gripe Espanhola. *Gazeta de Minas*, Oliveira, 29 dez. 1918, p. 1.
465 Cf.: Notas Mundanas. *Gazeta de Minas*, Oliveira, 13 jul. 1919, p. 2; Sports. *Gazeta de Minas*, Oliveira, 25 abr. 1920, p. 2.
466 Notas Mundanas. *Gazeta de Minas*, Oliveira, 6 abr. 1919, p. 2.
467 O frio. *Gazeta de Minas*, Oliveira, 13 jul. 1919, p. 2.
468 Sports. *Gazeta de Minas*, Oliveira, 25 abr. 1920, p. 2.
469 O rinque. *Gazeta de Minas*, Oliveira, 16 maio 1920, p. 2.

> É cada dia maior o número de patinadores, no rinque do jardim público. Formosas senhoritas, cavalheiros e um sem número de meninos e meninas emprestam um aspecto festivo aquele lindo logradouro público.
> Quando aqui sugerimos o renascimento do rinque dissemos que conseguiríamos que fosse o mesmo melhorado, de modo a tornar-se adequado para o lindo esporte. Podemos informar que o Sr. Presidente da Câmara já providenciou no sentido e em breve o rinque estará novo para tornar-se o ponto predileto do flirt das nossas melindrosas com os nossos preciosos.[470]

Simultaneamente ao ressurgimento da patinação, que já no início de junho passava a reunir no rinque, "todas as tardes", "gentis senhoritas e uma petizada saudável", outra novidade esportiva foi incorporada nas vivências lúdicas do jardim público foi a peteca. No dia 6 de junho de 1920, um cronista da *Gazeta* publicou uma pequena nota com referências ao novo esporte: "Tem sido muito apreciado o jogo da peteca por gentis senhoritas, que se entregam a esse sadio e útil esporte, tão apreciado na Europa".[471] Na imprensa, as três fases que marcaram as experiências esportivas no jardim, sendo elas, os primeiros deslizes de patinadores e patinadoras por volta de abril de 1917, a paralisação desse esporte nos meses iniciais de 1918 e seu retorno acompanhado da prática da peteca em maio de 1920 tiveram, como ponto de convergência para os elogios do seu sucesso ou críticas e lamento do seu desaparecimento, as novas concepções de uso do corpo que, progressivamente, orientavam práticas e pedagogias. "Beleza", "alegria", "elegância", "saúde" e "força", eram algumas das qualidades que norteavam as percepções dos cronistas em suas coberturas sobre a fruição ou ausência dos aristocráticos e progressistas esportes da patinação e da peteca. Em fevereiro de 1919, por exemplo, quando a cidade voltava a receber grandes aglomerações humanas, após a superação do surto de Gripe Espanhola, a paralisia das atividades esportivas no jardim público fomentou a produção de uma crônica, voltada para o público feminino, orientando sobre a importância de se "entregar à vida ao ar livre e ao exercício corporal" para a incorporação de benefícios de saúde, vigor e beleza física:

> E a saúde, que é o carmim das faces, o coral dos lábios, o brilho aveludado dos olhos, a vivicidade do espírito, a constante e sadia alacridade, podereis obtê-la com um remédio muito simples: OS EXERCÍCIOS FÍSICOS.
> De parte, pois, todas as drogas nocivas que tendes em vosso toucado amável leitora: água fria pela manhã; exercícios em seguida.
> Em 2 anos, si tanto, vereis se acaso não sois bela, atraente, amável, forte, alegre, corajosa, elegante e chique.[472]

---

470 O rinque. *Gazeta de Minas*, Oliveira, 30 maio 1920, p. 2.
471 Sports. *Gazeta de Minas*, Oliveira, 6 jun. 1920, p. 2.
472 Respingando. *Gazeta de Minas*, Oliveira, 16 fev. 1919, p. 2.

A relativa importância simbólica atribuída aos "exercícios corporais" oferecia um ambiente bastante oportuno para atrair investimentos comerciais neste setor, o que foi feito pelo empresário do ramo de bares e artigos de armarinho, calçados e chapéus, Jorge Simão, que em abril de 1919 inaugurou uma academia de exercícios na cobertura do Café-Club.[473] A atuação esportiva do empresário supracitado já era conhecida pelo menos desde meados de 1917, quando foi introduzida, na sede da cidade, por seu intermédio, a luta romana. Já no mês de outubro deste ano, o *sportman*, tal como era chamado na imprensa, recebeu do *Oliveira Sport Club* uma medalha de ouro como forma de homenagem por ter vencido uma luta no Pavilhão Floriano. Segundo foi registrado pela imprensa:

> O Oliveira Sport Club, composto de moços muito distintos e das nossas principais famílias, acaba de oferecer ao valente Sr. Jorge Simão uma medalha de ouro como preito de admiração por sua brilhante vitória na luta romana no Pavilhão Floriano, em 27 de agosto findo.
> Em uma das faces da linda medalha lê-se: – Ao amador Jorge Simão – homenagem do povo de Oliveira; na outra face: – Oliveira, XVII – VIII – MCMXVII.[474]

No ano seguinte, Jorge Simão e "diversos moços da nossa cidade, amigos dos exercícios físicos que formam homens" levantaram a ideia de fundar um "Centro Físico de Luta Romana". Contrariando a torcida do cronista da *Gazeta*, que explicitou sua "ansiedade" em ver "de pé" o novo empreendimento esportivo, a iniciativa acabou por "gorar no ovo".[475] Os registros sobre a modalidade desapareceram das páginas dos jornais, porém, o envolvimento de Jorge Simão com os *exercícios physicos* não esmoreceu por completo. Em fevereiro de 1919, o "fidalgo *sportman*" inaugurou, "no ângulo do Largo da Matriz com a Rua Direita", o Café-Clube, apresentado pomposamente na imprensa como um dos cafés mais "chiques" e "smarts" do interior mineiro.[476] Cerca de dois meses após o evento inaugural, Jorge Simão instalou, na parte superior do café, uma "sessão de exercícios denominada Clube Rio Branco".[477] Tratava-se, mais especificamente, de uma academia voltada para um "seleto grupo de sócios e admiradores" que poderiam se exercitar, diariamente, em dois horários diferentes: das 6 às 10 da manhã, e das 6 às 7 da noite:

> No melhor ponto da cidade, na esquina da Rua Direita e Largo da Matriz, (sobrado), acha-se montado o Café-Clube com todo capricho, ordem e asseio, tendo também uma

473 Cf.: Café Club. *Gazeta de Minas*, Oliveira, 6 abr. 1919, p. 3.
474 HONRA AO VALOR. *Gazeta de Minas*, Oliveira, 21 out. 1917, p. 1.
475 DESPORTOS. *Gazeta de Minas*, Oliveira, 2 jun. 1918, p. 1.
476 Sobre o Café-Clube, ver discussão na página 104.
477 Café-Clube. *Gazeta de Minas*, Oliveira, 6 fev. 1919, p. 3.

> sessão completa de exercícios físicos, como sejam: argolas, barra fixa, paralelas, arteres, etc.[478]

O novo leque de espaços e modalidades esportivas que ganhava diferentes formas de organização relacionava-se, intimamente, com a classe dominante de Oliveira. Com o desaparecimento da caça e do turfe e a solidificação da ciência higienista, que via nos exercícios ginásticos e nos esportes atléticos uma fonte inexorável de saúde, vitalidade, energia e beleza física, grupos das elites atuaram como uma espécie de porta-vozes da nova escala de valores e sensibilidades, fazendo dos *sports* um modismo elegante e salutar. O futebol, o basquete, o tênis, a patinação, a peteca, os *raids* pedestres, os desportos militares, a luta romana e a academia de exercícios físicos corporificavam os desejos das elites oliveirenses de integrarem a "ordem do dia", que foi traduzida por um cronista anônimo na forma de uma "necessidade inadiável de abraçar as indicações dos higienistas".[479] Atribuindo aos clubes, aos espaços e às modalidades esportivas uma lógica distintiva, esses "refinados *sportmens*" e "gentis *sportwomens*" representavam a si mesmos, tal como foi observado por Joyce Corrêa e Cleber Dias, "simples instrumentos a serviço da luta pelo progresso", copiando e difundindo práticas que juntavam a racionalidade da ciência com um *modus vivend* europeizado.[480]

O perfil atraente do novo repertório esportivo teve, na imprensa, um parceiro importante para demarcar o caráter elitista dos esportes, criando, simultaneamente, uma imagem de agentes da civilização em cima daqueles que incentivavam, praticavam ou mesmo assistiam os exercícios e desportos atléticos. Este processo fazia parte de uma rede mais ampla de ambições das elites letradas, por diversões "úteis" e mais modernas, o que incluía, entre outras coisas, segundo já demonstrado na sessão anterior, cafés, charutarias, bilhares, teatros, cinema, clubes recreativos, biblioteca, jardim público e coreto.[481] No caso dos esportes, porém, a retórica da distinção e do incremento civilizacional assumiu contornos verdadeiramente especiais, sendo representados na imprensa, praticantes e assistentes, clubes e espaços esportivos, como símbolos da sofisticação dos comportamentos e da higienização e modelagem dos corpos.

As partidas de basquete e de tênis promovidas pelas sócias dos clubes *Gracia y Fuerça* e *Éden Club Sportivo*, nos *grounds* da chácara da Escola Normal Nossa Senhora da Oliveira e

---

478 Café-Clube. *Gazeta de Minas*, Oliveira, 6 fev. 1919, p. 3.
479 Educação física das mulheres. *Gazeta de Minas*, Oliveira, 29 abr. 1917 p. 2.
480 Ver: CORRÊA, Joyce Nancy da Silva; DIAS, Cleber. Esporte, lazer e cultura no Acre, c. 1907-1920. In: DIAS, Cleber (Org.), *Depois da Avenida Central*: cultura, lazer e esportes nos sertões do Brasil. Rio de Janeiro: Jaguatirica, 2020, p. 111-151.
481 Ver a discussão apresentada no segundo tópico do primeiro capítulo.

da Praça D. Manuelita Chagas, eram retratadas por cronistas como um espetáculo onde, dentro da quadra, "distintas consocias" entregavam-se aos benefícios dos exercícios desportivos "a que a mulher ordeira não poderia ser indiferente", enquanto que, nas arquibancadas, "o ordenamento de bandeirolas azuis e encarnadas" demarcava uma assistência composta pelo que havia de "melhor e mais seleto na cidade".[482] No rinque do Jardim Público da Praça da Matriz, em sentido quase idêntico, a percepção dos cronistas era que "formosas" e "gentis senhoritas", com "uma compreensão estética e moderna da vida", deslizavam seus patins "na arena da força, da graça e da esbelteza".[483] Já os *raids* pedestres, exercícios e jogos militares do Tiro de Guerra 327 contavam com a participação de "valentes, briosos e elegantes moços", cujo benefício principal do clube militar, segundo narrou um cronista anônimo, era o de promover a "formação de homens fortes, ágeis, vigorosos e disciplinados".[484] Na mesma direção, o *Oliveira Sport Club*, agremiação constituída de uma "brilhante plêiade de *footballers*", a exemplo de Cicero Ribeiro de Castro Filho (acadêmico de Direito), José Augusto Trindade (engenheiro agrônomo), Benjamim Maldonado (diretor escolar), Omar Castro (comerciante), Américo Ferreira Leite (Presidente da Câmara Municipal), Artur Dinis (advogado), e o jovem Epitácio Ferreira de Carvalho (filho do então Deputado Estadual Ferreira de Carvalho),[485] assumia nesses discursos a forma de um "empreendimento" de reais vantagens para preencher, cabalmente, a obra de transformar "maricas em varões saudáveis e que não tremem diante do perigo, nem dele fogem".[486] Nas arquibancadas do campo do Prado Coronel Xavier, o direcionamento descritivo da assistência recaía em "formoso destaque" sobre as "graciosas senhoritas patrícias" que, segundo era noticiado, não poupavam esforços para "alentar os jovens *players*".[487] Direcionamento semelhante era dado a um público "exclusivamente familiar" que frequentava o Café-Clube, e que poderia ser estendido para o "seleto grupo de sócios e

---

482 Cf.: 7 de setembro. *Gazeta de Minas*, Oliveira, 10 set. 1916, p. 1; Gracia y Fuerza. *Gazeta de Minas*, Oliveira, 17 set. 1916, p. 1; Éden Clube Sportivo. *Gazeta de Minas*, Oliveira, 22 out. 1916, p. 1; Club Gracia y Fuerza. *Gazeta de Minas*, Oliveira, 19 nov. 1916, p. 1.

483 Cf.: O Jardim. *Gazeta de Minas*, Oliveira, 15 abr. 1917, p. 1; SPORTS. *Gazeta de Minas*, Oliveira, 22 abr. 1917, p. 1; Notas Mundanas. *Gazeta de Minas*, Oliveira, 22 dez. 1918, p. 2; O rinque. *Gazeta de Minas*, Oliveira, 30 maio 1920, p. 2; Sports. *Gazeta de Minas*, Oliveira, 6 jun. 1920, p. 2.

484 Cf.: Linha de Tiro. *Gazeta de Minas*, Oliveira, 25 nov. 1917, p. 1; Dia 8. *Gazeta de Minas*, Oliveira, 15 set. 1918, p. 1; Raid do Tiro 327. *Gazeta de Minas*, Oliveira, 22 set. 1918, p. 1.

485 Cf. Vida social. *Gazeta de Minas*, Oliveira, p. 2, 28 jan. 1917; FOOT BALL. *Gazeta de Minas*, Oliveira, p. 2, 9 mar. 1919; Câmara Municipal. *Gazeta de Minas*, Oliveira, p. 2, 1 jan. 1916; Oliveira Sport Club. *Gazeta de Minas*, Oliveira, p. 1, 20 ago. 1916.

486 Cf.: Desporto. *Gazeta de Minas*, Oliveira, 2 abr. 1916, p. 1; Oliveira Sport Club. *Gazeta de Minas*, Oliveira, 9 abr. 1916, p. 1.

487 Cf.: Desporto. *Gazeta de Minas*, Oliveira, 4 fev. 1917, p. 1; Football. *Gazeta de Minas*, Oliveira, 18 fev. 1917, p. 1.

admiradores" que frequentava a academia de exercícios físicos instalada na parte superior do café.[488]

De maneira antagônica a esses clubes e espaços frequentados por pessoas de "boa família", os esportes, ao se estabelecerem rapidamente no cotidiano da cidade, precocemente deixaram de ser exclusivos das camadas mais abastadas e foram apropriados pelos segmentos populares, que improvisavam sua prática nas ruas e largos da cidade. Na imprensa, cronistas, na tentativa de manter as novas modalidades com uma feição elegante, higiênica e moderna, iniciaram uma forte ofensiva contra os praticantes de rua.[489]

O primeiro esporte que ganhou as ruas e praças foi o futebol. Em julho de 1916, um cronista anônimo da *Gazeta de Minas* tecia as primeiras críticas sobre a proliferação da prática do jogo pelas vias públicas:

> FOOTBALLANDO
> A criançada também quer *foot-ballar*. Faz muito bem, mas deve escolher local apropriado e não as ruas e praças, sujeitando os transeuntes a levarem uma bola pelos narizes.
> É preciso acabar-se com esta mania das crianças brincarem nas ruas.[490]

Esse movimento de proliferação do futebol pelas vias públicas de Oliveira pode ser observado, nessa mesma época, em diversos outros municípios do interior de Minas Gerais. Tal movimento pode ser explicado pela rápida penetrabilidade do jogo. No final da década de 1910, o futebol já era, disparadamente, o esporte mais praticado e institucionalizado no estado. Prova disso, aproximadamente 74% dos clubes esportivos recenseados pelo serviço de estatística estadual traziam explicitamente em sua nomenclatura o termo "foot ball". É provável que essa porcentagem seja ainda maior. Outros 24% dos clubes traziam as nomenclaturas "sport", "sportivo", "sportiva", "desportivo", "desportiva", "athletico", "athletica", "athletic" ou apenas "club", que também foram adotadas por clubes de futebol.[491] *Sport Club Rio Preto*, da cidade de Rio Preto, *Club Athletico Mineiro*, *Societá Sportiva Palestra Itália* e *Yale Athletc Club*, da capital Belo Horizonte, *Vila Nova Athletc Club* e *Morro Velho Athletc Club*, da vila de Nova

488 Cf.: Café Club. *Gazeta de Minas*, Oliveira, 6 fev. 1919, p. 3; Café Club. *Gazeta de Minas*, Oliveira, 23 fev. 1919, p. 1; Café Club. *Gazeta de Minas*, Oliveira, 6 abr. 1919, p. 3.
489 Para uma síntese do movimento de difusão socioespacial dos esportes em Oliveira, ver: AMARAL, Daniel Venâncio de Oliveira; COUTO, Euclides de FREITAS. "Um festin obsceno": pertencimento clubístico e expansão socioespacial do *foot-ball* em Oliveira, MG (1920-1930). In: *Fênix*, Uberlândia, v. 14, n. 1, p. 1-19, jan. /jun. 2017.
490 Footballando. *Gazeta de Minas*, Oliveira, 2 jul. 1916, p. 1.
491Cf.: MINAS GERAIS. Secretaria da Agricultura. Serviço de Estatística Geral. *Anuário estatístico*: ano I (1921), v. IV, Belo Horizonte: Imprensa Oficial, 1926, p. 431-442.

Lima, são alguns dos clubes que, na verdade, estavam dedicados aos jogos futebolísticos.[492] Apenas 2% dos clubes esportivos do estado traziam nomenclaturas com referências a outras modalidades, quais sejam: "jokey", "gimnástica", "pebol", "volley-ball" e "basketball".[493]

Para além dessa expressiva popularidade institucional, a distensão do jogo na forma bricolada para as vias públicas foi beneficiada pela fácil adaptação de espaços e objetos que poderiam simular uma partida do novo esporte. Como bem observou o jornalista Mário Filho, em sua análise sobre a gênese e a difusão socioespacial do futebol no Rio de Janeiro, ruas, praças e terrenos baldios eram facilmente transformados em campos de futebol por crianças de bairros chiques e de bairros pobres, que improvisavam meias velhas ou papéis amassados e enrolados com cordão, até tomar a forma de uma bola:

> Boas bolas aquelas de meia, feitas por moleques. Podia se fazer com elas o que quisessem. Até quebrar vidraças. Melhor do que as bolas de pelica dos meninos de boas famílias, muito leves como balões de papel de seda, subindo com qualquer chutinho. As bolas de meia ficavam mais no chão. Quase presas ao pé, aperfeiçoando nos moleques o que se chamaria, mais tarde, o domínio de bola. Da "esfera de couro" de certos cronistas que não queriam escrever, em letras garrafais, essa palavra tão corriqueira: bola.[494]

Segundo Leonardo Afonso, as disputas de rua, aos olhos dos *sportmen*, faziam com que o futebol perdesse não só sua elegância como seu potencial higiênico, uma vez que era transformado em uma simples brincadeira para uma "malta de desocupados". Na capital fluminense, esses jogos abertos logo começaram a receber diversas reclamações na prefeitura e nas delegacias, passando, num curto espaço de tempo, de simples repreensões nas colunas esportivas, para denúncias e ações repressivas nas páginas policiais.[495] No interior de Minas Gerais, similarmente, o espraiamento do jogo pelas vias públicas também gerou uma série de denúncias alardeadas por cronistas da imprensa.

Via de regra, esses registros queixavam-se que os "*foot-ballers* ambulantes" quebrariam vidraças e lâmpadas dos postes de iluminação elétrica, levantando "uma poeira infernal" ou

---

492 Cf., respectivamente: FOOT BALL. *A Verdade*, Rio Preto, 30 abr. 1922, p. 3; COUTO, Euclides de Freitas. *Belo Horizonte e o futebol*: integração social e identidades coletivas (1897-1927). Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) – Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2003; SILVA, Daniela Alves da. *Cultura operária*: um estudo de caso do Villa Nova Atlético Clube. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2007.

493 Cf.: MINAS GERAIS. Secretaria da Agricultura. Serviço de Estatística Geral. *Anuário estatístico*: ano I (1921), v. IV, Belo Horizonte: Imprensa Oficial, 1926, p. 431-442.

494 Ver: FILHO, Mario. *O negro no futebol brasileiro*. Rio de Janeiro: Mauad, 2003, p. 50.

495 Para uma discussão dos conflitos envolvendo os jogos de rua e as forças policiais no Rio de Janeiro, ver: PEREIRA, Leonardo Afonso. *Footballmania*: uma história social do futebol no Rio de Janeiro, 1902-1938. Rio de Janeiro: Nova fronteira, 2000, 132-133.

ainda marcando os "transeuntes incautos" com a lama da bola.[496] Em São João del-Rei, por exemplo, no ano de 1914, um cronista publicou uma nota relatando que havia procurado o delegado de polícia, solicitando que o mesmo tomasse providências em relação ao "franco desenvolvimento do *foot ball* pelas ruas".[497] Em Barbacena, no ano de 1920, lia-se outra crônica que solicitava ao delegado de polícia "um ponto final às reclamações" do futebol praticado nas ruas.[498] Em Juiz de Fora, no ano de 1925, uma nota intitulada "foot-ball nas ruas" exigia "providências policiais" para inibir "menores vagabundos" que praticavam o *foot ball* nas vias públicas, "impedindo o trânsito de pedestres e quebrando vidraças".[499] Por fim, em Montes Claros, no mês de junho de 1928, um cronista do jornal *Gazeta do Norte* publicou uma nota informando que as autoridades policiais haviam proibido "o jogo de *foot ball* nas ruas da cidade".[500]

Na sede da cidade de Oliveira, o jogo praticado nas vias públicas passou a ser ressignificado pelos articulistas como um costume que deveria "ser banido".[501] Assim, por não se encaixar na visão idealizada do esporte preconizada pelos grupos hegemônicos, a imprensa iniciou uma forte campanha contra os supostos "abusos" do jogo nos espaços públicos,[502] sinalizando que tais práticas deveriam ser ajustadas ao padrão fidalgo e distintivo imposto pelas classes dominantes. Em setembro de 1916, as críticas assumiam um tom mais forte de contestação:

> Precisamos acabar com o foot ball nas ruas da cidade.
> Neste jornal temos reclamado por muitas vezes contra os maus costumes da garotada.
> Andam por aí jogando pedras, trepando em árvores e agora mais o foot ball nas ruas, trazendo ao transeunte o pesadelo de, seja qual for o ponto a que se dirija, a possibilidade de levar uma bolada em qualquer parte do corpo.
> Mas qual, isto aqui é perdido; por mais que se reclame, a cousa em vez de minorar parece que recrudesce ainda mais. [...]
> Muitas pessoas, tanto senhoras como homens, se nos tem queixado contra as diversões do foot ball nas ruas.
> A molecada irreverente não olha quem passa; seja quem for continua sem o menor receio de atirar-lhe com a bola nas costas ou nariz.[503]

---

496 CA' E LA'. *Gazeta de Minas*, Oliveira, 1 jun. 1918, p. 2.
497 COUTO, Euclides de Freitas; SILVA, Sabrina Alves da. Circularidade cultural e modernização dos hábitos: o modelo clubístico do *Athletic Club* (1909-1925). In: *Tempos Gerais*, São João del-Rei, v. 3, n. 2, p. 123-136, jul./dez. 2014.
498 Foot Ball nas ruas. *Cidade de Barbacena*, Barbacena, 14 out. 1920, p. 2.
499 "Foot ball nas ruas". *O Pharol*. Juiz de Fora, 29 abr. 1925, p. 1.
500 O foot ball nas ruas. *Gazeta do Norte*, Montes Claros, 2 jun. 1928, p. 1
501 *Gazeta de Minas*, Oliveira, 17 set. 1916, p. 1. Nota sem título.
502 Abusos, sempre abusos. *Gazeta de Minas*, Oliveira, 27 ago. 1917, p. 1.
503 *Gazeta de Minas*, Oliveira, 3 set. 1916, p. 1. Nota sem título.

Como consequência imediata dessas transformações, a prática do *foot-ball* passou a contar, nos primeiros anos da década de 1920, com um controle mais efetivo por parte do chefe de polícia de Oliveira, o Dr. Jayme Pinheiro. Municiado das mais diversas reclamações sobre o jogo praticado nas vias públicas, colocou em curso uma operação para apreensão das bolas, que foi efetuada em março de 1923 pelo destacamento policial, dando mostras de como o jogo de bola apresentava novos contornos:

> O jogo de foot ball nas ruas e praças, que tantos inconvenientes apresentava, tende felizmente a desaparecer, graças as providencias tomadas pelo digno delegado de polícia dr. Jayme Pinheiro de Almeida, que mandou que fossem aprendidas as bolas encontradas na via pública.
> Víamos constantemente lâmpadas e vidraças quebradas, outras vezes eram transeuntes que levavam a roupa marca pela lama existente na bola, o que absolutamente não podia continuar.
> Não regateamos, pois, os nossos aplausos ao sr. delegado de polícia que assim põe termo a uma intolerável pratica, muito em desacordo com a nossa civilização.[504]

Mesmo com a repressão determinada pelo delegado de polícia e aguçada pela mídia, o futebol continuou angariando adeptos pelas ruas e praças de Oliveira, passando a ter a companhia da peteca, que também se tornava uma febre na cidade. Em junho de 1923, um cronista anônimo chegou a dizer que Oliveira passava por "uma fase de verdadeira mania com a peteca". Segundo foi registrado:

> Nós costumamos passar por fases de verdadeiras manias.
> É o que está acontecendo agora com o jogo da peteca.
> A época é da peteca. Joga-se peteca em todos os cantos da cidade, nas ruas, dentro das casas, nos colégios e no *rink* do jardim; de manhã, durante o dia e a noite. É o paliativo destes friorentos dias de junho, de tristes céus nevoentos e de marasmo mundano.
> O jogo não é elegante, mas é agradável e sadio e tem uma grande qualidade, a de nos dar a impressão de bater, em quem não podemos magoar nem com uma flor...[505]

Todo este movimento de popularização das práticas corporais que, após a dissolução do turfe e da caça, tomaram clubes, estabelecimentos de comércio, espaços distintivos e vias públicas teve três movimentos de fomento principais: a atualização dos hábitos em conformidade com os ideais de modernidade; a penetrabilidade do discurso higienista; e a influência de agentes que adquiriram experiências esportivas em centros educacionais fora de suas fronteiras. Alimentado por um processo de crescimento econômico e dinamização da vida

504 *Gazeta de Minas*, Oliveira, 11 mar. 1923, p. 1. Nota sem título.
505 Notas mundanas. *Gazeta de Minas*, Oliveira, 10 jun. 1923, p. 2.

urbana, os esportes ginásticos apareciam, a partir das propagandas veiculadas na imprensa, como uma porta aberta para a constituição de um novo homem, alinhado com a racionalidade das teorias higiênicas. Desconsiderando a prática esportiva dos grupos populares, como foi o caso das críticas, denúncias e até mesmo o envolvimento de agentes repressivos contra os "*footbalers* ambulantes", os círculos elegantes tentavam manter para si o monopólio dos novos esportes, cujo controle garantia para os adeptos da "boa educação física" o *status* de superioridade e distinção social.

No caso específico do futebol, o seu espraiamento para cidades, vilas, distritos e até mesmo povoados rurais adjacentes a Oliveira, para além das dimensões do progresso dos costumes, da racionalidade higiênica e da influência de acadêmicos escolarizados em centros urbanos mais desenvolvidos, teve como fator imperioso os circuitos futebolísticos constituídos por meio de encontros intermunicipais, nos quais comitivas esportivas, compostas majoritariamente por membros proeminentes das localidades, passaram a cumprir o papel de promover redes de sociabilidades e de cooperação política entre sócios e municípios envolvidos institucionalmente com o novo esporte. Com efeito, os jogos de futebol eram acontecimentos que modificavam o cotidiano das localidades mineiras. De meras coadjuvantes, as pequenas cidades do interior, a partir da constituição dos diversos circuitos futebolísticos intermunicipais, mostraram seu protagonismo e sua pujança social fomentando novas formas de sociabilidade que extrapolavam os sentidos higiênicos do esporte, como veremos na próxima seção.

2.2 "A embaixada da amizade"

No Oeste de Minas Gerais,[506] o primeiro clube futebolístico de que se tem registros históricos é o *Athletic Foot Ball Club*, da cidade São João Del-Rei, fundado oficialmente no dia 27 de junho de 1909.[507] O pioneirismo da "Princesa de Minas", título que a cidade ostentava no início do século passado, na institucionalização do futebol, parece ter tido como agente

506 Segundo o relatório de finanças de Minas Gerais, referente ao ano de 1922, o Oeste mineiro era constituído de 27 municípios que congregavam 95 distritos, sendo as sedes municipais: Abaeté, Bambuí, Bom Despacho, Bom Sucesso, Campo Belo, Carmo do Paranaíba, Cláudio, Divinópolis, Dores do Indaiá, Formiga, Itapecerica, Itaúna, Lagoa Dourada, Oliveira, Pará de Minas, Passa Tempo, Patos, Pequi, Perdões, Pitangui, Piumhi, Prados, Resende Costa, Santo Antônio do Monte, São Gotardo, São João del-Rei e Tiradentes. Cf.: MINAS GERAIS. Secretaria das Finanças. *Relatório apresentado ao Exmo. Sr. Dr. Raul Soares de Moura*. Belo Horizonte: Imprensa Oficial, 1923, p. 371-373.

507 Para uma síntese da fundação do *Athetic Foot Ball Clube*, ver: BARROS, Aluísio. São João del-Rei na modernidade: o Athletic Foot Ball Club 1909/1913. In: TIRADO, Abgar Antônio Campos; GUIMARÃES, Betânia Maria Monteiro; SILVA, Mariluze Ferreira de Andrade e (Orgs). *São João del-Rei*: 300 anos. São João del-Rei: Academia de Letras de São João del-Rei, 2013.

causal facilitador, entre outras coisas, o surto modernizador precoce da sede municipal, quando comparado com as demais localidades desta zona do estado.

São João del-Rei foi uma das primeiras vilas fundadas de Minas Gerais, posto que alcançou, em 1713, em razão da prosperidade econômica obtida pela exploração do ouro. Diferente dos outros núcleos mineradores, que entraram em estagnação com a decadência aurífera, o antigo Arraial Novo do Rio das Mortes diversificou sua base produtiva, adaptando um importante comércio com bases agrícolas e pastoris para o abastecimento regional e da antiga capital Rio de Janeiro, tornando-se, na primeira metade do século XIX, a mais rica cidade mineira. Ainda que no decorrer do século XX São João del-Rei fosse, aos poucos, perdendo sua importância política e econômica no estado, devido ao surgimento ou o rápido desenvolvimento de novos centros como Belo Horizonte e Juiz de Fora, o município manteve sua relevância e influência no contexto regional.[508]

A partir de 1881, com a inauguração de uma estação da Estrada de Ferro Oeste de Minas, São João del-Rei sofreu tendências de transformações econômicas mais impactantes, resultado da aceleração do progresso agropecuário e industrial. A liderança produtiva desta cidade no Oeste mineiro pode ser comprovada por meio dos dados de exportação da nova ferrovia. Em 1890, das 18 estações inauguradas nesta zona do estado, apenas a de São João del-Rei exportou 4.278,719 quilos de mercadorias, número superior a todas as demais estações reunidas, que exportaram, neste mesmo ano, 3.198,768 quilos de mercadorias, sendo os principais gêneros exportados: cal, cereais, queijos, tecidos e toucinho.[509]

Em 1910, segundo registros do questionário agrícola de Minas Gerais, São João del-Rei contava com diversas fábricas de tecidos, cerâmica, cal, calçados, cerveja, massas, oficinas de serralheiro, engenhos de beneficiar café e arroz, além de fábricas de queijos e manteiga, este último com uma produção de 450 mil quilos anuais.[510] Nos setores agrícola e pastoril, o questionário não apresenta dados de produção e exportação. Porém, um rebanho de 72 mil cabeças de gado vacum revela a pujança da produção rural, o que fica ainda mais evidente quando observamos que, nessa mesma época, o município de Abaeté, maior produtor de gado

508 Cf.: SANTOS, Bruno Henrique dos. *A formação socioespacial de São João del-Rei e o processo de regionalização do campo das vertentes*. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Universidade Federal de São João del-Rei, São João del-Rei, 2017, p. 27.
509 Para um quadro completo do volume e produtos de exportação de todas as estações da Estrada de Ferro Oeste de Minas em 1890, ver: SANTOS, Welber Luiz dos. *A Estrada de Ferro Oeste de Minas*: São João del-Rei (1877-1898). Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal de Ouro Preto, Ouro Preto, 2009, p. 102,103.
510 Cf.: MINAS GERAIS. *Serviço de Inspeção e Defesa Agrícola do Estado de Minas Gerais*. Rio de Janeiro: Tipografia do Serviço de Estatística, 1913, p. 434-438.

vacum do Oeste do estado no início da década de 1920, possuía um rebanho bastante inferior, mais precisamente 10 mil cabeças de gado vacum.[511]

Naturalmente que toda a prosperidade econômica criava um ambiente favorável de crescimento populacional e intervenções modernizadoras na sede urbana de São João del-Rei, que já se apresentava, no início do século XX, segundo o pesquisador Kleber Adão, como uma cidade de negociantes e de comércio dos mais variados gêneros, tais como "armarinhos, relógios, latas, brinquedos, artigos dentários, tintas, modas, joias, chapéus de sol e de cabeça, óculos, fogões, impressos, calçados, molhados finos, drogas, bengalas, cerveja, máquinas de gelo, biscoitos, bolachas, etc.". "Os ventos da civilização" que traziam, entre outras coisas, o telégrafo, a casa bancária, a iluminação elétrica, o telefone, o automóvel, a biblioteca, o rinque de patinação, o cinema, os cafés e o teatro municipal sopraram com intensidade, primeiramente, em São João del-Rei, deixando o ambiente citadino favorável para a incorporação de uma nova organização social que, ancorada na ciência higienista, requeria novos e belos corpos.[512]

Nesta acepção, em 1907, quando estudantes sanjoanenses retornaram do Rio de Janeiro com as primeiras bolas de pneu e organizaram algumas partidas de futebol na cidade, já havia uma ambiência facilitadora para que, dois anos depois das primeiras manifestações, fosse organizado o *Athletic Foot Ball Club*. Além disso, nessa mesma época, pequenos circuitos futebolísticos que promoviam, de forma bastante peculiar, o estreitamento de laços entre as elites regionais, conforme veremos mais adiante na análise sobre o Oeste, despontavam no Centro mineiro com a participação de algumas localidades ligadas diretamente a São João del-Rei, que encabeçava uma conexão entre as regiões Oeste e Centro por meio de um entroncamento entre a Estrada de Ferro Oeste de Minas e a Estrada de Ferro Minas Rio. Nos primeiros quatro anos de fundação, antes que novos clubes surgissem e auxiliassem na promoção de uma agenda de jogos locais, a exemplo do *Santo Antônio Foot Ball Club* (1914), *Internacional Foot Ball Club* (1915), *Pernambuco Foot Ball Club* (1915) e *Minas Foot Ball Club* (1916), o *Athletic Foot Ball Club* dedicou maiores esforços na sua integração nos eventos

511 Segundo informações obtidas no Recenseamento Agrícola de Minas Gerais, o município de Abaeté possuía, em 1920, um rebanho de aproximadamente 79.951 cabeças de gado vacum. Cf.: MINAS GERAIS. Secretaria da Agricultura. Serviço de Estatística Geral. *Anuário estatístico*: ano I (1921), v. II, Belo Horizonte: Imprensa Oficial, 1926, p. 183.

512 Para uma síntese das transformações modernizadoras sofridas por São João del-Rei no período de transição do século XIX para o XX, ver: SADI, Renato Sampaio; ADÃO, kleber do Sacramento (Orgs.). Lazer em São João del-Rei: aspectos históricos, conceituais e políticos. São João del-Rei, MG: UFSJ, 2011. Para uma síntese da penetrabilidade do discurso higienista e da valorização da educação física nesta cidade, ver: ADÃO, Cleber do Sacramento; SILVA, Diego Wandley Araújo; CAMPOS, Áurea Ester Dornelas. O esporte na cidade mineira de origem colonial: uma leitura a partir do jornal A Tribuna (1907-1925). *Tempos Gerais*, São João del-Rei, v. 3, n. 2, p. 87-104, jul./dez. 2014.

esportivos intermunicipais, recebendo ou visitando amistosamente comitivas de cidades circunvizinhas do Centro, tais como Barbacena e Antônio Carlos.[513]

Em outros municípios do Oeste mineiro, os processos de prosperidade na esfera da economia só foram sentidos de maneira mais rápida e marcante nos primeiros anos da década de 1910, resultado de um surto agropecuário ocasionado pela retração das importações brasileiras e pelas crescentes demandas nacionais e internacionais de gêneros de subsistência e insumos para a indústria, no contexto da primeira guerra mundial. Ações modernizadoras, como demonstrado em pesquisas sobre, por exemplo, Oliveira e Divinópolis, foram financiadas com os capitais do agronegócio que ofereciam um campo aberto de oportunidades nas sedes citadinas para atender as novas demandas provenientes do crescimento populacional e da mão de obra assalariada nas áreas rurais.[514] Em resumo, todo um espectro modernizador da estrutura física e dos costumes das sedes urbanas, ambos orientados por referências simbólicas do universo europeu, foi gradativamente se constituindo, deixando o cenário favorável para a penetrabilidade do discurso higienista que via, nos "exercícios ginásticos", um instrumento de "modelagem dos corpos" e "regeneração da raça".

Para além das transformações na esfera da economia rural e dos hábitos urbanos, aspectos que, de fato, num primeiro momento, atuaram como facilitadores para o assentamento dos esportes atléticos, a interiorização da prática institucional do futebol no Oeste teve, na oportunidade de incursão em jogos amistosos intermunicipais, uma variável igualmente importante, cujo progressivo crescimento de comitivas integradas em circuitos futebolísticos fez com que as partidas assumissem características que extrapolavam seus aspectos higiênicos. O encontro intermunicipal realizado no começo de 1917 entre o *Oliveira Sport Club*, da cidade de Oliveira, e o *Divinópolis Foot Ball Club*, da cidade de Divinópolis, parece ter sido o pontapé inicial de uma nova fase do futebol, aquilatando, segundo previu um cronista da imprensa oliveirense, para o "desenvolvimento do desporto nessa opulenta região do estado que é o Oeste".[515]

---

513 BARROS, Aluízio. São João del-Rei e a modernidade: o Athletic Foot Ball Club, 1909/1913. In: TIRADO, Abgar Antônio Campos; GUIMARÃES, Betânia Maria Monteiro; SILVA, Mariluze Ferreira de Andrade e (Orgs). *São João del-Rei*: 300 anos. São João del-Rei: Academia de Letras de São João del-Rei, 20013.

514 Cf.: AMARAL, Daniel Venâncio de Oliveira; DIAS, Cleber. Lazer e mercado do entretenimento em uma cidade rural de Minas Gerais. *Revista Locus*, Juiz de Fora, v. 25, n. 1, p. 62-85, 2019; AMARAL, Daniel Venâncio de Oliveira; DIAS, Cleber. Nos trilhos do lazer: entretenimento urbano e mercado de diversões em Divinópolis, Minas Gerais, 1890- 1920. *Revista de História Regional*, Ponta Grossa, v. 22, n. 2, p. 237- 261, jul./dez. 2017, p. 249.

515 Encontro intermunicipal. *Gazeta de Minas*, Oliveira, 4 fev. 1917, p. 1.

No dia 4 de fevereiro de 1917, a "pujante eleven" do *Oliveira Sport Club* dirigiu um convite para o "1º *tean* do *Divinópolis Foot Ball Club*", com o objetivo de promover o "primeiro *match* de futebol em Oliveira", convite este que foi "cavalheirescamente aceito". Segundo narrou um cronista anônimo, a disputa amistosa proporcionaria à sociedade oliveirense o ensejo de assistir a uma pugna cheia de "peripécias emocionantes".[516] Na manhã do dia 11 de fevereiro de 1917, desembarcou na estação ferroviária de Oliveira a "seleta" comitiva esportiva do *Divinópolis Foot Ball Club*, liderada pelos sócios Pedro Xavier Gontijo (farmacêutico), Machado Gontijo (cirurgião dentista), Pedro Guerra da Silva (coletor estadual de impostos) e Mariano Biondini (filho do comerciante Achili Biondini, proprietário da Sapataria Norte Americana).[517] Os *players* de Divinópolis foram recepcionados pelos associados oliveirenses aos estrondos de fogos de artifício e ao som da banda de música Santa Cecília, sendo encaminhados até o Hotel Central, onde foi servido o almoço. Após a refeição, os associados de ambas as comitivas passearam pelas ruas centrais de Oliveira, acompanhados pelos assistentes e pela banda de música até o campo de jogo.[518]

A despeito do desfecho "honroso", ilustrado pelo placar de 0 x 0, a partida transcorreu de forma animada e repleta de lances sugestivos. As festividades promovidas pelos anfitriões oliveirenses, após a partida, foram descritas por um cronista da imprensa de Divinópolis:

> No meio das mais impetuosas manifestações de entusiasmo e alegria, dirigiram-se ao hotel, onde lhes foi servido uma lauta mesa, tendo-se ouvido nessa ocasião, uma vibrante saudação pelo inteligente moço dr. José A. Trindade, que leu uma bela peça literária e social, terminando num amistoso brinde ao Divinopolis F. C., em que foi respondido num discurso cheio de apropriados pedaços históricos e de agradecimento pelo Dr. Recém-vindo M. Gontijo. Em seguida ao banquete, a convite do Oliveira S. C., os players divinopolitanos, dirigiram-se ao Cinema Oliveirense, onde lhes foi oferecida, em homenagem, uma empolgante e animada batalha de confete e lança perfume.[519]

No dia seguinte, a delegação divinopolitana promoveu um evento no Teatro Divinópolis. A comitiva de Oliveira foi representada pelo Coronel Manoel Antônio Xavier que, além de ter sido presidente da Câmara Municipal de Oliveira, era encarregado de realizar

516 Encontro intermunicipal. *Gazeta de Minas*, Oliveira, 4 fev. 1917, p. 1.
517 Sobre a fundação do *Divinópolis Foot Ball Club* e seu corpo de sócios, ver: AMARAL, Daniel Venâncio de Oliveira. História do futebol em Divinópolis, MG: cavalheirismo e integração regional (1916-1930). In: *FuLiA*, Belo Horizonte, v. 1, n. 3, p. 90-111, maio/ago. 2017.
518 Grande Campeonato de Foot Ball. *Divinópolis*, Divinópolis, 18 fev. 1917, p. 3.
519 Grande Campeonato de Foot Ball. *Divinópolis*, Divinópolis, 18 fev. 1917, p. 3.

levantamentos estatísticos da produção agropecuária de Divinópolis, Oliveira e municípios adjacentes, atributos que indicavam sua proeminência social:

> No Teatro Divinópolis, onde também se encontrava o distinto Cel. Manuel A. Xavier, foi servido aos presentes, um copo de cerveja. Fez-se ouvir o farmacêutico Pedro X. Gontijo, que cumprimentou os moços jogadores em nome do povo divinopolitano. Respondeu-lhe desvanecidamente o orador do club, Dr. Recém-vindo Gontijo, que expôs os episódios da luta em Oliveira, enaltecendo o valor dos oliveirenses, e terminando com um viva a sociedade oliveirense na pessoa do Cel. Xavier, sendo agradecido em eloquentes palavras.[520]

O cotejamento dos periódicos que narraram o primeiro embate intermunicipal na cidade de Oliveira sugere duas situações que merecem destaque: a primeira tem a ver com a mobilização de um volume significativo de investimento financeiro dos sócios para participar dos encontros intermunicipais. O conjunto de eventos que envolvia as festividades em torno dos jogos de futebol exigia uma complexa logística que encampava, entre outras tarefas, a compra de fogos de artifício, a contratação de bandas de música, a organização de banquetes, a reserva de hospedagens em hotel e até a aquisição de passagens de trem. Não por acaso, o quadro de associados de ambas as comitivas era constituído de profissionais liberais, acadêmicos, comerciantes, autoridades políticas e funcionários públicos, fato que explica a viabilidade econômica da organização e a própria participação desses homens nos cerimoniais pomposos que acompanhavam as disputas esportivas. Já a segunda concerne ao caráter amistoso e festivo do encontro esportivo: os atributos de cavalheirismo e cordialidade eram enaltecidos pelos cronistas da imprensa, que viam nas partidas intermunicipais a possibilidade de estreitamento de laços sociais e políticos entre as comitivas esportivas e as localidades envolvidas com o jogo.

No mês de junho de 1917, as comitivas da cidade de Oliveira e Divinópolis receberam um convite para participarem da festa inaugural do *Bom Sucesso Foot Ball Club*, da vizinha cidade de Oliveira. A primeira partida oficial deste clube ocorreu no dia 2 de setembro, sendo uma disputa intermunicipal contra a comitiva do *Oliveira Sport Club*. A peleja foi incrementada pela disputa de uma taça de bronze, oferecida pela casa Trepani & Cia, da capital paulista.[521] Logo, outros clubes de municípios adjacentes foram surgindo, a exemplo: *Conquistano Foot Ball Club* (1917), do distrito de Conquista; *São Bento Foot Ball Club* (1918), da cidade de Itapecerica; *Independente Foot Ball Club* (1918), da cidade de Bom Despacho; *Dorense Foot*

520 Grande Campeonato de Foot Ball. *Divinópolis*, Divinópolis, 18 fev. 1917, p. 3.
521 Brinde. *Gazeta de Minas*, Oliveira, 2 set. 1917, p. 2.

Ball Club (1918), da cidade de Dores do Indaiá; *Pitangui Foot Ball Club* (1919), da cidade de Pitangui; *Cajuru Foot Ball Club* (1919), do distrito de Carmo do Cajuru; *Passa Tempo Foot Ball Club* (1919), da cidade de Passa Tempo e *Formiguense Foot Ball Club* (1919), da cidade de Formiga. Em 1921, segundo levantamentos sociais realizados pelo serviço de estatística de Minas Gerais, já era 29 o número de cidades, vilas ou distritos com comitivas esportivas em funcionamento no Oeste mineiro.[522]

Essa profusão de clubes de futebol foi acompanhada pela constituição de uma espécie de "circuito futebolístico regional", beneficiado por uma complexa teia de ramais da Estrada de Ferro Oeste de Minas que permitia, de maneira mais rápida e segura, o transporte de jogadores, comissão técnica, bandas de música e aficionados pelo esporte bretão. As plataformas das estações eram, quase invariavelmente, o ponto inicial das festas futebolísticas e, mesmo que alguma localidade inserida no circuito não contasse com os trilhos ferroviários que, naquela altura, já atendia pelo menos 19 dos 27 municípios que compunham o território do Oeste mineiro, as comitivas faziam o trajeto a cavalo ou veículos de tração animal até a estação mais próxima ou, no caso dos visitantes, da estação mais próxima até o campo do jogo.[523] O certo é que o futebol, por meio de encontros intermunicipais, assumiu o papel de promover redes de sociabilidades e de cooperação política entre sócios e municípios, fazendo com que a cortesia e o cavalheirismo ofuscassem, nos registros jornalísticos, o caráter competitivo dos jogos.

No dia 15 de janeiro de 1922, a comitiva do *Oliveira Sport Club* viajou para a cidade de Bom Sucesso para participar de um encontro amistoso contra a comitiva do *Bom Sucesso Foot-Ball Club*. Conforme narrou um cronista de Oliveira:

> Bom Sucesso, a nossa dileta vizinha, recebeu domingo passado, a mocidade desportiva desta cidade que ali foi disputar com os bravos desportistas de lá, um jogo de futebol.
> Desnecessário será dizer que a embaixada do "Oliveira Sport Club" recebeu daquele povo amigo as mais inequívocas provas de amizade durante sua estadia ali.
> Domingo, pelo trem das 10.30 partiu desta cidade, em carro especial, a principal esquadra do valoroso clube local [...]

---

522 Para um quadro completo dos clubes de futebol ativos no início da década de 1920 e suas respectivas datas de fundação, ver: MINAS GERAIS. Secretaria da Agricultura, Serviço de Estatística Geral. *Anuário estatístico*: ano I (1921), vol. IV. Belo Horizonte: Imprensa Oficial, 1926, p. 431-442.

523 Pesquisas futuras poderão trazer informações mais detalhadas sobre as formas de transporte das comitivas, mais especificamente, as conexões ferroviárias entre os municípios envolvidos com o novo esporte e o papel dos vagões para a viabilização de um circuito futebolístico regional, assuntos que fugiram aos desideratos dessa pesquisa. Para uma descrição detalhada de todos os municípios do Oeste que contavam com estações ferroviárias no início da década de 1920, bem como suas respectivas datas de fundação, ver: MINAS GERAIS. Secretaria da Agricultura. Serviço de Estatística Geral. *Anuário estatístico*: ano I (1921), v. III, Belo Horizonte: Imprensa Oficial, 1926, p. 484-488.

> A recepção da delegação desportiva Oliveirense naquela cidade, ninguém poderá negá-lo, foi a mais cordial possível.
> Por entre saudações reciprocas seguiram os bandos litigantes na arena que se assenta no alto da encantadora localidade. Ali, apesar da chuva que caía em balegas furiosas, teve o pleito desportivo às 16 horas, atuando como arbitro o ilustre promotor da comarca dr. Bhering. [...]
> Apesar de tudo, a falange oliveirense conseguiu burlar a vigilância do excelente arqueiro bomsucessence, conquistando seu primeiro e único ponto. Pouco depois a esquadra adversa, numa verdadeira reação conseguiu varrer o arco oliveirense por duas vezes, ficando assim detentora das glorias do dia, isto é, vencendo a nossa aguerrida facção pela contagem de 2 pontos a 1. [...]
> Às 20 horas foi oferecido pela diretoria do Bom Sucesso F. C. à embaixada desportiva Oliveirense um lauto banquete no Hotel Central, reinando no mesmo a máxima cordialidade, sendo feita por essa ocasião vibrante manifestação da mocidade de Bom Sucesso aos da delegação do "Oliveira Sport Club".
> Ao deserte falou o Dr. Angenor Senna, que em palavras extremamente gentis, proferiu estupendo discurso, congratulando-se com a mocidade das duas cidades pelo estreitamento das relações, que se tornaria daquela data em diante indissolúveis.
> Respondeu, agradecendo, o Dr. Cicero de Castro Filho, em frases aprimoradas, dizendo que se diferença existe entre Bom Sucesso e Oliveira, é somente dos acidentes geográficos.
> Seguiu um animado baile que se prolongou até pela madrugada [...]
> A delegação do "Oliveira Sport Club" regressou encantada pelo excelente trato que lhe foi dispensado pelo povo amigo de Bom Sucesso.[524]

O registro acima é um exemplo emblemático da pompa e da fidalguia que permeava os encontros intermunicipais. Ao agregar à sociabilidade clubística inúmeras cerimônias, como bailes, recepções, banquetes etc., a elite interiorana transformava o futebol em um grande evento social, digno da presença de autoridades públicas. Na ocasião da partida em Bom Sucesso, registrou-se a presença do Dr. Bhering, promotor da comarca, o que revela a magnitude do evento para a comunidade local.

A rede de sociabilidades cavalheirescas que se construiu em torno dos encontros clubísticos exigia a retribuição das gentilezas e cordialidades recebidas pelos associados nas localidades por onde as comitivas viajavam. Assim, em fevereiro de 1923, desembarcaram na estação ferroviária de Oliveira os "embaixadores" do *Bom Sucesso Foot-Ball Club* para a realização de uma partida amistosa. Segundo um cronista do jornal *Gazeta de Minas*, o jogo de futebol entre os dois clubes não passava de um "mero pretexto" para os três dias de festividades organizadas pelos anfitriões para o recebimento da comitiva da vizinha cidade. Na imprensa local, a vitória do *Oliveira Sport Club* sobre o *Bom Sucesso Foot-Ball Club* pelo placar de 4 x 1 quase passou despercebida: os lances do jogo narrados pela imprensa dizem respeito ao conjunto de atividades e cerimônias que consubstanciavam a rede de sociabilidade e de cooperação política proporcionadas pela contenda esportiva:

---

524 DESPORTOS. *Gazeta de Minas*, Oliveira, 22 jan. 1922, p. 2.

> [...] Às 14 horas saíram os campeões dos dois Clubes para o campo, acompanhados das duas bandas de música locais, Santa Cecilia e São Sebastião, e de enorme multidão de amadores e curiosos; outros seguiram a cavalo formando um conjunto soberbo de aspecto raras vezes admirado em Oliveira [...].
> Às 16 horas estava terminada a gigantesca, mas amigável pugna, cabendo ao "Oliveira Sport Club" 4 "gols" e ao "Bom Sucesso Foot Ball Club" um "gol".
> Foi juiz o Sr. Origenes Musa, que procedeu com impecável correção, imparcialidade e justiça, pelo que recebeu muitos parabéns.
> Ao retirarem-se da liça, foram os valentes campeões freneticamente saudados pela enorme multidão que os acompanhou delirante até sua residência.
> O banquete no "Ginásio S. Geraldo" realizou-se às 18 horas, vendo ali a "elite" da nossa sociedade: a Exma. Sra. D. Manoelita Chagas, ladeada por senhoras e senhoritas, autoridades municipais e judiciarias, imprensa, comércio, indústria e lavoura.
> Uma orquestra composta da Exma. Sra. D. Manoelita Rabello e do professor Jacinto de Almeida executou músicas seletas durante o jantar.
> Ao champanhe o Sr. Dr. Cicero de Castro Filho, como presidente do "Oliveira Sport Club", fez eloquentíssimo discurso de saudações aos distintos representantes do "Bom Sucesso Foot Ball Club" [...].
> Falou ainda o Deputado Pinheiro Chagas, presidente da Câmara Municipal enaltecendo os jogos desportivos [...].
> Às 22 horas começavam a encher-se de convidados os salões do palacete do Sr. Dr. Alfredo Paraiso, onde ia realizar-se o baile oferecido pelas senhoritas oliveirenses aos embaixadores de Bom Sucesso.
> Dizer-se o que foi aquela encantadora festa é quase impossível, tão grande a animação, tanta a afluência, esplendido o luxo, a elegância, a delicadeza e atenção das gentilíssimas ofertantes do baile que se prolongou até às 4 horas da manhã [...].
> No dia 19 a embaixada retira-se para a sua linda e boa cidade natal, sendo acompanha a estação pelo "Oliveira Sport Club" e muitos admiradores.
> O trem deu sinal de partida; abraços de despedida; protestos de amizade infinda, reconhecimento pela visita, gratidão pelas atenções recebidas, e o trem parte vagarosamente enquanto os que ficam levantam entusiásticas aclamações aos que demandam seus lares, suas famílias.[525]

Registros como esse denotam como a institucionalização do futebol proporcionava, de forma bem peculiar, o aquecimento das relações inter-regionais, sendo as comitivas esportivas um veículo fundamental para que as localidades fossem representadas, por intermédio dos seus sócios, em festas ou comemorações que reunissem as altas rodas do interior mineiro. Em praticamente todos os registros de *matchs* intermunicipais de comitivas esportivas do Oeste mineiro nos anos finais da década de 1910 e primeiros anos da década de 1920, o caráter cavalheiresco e a ênfase no estreitamento de laços sociais e políticos entre sócios e municípios ditaram a tônica das narrativas estampadas nos jornais.

Em janeiro de 1922, a recém-fundada comitiva esportiva do *Japonense Foot Ball Club*, do distrito de Japão, organizou um "aprazível amistoso esportivo", sendo convidada para

525 A EMBAIXADA ESPORTIVA do Bom Sucesso Foot Ball Club em Oliveira. *Gazeta de Minas*, Oliveira, 25 fev. 1923, p. 2.

compor a festa a comitiva esportiva do *Oliveira Sport Club*. Na manhã do dia 11, os *players* oliveirenses, ao primeiro sinal no arraial, foram recebidos com "fogos", "hurras" e uma "banda de música que encheu os corações de harmonia e entusiasmo". Os jogadores foram hospedados na propriedade do vereador e fazendeiro Sr. Américo Paulineli, que ofereceu um "suculento jantar, após o qual os hóspedes de ambas as localidades se misturaram como amigas que são". No dia seguinte, domingo, 1h da tarde, com uma "ótima banda" e "debaixo de foguetes", as duas equipes marcharam para o campo "repleto de torcedores". A partida terminou com o placar de 5 x 1 para os visitantes e depois do jogo houve, então, um "jantar oficial", onde os oradores do clube Japonense e do clube Oliveira "fizeram um eloquente discurso". Na manhã seguinte, os oliveirenses deixaram as "plagas abençoadas do Japão", tendo a partida amistosa, segundo foi noticiado, cumprido o seu papel de unir "as duas populações pela amizade".[526]

Em maio de 1923, partia de Divinópolis para a cidade de Santo Antônio do Monte, um "especial comboio" com 11 jogadores do *União Foot Ball Club*, a banda de música Lira Oeste e inúmeras pessoas da "*High-Life* divinopolitana". Na ocasião, seria disputado um *match* intermunicipal contra o *Tiradentes Foot Ball Club*. A partida foi marcada pelos mesmos cerimoniais pomposos que possibilitavam o estreitamento de laços entre os envolvidos institucionalmente com o jogo:

> Deram início ao jogo e depois de uma luta terrível, tiveram que dar por terminado o encontro que acabou debaixo de um temporal ameaçador, fazendo o Tiradentes 2 para 4 do nosso União, o aclamado vencedor daquele prélio desportivo.
> Voltaram novamente a casa, onde trocaram as suas roupas, e seguiram para o Restaurante da Estação sendo servido um magnífico banquete, falando o Sr. Dr. Lucio Ramos, que em altissonante linguagem fez uma boa síntese do foot ball, cultuado para o necessário desenvolvimento físico da mocidade de agora.
> Respondeu o Dr. Irineu Lisbôa agradecendo em nome dos presentes divinopolitanos que ali se achavam, como no de nossa cidade que ora se sente alegre na pessoa de seus filhos.
> Feito isso, partiu o especial de regresso a nossa Divinópolis, 4 horas e 50 da tarde, deixando da plataforma do carro, o Sr. Sertório de Moraes as suas últimas palavras de agradecimento com o modo com que nos recebeu aquele amável povo de Santo Antônio do Monte.
> De resto, somos forçados a dizer: – aquela gente é tão boa, tão gentil, tão amável repito, que parece, se não é certo, cada divinopolitano trouxe em seu coração, traços indeléveis de saudade.[527]

Em outro exemplo, datado de novembro de 1923, o *Sparta Foot Ball Club*, do distrito de Carmo da Mata, recebeu a "visita amistosa" do *Independência Foot Ball Club*, da vila de

526 Oliveira x Japão. *Gazeta de Minas*, Oliveira, 26 fev. 1922, p. 2.
527 The Litigious Players. *A Estrela da Oeste*, Divinópolis, 20 maio 1923, p. 3.

Claudio, por ocasião de uma "esplêndida festa desportiva". Os *footballers* claudienses foram recepcionados na estação do "florescente arraial" com fogos e dobrados da banda de música local, sendo acompanhados até o hotel, onde foi servido o banquete. O jogo foi animado, não obstante o mau tempo, e terminando com um empate, marcando cada qual um ponto. À noite, como não poderia deixar de ser, os membros do *Sparta* ofereceram para os seus colegas do *Independência* "um animado baile em casa do Cel. Afonso Lobato, muito concorrido e abrilhantado por senhoritas de Oliveira e Cláudio, bem como por grande parte dos elementos de Carmo da Mata".[528]

Um mês após o encontro amistoso no distrito de Carmo da Mata, a "embaixada desportiva" do *Dores Sport Club*, da cidade Dores do Indaiá, visitou a cidade de Pitangui, por ocasião uma "festa apoteótica" organizada pelos sócios do *Pitangui Foot Ball Club*. Conforme narrou um cronista do *Jornal O Pitangui*, o *match* amistoso "transfigurava as duas cidades pelo ideal de fraternidade, afirmado valentemente pelos seus expoentes desportistas e intelectuais". Na estação, os dorenses foram recebidos por uma "multidão" com rojões e sinfonias da Banda de Música Santa Cecília. Um "imponente cortejo" acompanhou os *players* dos dois clubes até o Hotel das Palmeiras, onde o promotor de justiça, Dr. Moreira Athayde, num "discurso ático e incisivo", disse se alegrar pela "transfusão moral operada naquele momento entre Pitangui e Indaiá". Após a *pugna* futebolística, que ocorreu com "lances emocionantes", um "suntuoso baile" no palacete da Câmara Municipal foi oferecido à comitiva de Dores do Indaiá pela "elite de Pitangui":

> Oferecendo o baile aos visitantes falou o professor Anselmo Barreto, tendo igualmente, o Dr. João Lourenso, delegado de polícia desta comarca, orado sobre o entrelaçamento das duas cidades [...]. As danças, animadas sempre, prolongaram-se até alta madrugada.
> No dia 9, por entre o mesmo entusiasmo popular com que foram recebidos, os visitantes partiram para Indaiá, levando, de envolta com saudades, o verdadeiro coração pitanguiense a palpitar na solene afirmação de uma amizade eloquentíssima.[529]

Na esteira dessas confraternizações pomposas promovidas pelas próprias comitivas esportivas, eventos oficiais de caráter político exigiam que os *sportmen* assumissem uma representação diplomática, colocando à prova o seu cavalheirismo advindo do repertório da cortesia fidalga. Em junho de 1924, nas comemorações do 12º aniversário de emancipação

528 Carmo da Mata. *Gazeta de Minas*, Oliveira, 25 nov. 1923, p. 2.
529 Festas à embaixada desportiva de Indaiá. *O Pitangui*, Pitangui, 23 dez. 1923, p. 2.

política de Divinópolis, as festividades organizadas pelas principais lideranças políticas locais contaram com a participação da comitiva do *Pitanguy Foot Ball Club*, da cidade de Pitangui. O clube visitante foi recebido na estação ferroviária pelos sócios do *União Foot Ball Club* com fogos, banda de música e toda pompa que acompanhava a disputa dos encontros intermunicipais. Na cobertura do evento, um cronista anônimo de Divinópolis deixou transparecer que a visita da "embaixada da amizade", da cidade Pitangui, teve como objetivo representar politicamente aquela cidade nos festejos municipais:

> Domingo último, dia que marcou o 12º aniversário da nossa emancipação política, Divinópolis teve a inefável satisfação de acolher em seu seio a nobre embaixada da lendária Pitangui, que em um gesto de cavalheirismo, o mais requintado quis compartilhar a nossa justa alegria, e patentear-nos a sua estima. Nossa terra sente-se sobremaneira desvanecida pela distinção que acaba de receber, distinção que contribuirá para que ela se encha cada vez mais, daquele orgulho nobre e santo que incentiva o progresso dos povos, daquele orgulho nobre e santo de só querer aquilo que é belo, que é grandioso, que é sublime. Pitangui por seus ilustres embaixadores, visitou Divinópolis como a irmã querida, que festeja um acontecimento feliz, vindo trazer-lhe num abraço amigo, a segurança de seu apoio, a demonstração viva de seu carinho [...] a Divinópolis agradecida, enfim, estende os braços e aperta bem contra o coração, a sua velha amiga, a grande e lendária Pitangui.[530]

Foto 7 – Assistência no campo do *União Foot Ball* (sem data).

Fonte: Arquivo Histórico de Divinópolis.

530 Embaixada da Amizade. *A Estrela da Oeste*, Divinópolis, 8 jun. 1924, p. 1.

No ano anterior outro encontro intermunicipal foi realizado com o objetivo de representação política. Na madrugada do dia 6, a comitiva esportiva do *Oliveira Sport Club* visitou a vila de Passa Tempo, atendendo a um convite da Câmara Municipal para participar dos festejos de inauguração da luz elétrica. Logo na aurora do dia, uma banda de música percorreu as ruas da cidade, conjuntamente com os *players* locais e visitantes e, depois da missa cantada, "o povo se dirigiu para o campo de *Foot Ball*, e acompanhou com entusiasmo o *match* travado entre alguns jogadores de Oliveira e Passa Tempo, cujo resultado foi 1 x 1". Findo jogo e depois de um descanso, seguiu-se a sessão cívica no Paço Municipal, com a presença de todos os vereadores e a "embaixada da vizinha cidade de Oliveira". À noite, logo após os fogos e o espetáculo musical no coreto da Praça da Matriz, em comemoração ao acendimento das luzes, um baile "muito animado e concorrido" foi oferecido nos salões do Grupo Escolar Gabriel de Andrade para os oliveirenses e demais hóspedes, sendo todos surpreendidos pela visita da banda de música e do Dr. Donato Andrade, "ilustre Deputado Estadual".[531]

No retorno das viagens, após cumprirem as agendas dos compromissos intermunicipais, os integrantes dessas embaixadas eram recepcionados com entusiasmo pelos moradores locais. No dia 11 de fevereiro de 1923, a comitiva do *Oliveira Sport Club* visitou a vila de Cláudio para participar de um torneio amistoso promovido pelos sócios do *Independência Foot Ball Club*. Na manhã do dia seguinte, ao desembarcarem nas plataformas da estação de Oliveira, os "valorosos embaixadores" oliveirenses foram recebidos com fogos, discursos e banda de música, o que sinaliza para a ampla legitimidade conferida ao clube esportivo:

> Foram os denodados campeões, recebidos na estação de Oliveira por cavalheiros, senhoras e senhoritas, e pela banda de música Lira S. Sebastião, subindo aos ares muitos foguetes. No saguão do Paço Municipal, saudou-se brilhantemente a senhorita Nina Xavier, respondendo o dr. Cicero de Castro Filho, presidente do Club. Muitas palmas festejaram os dois discursos. O seleto ajuntamento acompanhou os invictos jogadores até a residência do presidente.[532]

Diante deste quadro de oportunidades de prestígio e reconhecimento social proporcionado pela participação de comitivas esportivas no "circuito futebolístico regional", torna-se compreensível que sedes de municípios, distritos ou mesmo pequenos povoados rurais tivessem a iniciativa de organizar, por intermédio de membros das camadas abastadas, clubes

531 Inauguração da luz elétrica da cidade de Passa Tempo. *Gazeta de Minas*, Oliveira, 21 jan. 1923, p. 1.
532 OLIVEIRA SPORT CLUB. *Gazeta de Minas*, Oliveira, 11 fev. 1923. p. 2.

de futebol. Em abril de 1924 foi inaugurado, no povoado de Tombador, um campo de futebol por iniciativa de fazendeiros:

> O dia 06 do corrente, foi fartamente festejado neste distrito, no importante e prospero povoado do "Tombador", onde reside um pessoal progressista e animado. Este importante povoado que conta com cerca de mil e quinhentas pessoas, pertence a três distritos: Japão, Passa Tempo e São João Baptista. Gente alegre e unida construiu para distração da mocidade local, um magnifico Campo de foot ball, junto a um cruzeiro, em aprazível ponto do povoado por iniciativa dos importantes fazendeiros cel. Aureliano de Santo Antão (o popular Lily), Bento Bilasio da Silva (cap. Bento), José Gonçalves e Arthur Golveia. [...] A uma hora da tarde foi dado o sinal de reunir para ter lugar a cerimônia de inauguração do campo e início do jogo [...] Neste momento, o cel. Lily usando a palavra agradeceu aquela enorme concorrência do povo que ali se achava, dando tamanho brilho a festa e depois de saudar aos políticos deste distrito, a banda de música e a todos os presentes, deu a palavra ao Vigário Jose Cocozzi que em um belo discurso aplaudiu aquela fraternal reunião, aconselhando a todos, conservarem sempre a mesma harmonia a bem do progresso do povoado e engrandecimento do distrito, e convidando os presentes, aproximarem-se do Campo de Foot Ball, terminou seu brilhante discurso, levantando um brinde de honra ao nosso prezado chefe deputado Pinheiro Chagas, na pessoa do nosso amigo Andrade que ali se achava presente.
> Iniciou-se então o jogo entre os quadros do "América", do "Paciência" e do "Calfate", mostrando-se todos treinados e ágeis, e defenderam sempre suas posições com segurança, tendo terminando o jogo com o empate de 0 x 0.
> A noite houve um animado baile na fazenda do cel. Lily, retirando-se no dia seguinte os convidados cativos pelo modo amável com que foram tratados pelos srs. Cel. Lily, Bento Belizario, Arthur Gouvêia e seus dignos companheiros.
> Parabéns ao Povoado do Tombador.[533]

Da mesma maneira que fazendeiros do Tombador, um povoado rural com apenas 1.500 habitantes, buscaram na institucionalização do futebol sua inserção nos cerimonias faustosos que reuniam as rodas mais abastadas do interior mineiro, outras pequenas nucleações rurais desta zona do estado também tiveram iniciativas de organização clubística, com vistas à sua integração nas agendas de eventos esportivos intermunicipais. Em 1921, por exemplo, foi fundado, em São João Batista, distrito de apenas três mil habitantes, a comitiva esportiva do *Batistano Foot Ball Club*. Sua primeira partida foi um encontro intermunicipal contra o *Bom Sucesso Foot Ball Club*, na vizinha cidade de Bom Sucesso. Embora sem a disponibilidade de informações mais completas, registros de imprensa apontam para uma partida amistosa em que as elites bom-sucessenses ofereceram uma "estrondosa festa aos visitantes" após o embate futebolístico.[534]

A constituição de circuitos futebolísticos que estimulava o interesse de participação de clubes organizados pelas elites interioranas não foi exclusiva do Oeste do estado. Jogos

533 Gazeta dos distritos. *Gazeta de Minas*, Oliveira, 13 abr. 1924, p. 2.
534 O foot ball no Oeste. *Gazeta de Minas*, Oliveira, 16 ago. 1921, p. 3.

intermunicipais com esse espírito de cordialidade, integração social e cooperação política podem ser observados por todo o interior de Minas Gerais. No Sul, por exemplo, na cidade de Campanha, os sócios do *Scratch Campanhense* arrecadaram, em junho de 1919, segundo um cronista, donativos para arcar com a hospedagem e outras despesas, o que inclui fogos e banda de música para a recepção da comitiva do *Cambuquirense Foot Ball Club*, da vila de Cambuquira.[535] Também no Sul, na cidade de Guaranésia, a comitiva do *Sport Club Guaranésia* participou, no mês de outubro, de dois jogos amistosos intermunicipais. O primeiro foi contra uma "singela embaixada" de uma fazenda circunvizinha, de propriedade do Sr. Domingos Boiadeiro. Já o segundo foi na cidade de São Sebastião do Paraíso, após atender a um convite do *Paraíso Foot Ball Club*. Segundo relatos da imprensa, a comitiva de Guaranésia seguiu para a cidade vizinha levando consigo "distintos senhores e graciosas senhoritas da nossa elite social".[536] Na Zona da Mata, na cidade de Rio Preto, noticiou-se em maio de 1922, no jornal *A Verdade*, que os sócios do *Sport Club Rio Preto* receberiam a visita da comitiva do *Delphinense Foot Ball Club*, da vizinha estação de Alberto Furtado.[537] No Centro, na cidade de Queluz, uma comissão formada pelos Drs. Francisco R. Pereira Junior e Candido Queiros e pelo Sargento Jeffry Brissac propôs, em outubro de 1920, por intermédio do jornal *A Voz do Povo*, a realização de um torneio amistoso que contaria com a participação de comitivas esportivas de Queluz, Lafaiete, Congonhas e Christiano Otoni.[538] Ainda no Centro, a comitiva do *Santanense Sport Club* realizou, em março de 1924, o "primeiro *match* de *foot ball* intermunicipal" do distrito de Morro do Chapéu, partida que teve a participação do *Comercial Foot Ball Club*, da cidade de Palmira. Os cerimoniais de cavalheirismo e as sociabilidades fidalgas obrigatórias após os embates futebolísticos se repetiram na *pugna* que teve lugar no Centro mineiro:

> Além de passeata a noite e outros números, houve calorosa e significativa manifestação de simpatia ao clube visitante.
> A Sociedade Musical Santanense, um dos maiores orgulhos de Morro do Chapéu, foi a grande parte do esplendor da festa, em que primou a cordialidade.[539]

535 Foot Ball. *Colombo*, Campanha, 19 jun. 1920, p. 4.
536 Vida Sportiva. *Monitor Mineiro*, Guaranésia, 1 out. 1925, p. 2; Vida Sportiva. *Monitor Mineiro*, Guaranésia, 11 out. 1925, p. 2.
537 Foot-ball. *A Verdade*, Rio Preto, 14 maio 1922, p. 2.
538 Seção Sportiva. *A Voz do Povo*, Lafaiete (Queluz de Minas), 10 out. 1920, p. 3.
539 O *sport* em Morro do Chapéu. *Correio da Semana*, Queluz de Minas, 21 mar. 1924, p. 1.

Talvez seja, justamente, esse conjunto de ambições simbólicas que integravam grupos abastados por meio da organização de jogos amistosos e torneios intermunicipais, uma das principais variáveis explicativas para a ampla difusão espacial da institucionalização do futebol em Minas Gerais. Ao lado dos processos de modernização urbana e da influência de centros urbanos mais desenvolvidos que foram, inegavelmente, em algumas situações, fundamentais para a institucionalização do jogo, pequenas povoações incrustradas nos rincões mineiros, pouco ou nada urbanizadas, buscaram na organização de "embaixadas da amizade" sua presença nos circuitos futebolísticos que ofereciam a oportunidade de projeção social para os sócios e redes de cooperação política para os municípios. Isso ajuda a entender a proliferação de clubes de futebol pelas menores povoações mineiras, a exemplo de: *Engenho Novo Foot Ball Club*, fundado em 1920 no distrito de Engenho Novo, de apenas 1.301 moradores; o *Foot Ball Club de Córrego do Ouro*, fundado no ano de 1920 no distrito de Córrego do Ouro, de apenas 1.517 moradores; o *Santa Rita Foot Ball Club*, fundado em 1919 no distrito de Santa Rita do Ibirituna, de apenas 2.216 moradores; o *Paredes Foot Ball Club*, fundado em 1920 no distrito de Paredes do Sapucahy, de apenas 2.635 moradores; ou, ainda, o *Sparta Foot Ball Club*, fundado em 1919 no distrito de Cordisburgo, de apenas 2.816 moradores.[540]

Voltando para o caso mais específico do Oeste de Minas Gerais, a dinâmica esportiva, até a primeira metade da década de 1920, foi orientada pelo cavalheirismo clubístico imposto pelos rituais fidalgos dos encontros intermunicipais, que exigiam dos seus participantes um comportamento de *fair play*, cortesia e boa hospitalidade. Por se tratar de nucleações com uma densidade populacional rarefeita, quando comparado, por exemplo, com a maior cidade dessa região, São João del-Rei, ou mesmo a capital do estado, Belo Horizonte, grupos abastados conseguiram manter, por mais tempo, o controle institucional do futebol, adiando, portanto, os processos de afloramento da competitividade esportiva e rivalidades clubísticas. Abaeté, Bambuí, Bom Sucesso, Itaúna, Itapecerica, Passa Tempo, Pequi, Perdões, Pitangui, Santo Antônio de Monte e São Gotardo são algumas das sedes municipais que, no período, foram recenseadas pelos agentes da estatística com apenas um clube de futebol.[541]

Na imprensa, os aspectos sociais das partidas, quer sejam as recepções, as despedidas, os banquetes, os bailes ou, ainda, os discursos das principais autoridades interioranas, ocupavam praticamente todo o noticiário. Como bem observou um cronista de Oliveira, na

---

540 Cf.: MINAS GERAIS. Secretaria da Agricultura. Serviço de Estatística Geral. *Anuário estatístico*: ano I (1921), v. IV, Belo Horizonte: Imprensa Oficial, 1926, p. 421-442.
541 Cf.: MINAS GERAIS. Secretaria da Agricultura. Serviço de Estatística Geral. *Anuário estatístico*: ano I (1921), v. IV, Belo Horizonte: Imprensa Oficial, 1926, p. 421-442.

partida realizada em fevereiro de 1923 entre o *Oliveira Sport Club* e o *Bom Sucesso Foot Ball Club*, os jogos de futebol não passavam de um "mero pretexto" para os dias de festas que acompanhavam a disputa de uma partida intermunicipal.[542] Não é por outra razão que na cobertura do encontro intermunicipal disputado em dezembro de 1923, na cidade de Pitangui, entre o *Pitangui Foot Ball Club* e o *Dores Sport Club*, o placar do jogo sequer foi revelado pelo cronista que, por outro lado, não poupou palavras para dar destaque a um robusto repertório de comemorações.[543]

Na capital Belo Horizonte, maior núcleo urbano do estado, 15 clubes esportivos foram recenseados pelos agentes da estatística estatal em 1921, sendo eles: *América Foot Ball Club*, *Cristovam Colombo Foot Ball Club*, *Club Atlético Mineiro*, *Guarani Foot Ball Club*, *Helenico Foot Ball Club*, *Ipanema Foot Ball Club*, *Minas Gerais Foot Ball Club*, *Palmeiras Foot Ball Club*, *Progresso Sort Club*, *Sete de Setembro Foot Ball Club*, *Sociedade Sportiva Palestra Itália*, *Sport Club*, *Sport Club Calafate*, *Sport Club Lusitano* e *Yale Athetic Club*.[544] Já na sede do município de São João del-Rei, maior núcleo urbano do Oeste Mineiro,[545] cinco clubes foram recenseados neste mesmo ano de 1921, sendo eles: *Athetic Foot Ball Club*, *Internacional Foot Ball Club*, *Minas Foot Ball Club*, *Moreno Foot Ball Club* e *Sparta Foot Ball Club*.[546]

É no bojo dessa profusão de clubes que encontramos elementos explicativos para elucidar as diferenças entre a dinâmica futebolística em algumas regiões do estado, como nas pequenas nucleações sertanejas do Oeste mineiro, e as cidades de Belo Horizonte e São João del-Rei. Na capital do estado, de acordo com Georgino Neto, uma agenda regular de campeonatos ganhou corpo a partir de 1915, com a fundação da Liga Mineira de Sports Athleticos, provocando, consequentemente, "disputas acirradas dos clubes pelo título de campeão".[547] Em sentido parecido, na cidade de São João del-Rei, Alex Lima revela que o

---

542 A EMBAIXADA ESPORTIVA do Bom Sucesso Foot Ball Club em Oliveira. *Gazeta de Minas*, Oliveira, 25 fev. 1923, p. 2.

543 Festas à embaixada desportiva de Indaiá. *O Pitangui*, Pitangui, 23 dez. 1923, p. 2.

544 Cf.: MINAS GERAIS. Secretaria da Agricultura. Serviço de Estatística Geral. *Anuário estatístico*: ano I (1921), v. IV, Belo Horizonte: Imprensa Oficial, 1926, p. 426.

545 Em 1920, São João del-Rei podia contar com uma população urbana de 10.320 moradores, número que superava significativamente as populações citadinas de Formiga (6.429 moradores) e Oliveira (4.644 moradores), que eram os outros dois maiores centros de população urbana do Oeste mineiro. Cf.: MINAS GERAIS. Secretaria da Agricultura. Serviço de Estatística Geral. *Anuário estatístico*: ano I (1921), v. II, Belo Horizonte: Imprensa Oficial, 1926, p. 926-931.

546 MINAS GERAIS. Secretaria da Agricultura. Serviço de Estatística Geral. *Anuário estatístico*: ano I (1921), v. IV, Belo Horizonte: Imprensa Oficial, 1926, p. 440.

547 Cf.: NETO, Georgino Jorge de Souza. *A invenção do torcer em Belo Horizonte*: Da assistência ao pertencimento clubístico (1904-1930). Dissertação (Mestrado em lazer) – Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2010, p. 39-42.

primeiro campeonato foi realizado no ano de 1916, atendendo a demanda da crescente institucionalização do futebol na cidade. Os aspectos da competitividade dos jogos já podiam ser sentidos, visto que o torneio inicial foi interrompido por desinteligências de alguns clubes que se queixaram de erros de arbitragem.[548]

Enquanto nos campeonatos belo-horizontinos e são-joanenses os registros de brigas, discussões, "sururus" e até mesmo intervenções policiais se tornavam aspectos sintomáticos do espetáculo, nos encontros amistosos das equipes integradas nos circuitos futebolísticos do Oeste mineiro tais registros praticamente foram inexistentes. Em síntese, até a primeira metade da década de 1920, os jogos de futebol realizados no Oeste, por cumprirem um importante papel na agenda política das elites locais, preservaram os sentidos de cavalheirismo, transcorrendo sob o clima de paz e cordialidade.

Em meados da década de 1920, no entanto, os atributos de amizade e cavalheirismo exaltados pelos cronistas nas competições esportivas foram gradativamente cedendo lugar aos espectros relativos à competitividade e à tensão proporcionada pelo clima dos jogos. Novos atributos como a valorização da vitória esportiva, o pertencimento clubístico e as rivalidades entre os clubes passaram a permear os registros jornalísticos. Essas transformações, que implicaram o acirramento da competitividade dos jogos, podem ser explicadas pela expansão institucional do futebol e o alargamento de suas bases sociais em algumas localidades do Oeste, cuja efetivação de uma agenda mais dinâmica de jogos e competições locais auxiliou para que as comitivas esportivas aflorassem a necessidade da vitória desportiva. Essa metamorfose, materializada pela progressiva ascensão da competitividade e das rivalidades, produziu interpretações ambíguas entre os cronistas do Oeste mineiro.

Na cidade de Oliveira, o ano de 1920 foi marcado pela proliferação de clubes futebolísticos, inclusive clubes ligados às associações operárias e fábricas instaladas na parte urbana da cidade. A sede municipal vivia, nesse momento, conforme demonstrado na sessão anterior, um substancial crescimento da demografia urbana e da oferta de comércios e pequenas indústrias, o que deixava o ambiente mais propício para iniciativas de institucionalização do jogo fora dos círculos refinados. Em maio de 1920, um cronista anônimo da *Gazeta de Minas* sinalizava para a expansão clubística da modalidade: "O atraente sport bretão vai se desenvolvendo sensivelmente entre nós. São já em número de três as associações que a ele se

548 Cf.: LIMA, Alex Witney. Trilhas históricas do foot-ball em São João del-Rei: os clubes, as ligas e os campeonatos (1909-1921). *Tempos Gerais*, São João del-Rei, v. 3, n. 2. p. 105-122, jul./dez. 2014.

dedicam".[549] Essas três novas associações eram: *Sport Club Comercial*, *Oliveirense Foot Ball Club* e *Operário Foot Ball Club*, este último uma iniciativa da União operária fundada em 1919 e que reunia 62 trabalhadores filiados.[550]

Em 1922, outra associação esportiva, bem como um campo de futebol, foi inaugurado por iniciativa de trabalhadores operários:

> Sport Club Industrial
> Efetuou-se no dia 06 do corrente, à 1 hora da tarde, a festa inaugural no campo dessa nova associação desportiva, no bairro do Engenho de Serra dessa cidade.
> Compareceram ao ato da inauguração muitas famílias e cavalheiros da nossa sociedade, tocando por essa ocasião, a banda de música "Santa Cecilia".[551]

Mesmo que a notícia acima não ofereça muitos detalhes, a localização do campo no bairro Engenho de Serra evidencia uma estreita ligação entre a agremiação e a Fábrica de Fiação e Tecido da Companhia Industrial Oliveirense, instalada neste mesmo bairro.[552] Em 1922, cerca de 200 operários trabalhavam na fábrica e a instalação de uma praça esportiva pode ter contribuído para que os operários tivessem acesso ao futebol e, consequentemente, fundassem ali um clube esportivo.[553]

O envolvimento entre as fábricas e o jogo de bola já havia se tornado uma prática disseminada por diferentes regiões do país. De acordo com Fátima Antunes, em cidades como São Paulo havia sido formada uma "tradição operária de futebol amador praticado em clubes de fábricas", em geral, por iniciativa dos próprios trabalhadores, embora muitas dessas empresas desempenhassem um papel fundamental na manutenção dessa atividade, por meio da colaboração material e financeira.[554]

---

549 FOOTBALL. *Gazeta de Minas*, Oliveira, 30 maio 1920, p. 2.
550 Sobre os três clubes citados, ver: Foot-Ball. *Gazeta de Minas*, Oliveira, 8 fev. 1920, p. 2; FOOT BALL. *Gazeta de Minas*, Oliveira, 19 set. 1920, p. 1; FOOT BALL. *Gazeta de Minas*, Oliveira, 19 set. 1920, p. 1. Sobre a União Operária, ver: MINAS GERAIS. Secretaria da Agricultura. Serviço de Estatística Geral. *Anuário estatístico*: ano I (1921), v. IV, Belo Horizonte: Imprensa Oficial, 1926, p. 446.
Sports. *Gazeta de Minas*, Oliveira, 16 maio 1920, p. 2.
551 Sport Club Industrial. *Gazeta de Minas*, Oliveira, 8 jan. 1922, p. 2.
552 O film de Oliveira. *Gazeta de Minas*, Oliveira, 3 abr. 1921, p. 1.
553 Companhia Oliveira Industrial. *Gazeta de Minas*, Oliveira, 19 mar. 1922, p. 2.
554 Entre os clubes de fábricas, um dos mais consagrados pela historiografia do futebol brasileiro é o da Cia. Progresso Industrial, mais conhecida como Fábrica Bangu do Rio de Janeiro, uma tecelagem brasileira de capital português. Em 1904, os funcionários ingleses da fábrica, sobretudo técnicos e mestres, fundaram com a aprovação dos diretores da tecelagem o *The Bangu Athletic Club*. Os ingleses do Bangu, contudo, não conseguiram formar dois quadros fechados entre si e a distância do bairro suburbano onde se localizava a fábrica em relação ao centro da cidade dificultava a participação de compatriotas que trabalhavam nas empresas inglesas sediadas no Rio de Janeiro. A solução foi recorrer aos operários da tecelagem, expandindo socialmente a prática institucional da modalidade, até então restrita à colônia inglesa e às classes sociais mais privilegiadas. Cf.: ANTUNES, Fatima Martin Rodrigues Ferreira. *Futebol de fábrica em São Paulo.* Dissertação (Mestrado em Sociologia) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 1992, p. 30-31.

Não demorou para que uma pequena agenda de torneios locais despontasse no cotidiano da cidade, atraindo a atenção e o entusiasmo da assistência que, lentamente, passava a dar novas cores e sentidos aos jogos de futebol. Ainda que de forma bastante esporádica e irregular, as partidas dos novos clubes eram capazes de elevar os níveis de competitividade. Em abril de 1920, por exemplo, o *Operário Foot Ball Club* e o *Sport Club Comercial* disputaram o "cobiçado título de campeão oliveirense":

> A tarde de domingo passado foi esplendida para uma festa sportiva ao ar livre; tarde clara e amena, esteve mesmo própria para a sensacional partida de foot ball que se realizou entre o S. C. Comercial e o Operário. F. C.
> Raramente se tem visto um encontro de foot ball como o de domingo: disputado com ardor e presenciado por uma multidão de adeptos de ambos os clubes.
> Os assistentes regurgitavam em volta do campo, ansiosos pelo resultado final da prova. Essa ansiedade era plenamente justificada: as equipes que iam travar um memorável embate, gozavam da simpatia de inúmeros assistentes, que discutiam a possibilidade da vitória de um e de outro teen, conforme a predileção dos torcedores.
> Uma formosa legião de encantadoras patrícias afluiu ao "stadium" do "Oliveira Sport Club" para torcer *à beça* ou bancar um *flirt* ao ar livre.
> Ambos os quadros desenvolveram um bom jogo, sendo de justiça assinalar a superioridade do Comercial que, composto por players que souberam lutar com denodo, dominou os alvinegros em todo o tempo que durou o match.
> O Sport Club Comercial que tão brilhante abateu o seu poderoso rival, conquistou por uma maneira digna dos maiores elogios a supremacia do foot ball nesta cidade, ficando destarte detentor do título de Campeão Oliveirense![555]

Entre os anos de 1923 e 1924, a institucionalização do futebol em Oliveira esmoreceu, em virtude da extinção dos clubes *Operário Foot Ball Club*, *Industrial Foot Ball Club*, *Oliveirense Foot Ball Club* e *Sport Club Comercial*. Nesse período, o futebol voltou para o domínio exclusivo do *Oliveira Sport Club* que, após um período de paralização (1918-1921), era reorganizado com o mesmo perfil seletivo do clube anterior. Em novembro de 1917, um ofício enviado pela diretoria do *Oliveira Sport Club* ao presidente do *Divinópolis Foot Ball Club* esclarece, parcialmente, as motivações para o encerramento das atividades do clube. Ao cancelar um encontro intermunicipal e um baile que seria oferecido pela "elite" divinopolitana, o documento atribui o fim das atividades a uma "lamentável desinteligência entre os associados".[556] Embora o ofício não apresente informações detalhadas sobre o imbróglio, é possível especular que tal desentendimento foi motivado pela recusa de parte do corpo de sócios em participar com regularidade dos "rigorosos" treinos do clube.

555 SPORT. *Gazeta de Minas*, Oliveira, 11 abr. 1920, p. 2.
556 O Divinópolis Foot Ball Club recebeu do Oliveira Sport Club o seguinte ofício. *Divinópolis*, Divinópolis, 4 nov. 1917, p. 2.

É preciso destacar que o futebol, especialmente na ocasião de encontros intermunicipais, pouco exigia a constante imersão nos treinos e demais atividades físicas, posto que o principal objetivo do jogo não era a busca da vitória, mas, sim, a participação nos eventos pomposos sociais organizados pelas comitivas ou autoridades políticas. Não sem razão, uma série de medidas coercitivas adotadas pelo *Oliveira Sport Club*, tais como "multa", "suspensão até segunda ordem" e a escolha do selecionado, de acordo com o "número de vezes que comparecerem aos ensaios", foram veiculadas no jornal *Gazeta de Minas*, o que sugere o desinteresse de alguns associados do *Oliveira Sport Club* com os treinamentos oferecidos pelo clube.[557]

A nova organização do *Oliveira Sport Club* era constituída de alguns remanescentes dos atletas pioneiros e de novos sócios, todos eles pertencentes à alta sociedade de Oliveira, entre eles: Cícero Ribeiro de Castro Filho (advogado), Arthur Dinis (advogado), Leopoldo Monteiro (advogado), Omar Castro (comerciante), Oscar Lobato (fazendeiro) e Dr. Djalma Pinheiro Chagas (Deputado Estadual e Presidente da Câmara Municipal de Oliveira).[558] Era, justamente, a polidez, o refinamento e a proeminência econômica dos seus sócios que garantia o acesso da comitiva aos cerimoniais fidalgos dos jogos intermunicipais. No mês final de 1918, por ocasião da completa extinção do futebol em Oliveira, um cronista da *Gazeta de Minas* já havia feito um apelo para que os *footballers* locais reorganizassem o "apresentável scratch de foot ball", para que ele pudesse elevar o nome de Oliveira à altura das "suas compatrícias cidades do Oeste".[559]

Em 1925, a associação clubística em Oliveira sofreu um novo impulso com a fundação de dois novos clubes: o *Sport Club Cruzeiro*, por iniciativa dos comerciantes Benedicto Ferrari e Jose F. da Costa Carvalho, e o *201 Foot Ball Club*, também em 1925, por iniciativa dos alunos da turma do Tiro de Guerra do Ginásio São Geraldo.[560] Paulatinamente, os embates entre os novos clubes foram enraizando, definitivamente, os espectros intrínsecos ao campo esportivo, como a competitividade e o pertencimento clubístico. Em novembro de 1925, as comitivas do *Oliveira Sport Club* e do *Sport Club Cruzeiro* disputaram uma estatueta e o título de campeão

---

557 Cf.: GAZETA desportiva. *Gazeta de Minas*, Oliveira, 11 jun. 1916, p. 1; OLIVEIRA Sport Club. *Gazeta de Minas*, Oliveira, 16 jul. 1916, p. 1; OLIVEIRA Sport Club. *Gazeta de Minas*, Oliveira, 6 ago. 1916, p. 1. OLIVEIRA Sport Club. *Gazeta de Minas*, Oliveira, 20 ago. 1916, p. 1. FOOTBALL. *Gazeta de Minas*, Oliveira, 12 ago. 191, p. 1.

558 Cf.: Viajantes. *Gazeta de Minas*, Oliveira, 20 maio. 1923, p. 2; Viajantes. *Gazeta de Minas*, Oliveira, 7 jan. 1923, p. 2; Aniversários. *Gazeta de Minas*, Oliveira, 21 mar. 1926, p. 2; Câmara Municipal. *Gazeta de Minas*, Oliveira, 7 jan. 1923, p. 1.

559 Notas mundanas. *Gazeta de Minas*, Oliveira, 22 dez. 1918, p. 2.

560 Para uma síntese da fundação dos dois clubes supracitados, ver: AMARAL, Daniel Venâncio de Oliveira; COUTO, Euclides de FREITAS. "Um festin obsceno": pertencimento clubístico e expansão socioespacial do foot-ball em Oliveira, MG (1920-1930). In: *Fênix*, Uberlândia, v. 14, n. 1, p. 1-19, jan./jun. 2017.

oliveirense. O relato abaixo evidencia como a modalidade foi ampliando o calendário esportivo e as tensões dos jogos:

> De certo tempo para cá a nossa mocidade tem se mostrado menos indolente, procurando animar com uma verdadeira ressureição a cultura de jogos desportivos entre nós. Assim, foi que domingo passado, realizou-se, para a disputa do campeonato da cidade, um interessante jogo entre os teams do Oliveira e Cruzeiro Sport Club.
> Ante, numerosa assistência, que enchia de vida e alegria a aprazível praça de desportos do primeiro daqueles clubes, desenvolveu-se a luta, animada, cheia de lances, demonstrando ambos os teams um formidável valor combativo.
> Apesar das hipóteses da vitória estarem concentradas no valente "Cruzeiro", pode o "Oliveira", mais uma vez, confirmar os seus títulos de invencível, batendo o score de 1 x 0, e, portanto, levantando a palma de campeão, simbolizada numa estatueta, lindo brinde oferecido pelo Sr. Alberto Campiglio. [...]
> Hoje, teremos mais esplendida uma partida entre o adestrado "Tiro 201" e o incansável "Cruzeiro", que se empenharão, às 2 horas da tarde, no ground do Oliveira, em amistoso encontro.
> Dando-se as simpatias de que gozam estes dois clubes, é fácil avaliar que o jogo vai despertar entre as torcedeiras.[561]

Diferente da fase anterior (1920-1924) de efemeridade dos clubes e de jogos, o novo movimento clubístico passou a promover uma agenda mais regular de torneios, o que possibilitou o enraizamento definitivo do valor combativo, da eficiência técnica e das rivalidades. Essa consumação da experiência competitiva alcançou também os encontros intermunicipais. Os novos clubes passaram a compor a agenda dos circuitos futebolísticos, invertendo, em razão da dinâmica competitiva local, a lógica dos rituais de fidalguia, ajudando com que os clubes presos ao modelo da cortesia atualizassem seu repertório esportivo. Em setembro de 1925, a comitiva do *Sport Club Claudiense*, da vila de Cláudio, desembarcou na estação ferroviária de Oliveira para disputar uma partida contra a comitiva do *201 Foot Ball Club*. Na contramão dos registros que enfatizam os aspectos sociais e o estreitamento de laços entre as elites regionais, o jogo foi marcado pelos atributos da competitividade, narrados por um cronista anônimo que cobriu a partida: "Notamos de parte a parte que os jogadores se preocuparam mais com a conquista de pontos do que com o modo de se conduzirem entre os seus companheiros. Daí a razão de alguns terem se machucado, por que o jogo teve alguns lances de extrema violência".[562]

Em janeiro de 1928, a imprensa de Oliveira publicou as primeiras movimentações de criação de um novo clube de futebol denominado *Sparta Sport Club*. Na sua festa inaugural, um jogo amistoso contra o *Carmense Foot Ball Club*, do vizinho distrito de Carmo da Mata,

561 SEMANA ESPORTIVA. *Gazeta de Minas*, Oliveira, 15 nov. 1925, p. 1.
562 Foot ball. *Gazeta de Minas*, Oliveira, 4 out. 1925, p. 1.

foi agendado para ocorrer na sede de Oliveira. Na partida preliminar entre os segundos quadros das comitivas, uma desinteligência entre os jogadores fez com que os visitantes "abandonassem o campo de jogo". O embate principal entre o *Sparta* local e o Carmense visitante foi permeado na imprensa por lances técnicos e pela busca da vitória, denotando a consolidação dos predicados combativos de esportes de competição:

> Com uma das mais numerosas assistências até hoje vistas nesta cidade, realizou-se domingo 22 do corrente, o anunciado encontro entre o Sparta Sport Club e o possante quadro Carmense F. Club, visitante que foi recebido com grande manifestação de carinho, não só por parte da diretoria e sócios do Sparta, como também pelos habitantes desta cidade, indo uma comissão ao encontro na estrada recebê-lo.
> Às 3 e 10 a gentil srta. Maria Churebita deu o "shoot" inicial, entre entusiásticas salvas da assistência, sendo a saída favorável ao Club visitante.
> Predileto de posse da bola passa-a o Beijinho, este passa-a a novamente a Beijoquinha, que dá uma bela centrada a Predileto. Este consegue enganar á Toniquinho, vasa á rede dos visitantes com um forte tiro, marcando ás 3 e 12 o 1º e único goal da tarde.
> A assistência delira de entusiasmo. O jogo recomeça com mais animação. Os visitantes cometem cerrado ataque, mas Pé de Chumbo intervém tirando a bola brilhantemente. A linha do Club local de posse da bola dá uma linda entrada mas Toniquinho intervém tirando-a com linda cabeçada.
> O 1º tempo terminou ás 3 e 50 com o seguinte resultado
> SPARTA – 1
> CARMENSE – 0
> Foi juiz neste tempo o sr. José Lobato, que agiu na maior boa fé, mostrou-se conhecedor das regras foi muito correto na sua atuação.
> Às 3 e 55 iniciou-se o segundo tempo debaixo de grande chuva.
> A' saída é dada pelos locais, seguindo-se vários ataques de ambos os lados que em nada resultaram, dando o juiz Odilon a Victoria aos locais pelo belíssimo score de 1 x 0. Também foi um juiz corretíssimo [...].[563]

Nas adjacências de Oliveira, algumas partidas intermunicipais também passavam a ser disputadas sem os traços da afabilidade habitual. Em julho de 1927, na ocasião do encontro na cidade de Itapecerica, entre o *São Bento Foot Ball Club* e o *Bom Sucesso Foot Ball Club* da cidade homônima, um cronista da imprensa de Oliveira, longe de tecer comentários sobre o repertório de eventos pomposos que acompanhava a contenda esportiva, preocupou-se em tecer críticas a uma suposta atuação "infeliz" dos árbitros:

> [...] A pugna teve início pouco depois das 15 horas, estando o campo repleto de torcedores, achando-se presente a banda Sta. Cecilia.
> Serviram de juízes no 1º e 2º tempo os Srs. Severo Reis e seu irmão cujas atuações foram muito infelizes, dando lugar a vários incidentes.
> No 1º tempo o juiz anulou injustamente, um ponto conquistado pelo team visitante.
> Quase no fim da pugna a equipe bom-sucessense conseguiu vazar novamente o goal adversário.

563 Desportos. *Gazeta de Minas*, Oliveira, 29 jan. 1928, p. 2.

> Tendo o juiz continuado o jogo, quando estava terminado o tempo, apesar dos protestos da embaixada de B. Sucesso e dos seus torcedores, o S. Bento, uns 10 minutos após, conseguiu o seu primeiro e único ponto.
> Houve 3 corners contra o S. Bento e 1 contra o Bom Sucesso.
> O juiz considerou o jogo empatado [...][564]

Enquanto na cidade de Oliveira, os cronistas que cobriam uma agenda mais ativa de *matchs* locais e intermunicipais se apropriaram da dinâmica combativa dos jogos, enfatizando em suas narrativas os aspectos técnicos e a luta desportiva, em municípios vizinhos, como Divinópolis, o controle institucional do jogo por parte de uma única comitiva esportiva, constituída por membros proeminentes locais, fez com que os cronistas relutassem em aderir ao novo modelo das partidas.

No ano de 1910, foi inaugurado um entroncamento da Estrada de Ferro Oeste de Minas que ampliou a conexão de Divinópolis com importantes centros do país, a exemplo de São Paulo, Rio de Janeiro, Belo Horizonte, Vitória e Goiás. O aumento do fluxo de trens de carga motivou a construção de uma grande oficina para a manutenção das locomotivas e fabricação de peças de reposição. Para abrigar trabalhadores da ferrovia e seus familiares, ocupados nas oficinas e demais obras de infraestrutura, além da manutenção da linha férrea e das estações, foi edificada, entre 1916 e 1917, uma vila operária com 49 residências e uma escola mista de ensino primário.[565] No início da década de 1920, os moradores da vila operária construíram um campo de futebol e fundaram uma agremiação esportiva denominada *Oeste Foot Ball Club*. A institucionalização do futebol já havia sido instituída nessa cidade, alguns anos antes, mais precisamente em 1916, quando uma seleta roda de esportistas fundou o *Divinópolis Foot Ball Club*. Coube ao clube Divinópolis a tarefa de representar o município na agenda lúdico-festiva dos jogos futebolísticos intermunicipais.[566]

Pesquisas recentes têm demonstrado que a difusão social do jogo logo gerou movimentações efusivas por parte dos seletos *sportmen* da cidade que, buscando manter as rédeas do controle institucional do futebol, promoveram, no dia 12 de março de 1923, uma reunião na residência do Sr. João Baptista de Siqueira, com o intuito de realizar a junção dos dois clubes esportivos:

---

564 Bom Sucesso. *Gazeta de Minas*, Oliveira, 31 jul. 1927, p.2.
565 Cf.: Nos trilhos do lazer: entretenimento urbano e mercado de diversões em Divinópolis, Minas Gerais, 1890-1920. *Revista de História Regional*, Ponta Grossa, v. 22, n. 2, p. 237- 261, jul./dez. 2017.
566 Para uma síntese dos primeiros anos da institucionalização do futebol em Divinópolis, ver: AMARAL, Daniel Venâncio de Oliveira. História do futebol em Divinópolis – MG: cavalheirismo e integração regional (1916-1930). In: *FuLiA*, Belo Horizonte, v. 1, n. 3, p. 90-111, maio/ago. 2017.

> Presidiu a reunião Sr. Carlos Chula, que usando a palavra fez sentir a necessidade de união dos clubes locais, para o bem estar e desenvolvimento do sportismo, nesta cidade, propondo para adotarem o nome de União Foot Ball Club o que foi aprovado por unanimidade de votos.[567]

Embora a reunião fosse presidida por Carlos Chula, funcionário da Estrada de Ferro Oeste de Minas que trabalhava no setor de iluminação dos carros, cabe destacar que Chula era um agente de grande relevância no meio local. Além de ser empresário do conjunto artístico Centro Teatral Divinópolis, ele também ocupava o posto de vice-presidente da sociedade carnavalesca "Cordão Catalão". Outros agentes de proeminência social tomaram o ensejo de refinar o quadro de sócios da nova comitiva, dois quais é possível destacar: Deodolino Souza (escrivão do judiciário), Irineu Lisboa (médico e chefe do posto de profilaxia do município), Alypio Goulart (advogado), Mario Cassanta (advogado), Ataliba Lago (jornalista), Mariano Biondini (delegado de polícia) e Pedro Xavier Gontijo (farmacêutico).[568]

Ao assumir o protagonismo exclusivo do futebol, inserindo-se já nas suas primeiras ações no "circuito futebolístico regional", com o agendamento de duas partidas amistosas, sendo a primeira contra o *Tiradentes Foot Ball Club*, de Santo Antônio do Monte, e a outra contra o *Pitangui Foot Ball Club*, do vizinho município de Pitangui, a seleta comitiva do *União Foot Ball Club* preservava os princípios da cordialidade e da boa educação esportiva. Diferente da profusão de clubes que eram organizados em cidades economicamente mais desenvolvidas como Belo Horizonte, São João del-Rei ou mesmo Oliveira, o município de Divinópolis não experimentou uma expansão clubística e um repertório agitado de jogos locais. Todas as atenções foram concentradas no *União Foot Ball Club*, fazendo com que a crônica esportiva entendesse o esporte pelo prisma do cavalheirismo e da boa educação esportiva.

Em março de 1925, era esperada na estação ferroviária de Divinópolis a comitiva esportiva do *Cajuru Foot Ball Club*, do pequeno distrito homônimo, para a realização de uma partida intermunicipal.[569] Em sua cobertura do evento, um cronista anônimo de Divinópolis desferiu uma série de críticas ao que chamou de "partidarismo cego", que começava a ganhar ressonâncias em alguns jogos intermunicipais do Oeste mineiro. Segundo ele, a nova dinâmica combativa fazia com que o futebol perdesse a sua essência de fidalguia e cordialidade:

---

567 FOOTBALL. *A Estrela da Oeste*, Divinópolis, 14 março 1923, p. 3.
568 Sobre a fundação do *União Foot Ball Club* e seu quadro de sócios, ver: AMARAL, Daniel Venâncio de Oliveira. História do futebol em Divinópolis – MG: cavalheirismo e integração regional (1916-1930). In: ***FuLiA***, Belo Horizonte, v. 1, n. 3, p. 90-111, maio/ago. 2017.
569 Foot ball. *A Estrela da Oeste*, *Divinópolis*, 15 mar. 1925, p. 2.

> O foot ball, que foi criado na velha Britânia tão somente para a cultura física e espiritual, infelizmente como sport, cá por estas plagas do interior, não tem passado de instrumento perigoso e móvel de cenas indecorosas, trazendo quase sempre inimizades torpes entre povos de uma e outra cidade. Já por diversas vezes, temos visto que um match de foot ball é um espetáculo estúpido em que vemos a paixão nos seus maiores tramites, explodindo imoralidades e ejaculando uma tempestade de insultos anavalhantes e mofas da parvoíce arruaceira. Já tantíssimas vezes temos também visto que a disputa de uma partida de foot ball é um festim obsceno e indesejável, em que presenciamos a discórdia bifurcando a grandiosa obra da paz. Tudo porque? Por esta verdade – Porque os adeptos do desporto, esquecendo-se das boas normas da educação, se entregam de corpo e alma, ao partidarismo cego, não sabendo que todos, amigos ou adversários na luta, devem receber o mesmo grau de simpatia e consideração, pois é nenhum o valor da vitória desportiva. Se todos pensassem na responsabilidade que um povo tem ao receber outro, para uma partida de foot ball, ou se todos procedessem nas raias da educação, cremos nós, talvez um match de foot ball fosse bom para o estreitamento de laços entre uma e outra gente.
> Atualmente, depois que o brasileiro patenteou em ser politiqueiro em tudo, temos até medo quando chega ao nosso conhecimento que aqui se vai ferir um embate do celebre jogo bretão, pelo simples fato de querermos a nossa cidade livre de ser apontada por outra coirmã como um centro de estupidarrões e boçais, sem trato e compostura.[570]

Ao ver no *foot ball* um mecanismo de "inimizades torpes entre povos", o cronista da nota acima evidencia como o partidarismo e a competitividade permeavam os encontros intermunicipais com elementos novos e conflituosos. Assim, diferentemente das críticas que ele apresenta, na disputa em Divinópolis entre o clube União e o clube Cajuru, o clima de paz entre os *sportmen* recebeu elogios por parte da imprensa local: "Felizmente, domingo passado ficamos surpreendidos e satisfeitos, sobremodo, pois, o jogo que aqui se desenrolou entre o Cajuru e o União não deixou transparecer nada de desavença, ao contrário, foi festivo e alegre, sendo sua cor a da paz".[571]

À medida que o fenômeno do partidarismo se disseminava nos embates intermunicipais do Oeste mineiro, os envolvidos com a prática institucional do jogo de bola em Divinópolis se mostraram decididos em manter a modalidade com um perfil cavalheiresco e capaz de promover o estreitamento das relações inter-regionais. Na partida que terminou com a vitória do União sobre o Cajuru pelo placar de 4 x 0, um cronista da imprensa de Divinópolis relatou as festividades e as múltiplas articulações cavalheirescas promovidas pelos sócios das duas comitivas após o jogo:

> Às 6 horas, regressaram a sua terra os cajuruenses, numa troca amistosa de vivas, levando uma boa impressão da modesta recepção que lhes deu o nosso povo. A noite realizou-se o baile oferecido pelo União ao Cajuru. O baile correu bem e foi bastante concorrido. Terminando esta ligeira notícia, felicitamos a diretoria e os jogadores do União pela maneira brilhante com que se houveram, esperando que, para outras festas

570 Foot ball. *A Estrela da Oeste*, *Divinópolis*, 22 mar. 1925, p. 2.
571 Foot ball. *A Estrela da Oeste*, *Divinópolis*, 22 mar. 1925, p. 2.

> vindouras, procedam sempre assim, para o bom nome e o melhor conceito da nossa terra. Aos cajuruenses, que tantas saudades nos deixaram, levamos os nossos abraços, pelo modo distinto e cavalheiresco que tiveram para conosco, esperando que perdoem faltas que, porventura, os divinopolitanos tenham praticado.[572]

Até o final da década de 1920, ainda que algumas iniciativas clubísticas ganhassem concretude, como foi caso do *Divinópolis Foot Ball Club*, do *Brasil Foot Ball Club* e do *América Foot Ball Club*, todos fundados em 1928, a efemeridade dos novos clubes e uma agenda esportiva inconsistente e irregular fez com que o futebol se mantivesse restrito a uma roda seleta de esportistas, preservando o seu perfil cavalheiresco. Prova disso, em agosto de 1930, na festa de coroação da Rainha e Madrinha do recém-fundado *União Athletico Club*, uma partida intermunicipal foi agendada contra o *São Bento Sport Club*, da vizinha cidade de Itapecerica. Mesmo com a derrota pelo placar de 2 x 0 para os visitantes, os anfitriões ofereceram diversas festividades para os sócios do clube São Bento e pessoas da "melhor sociedade" divinopolitana:

> Foi oferecido aos itapecericanos visitantes uma sessão cinematográfica, a que compareceu grande número de pessoas, cujo benefício se converteu em favor do "União Athletico Club".
> Na noite de domingo realizou-se no Grêmio Literário, a coroação da Rainha e Madrinhas do Club, respectivamente as senhorinhas Ana Lucchesi, Maria Botelho e Maria da Conceição Silva, que foram saudadas pelo vice-presidente do Club, Francisco Gontijo Neto, que pronunciou vibrante alocução oratória, pelo que foi muito aplaudido.
> Responderam as senhorinhas Ana Lucchesi e Maria Botelho. Foi uma sessão animadíssima, na qual compareceram elementos da nossa melhor sociedade e da sociedade de Itapecerica.[573]

Apenas a partir dos primeiros anos da década de 1930, após a fundação dos clubes *Guarani Sport Club* (1930), *Palmeiras Foot Ball Club* (1930), *Sete de Setembro Sport Club* (1931), *Ferroviário Atlhético Club* (1934) e *Flamengo Sport Club* (1934), os atributos de competitividade, das rivalidades e do pertencimento clubístico, aflorados com a intensificação dos jogos e a organização do primeiro campeonato local de amadores, promovido em 1935 pela Liga Municipal de Desportos, enraizaram definitivamente nessa cidade.[574]

---

572 Foot ball. *A Estrela da Oeste*, *Divinópolis*, 15 mar. 1925, p. 2.
573 União A. Club. A Pena, *Divinópolis*, 1 ago. 1930, p. 1-2.
574 Sobre a expansão clubística do futebol em Divinópolis na década de 1930, ver: DINIS, Mauro; AMARAL, Daniel Venâncio de Oliveira. "O futebol em Divinópolis na primeira metade do século XX: Do jogo primitivo à semente lançada em boa terra". In: CATÃO, Leandro Pena; PIRES, João Ricardo Ferreira; CORGOZINHO, Bastistina de Souza (organizadores). *Divinópolis: história e memória*. Volume 2: Política e Sociedade. Belo Horizonte: Crisálida, 2015, p. 319-344.

No escopo dessa nova ambiência esportiva, verifica-se que as metamorfoses ocorridas ao longo da década de 1920 impuseram novos sentidos e possibilitaram o florescimento de novos atributos ao campo esportivo. Se, no período da sua sociogênese, os encontros futebolísticos eram caracterizados pelo espírito cavalheiresco e pelos atributos da civilidade, um processo dialético que tomou corpo, sobretudo a partir de 1925, alterou, substancialmente, os imperativos dos jogos de futebol. Os atributos da competitividade passaram a ter centralidade e o jogo se expandiu institucionalmente, dando mostras de como o processo de reconstrução dos sentidos criados pelos clubes pioneiros apresentou múltiplas variáveis, não ocorrendo de forma homogênea em toda região.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como apontado na introdução deste trabalho, a intenção principal foi compreender as ambivalências e a participação do universo rural nos processos de modernização e sofisticação dos hábitos urbanos do município de Oliveira, na virada para o século passado, bem como os circuitos futebolísticos que estimulavam a participação de comitivas esportivas em eventos lúdico-festivos faustosos, onde estavam reunidas as altas rodas do interior mineiro. Essas incursões permitiram relativizar algumas das correntes hegemônicas da historiografia do lazer e dos esportes, que apontam a urbanização e a influência de centros metropolitanos como agentes causais privilegiados para o surgimento de novas experiências modernas de hábitos e práticas cotidianas, o que incluiu os esportes e, mais especificamente, o futebol.

A análise do município de Oliveira apresentou, no primeiro capítulo, especificidades interessantes para compreender, na sua história, as interações entre os universos urbano e rural, cujos processos de mutação dos hábitos citadinos não estiveram desconectados dos processos de crescimento econômico e populacional das áreas de exploração agrícola e pastoril. Na verdade, foram justamente as riquezas do campo que financiaram ações modernizadores na sede do município, possibilitando, também, investimentos públicos e privados em novos espaços e modalidades de lazer. A edificação de uma nova cidade, orientada por expectativas de progresso de suas elites letradas, não deixou de conviver com as ambiguidades que transitavam entre o "moderno" e o "sofisticado", o "atrasado" e o "arcaico".

No final do século XIX, Oliveira era uma pequena povoação, com uma densidade urbana bastante rarefeita e um comércio rural voltado, em grande medida, para as demandas locais e de subsistência. A chegada da ferrovia trouxe, inicialmente, um ânimo nos investimentos de comércio urbano, o que foi frustrado com a desarticulação das lavouras, em razão do fim da escravidão, e a retração das importações de gado para o Rio de Janeiro entre os anos de 1897 e 1900. Neste contexto, algumas poucas inciativas de lazeres modernos, como os bilhares, o turfe, o carnaval veneziano e os clubes sociais tiveram, em larga medida, uma existência efêmera, instigando, em razão da falta de novidades lúdicas sofisticadas, reclamações dos cronistas da imprensa, que se queixavam de uma cidade "morta", "monótona" e "sorumbática". Tais queixas eram, na verdade, uma frustração da limitação ou mesmo da inexistência da oferta de espaços ou práticas de lazer consideradas mais modernas.

Um repertório agitado de festas e comemorações tradicionais fazia as delícias da população oliveirense, a exemplo de festas religiosas, festas familiares, festas de datas

comemorativas locais e nacionais, festas de inauguração de obras públicas ou empreendimentos de comércio privados, bares, botequins, tabernas, caçadas, malha ou, ainda, a fogueira de São João. Tudo isso era, simplesmente, invisibilizado pelas elites letradas, que insistiam em dizer que Oliveira era uma cidade "sem diversões". As expectativas de lazeres modernos eram preenchidas com a visita de artistas itinerantes. Esses sim traziam todo um imaginário de refinamento comportamental, o que se desdobrava na produção de crônicas entusiasmadas dos espetáculos de circo, teatro, fantoche, tourada, música, cinema ambulante, ilusionismo ou prestidigitação.

No início da década de 1900, o cenário urbano de Oliveira começou a sofrer as consequências de uma ligeira recuperação das áreas rurais. Tal movimento de recuperação ganhou contornos dramáticos na década de 1910. Nessa época, a crescente demanda por gêneros de alimentos e insumos para a indústria das maiores cidades brasileiras, intensificadas com os conflitos da primeira guerra mundial, que interromperam boa parte das importações nacionais e geraram demandas de abastecimento das nações amigas envolvidas com os conflitos, contribuiu para que as exportações de Oliveira disparassem, gerando, consequentemente, o crescimento populacional e da mão de obra assalariada, ampliação e diversificação do comércio urbano e aumento das receitas públicas.

É nessa conjuntura que a sede do município passa a conviver com uma série de intervenções modernizadoras, que se desdobraram na oferta de espaços públicos, estabelecimentos de comércio e clubes sociais voltados para a oferta dos lazeres entendidos como modernos e de bom gosto. O Teatro Infantil do Grupo Escolar Francisco Fernandes, o Jardim Público, o coreto e o rinque de patinação da Praça da Matriz, a Biblioteca Vigário José Teodoro, o *ground* de basquete da Praça D. Manuelita Chagas, além de bares, charutarias, cafés, confeitarias, bilhares, um hipódromo e um campo de futebol foram sintomas mais gerais de processos econômicos e demográficos que ocorriam nos povoados e nas propriedades rurais de todo o município de Oliveira.

A nova experiência urbana de crescimento populacional, prosperidade econômica e ações de cunho modernizador deixou o ambiente favorável para a penetrabilidade das teorias higienistas que propagandeavam os benefícios da salubridade das cidades e a adoção de esportes e ginásticas por seus habitantes. A cidade deveria ser limpa e habitada por corpos belos, fortes e saudáveis. Foi neste contexto que os esportes corporais ganharam relevância em Oliveira. A patinação, o basquete, o tênis, a peteca, os *raids* pedestres e exercícios militares, a

luta romana, o futebol e até mesmo uma academia de exercícios físicos foram os novos esportes que tiveram iniciativas registradas na imprensa da cidade.

No caso mais específico do futebol, a organização do *Oliveira Sport Club*, em 1916, contou com a participação de dois estudantes que, aparentemente, trouxeram da capital Rio de Janeiro e da antiga capital mineira Ouro Preto as experiências da institucionalização do novo jogo. Por certo que os processos de modernidade urbana, sofisticação dos hábitos, valorização do corpo e influências de centros urbanos mais desenvolvidos criavam um cenário de variáveis positivas para o enraizamento do esporte. Porém não menos importante, a incursão histórica, realizada no segundo capítulo deste trabalho, ofereceu fortes evidências de como a possibilidade de projeção social dos membros das comitivas esportivas e a representatividade política dos municípios envolvidos institucionalmente com jogo afloraram o interesse de envolvimento dos grupos abastados com o novo esporte. Mesmo as menores nucleações mineiras, por meio dos circuitos futebolísticos que se materializavam por todo o estado, buscavam sua entrada nos cerimoniais luxuosos organizados por clubes ou autoridades políticas.

Na análise mais específica dos embates futebolísticos no Oeste de Minas Gerais, foi possível perceber na crônica jornalística que, até a primeira metade da década de 1920, os jogos intermunicipais eram caracterizados pelos atributos da cordialidade e do cavalheirismo, sendo as partidas direcionadas para as redes de integração das elites regionais. Isso pode ser entendido como um resultado do domínio institucional do futebol por grupos abastados, onde um número pequeno de clubes não permitia a criação de uma agenda efervescente de jogos e torneios locais.

A partir de 1925, foi possível observar um movimento de impulso institucional do futebol que possibilitou a incorporação de um novo sistema simbólico ativado pela própria competitividade. Essa nova dinâmica ocorreu de forma desigual em toda a região, gerando interpretações ambíguas entre os cronistas que acompanham as pelejas esportivas. Na cidade de Oliveira, por exemplo, a proliferação de clubes e a solidificação de uma agenda regular de jogos e competições auxiliou decisivamente para que a imprensa e os clubes esportivos aderissem às singularidades que constituem os esportes de competição. Já na cidade de Divinópolis, a pequena mobilização de clubes e o controle institucional dos grupos abastados fez com que o esporte se mantivesse, até o início da década de 1930, com as características da fidalguia, do *fair play* e da boa educação esportiva.

Embora as abordagens apresentadas nesta pesquisa possuam caráter introdutório, elas sugerem a abertura de uma multiplicidade de caminhos analíticos que ainda podem ser

percorridos no sentido de elucidar os aspectos econômicos e socioculturais sobre o esporte e o lazer em regiões afastadas dos grandes centros do país. As articulações e benefícios políticos e comerciais dos sócios e municípios envolvidos com jogos intermunicipais, a permanência de práticas lúdicas tradicionais e seus diálogos com os novos divertimentos modernos ou, ainda, a participação dos fazendeiros e moradores rurais na organização e consumo de espetáculos públicos e privados e estabelecimentos comerciais voltados para o entretenimento são apenas algumas das tramas que carecem de um maior aprofundamento explicativo. Somente com a produção de novas investigações será possível encontrar elementos inéditos referentes ao lazer, o mercado do entretenimento e os circuitos futebolísticos em localidades do interior do Brasil.

REFERÊNCIAS

ABREU, Martha. *O Império do divino*: festas religiosas e cultura popular no Rio de Janeiro 1830-1900. Tese (Doutorado em História) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1996.

ADÃO, Cleber do Sacramento; SILVA, Diego Wandley Araújo; CAMPOS, Áurea Ester Dornelas. O esporte na cidade mineira de origem colonial: uma leitura a partir do jornal *A Tribuna* (1907-1925). In: *Tempos Gerais*, São João del-Rei, v. 3, n. 2, p. 87-104, jul./dez. 2014.

ADÃO, Kleber do Sacramento; SADI, Renato Sampaio (Orgs.). *Lazer em São João Del-Rei*: aspectos históricos, conceituais e políticos. São João del-Rei: UFSJ, 2011.

ADÃO, Kleber do sacramento; SILVA, Diego Wandley Araújo. O esporte na cidade mineira de origem colonial: uma leitura a partir do jornal "a tribuna" (1907-1925). In: *Anais do XII Congresso de Ciências do Desporto e educação Física dos Países de Língua Portuguesa*. Porto Alegre: set., 2008.

AMARAL, Daniel Venâncio de Oliveira. *"À mania intoxicadora"*: introdução clubística e consolidação dos sentidos de competitividade do foot-ball no Centro-Oeste mineiro (1888-1930). Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal de São João del Rei, São João del Rei, 2016.

AMARAL, Daniel Venâncio de Oliveira. História do futebol em Divinópolis, MG: cavalheirismo e integração regional (1916-1930). In: *FuliA*, Belo Horizonte, v. 1, n. 3, p. 90-111, maio/ago. 2017.

AMARAL, Daniel Venâncio de Oliveira; COUTO, Euclides de Freitas. Aspectos do clubismo na introdução do *foot-ball* em Oliveira, MG (1916-1920). In: *Outros Tempos*, São Luiz, v. 14, n. 24, p. 1-16, jul./dez. 2017.

AMARAL, Daniel Venâncio de Oliveira; COUTO, Euclides de FREITAS. "Um festin obsceno": pertencimento clubístico e expansão socioespacial do *foot-ball* em Oliveira, MG (1920-1930). In: *Fênix*, Uberlândia, v. 14, n. 1, p. 1-19, jan./jun. 2017.

AMARAL, Daniel Venâncio de Oliveira; COUTO, Euclides de Freitas. O futebol no Oeste de Minas: os encontros intermunicipais e os sentidos das práticas esportivas em Oliveira (1916-1925). In: *Revista Maracanan*, Rio de Janeiro, n. 21, p. 105-124, maio/ago. 2019.

AMARAL, Daniel Venâncio de Oliveira; DIAS, Cleber. Lazer e mercado do entretenimento em uma cidade rural de Minas Gerais. In: *Revista Locus*, Juiz de Fora, v. 25, n. 1, p. 62-85, 2019.

AMARAL, Daniel Venâncio de Oliveira; DIAS, Cleber. Nos trilhos do lazer: entretenimento urbano e mercado de diversões em Divinópolis, Minas Gerais, 1890- 1920. In: *Revista de História Regional*, Ponta Grossa, v. 22, n. 2, p. 237- 261, jul./dez. 2017.

ANTUNES, Fatima Martin Rodrigues Ferreira. *Futebol de fábrica em São Paulo.* Dissertação (Mestrado em Sociologia) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 1992.

ARAÚJO, Patrícia Vargas Lopes de. *Folganças populares:* festejos de entrudo e carnaval em Minas Gerais no século XIX. São Paulo: Annablume, 2008.

ARRUDA, Gilmar. *Cidades e sertões:* entre a história e a memória. Bauru: EDUSC, 2000.

AUGUSTE de, Sant-Hilaire. *Viagem às nascentes do Rio São Francisco*. Belo Horizonte: Editora Itatiaia, 2004.

BARROS, Aluísio. São João del-Rei na modernidade: o Athletic Foot Ball Club 1909/1913. In: TIRADO, Abgar Antônio Campos; GUIMARÃES, Betânia Maria Monteiro; SILVA, Mariluze Ferreira de Andrade e (Orgs). *São João del-Rei*: 300 anos. São João del-Rei: Academia de Letras de São João del-Rei, 2013.

BASTOS, Maria Helena Câmara. Espelho de papel: a imprensa e a história da educação. In: *Novos temas em história da educação brasileira*. Instituições escolares e educação na imprensa. Campinas/Uberlândia: Autores Associados/EDUFU, 2002.

BATISTA, Felipe Alvarenga; BARBOSA, Lidiany Silva; GODOY, Marcelo Magalhães. Transportes, modernização e formação regional - subsídios a história da era ferroviária em Minas Gerais, 1870-1940. In: *Revista de História Regional*, Ponta Grossa, v. 17, n. 1, p. 162-203, 2012.

BIBBÓ, Caroline Bertarelli. *Divertimentos em Ouro Preto no final do século XIX*. Dissertação (Mestrado em Estudos do Lazer) – Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2017.

CALDEIRA, Jorge. *História da riqueza no Brasil*: cinco séculos de pessoas, costumes e governos. Rio de Janeiro: Estação Brasil, 2017.

CAMARO, Ana Amélia; BELTRÃO, Kaizô Iwakami. *Distribuição espacial da população brasileira*: mudança na segunda metade deste século. Rio de Janeiro: Ipea, 2000.

CAPELATO, Maria Helena. *Imprensa e história do Brasil*. São Paulo: Contexto/EDUSP, 1998.

CARVALHO, José Murilo de. D. João e as histórias dos Brasis. In: *Revista Brasileira de História*, São Paulo, v. 28, n. 56, p. 551-572, 2008.

CIMINO, Marli de Souza Saraiva. *Iluminar a terra pela inteligência*: trajetória do aprendizado agrícola de Barbacena, MG (1910-1933). Tese (Doutorado em Educação) – Universidade do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2013.

CORRÊA, Joyce Nanci da Silva. Sports na terra dos rincões: Acre 1909-1922. In: *Revista Brasileira de Estudos do Lazer*. Belo Horizonte, v. 4, n. 3, p. 24-45, set./dez. 2017.

CORRÊA, Joyce Nancy da Silva; DIAS, Cleber. Esporte, lazer e cultura no Acre, c. 1907-1920. In: DIAS, Cleber (Org.), *Depois da Avenida Central*: cultura, lazer e esportes nos sertões do Brasil. Rio de Janeiro: Jaguatirica, 2020, p. 111-151.

COSTA, Joaquim Ribeiro. *Toponímia de Minas Gerais*: com estudo histórico da divisão territorial administrativa. Belo Horizonte: Imprensa Oficial do Estado, 1970.

COUTO, Euclides de Freitas. *Belo Horizonte e o futebol*: integração social e identidades coletivas (1897-1927). Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) – Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2003.

COUTO, Euclides de Freitas; BARROS, Aluízio Antônio de. Futebol e modernidade em São João del-Rei, MG: o caso do Athletic Club. In: *Anais do XXVI Simpósio Nacional de História – ANPUH*, São Paulo, julho 2011.

COUTO, Euclides de Freitas; SILVA, Sabrina Alves da. Circularidade cultural e modernização dos hábitos: o modelo clubístico do *Athletic Club* (1909-1925). In: *Tempos Gerais*, São João del-Rei, v. 3, n. 2, p. 123-136, jul./dez. 2014.

CUNHA, Alexandre. Mendes. O urbano e o rural em Minas Gerais entre os séculos XVIII e XIX. In: *Cadernos da Escola do Legislativo*, Belo. Horizonte, v.11, N. 16, p.57-70, jan./jun. 2009.

CUNHA, Maria Clementina Pereira. *Ecos da folia*: uma história social do carnaval carioca entre 1880 e 1920. São Paulo: Companhias das Letras, 2001.

DEAN, Warren. *A industrialização de São Paulo (1890-1945)*. Rio de Janeiro: Editora Bertrand Brasil S. A., 1991.

DIAS, Cleber, *et al*. Esportes nos sertões das Gerais. In: DIAS, Cleber; ROSA, Maria Cristina (Org.). *Histórias do lazer nas Gerais*. Belo Horizonte: Ed. da UFMG, 2020.

DIAS, Cleber, *et. al*. História do futebol em Minas Gerais. In: *Tempos Gerais*, São João del-rei, v. 3, n. 2, p. 67-86, jul./dez. 2014.

DIAS, Cleber. Cultura, lazer e esportes no mundo rural – uma introdução. In: DIAS, Cleber (Org.). Depois da avenida Central: cultura, lazer e esportes nos sertões do Brasil. Rio de Janeiro: Jaguatirica, 2020, p. 11-45.

DIAS, Cleber. Esporte e cidade: balanços e perspectivas. In: *Revista Tempo*, Niterói, v. 17, n. 34, p. 33-44, jan./jun. 2013.

DIAS, Cleber. Esporte e lazer em Ilhéus na Primeira República (c. 1889-1930). Mimeo.

DIAS, Cleber. Esportes nos confins da civilização: Mato Grosso, 1920-1930. In: *Topoi*, Rio de Janeiro, v. 18, n. 34, p. 66-90, jan./abr. 2017.

DIAS, Cleber. História e historiografia do lazer. In: ISAYAMA, Helder; MELO, Victor (Orgs.). *Pesquisa e pós-graduação em estudos do lazer*. Belo Horizonte: Ed. Da UFMG, 2020.

DIAS, Cleber. Mercantilização do lazer no Brasil. In: *Licere*, Belo Horizonte, v. 21, n. 2, p. 364-403, 2018.

DIAS, Cleber. Teorias do lazer e modernidade: problemas e definições. In: *Licere*, Belo Horizonte, v.12, n.2, jun. 2009.

DINIS, Mauro; AMARAL, Daniel Venâncio de Oliveira. "O futebol em Divinópolis na primeira metade do século XX: Do jogo primitivo à semente lançada em boa terra". In:

CATÃO, Leandro Pena; PIRES, João Ricardo Ferreira; CORGOZINHO, Bastistina de Souza (Orgs.). *Divinópolis:* história e memória. Volume 2: Política e Sociedade. Belo Horizonte: Crisálida, 2015, p. 319-344.

DUMAZEDIER, Joffre. *Sociologia empírica do lazer*. São Paulo: Perspectiva / SESC, 1999.

SOUZA, Eliza Salgado de. *Esportes em Manaus, 1880- 1910*. (Dissertação de Mestrado em Estudos do Lazer) – Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2017.

FERREIRA, Hugo Fernandes. *A caça no Brasil*: panorama histórico e atual (volume I e II). Tese (Doutorado em Zoologia) – Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2014.

FERREIRA, Natânia Silva. *Elite agrária e processo de urbanização*: o município de Varginha-MG (1882-1920). Dissertação (Mestrado em História Econômica) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2017.

FILHO, Mario. *O negro no futebol brasileiro*. Rio de Janeiro: Mauad, 2003.

FLORES, Moacyr. Do entrudo ao carnaval. *Estudos Ibero-Americanos*, PUCRS, v. 23, n. 1, p. 149-161, junho 1996.

FRANZINI, Fábio. "Esporte, cidade e modernidade: São Paulo". In: MELO, Victor Andrade de. Os *sports* e as cidades brasileiras: transição dos séculos XIX e XX. Rio de Janeiro: Apicuri, 2010, p. 49-70.

FREYRE, Gilberto. *Ordem e progresso*. Rio de Janeiro: Global, 2015.

GOLÇALVEZ, Irlen Antônio; VERSIEUX, Daniela Pereira. Escrevendo por sobre terra: as fazendas-modelo em Minas Gerais (1906-1915). In: *Revista História da Educação*, Porto Alegre, v. 19 n. 46, p. 201-222, maio/ago. 2015.

GOMES, Christinne Luce; MELO, Victor Andrade de. Lazer no Brasil: trajetória de estudos, possibilidades de pesquisa. In: *Movimento*, Porto Alegre, v. 9, n. 1, p. 23-44, jan./abr. 2003.

GOMES. Christiane Luce. Estudos do lazer e geopolítica do conhecimento. In: *Licere*, Belo Horizonte, v. 14, n. 3, p. 1-25, set./dez. 2011.

GONZALES, Selma Lúcia de Moura. *A territorialidade militar terrestre no Brasil*: os tiros de guerra e a estratégia da presença. Tese (Doutorado em Geografia Humana) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2008.

GOODWIN JUNIOR, James William. *Cidades de papel*: imprensa, progresso e tradição, Diamantina e Juiz de Fora, MG (1884-1914). Belo Horizonte: Fino Traço, 2015.

HORTA, Regina Duarte. *Noites circenses*: espetáculos de circo e teatro em Minas Gerais no século XIX. Belo Horizonte: Fino Traço, 2018.

JESUS, Gilmar Mascarenhas de. "A via platina da introdução do futebol no Rio Grande do Sul". In: *Lecturas*, Buenos Aires, año 5, n. 26, 2000.

JUNIOR, Carlos Fernando Ferreira da Cunha. Práticas corporais em Juiz de Fora (1876-1915). In: *Pro-Posições*, Campinas, v. 22, n. 3, p. 51-65, set./dez. 2011.

JÚNIOR, Edivaldo Gois. O esporte a modernidade em São Paulo: práticas corporais no fim do século XIX e início do XX. In: *Movimento*, Porto Alegre, v. 19. n. 4, p. 95-117, out./dez. 2013.

JUNIOR, Edvaldo Gois. *Os higienistas e a educação física*: a história dos seus ideais. Dissertação (Mestrado em Educação Física) – Universidade Gama Filho, Rio de Janeiro, 2000.

JUNIOR, Nei Jorge dos Santos. Diversões nos arrabaldes da capital irradiante. In: DIAS, Cleber (Org.). *Depois da avenida Central*: cultura, lazer e esportes nos sertões do Brasil. Rio de Janeiro: Jaguatirica, 2020, p. 47-74.

KARLS, Thaina Schwan. *Comida, bebida e diversão*: uma análise comparada do perfil de restaurantes e confeitarias no Rio de Janeiro do século XIX (1854-1890). Tese (Doutorado em História Comparada) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2017.

LANNA, Ana Lúcia. O café e o trabalho "livre" em Minas Gerais – 1870/1920. In: *Revista Brasileira de História*, São Paulo, v. 6, n. 12, p. 73-88, mar./ago. 1986.

LIMA, Alex Witney. *O jogo de bola em terras mineiras*: uma comparação entre a institucionalização do futebol em Belo Horizonte e São João del-Rei (1904-1921). Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2014.

LIMA, Alex Witney. Trilhas históricas do *foot-ball* em São João del-Rei: os clubes, as ligas e os campeonatos (1909-1921). In: *Tempos Gerais*, São João del-Rei, v. 3, n. 2, p. 105-122, jul./dez. 2014.

LIMA, João Heraldo. Café e indústria em Minas Gerais no início do século: algumas observações. In: *Estudos Econômicos*, São Paulo, v. 8, n. 2, 1978.

LIMA, Pablo Luiz de Oliveira. *Ferrovia, sociedade e cultura, 1850 – 1930*. Belo Horizonte: Argumentum, 2009.

LOTT, Wanessa Pires. *Cenas festivas da/na cidade de Belo Horizonte, 1897-1922*. Dissertação (Mestrado em Antropologia) – Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2009.

LUCA, Tânia Regina de. "História dos, nos e por meio dos periódicos". In: PINSKY, Carla Bassanezi (Org.). *Fontes históricas*. São Paulo: Contexto, 2005, p. 111-153.

MARTINS, William de Souza Nunes. *Paschoal Segreto*: "ministro das diversões" do Rio de Janeiro (1883 - 1920). Rio de Janeiro: Autografia, 2014.

MARZANO, Andrea. *Cidade em cena*: o ator Vasques, o teatro e o Rio de Janeiro, 1839-1892. Rio de Janeiro: Folha Seca, 2008.

MÁXIMO, João. Memórias do futebol brasileiro. In: *Estudos Avançados*, São Paulo, v. 13, n. 37, p. 179-188, 1999.

MELO, Victor Andrade de (org.). *Os sports e as cidades brasileiras*: transição dos séculos XIX e XX. Rio de Janeiro: Apicuri, 2010.

MELO, Victor Andrade de. *Cidade sportiva:* primórdios do esporte no Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2001.

MILLS, John Robert. *Charles Miller:* o pai do futebol brasileiro. São Paulo: Panda Books, 2005.

MORAES, José Geraldo Vinci. *Cidade e cultura urbana na primeira república*. São Paulo: Atual, 2001.

NAKAYAMA, Marina Fernandes Braga. *Divertimentos e tempo livre*: experiências dos trabalhadores em Juiz de Fora (1900-1924). Tese (Doutorado em Estudos do Lazer) – Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2016.

NAXARA, Márcia Regina Capelari. *Estrangeiro em sua própria terra*: representações do brasileiro, 1870-1920. São Paulo: Annablume, 1998.

NEEDELL, Jeffrey D. *Belle époque tropical*: sociedade e cultura de elite no Rio de Janeiro na virada do século. Rio de Janeiro: Companhia das letras, 1993.

NETO, Georgino Jorge de Souza. *A invenção do torcer em Belo Horizonte*: Da assistência ao pertencimento clubístico (1904-1930). Dissertação (Mestrado em lazer) – Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2010.

NETO, Georgino Jorge de Souza. Victor Serpa e a "Mania Foot-Ball": o mito fundador do esporte bretão na cidade de Belo Horizonte, MG (1904-1905). In: *PODIUM Sport, Leisure and Tourism Review*, n. 1, vol. 3, p. 50-60, jan./jun. 2014.

NOGUEIRA JÚNIOR, João Martins. *Uma história dos divertimentos do sul mineiro*: Itajubá, Pouso Alegre e Campanha entre o final do século XIX e as primeiras décadas do século XX (1891-1930). Dissertação (Mestrado em Estudos do Lazer) – Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2017.

OLIVEIRA, Renata Cristina Simões de. *O teatro e algumas diversões em Diamantina*: uma história registrada pela imprensa (1888-1915). Dissertação (Mestrado em Estudos do Lazer) – Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2016.

PEREIRA, Leonardo Afonso. *Footballmania:* uma história social do futebol no Rio de Janeiro, 1902-1938. Rio de Janeiro: Nova fronteira, 2000.

PEREIRA, Leonardo Affonso de Miranda. *O carnaval das letras*: literatura e folia no Rio de Janeiro do século XIX. Campinas: Editora da Unicamp, 2004.

PERES, Léa Freitas (Coor.); BELONE, Ana Paula Lessa; MARTINS, Marcos da Costa; GOMES, Rafael Barros (Org.). *Festas e viajantes em Minas Gerais no século XIX*: compêndio de citações. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2018.

PIRES, Anderson. *Café, Finanças e Bancos*: uma análise do sistema financeiro da Zona da Mata de Minas Gerais: 1889/1930. 2004. 412 f. Tese (Doutorado em História Econômica) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2004.

RESENDE, Antônio Paulo. *História do Movimento Operário no Brasil*. São Paulo: Átila, 1986.

RIBEIRO, Raphael Rajão. *A bola em meio a ruas alinhadas e a uma poeira infernal:* Os primeiros anos do futebol em Belo Horizonte (1904-1921). Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2007.

RODRIGUES, Marilita Aparecida Arantes. *A constituição e o enraizamento do esporte na cidade*: uma prática moderna de lazer na cultura urbana de Belo Horizonte (1894-1920). Tese (Doutorado em História) – Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2006.

ROSA, João Guimarães. *Grande sertão*: veredas. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 1986.

RÜSSEN, Jörn. Historiografia comparativa intercultural. In: MALERBA, Jurandir (Org.) *A história escrita*: teoria e história da historiografia. São Paulo: Contexto, 2006, p. 115-138.

SADI, Renato Sampaio; ADÃO, Kleber do Sacramento (Orgs.). *Lazer em São João del-Rei*: aspectos históricos, conceituais e políticos. São João del-Rei: UFSJ, 2011.

SAES, Alexandre Macchione; ROSA, Elton Rodrigo. Mercado pontual: atuação estadual na formação da feira de gado de Três Corações (1900-1920). In: *Estudos Econômicos*, São Paulo, vol. 43, n.4, p.745-772, out./dez. 2013.

SALIBA, Elias Thomé. Cultura: as apostas na república. In: SCHWARCZ, Lilia Moritz. *História do Brasil nação*: A abertura para o mundo, 1889-1930. Rio de Janeiro: Objetiva, 2012. Vol. 3, p. 239-294.

SANTOS, Aline Aguiar Cerqueira dos. *Diversões e civilidade na "Princesa do Sertão" (1919-1946)* – Feira de Santana. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Estadual de Feira de Santana, Feira de Santana, 2012.

SANTOS, Bruno Henrique dos. *A formação socioespacial de São João del-Rei e o processo de regionalização do campo das vertentes*. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Universidade Federal de São João del-Rei, São João del-Rei, 2017.

SANTOS, Marcela Ariete dos. *O teatro em Mato Grosso (1889-1930)*. Dissertação (Mestrado em Estudos do Lazer) – Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2017.

SANTOS, Welber Luiz dos. *A Estrada de Ferro Oeste de Minas*: São João del-Rei (1877-1898). Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal de Ouro Preto, Ouro Preto, 2009.

SCHWARCZ, Lilia Moritz. Introdução: as marcas do período. In: SCHWARCZ, Lilia Moritz (Coord.). *História do Brasil nação*: a abertura para o mundo, 1889-1930. Rio de Janeiro: Objetiva, 2012. Vol. 3, p. 19-34.

SEVCENKO, Nicolau. "O prelúdio republicano, astúcias da ordem e ilusões do progresso". In: SEVCENKO, N. (Org.). *História da Vida Privada no Brasil Republica: da Belle Époque à era do Rádio*. São Paulo: Cia das Letras, 1988. Vol. 3, p. 7-48.

SEVCENKO, Nicolau. A capital irradiante: técnica, ritmos e ritos do Rio. In: SEVCENKO, Nicolau (Org.) *História da Vida Privada no Brasil*: República: da Belle Époque a Era do Rádio. São Paulo: Companhia das Letras, 1998. Vol. 3, p. 513-619.

SEVCENKO, Nicolau. *Literatura como missão*: tensões sociais e criação cultural na Primeira República. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

SILVA, Daniela Alves da. *Cultura operária*: um estudo de caso do Villa Nova Atlético Clube. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2007.

SILVA, Igor Maciel da. *Elas se divertem (Barbacena – MG, 1914 a 1931)*. Dissertação (Mestrado em Estudos do Lazer) – Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2018.

SILVA, Luciano Pereira da. *Em nome da modernidade*: uma educação multifacetada, uma cidade transmutada, um sujeito inventado (Montes Claros, 1889-1926). Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2012.

SILVA, Luciano Pereira da. O futebol e o início da diversão esportivizada em Montes Claros, MG. In: *Licere*, Belo Horizonte, v.16, n.1, p. 1-30, mar. 2013.

SILVA, Thiago Felipe da. O futebol em uma cidade do interior de Minas Gerais: os significados do torcer pelo Esporte Clube democrata. In: SILVA, Silvio Ricardo da; DEBORTILI, José Alfredo de O.; SILVA. Thiago Felipe da (Org.). *O futebol nas Gerais*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2012, p. 203-220.

SIMIS, Anita. *Estado e cinema no Brasil*. São Paulo: Editora Unesp, 2015.

SOIHET, Rachel. *A subversão pelo riso*: estudos sobre o carnaval carioca da Belle époque ao tempo de Vargas. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1998.

SOUZA, Elisa Salgado de. Sport Club Amazonense: O divertimento em Manaus 1897-1902. In: *Revista Brasileira de Estudos do Lazer*. Belo Horizonte, v. 4, n. 3, p. 5-23, set./dez. 2017.

SOUZA, José Inácio de Melo. *Imagens do passado*: São Paulo e Rio de Janeiro nos primórdios do cinema. São Paulo: Editora Senac São Paulo, 2004.

TAVARES, Denis Pereira. Representações da modernidade de São João del-Rei. In: *Revista de História Regional*, Ponta Grossa, v. 18, n. 2, p. 438-461, 2013.

VARNHAGEN, F. A. A caça no Brasil, ou Manual do caçador em toda América tropical acompanhado de um glossário dos termos usuais da caça. In: *E. & H. Laemmert*, Rio de Janeiro, 1860.

VAZ, Alexandra Fernandes; BOMBASSARO, Ticiana. Esporte, cidade e modernidade: Florianópolis. In: MELO, Victor Andrade de (Org.). *Os sports e as cidades brasileiras*: transição dos séculos XIX e XX. Rio de Janeiro: Apicuri, 2010, p. 193-212.

VERSIEUX, Daniela Pereira; GOLÇALVEZ, Irlen Antônio. A criação das fazendas-modelo em Minas Gerais: uma política pública para a educação profissional agrícola na Primeira República (1906-1914). In: *Revista de História Regional*, Ponta Grossa, vol. 18, n. 1, p. 125-151, jan./jun. 2013,.

VILLELA, Anibal Villanova; SUZIGAN, Wilson. *Política do governo e crescimento da economia brasileira*. Brasília: IPEA, 2001.

Wilson Gambeta, *A bola rolou*: o velódromo paulista e os espetáculos de futebol, 1895-1916, São Paulo: SESI-SP editora, 2015.

WIRTH, John D. *O fiel da balança*: Minas Gerais na federação brasileira, 1889-1937. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982.

XAVIER, Rosana Daniele. Respeitável público, o circo chegou! Uma análise da apropriação dos espetáculos circenses no Oeste de Minas Gerais (1888-1930). In: AZEVEDO, Lemos Mota de; FERREIRA, José Heleno; PIRES, João Ricardo Ferreira e ANJOS, Carlos Martins Versiani dos (Orgs.). *História e memória do Centro-Oeste Mineiro*: perspectivas. Divinópolis: EdUEMG, 2018, p. 188-202.

XAVIER, Rosana Daniele. *Respeitável público, o circo chegou*: itinerários, espetáculos e estratégias comerciais dos circos na cidade de Oliveira, Minas Gerais, (1888-1920). Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal de São João del-Rei, São João del-Rei, 2019.

XAVIER, Rosana Daniele; AMARAL, Daniel Venâncio de Oliveira; DIAS Cleber. Cultura, ferrovias e desenvolvimento econômico: circos em Minas Gerais no final do século 19. In: *Revista de História Regional*, v. 24, n. 1, p. 135-159, jan./jun. 2019.

XAVIER, Rosana Daniele; AMARAL, Daniel Venâncio de Oliveira; DIAS Cleber. Repertórios circenses e ferrovias: um estudo sobre o Oeste de Minas Gerais, c. 1890-1920. In: *Revista Repertório*, Salvador. Prelo.

FONTES

“Foot ball nas ruas”. *O Pharol*. Juiz de Fora, 29 abr. 1925, p. 1.

1.000 bois. *Gazeta de Oliveira*, Oliveira, 20 jan. 1895, p. 3.

21 de abril. *Gazeta de Minas*, Oliveira, 28 abr. 1918, p. 1.

4º Centenário do Brasil. *Gazeta de Minas*, Oliveira, 20 abr. 1900, p. 1.

7 de setembro. *Gazeta de Minas*, Oliveira, 10 set. 1916, p. 1.

7 de setembro. *Gazeta de Minas*, Oliveira, 12 set. 1915, p. 1.

7 de setembro. *Gazeta de Minas*, Oliveira, 13 set. 1914, p. 1.

7 de setembro. *Gazeta de Minas*, Oliveira, 8 set. 1918, p. 1.

A bem da lavoura. *Gazeta de Oliveira*, Oliveira, 29 jul. 1894, p. 1.

A Biblioteca. *Gazeta de Minas*, Oliveira, 23 abr. 1911, p. 1.

A Cidade. *Gazeta de Minas*, Oliveira, 17 maio 1914, p. 1.

A Cidade. *Gazeta de Minas*, Oliveira, 24 maio, 1914, p. 1.

A cidade. *Gazeta de Minas*, Oliveira, 26 jul. 1914.

A CIDADE. *Gazeta de Minas*, Oliveira, 28 jun. 1914, p. 1.

A cidade. *Gazeta de Minas*, Oliveira, 31 maio 1914, p. 1.

A Cidade. *Gazeta de Oliveira*, Oliveira, 10 maio 1914.

A Cidade. *Gazeta de Oliveira*, Oliveira, 17 maio 1914, p. 1.

A Cidade. *Gazeta de Oliveira*, Oliveira, 21 jun. 1914, p. 1.

A Cidade. *Gazeta de Oliveira*, Oliveira, 31 maio 1914, p. 1.

A Cidade. *Gazeta de Oliveira*, Oliveira, 7 jun. 1914, p. 1.

A Democracia. *Gazeta de Oliveira*, Oliveira, 10 jan. 1894, p. 1.

A educação moderna. *Gazeta de Minas*, Oliveira, 21 mar. 1914, p. 1.

A EMBAIXADA ESPORTIVA do Bom Sucesso Foot-Ball Club em Oliveira. *Gazeta de Minas*, Oliveira, 25 fev. 1923, p. 2.

A entrega da bandeira ao Tiro de Guerra 327. *Gazeta de Minas*, Oliveira, 9 jun. 1918, p. 1.

A Gazetinha. *Gazeta de Oliveira*, Oliveira, 8 ago. 1897, p. 1.

A Gripe Espanhola em Oliveira. *Gazeta de Minas*, Oliveira, 10 nov. 1918, p. 2.

A Gripe Espanhola em Oliveira. *Gazeta de Minas*, Oliveira, 27 out. 1918, p. 2.

A Gripe Espanhola. *Gazeta de Minas*, Oliveira, 1 dez. 1918, p. 1.

A Gripe Espanhola. *Gazeta de Minas*, Oliveira, 24 nov. 1918, p. 2.

A Gripe Espanhola. *Gazeta de Minas*, Oliveira, 29 dez. 1918, p. 1.

A Gripe Espanhola. *Gazeta de Minas*, Oliveira, 8 dez. 1918, p. 2.

A ilustríssima Câmara Municipal. *Gazeta de Oliveira*, 10 nov. 1889, p. 3.

A INAUGURAÇÃO. *Gazeta de Minas*, Oliveira, 9 jul. 1916, p. 1.

A instrução em Oliveira. *Gazeta de Minas*, Oliveira, 12 mar. 1899, p. 1.

A Luta. *Gazeta de Minas, Oliveira*, 5 mar. 1916, p. 1.

A manifestação. *Gazeta de Oliveira*, Oliveira, 29 maio 1898, p. 1.

A música. *Gazeta de Minas*, Oliveira, 27 maio 1917, p. 1.

A PENA. Divinópolis, p. 1-2, 1 agosto 1930.

A Pérola. *Gazeta de Oliveira*, Oliveira, 3 fev. 1895, p. 3.

A première para quinta feira. *Gazeta de Minas*, Oliveira, 9 nov. 1919, p. 2.

A tela, a cena e o circo. Gazeta de Minas, Oliveira, 16 jan. 1917, p. 1.

A' Praça. *Gazeta de Minas*, Oliveira, 29 jan. 1899, p. 1.

Abusos, sempre abusos. *Gazeta de Minas*, Oliveira, 27 ago. 1917, p. 1.

Açougue Mineiro. *Gazeta de Oliveira*, Oliveira, 17 jul. 1916, p. 1.

Água potável. *Gazeta de Oliveira*, Oliveira, 18 ago. 1895, p. 1.

Alexandrino J. Chagas. *Gazeta de Minas*, Oliveira, 3, abr. 1904, p. 3.

Alfaiataria Internacional. *Gazeta de Oliveira*, Oliveira, 13 ago. 1916, p. 1.

Alfaiataria Modelo. *Gazeta de Oliveira*, Oliveira, 14 nov. 1915, p. 1.

Alfaiataria. *Gazeta de Minas*, Oliveira, 17 mar. 1907, p. 1.

Alfaiataria. *Gazeta de Oliveira*, Oliveira, 14 fev. 1896, p.4.

Animais soltos. *Gazeta de Minas*, Oliveira, 30 jul. 1916, p. 1.

Aniversário. *Gazeta de Oliveira*, Oliveira, 10 ago. 1890, p. 1.

Aniversário. *Gazeta de Oliveira*, Oliveira, 13 out. 1895, p. 2.

Aniversário. *Gazeta de Oliveira*, Oliveira, 26 jul. 1891, p. 2.

Aniversários. *Gazeta de Minas*, Oliveira, 21 mar. 1926, p. 2.

Aniversários. *Gazeta de Oliveira*, Oliveira, 22 fev. 1891, p. 2.

Anúncios. *Gazeta de Oliveira*, Oliveira, 21 out. 1888, p. 1.

Ao sr. Delegado. *Gazeta de Oliveira*, Oliveira, 19 mar. 1893, p. 2.

Aos fabricantes de manteiga. *Gazeta de Minas*, Oliveira, 3 maio 1914, p. 2.

Aos fazendeiros e lavradores. *Gazeta de Minas*, Oliveira, 13 set. 1914, p. 1.

Armazém de Mantimentos e Molhados. *Gazeta de Oliveira*, Oliveira, 28 out. 1894, p. 4.

Arroz agulha. *Gazeta de Minas*, Oliveira, 6 maio 1906, p. 1.

Arthur Diniz. *Gazeta de Oliveira*, Oliveira, 28 set. 1918, p. 5.

Artista Wilson. *Gazeta de Minas*, Oliveira, 20 maio 1906, p. 1.

As arvores. *Gazeta de Minas*, Oliveira, 3 jul. 1910, p. 1.

As festas. *Gazeta de Minas*, Oliveira, 10 set. 1916, p. 1.

As Linhas de Tiro. *Gazeta de Oliveira*, Oliveira, 11 nov. 1917, p. 1.

Assis Chagas. *Gazeta de Minas*, Oliveira, 16, dez. 1906, p. 1.

Associações. *Gazeta de Oliveira*, Oliveira, 26 abr. 1914, p. 2.

Ata de reunião da Câmara Municipal do dia 17 jan. 1918. In: OLIVEIRA (1917-1921), p. 13, verso.

AUX BONS AMIS... *Gazeta de Minas*, Oliveira, 15 jul. 1906, p. 1.

Avicultura. *Gazeta de Minas*, Oliveira, 19 maio 1912, p. 1.

Aviso aos caçadores. *Gazeta de Oliveira*, Oliveira, 26 set. 1897, p. 3.

Baile. *Gazeta de Minas*, Oliveira, 24 abr. 1900, p. 2.

Baile. *Gazeta de Minas*, Oliveira, 25 nov. 1900, p. 2.

Baile. *Gazeta de Minas*, Oliveira, 31 dez. 1899, p. 1.

Baile. *Gazeta de Oliveira*, Oliveira, 15 set. 1889, p. 2.

Baile. *Gazeta de Oliveira*, Oliveira, 2 out. 1898, p. 1.

Baile. *Gazeta de Oliveira*, Oliveira, 20 maio 1894, p. 3.

Bar Saxônia. *Gazeta de Minas*, Oliveira, 24 out. 1915, p. 1.

Bar Saxônia. *Gazeta de Minas*, Oliveira, 7 nov. 1915, p. 1.

Barbearia Sírio Oliveirense. *Gazeta de Oliveira*, Oliveira, 14 jul. 1918, p. 1.

Batizado. *Gazeta de Oliveira*, Oliveira, 3 abr. 1892, p. 3.

Belo Horizonte. *Divinópolis*, Divinópolis, 23 set. 1917, p. 3.

Benefício. *Gazeta de Minas*, Oliveira, 14 maio 1916, p. 1.

Benefício. *Gazeta de Minas*, Oliveira, 3 jun. 1917, p. 1.

Benefícios. *Gazeta de Minas*, Oliveira, 4 maio 1913, p. 1.

Biblioteca Vigário José Theodoro. *Gazeta de Minas*, Oliveira, 24 out. 1915, p. 1.

Biblioteca Vigário Jose Theodoro. *Gazeta de Minas*, Oliveira, 29 jan. 1911, p. 1.

Bilhar e Café. *Gazeta de Oliveira, Oliveira*, 6 jan. 1889, p. 1.

Bilhar. *Gazeta de Minas*, Oliveira, 27 set. 1903, p. 1.

Bilhar. *Gazeta de Oliveira*, Oliveira, 18 maio 1890, p. 2.

Bilhar. *Gazeta de Oliveira*, Oliveira, 28 ago. 1898, p. 1.

Bilhar. *Gazeta de Oliveira*, Oliveira, 6 nov. 1892, p. 3.

Boa caçada. *Gazeta de Minas*, Oliveira, 9 set. 1900, p. 1.

Boliche. *Gazeta de Minas*, Oliveira, 18 mar. 1906, p. 1.

Bom Sucesso. *Gazeta de Minas*, Oliveira, 31 jul. 1927, p.2.

BRASIL. Ministério da Agricultura, Indústria e Comércio. Volume 4. *Recenseamento do Brasil de 1920*. Rio de Janeiro: Tipografia da Estatística.

Brinde. *Gazeta de Minas*, Oliveira, 2 set. 1917, p. 2.

C. L. D. *Gazeta de Oliveira*, Oliveira, 17 jun. 1894, p. 3.

CA' E LA'. *Gazeta de Minas*, Oliveira, 1 jun. 1918, p. 2.

Caçada do mateiro. *Gazeta de Oliveira*, Oliveira, 22 mar. 1896, p. 2.

Cadeia de Oliveira. *Gazeta de Oliveira*, Oliveira, 20 fev. 1898, p. 1.

Café Club. *Gazeta de Minas*, Oliveira, 23 fev. 1919, p. 1.

Café Club. *Gazeta de Minas*, Oliveira, 6 abr. 1919, p. 3.

Café Clube. *Gazeta de Minas*, Oliveira, 2 fev. 1919, p. 1.

Café Clube. *Gazeta de Minas*, Oliveira, 23 fev. 1919, p. 1.

Café Clube. *Gazeta de Minas*, Oliveira, 6 abr. 1919, p. 3.

Café Moído. *Gazeta de Minas*, Oliveira, 25 jan. 1903, p. 1.

Café-Clube. *Gazeta de Minas*, Oliveira, 6 fev. 1919, p. 3.

Câmara Municipal de Oliveira. *Gazeta de Minas*, Oliveira, 15 jan. 1911, p. 2.

Câmara Municipal de Oliveira. *Gazeta de Minas*, Oliveira, 7 nov. 1920, p. 2.

Câmara Municipal. *Gazeta de Minas*, Oliveira, 11 ago. 1912, p. 1.

Câmara Municipal. *Gazeta de Minas*, Oliveira, 18 fev. 1912, p. 2.

Câmara Municipal. *Gazeta de Minas*, Oliveira, 29 set. 1912, p. 2.

Câmara Municipal. *Gazeta de Minas*, Oliveira, 5 out. 1913, p. 2.

Câmara Municipal. *Gazeta de Minas*, Oliveira, 7 jan. 1923, p. 1.

Câmara Municipal. *Gazeta de Minas*, Oliveira, p. 2, 1 jan. 1916.

Câmara Municipal. *Gazeta de Oliveira*, Oliveira, 1 out. 1893, p. 3.

Câmara Municipal. *Gazeta de Oliveira*, Oliveira, 10 out. 1897, p. 3.

Câmara Municipal. *Gazeta de Oliveira*, Oliveira, 13 mar. 1892, p. 2.

Câmara Municipal. *Gazeta de Oliveira*, Oliveira, 15 maio 1893, p. 3.

Câmara Municipal. *Gazeta de Oliveira*, Oliveira, 16 fev. 1896, p. 3.

Câmara Municipal. *Gazeta de Oliveira*, Oliveira, 19 maio 1895, p. 4.

Câmara Municipal. *Gazeta de Oliveira*, Oliveira, 2 jun. 1895, p. 4.

Câmara Municipal. *Gazeta de Oliveira*, Oliveira, 21 jul. 1895, p. 3.

Câmara Municipal. *Gazeta de Oliveira*, Oliveira, 26 mar. 1893, p. 23.

Câmara Municipal. *Gazeta de Oliveira*, Oliveira, 4 ago. 1895, p. 3.

Câmara Municipal. *Gazeta de Oliveira*, Oliveira, 5 jan. 1890, p. 2.

Câmara Municipal. *Gazeta de Oliveira*, Oliveira, 6 fev. 1898, p. 3.

Câmara Municipal. *Gazeta de Oliveira*, Oliveira, 7 ago. 1898, p. 3.

Câmara Municipal. *Gazeta de Oliveira*, Oliveira, 9 jan. 1890, p. 3.

Canudos. *Gazeta de Oliveira*, Oliveira, 11 jul. 1897, p. 1.

Carmo da Mata progride. *Gazeta de Minas*, Oliveira, 26 maio 1917, p. 1.

Carmo da Mata. *Gazeta de Minas*, Oliveira, 15 jul. 1900, p. 2.

Carmo da Mata. *Gazeta de Minas*, Oliveira, 20 jan. 1907, p. 1.

Carmo da Mata. *Gazeta de Minas*, Oliveira, 21 jul. 1907, p. 1.

Carmo da Mata. *Gazeta de Minas*, Oliveira, 24 out. 1909, p. 1.

Carmo da Mata. *Gazeta de Minas*, Oliveira, 25 nov. 1923, p. 2.

Carmo da Mata. *Gazeta de Minas*, Oliveira,26 out. 1917, p. 1.

Carmo da Mata. *Gazeta de Oliveira*, Oliveira, 14 abr. 1889, p. 2.

Carmo da Mata. *Gazeta de Oliveira*, Oliveira, 2 ago. 1896, p. 2.

Carmo da Mata. *Gazeta de Oliveira*, Oliveira, 21 out. 1894, p. 2.

Carmo da Mata. *Gazeta de Oliveira*, Oliveira, 7 fev. 1897, p. 3.

Carnaval de 1897. *Gazeta de Oliveira*, Oliveira, 7 mar. 1897, p. 1.

Carnaval de 1913. *Gazeta de Minas*, Oliveira, 9 fev. 1914, p. 1.

Carnaval. *Gazeta de Minas*, Oliveira, 22 fev. 1903, p. 1.

Carnaval. *Gazeta de Minas*, Oliveira, 25 fev. 1917, p. 1.

Carnaval. *Gazeta de Minas*, Oliveira, 28 fev. 1912, p. 1.

Carnaval. *Gazeta de Minas*, Oliveira, 9 mar. 1919, p. 1.

Carnaval. *Gazeta de Oliveira*, Oliveira, 11 fev. 1894, p. 1.

Carnaval. *Gazeta de Oliveira*, Oliveira, 14 jan. 1894, p. 2.

Carnaval. *Gazeta de Oliveira*, Oliveira, 17 abr. 1898, p. 1.

Carnaval. *Gazeta de Oliveira*, Oliveira, 27 mar. 1898, p. 1.

Carne Verde. *Gazeta de Oliveira*, Oliveira, 8 maio 1892, p. 1.

Carnes Verdes. *Gazeta de Minas*, Oliveira, 13 jan. 1901, p. 1.

Casa dos Bilhares. *Gazeta de Oliveira*, 14 maio, 1899, p. 4.

Casa Oeste. *Gazeta de Minas*, Oliveira, 22 out. 1916, p. 2.

Casamento. *Gazeta de Oliveira*, Oliveira, 20 mar. 1898, p. 1.

Casos e Cousas. *Gazeta de Minas*, Oliveira, 12 jun. 1898, p. 1.

Casos e Cousas. *Gazeta de Minas*, Oliveira, 14 out. 1900, p. 1.

Casos e Cousas. *Gazeta de Minas*, Oliveira, 19 fev. 1899, p. 1.

Casos e Cousas. *Gazeta de Minas*, Oliveira, 22 jul. 1900, p. 1.

Casos e Cousas. *Gazeta de Minas*, Oliveira, 29 jul. 1900, p. 1.

Casos e Cousas. *Gazeta de Minas*, Oliveira, 9 jul. 1899, p. 1.

Casos e Cousas. *Gazeta de Oliveira*, Oliveira, 12 jun. 1898, p. 1.

Charqueada em Carmo da Mata. *Gazeta de Minas*, Oliveira, 2 abr. 1916, p. 1.

Charqueada. *Gazeta de Minas*, Oliveira, 27 fev. 1916, p. 1.

Charutaria Popular. *Gazeta de Minas*, Oliveira, 27 fev. 1916, p. 1.

Charutaria Primor. *Gazeta de Minas*, Oliveira, 12 set. 1915, p. 1.

Chops. *Gazeta de Minas*, Oliveira, 12 set. 1915, p. 1.

Cinema Oliveirense. *Gazeta de Minas*, 19 dez. 1909, p. 1.

Cinema Oliveirense. *Gazeta de Minas*, Oliveira, 1 out. 1911, p. 1.

Cinema Oliveirense. *Gazeta de Minas*, Oliveira, 10 out. 1915, p. 1.

Cinema Oliveirense. *Gazeta de Minas*, Oliveira, 12 mar. 1911, p. 1.

Cinema Oliveirense. *Gazeta de Minas*, Oliveira, 13 ago. 1910, p. 1.

Cinema Oliveirense. *Gazeta de Minas*, Oliveira, 13 set. 1914, p. 1.

Cinema Oliveirense. *Gazeta de Minas*, Oliveira, 14 jan. 1912, p. 1.

Cinema Oliveirense. *Gazeta de Minas*, Oliveira, 14 nov. 1915, p. 1.

Cinema Oliveirense. *Gazeta de Minas*, Oliveira, 15 ago. 1920, p. 1.

Cinema Oliveirense. *Gazeta de Minas*, Oliveira, 16 jan. 1910, p. 1.

Cinema Oliveirense. *Gazeta de Minas*, Oliveira, 16 jun. 1912, p. 1.

Cinema Oliveirense. *Gazeta de Minas*, Oliveira, 19 maio 1912, p. 1.

Cinema Oliveirense. *Gazeta de Minas*, Oliveira, 2 mar. 1913, p. 1.

Cinema Oliveirense. *Gazeta de Minas*, Oliveira, 2 out. 1910, p. 1.

Cinema Oliveirense. *Gazeta de Minas*, Oliveira, 20 fev. 1916, p. 1.

Cinema Oliveirense. *Gazeta de Minas*, Oliveira, 21 ago. 1910, p. 1.

Cinema Oliveirense. *Gazeta de Minas*, Oliveira, 23 abr. 1911, p. 1.

Cinema Oliveirense. *Gazeta de Minas*, Oliveira, 26 jun. 1910, p. 1.

Cinema Oliveirense. *Gazeta de Minas*, Oliveira, 27 fev. 1910, p. 1.

Cinema Oliveirense. *Gazeta de Minas*, Oliveira, 3 dez. 1911, p. 1.

Cinema Oliveirense. *Gazeta de Minas*, Oliveira, 31 jul. 1910, p. 1.

Cinema Oliveirense. *Gazeta de Minas*, Oliveira, 31 mar. 1912, p. 1.

Cinema Oliveirense. *Gazeta de Minas*, Oliveira, 31 out. 1915, p. 1.

Cinema Permanente. *Gazeta de Minas*, Oliveira, 10 abr. 1910, p. 1.

Cinema Permanente. *Gazeta de Minas*, Oliveira, 21 nov. 1909, p. 1.

Cinematógrafo. *Gazeta de Minas*, Oliveira, 22 jul. 1900, p. 1.

Cinematógrafo. *Gazeta de Minas*, Oliveira, 8 abr. 1909, p. 2.

Circo Filadélfia. *Gazeta de Minas*, Oliveira, 6 abr. 1913, p. 2.

Circo Mineiro. *Gazeta de Minas*, Oliveira, 16 out. 1910, p. 1.

Circo Pery e Coelho. *Gazeta de Oliveira*, Oliveira, 31 out. 1894, p. 1.

Circo Spinelli. Gazeta de Minas, Oliveira, 22 jul. 1900, p 2.

Circo Spinelli. Gazeta de Minas, Oliveira, 29 jul. 1900, p 2.

Circo Spinelli. Gazeta de Minas, Oliveira, 5 ago. 1900, p 2.

Claudio. *Gazeta de Minas*, Oliveira, 9 dez. 1900, p. 1.

Claudio. *Gazeta de Oliveira*, Oliveira, 14 ago. 1894, p. 1.

Claudio. *Gazeta de Oliveira*, Oliveira, 29 jan. 1893, p. 1.

Club Gracia y Fuerza. *Gazeta de Minas*, Oliveira, 17 set. 1916, p. 1.

Club Gracia y Fuerza. *Gazeta de Minas*, Oliveira, 19 nov. 1916, p. 1.

Club Literário Oliveirense. *Gazeta de Oliveira*, Oliveira, 25 jul. 1897, p. 2.

Club Literário Recreativo Oliveirense. *Gazeta de Oliveira*, Oliveira, 27 dez. 1896, p. 1.

Club Oliveirense. *Gazeta de Oliveira*, Oliveira, 30 jun. 1889, p. 1.

Club Recreativo Familiar de Carmo da Mata. *Gazeta de Oliveira*, Oliveira, 13 fev. 1898, p. 1.

Club Recreativo Oliveirense. *Gazeta de Oliveira*, Oliveira, 3 dez. 1893, p. 2.

CLUBE DE DIVERSÕES. *Gazeta de Minas*, Oliveira, 6 fev. 1910, p. 1.

Clube Dramático Carlos Gomes. *Gazeta de Minas*, Oliveira, 12 jan. 1919, p. 3.

Clube Dramático. *Gazeta de Minas*, Oliveira, 26 nov. 1916, p. 1.

Clube Gramático Arthur Azevedo. *Gazeta de Minas*, Oliveira, 22 set. 1918, p. 1.

Clube L. R. de Oliveira. *Gazeta de Minas*, Oliveira, 21 jan. 1906, p. 1.

COELHO, José Demétrio. *Recordações de Oliveira*. Divinópolis, MG: Gráfica Planeta, 1950.

Colégio da Imaculada Conceição. *Gazeta de Oliveira*, Oliveira, 22 fev. 1890, p. 3.

Colégio de meninas. *Gazeta de Oliveira*, Oliveira, 22 fev. 1891, p. 1.

Colégio de N. S. da Piedade. *Gazeta de Oliveira*, Oliveira, 1 set. 1889, p. 2.

Colégio de Nossa Senhora de Oliveira. *Gazeta de Minas*, Oliveira, 17 jan. 1909, p. 1.

Colégio Imaculada da Conceição. *Gazeta de Oliveira*, Oliveira, 13 nov. 1898, p. 4.

Colégio N. S. da Piedade. *Gazeta de Oliveira*, Oliveira, 18 dez. 1887, p. 4.

Colégio N. S. de Oliveira, *Gazeta de Oliveira*, Oliveira, 16 mar. 1896, p. 1.

Colégio N. S. de Oliveira. *Gazeta de Minas*, Oliveira, 23 jul. 1905, p. 1.

Colégio N. S. de Oliveira. *Gazeta de Oliveira*, Oliveira, 15 mar. 1896, p. 1.

Colégio N. S. de Oliveira. *Gazeta de Oliveira*, Oliveira, 15 mar. 1896, p. 1.

Colégio Nossa Senhora de Oliveira. *Gazeta de Minas*, Oliveira, 1 dez. 1907, p. 1.

Colégio Nossa. S. de Oliveira. *Gazeta de Minas*, Oliveira, 12 dez. 1909, p. 1.

Colégio Nossa. S. de Oliveira. *Gazeta de Minas*, Oliveira, 21 nov. 1909, p. 1.

Colégio Oliveirense. *Gazeta de Oliveira*, Oliveira, 2 fev. 1896, p. 1.

Colégio Oliveirense. *Gazeta de Oliveira*, Oliveira, 21 jun. 1896, p.2.

Colégio Oliveirense. *Gazeta de Oliveira*, Oliveira, 24 maio 1896, p. 4.

Colégio S. Luiz. *Gazeta de Oliveira*, Oliveira, 10 fev. 1889, p. 4.

Colégio Sagrado Coração de Jesus. *Gazeta de Minas*, Oliveira, 3 nov. 1907, p. 4.

Colégio São Luiz. *Gazeta de Oliveira*, Oliveira, 10 fev. 1899, p. 4.

Colégio Suíço Brasileiro. *Gazeta de Minas*, Oliveira, 5 nov. 1916, p. 1.

Comemoração cívica. *Gazeta de Minas*, Oliveira, 25 abr. 1920, p. 1.

Comércio local. *Gazeta de Oliveira*, Oliveira, 2 fev. 1919, p. 1.

Comissão de Redação. *Gazeta de Oliveira*, Oliveira, 2 out. 1887, p. 1.

Companhia Alzira Leão. *Gazeta de Minas*, Oliveira, 10 out. 1915, p. 1.

Companhia de Variedades Ferreira Silva. *Gazeta de Minas*, Oliveira, 7 jan. 1916, p. 1.

Companhia Dramática. *Gazeta de Minas*, Oliveira, 22 set. 1912, p. 1.

Companhia Dramática. *Gazeta de Minas*, Oliveira, 3 jun. 1900, p. 2.

Companhia Goytackizis. *Gazeta de Minas*, Oliveira, 16 dez. 1917, p. 1.

Companhia Lírica. *Gazeta de Minas*, Oliveira, 13 jun. 1920, p. 2.

Companhia N. A. Carlitos. *Gazeta de Minas*, Oliveira, 6 out. 1918.

Companhia Oliveira Industrial. *Gazeta de Minas*, Oliveira, 19 mar. 1922, p. 2.

Concerto. *Gazeta de Minas*, Oliveira, 24 dez. 1911, p. 1.

Concerto. *Gazeta de Minas*, Oliveira, 25 abr. 1920, p. 2.

Confeitaria e Bilhares de Lobato & Ferreira. *Gazeta de Minas*, Oliveira, 28 abr. 1917, p. 3.

Confeitaria S. José. *Gazeta de Minas*, Oliveira, 1 dez. 1907, p. 2.

Confeitaria. *Gazeta de Oliveira*, Oliveira, 1 abr. 1887, p. 4.

Conferência literária. *Gazeta de Minas*, Oliveira, 17 mar. 1912, p. 1.

Conferência. *Gazeta de Minas*, Oliveira, 2 maio 1920, p. 2.

Conferência. *Gazeta de Minas*, Oliveira, 29 abr. 1917, p. 1.

Conferência. *Gazeta de Minas*, Oliveira, 4 maio 1919, p. 2.

Consorcio. *Gazeta de Oliveira*, Oliveira, 27 fev. 1898, p. 1.

Consuelo Escriche. *Gazeta de Minas*, Oliveira, 8 out. 1916, p. 1.

Contra a higiene. *Gazeta de Oliveira*, 20 ago. 1899, p. 1.

Cooperativa Agrícola de Oliveira. *Gazeta de Minas*, Oliveira, 11 ago. 1918, p. 3.

Cooperativa Agrícola de Oliveira. *Gazeta de Minas*, Oliveira, 14 nov. 1909, p. 1.

Cooperativa Agrícola de Oliveira. *Gazeta de Minas*, Oliveira, 25 dez. 1915, p. 1.

Cooperativa Agrícola Oeste de Minas. *Gazeta de Minas*, Oliveira, 5 dez. 1909, p. 1.

Cooperativa Agrícola. *Gazeta de Minas*, Oliveira, 14 mar. 1909, p. 1.

Cooperativa Agrícola. *Gazeta de Minas*, Oliveira, 8 abr. 1909, p. 1.

Cooperativa de Invernistas. *Gazeta de Minas*, Oliveira, 16 jun. 1912, p. 1.

Cooperativa Pastoril. *Gazeta de Minas*, Oliveira, 22 mar. 1914, p. 1.

Cooperativas. Gazeta de Minas, Oliveira, 23 jul. 1911, p. 1.

Coreto. Gazeta de Minas, Oliveira, 30 ago. 1914, p. 1.

Corridas de cavalo. *Gazeta de Oliveira*, Oliveira, 22 maio 1898, p. 1.

Corridas. *Gazeta de Minas*, Oliveira, 25 jun. 1916, p. 2.

Corridas. *Gazeta de Minas*, Oliveira, 9 jul. 1916, p. 1.

Crise de Habitações. *Gazeta de Minas*, Oliveira, 20 jun. 1920, p. 1.

Crônica de Carmo da Mata. *Gazeta de Oliveira*, Oliveira, 31 dez. 1893, p. 2.

Crônica. *Gazeta de Oliveira*, Oliveira, 18 jun. 1893, p. 1.

Cultura física. Gazeta de Minas, Oliveira, 9 abr. 1911, p. 1.

Cumprimento. *Gazeta de Oliveira*, Oliveira, 4 set. 1898, p. 1.

DESPORTO. *Gazeta de Minas*, Oliveira, 2 abr. 1916, p 1.

Desporto. *Gazeta de Minas*, Oliveira, 4 fev. 1917, p. 1.

DESPORTOS. *Gazeta de Minas*, Oliveira, 2 jun. 1918, p. 1.

DESPORTOS. *Gazeta de Minas*, Oliveira, 22 jan. 1922, p. 2.

Desportos. *Gazeta de Minas*, Oliveira, 29 jan. 1928. p. 2.

Dia 8. *Gazeta de Minas*, Oliveira, 15 set. 1918, p. 1.

Diversões. *Gazeta de Minas*, Oliveira, 1 dez. 1912, p. 1.

Diversões. *Gazeta de Minas*, Oliveira, 14 dez. 1919, p. 1.

Diversões. *Gazeta de Minas*, Oliveira, 17 nov. 1912, p. 1.

Diversões. *Gazeta de Minas*, Oliveira, 24 set. 1911, p. 1.

Diversões. *Gazeta de Minas*, Oliveira, 4 ago. 1912, p. 1.

Dr. A. Adelino Pinto Machado, *Gazeta de Minas*, Oliveira, 8 out. 1899, p. 1.

Dr. Domingos Ribeiro. *Gazeta de Oliveira*, Oliveira, 21 abr. 1918, p. 4.

Dr. Javier. *Gazeta de Minas*, Oliveira, 28 jul. 1918, p. 1.

Dr. Júlio Ribeiro. *Gazeta de Minas*, Oliveira, 14, fev. 1909, p. 1.

Dr. Octavio Chagas. *Gazeta de Oliveira*, Oliveira, 31 jan. 1892, p. 1.

Dr. Pinto Machado. *Gazeta de Minas*, Oliveira, 15 jun. 1902, p. 1.

Dr. Pinto Machado. *Gazeta de Oliveira*, Oliveira, 28 jun. 1896, p. 1.

E. F. O. de Minas. *Gazeta de Oliveira*, Oliveira, 24 jun. 1888, p. 2.

E. F. Oeste de Minas. *Gazeta de Oliveira*, Oliveira, 21 abr. 1889, p. 1-2.

Ecos do Carnaval. *Gazeta de Minas*, Oliveira, 1 mar. 1914, p. 1.

Éden Club Esportivo. *Gazeta de Minas*, Oliveira, 22 out. 1916, p. 1.

Éden Clube Sportivo. *Gazeta de Minas*, Oliveira, 22 out. 1916, p. 1.

Educação física das mulheres. *Gazeta de Minas*, Oliveira, 29 abr. 1917 p. 2.

Elite Club Oliveirense. *Gazeta de Minas*, Oliveira, 1 mar. 1914, p. 1.

Elite Club Oliveirense. *Gazeta de Minas*, Oliveira, 14 set. 1913, p. 1.

Elite Club Oliveirense. *Gazeta de Minas*, Oliveira, 17 nov. 1912, p. 1.

Elite Club Oliveirense. *Gazeta de Minas*, Oliveira, 2 fev. 1913, p. 1.

Elite Club Oliveirense. *Gazeta de Minas*, Oliveira, 24 out. 1915, p. 1.

Elite Club Oliveirense. *Gazeta de Minas*, Oliveira, 3 abr. 1910, p. 1.

Elite Club Oliveirense. *Gazeta de Minas*, Oliveira, 30 mar. 1913, p. 1.

Elite Club Oliveirense. *Gazeta de Minas*, Oliveira, 8 jan. 1911, p. 1.

Elite Club Oliveirense. *Gazeta de Minas*, Oliveira, 9 out. 1910, p. 1.

Elite Club. *Gazeta de Minas*, Oliveira, 15 out. 1911, p. 1.

Elite Club. *Gazeta de Minas*, Oliveira, 2 jul. 1911, p. 1.

Embaixada da Amizade. *A Estrela da Oeste*, Divinópolis, 8 jun. 1924, p. 1.

Empório Oliveirense. *Gazeta de Oliveira*, Oliveira, 22 jul. 1893, p. 4.

Empresa Artística. Gazeta de Oliveira, Oliveira, 17 abr. 1898, p. 4.

Encontro intermunicipal. *Gazeta de Minas*, Oliveira, 4 fev. 1917, p. 1.

Engenho Central de Oliveira. *Gazeta de Minas*, Oliveira, 11 jan. 1903, p. 3.

Engenho Central. *Gazeta de Minas*, Oliveira, 22 abr. 1903, p. 2.

Engenho de arroz. *Gazeta de Minas*, Oliveira, 7 nov. 1915, p. 1.

Engenho de beneficiar café. *Gazeta de Minas*, Oliveira, 26 jan. 1902, p. 1.

Engenho de beneficiar café. *Gazeta de Minas*, Oliveira, 9 fev. 1902, p. 1.

Escola Acadêmica. *Gazeta de Minas*, Oliveira, 1 fev. 1914, p. 1.

Escola Acadêmica. *Gazeta de Oliveira*, Oliveira, 11 out. 1914, p. 1.

Escola Coronel Xavier. *Gazeta de Minas*, Oliveira, 30 jan. 1916, p. 1.

Escola Prática de Agricultura. *Gazeta de Oliveira*, Oliveira, 13 dez. 1896, p. 1.

Escritório de Advocacia. *Gazeta de Minas*, Oliveira, 17, jan. 1909, p. 1.

Esporte. *Gazeta de Minas*, Oliveira, 2 abr. 1916, p. 1.

Esportes. *Gazeta de Minas*, Oliveira, 6 jun. 1917, p. 1.

Estabelecimento Hidroterápico. *Gazeta de Oliveira*, Oliveira, 9 mar. 1890, p. 4.

Estudantes. *Gazeta de Minas*, Oliveira, 18, jan. 1903, p. 2.

Exames da Escola Normal. *Gazeta de Minas*, Oliveira, 22 dez. 1907, p. 2.

Exposição Agropecuária. *Gazeta de Minas*, Oliveira, 13 jun. 1920, p. 1.

Exposição. *Gazeta de Minas*, Oliveira, 29 abr. 1917, p. 1.

Fábrica D'Oeste. *Gazeta de Oliveira*, Oliveira, 16 abr. 1893, p. 4.

Fábrica de Cerveja. *Gazeta de Oliveira*, Oliveira, 2 nov. 1890.

Fábrica de Cervejas Oeste. *Gazeta de Oliveira*, Oliveira, 11 out, 1896, p. 3.

Fábrica de Curtumes. *Gazeta de Minas*, Oliveira, 14 maio 1914, p. 1.

Fábrica de destilação. *Gazeta de Oliveira*, Oliveira, 8 out. 1893, p. 1.

Fábrica de Ferraduras de João Mansur. *Gazeta de Minas*, Oliveira, 3 dez. 1916.

Fábrica de Manteiga. *Gazeta de Minas*, Oliveira, 6 nov. 1910, p. 1.

Fábrica de Tecidos. *Gazeta de Minas*, Oliveira, 18 out. 1914, p. 1.

Fábrica de Tecidos. *Gazeta de Minas*, Oliveira, 24 ago. 1913, p. 1.

Farmácia Carvalho. *Gazeta de Oliveira*, Oliveira, 30 dez. 1917, p. 1.

Farmácia. *Gazeta de Minas*, Oliveira, 1 jun. 1901, p. 1.

Farmácia. *Gazeta de Minas*, Oliveira, 10 ago.; 1905, p. 1.

Fazenda Agrícola. *Gazeta de Minas*, Oliveira, 23 jan. 1910, p. 1.

Festa das aves. *Gazeta de Minas*, Oliveira, 19 set. 1915, p. 1.

Festa de S. Sebastião. *Gazeta de Oliveira*, Oliveira, 29 jan. 1888, p. 1.

Festa de Santa Cecília. *Gazeta de Oliveira*, Oliveira, 27 nov. 1898, p. 1.

Festa do Rosário. *Gazeta de Oliveira*, 9 set. 1894, p. 1.

Festa Humanitária. *Gazeta de Minas*, Oliveira, 23 ago. 1914, p. 1.

Festa. *Gazeta de Oliveira*, Oliveira, 16 maio 1897, p. 1.

Festas à embaixada desportiva de Indaiá. *O Pitangui*, Pitangui, 23 dez. 1923, p. 2.

Festas. *Gazeta de Minas*, Oliveira, 30 maio 1920, p. 2.

Festejos da Semana Santa. *Gazeta de Oliveira*, Oliveira, 18 mar. 1888, p. 3.

Festival A. Gomes. *Gazeta de Minas*, Oliveira, 16 maio 1920, p. 2.

Festival. *Gazeta de Minas*, Oliveira, 20 nov. 1910, p. 1.

Festividade de S. José. *Gazeta de Oliveira*, 24 mar. 1895, p. 1.

Flores de Sobra. *Gazeta de Minas*, Oliveira, 19 out. 1919, p. 1.

FONSECA, Luiz da Gonzaga. *História de Oliveira*. Belo Horizonte: Editora Bernardo Álvares S/A, 1961.

Foot Ball. *Gazeta de Minas*, Oliveira, 11 mar. 1917, p. 1.

Foot Ball. *Gazeta de Minas*, Oliveira, 12 ago. 1917, p. 1.

Foot Ball. *Gazeta de Minas*, Oliveira, 18 fev. 1917, p. 1.

Foot Ball nas ruas. *Cidade de Barbacena*, Barbacena, 14 out. 1920, p. 2.

FOOT BALL. *A Estrela da Oeste*, Divinópolis, 14 março 1923, p. 3.

Foot Ball. A Estrela da Oeste, *Divinópolis*, 15 mar. 1925, p. 2.

Foot Ball. *A Estrela da Oeste*, *Divinópolis*, 15 mar. 1925, p. 2.

Foot Ball. *A Verdade*, Rio Preto, 14 maio 1922, p. 2.

Foot Ball. *Colombo*, Campanha, 19 jun. 1920, p. 4.

FOOT BALL. *Correio da Semana*, Queluz de Minas, 6 set. 1914, p. 6.

FOOT BALL. *Gazeta de Minas*, Oliveira, 12 ago. 191, p. 1.

Foot Ball. *Gazeta de Minas*, Oliveira, 18 fev. 1917, p. 1.

FOOT BALL. *Gazeta de Minas*, Oliveira, 19 set. 1920, p. 1.

FOOT BALL. *Gazeta de Minas*, Oliveira, 30 maio 1920, p. 2.

Foot Ball. *Gazeta de Minas*, Oliveira, 4 out. 1925, p. 1.

Foot Ball. *Gazeta de Minas*, Oliveira, 8 fev. 1920, p. 2.

FOOT BALL. *Gazeta de Minas*, Oliveira, 9 mar. 1919, p. 2.

FOOT BALL. *Gazeta de Minas*, Oliveira,18 fev. 1917, p. 1.

Footballando. *Gazeta de Minas*, Oliveira, 2 jul. 1916, p. 1.

Fotografia Artística. *Gazeta de Oliveira*, Oliveira, 21 fev. 1897, p. 3.

Fotografia. *Gazeta de Minas*, Oliveira, 8 fev. 1903, p. 1.

Fotógrafos. *Gazeta de Oliveira*, Oliveira, 3 maio 1914, p. 1.

Função Bennep. *Gazeta de Minas*, Oliveira, 9 nov. 1913, p. 1.

G. D. O. *Gazeta de Minas*, Oliveira, 18 fev. 1917, p. 1.

Gabinete Dentário. *Gazeta de Minas*, Oliveira, 17 abr. 1910, p. 1.

GADO. *Gazeta de Oliveira*, Oliveira, 17 jul. 1892, p. 1.

Gazeta de Minas, Oliveira, 11 mar. 1923, p. 1. Nota sem título.

Gazeta de Minas, Oliveira, 14 jan. 1914. Nota sem título.

Gazeta de Minas, Oliveira, 17 set. 1916, p. 1. Nota sem título.

Gazeta de Minas, Oliveira, 21 maio 1916, p. 2. Nota sem título.

Gazeta de Minas, Oliveira, 24 nov. 1918, p. 2. Nota sem título.

Gazeta de Minas, Oliveira, 28 mar. 1909, p. 2. Nota sem título.

Gazeta de Minas, Oliveira, 3 set. 1916, p. 1. Nota sem título.

Gazeta de Minas, Oliveira, p. 2, 28 jan. 1917. Nota sem título.

Gazeta de Oliveira, Oliveira, 10 fev. 1889, p. 2. Nota sem Título.

GAZETA desportiva. *Gazeta de Minas*, Oliveira, 11 jun. 1916, p. 1.

Gazeta dos distritos. *Gazeta de Minas*, Oliveira, 13 abr. 1924, p. 2.

Ginásio de Oliveira. *Gazeta de Minas*, Oliveira, 25 fev. 1917, p. 1.

Gracia y Fuerza. *Gazeta de Minas*, Oliveira, 17 set. 1916, p. 1.

Gracia y Fuerza. *Gazeta de Minas*, Oliveira, 22 out. 1916, p. 1.

Grande Campeonato de Foot Ball. *Divinópolis*, Divinópolis, 18 fev. 1917, p. 3.

Grande Hotel. *Gazeta de Minas*, Oliveira, 19 nov. 1905, p. 1.

Grande Hotel. *Gazeta de Oliveira*, Oliveira, 11 nov. 1917, p. 1.

Grande Hotel. *Gazeta de Oliveira*, Oliveira, 6 jan. 1889, p. 1.

Grande sucesso do dia. *Gazeta de Oliveira*, Oliveira, 28 jan. 1894, p. 4.

Great Michelin. *Gazeta de Minas*, Oliveira, 11 jul. 1920, p. 2.

Grêmio das Moças. *Gazeta de Oliveira*, Oliveira, 30 jun. 1889, p. 2.

Grêmio Dramático. *Gazeta de Oliveira*, Oliveira, 09 dez. 1894, p. 2.

Grêmio Oliveirense. *Gazeta de Oliveira*, Oliveira, 1 mar. 1914, p. 1.

Grêmio Oliveirense. *Gazeta de Oliveira*, Oliveira, 15 fev. 1914, p. 1.

Grêmio Oliveirense. *Gazeta de Oliveira*, Oliveira, 18 maio 1913, p. 1.

Grêmio Oliveirense. *Gazeta de Oliveira*, Oliveira, 2 ago. 1914, p. 2.

Grêmio Oliveirense. *Gazeta de Oliveira*, Oliveira, 5 dez. 1915, p. 1.

Gripe Espanhola em Oliveira. *Gazeta de Minas*, Oliveira, 3 nov. 1918, p. 2.

Grupo dos Políticos Carnavalescos. *Gazeta de Oliveira*, Oliveira, 28 fev. 1897, p. 3.

Grupo escolar Francisco Fernandes. *Gazeta de Minas*, Oliveira, 21 nov. 1909, p. 1.

Grupo Escolar Francisco Fernandes. *Gazeta de Minas, Oliveira*, 4 abr. 1909, p. 1.

Grupo Escolar Francisco Fernandes. *Gazeta de Minas*, Oliveira, 7 mar. 1909, p. 1.

Grupo Escolar. *Gazeta de Minas*, Oliveira, 13 dez. 1914, p. 1.

Grupo Escolar. *Gazeta de Minas*, Oliveira, 20 nov. 1910, p. 1.

Grupo Teatral Instrução e Recreio. *Gazeta de Minas*, Oliveira, 24 mar. 1907, p. 2.

Hipódromo Coronel Xavier. *Gazeta de Minas*, Oliveira, 10 out. 1915, p. 1.

Hipódromo Coronel Xavier. *Gazeta de Minas*, Oliveira, 12 set. 1915, p. 1.

Hipódromo Coronel Xavier. *Gazeta de Minas*, Oliveira, 19 set. 1915, p. 1.

Hipódromo Coronel Xavier. *Gazeta de Minas*, Oliveira, 21 nov. 1915, p. 1.

Hipódromo Coronel Xavier. *Gazeta de Minas*, Oliveira, 24 out. 1915, p. 1.

Hipódromo Coronel Xavier. *Gazeta de Minas*, Oliveira, 26 set. 1915, p. 1.

Hipódromo Coronel Xavier. *Gazeta de Minas*, Oliveira, 7 nov. 1915, p. 1.

HONRA AO VALOR. *Gazeta de Minas,* Oliveira, 21 out. 1917, p. 1.

Hotel Central. *Gazeta de Minas,* Oliveira, 26 out. 1902, p. 1.

Hotel do Comércio. *Gazeta de Oliveira,* Oliveira, 7 out. 1917, p. 2.

Hotel do Cruzeiro. *Gazeta de Oliveira*, Oliveira, 30 set. 1888, p. 4.

Hotel dos Viajantes. *Gazeta de Minas*, Oliveira, 26 out. 1902, p. 1.

Hotel e Restaurante da Estação. *Gazeta de Oliveira,* Oliveira, 3 maio 1914, p. 1.

Hotel Martinelli. *Gazeta de Oliveira,* Oliveira, 10 fev. 1895, p. 2.

Hotel Pinto. *Gazeta de Oliveira*, Oliveira, 30 set. 1894, p. 4.

Hotel Santos. *Gazeta de Oliveira,* Oliveira, 10 abr. 1898, p. 1.

Iluminação pública. *Gazeta de Oliveira,* Oliveira, 11 mar. 1894, p. 1.

Ilusionista. *Gazeta de Minas,* Oliveira, 8 out. 1916, p. 1.

Inauguração da luz elétrica da cidade de Passa Tempo. *Gazeta de Minas*, Oliveira, 21 jan. 1923, p. 1.

Indústria Mineira. *Gazeta de Minas*, Oliveira, 31 maio 1903, p. 1.

Indústria Pastoril. *Gazeta de Minas*, Oliveira, 1 jan. 1909, p. 1

Instituto Carvalho Brito. *Gazeta de Minas*, Oliveira, 17 jan. 1909, p. 5.

Instituto Carvalho Brito. *Gazeta de Minas*, Oliveira, 21 mar. 1909, p. 1.

Instituto Carvalho Brito. *Gazeta de Minas*, Oliveira, 31 jan. 1909, p. 3.

Instituto Moderno. *Gazeta de Minas*, Oliveira, 17 dez. 1916, p. 1.

Instituto Moderno. *Gazeta de Minas*, Oliveira, 7 jan. 1917, p. 1.

Instituto Moderno. *Gazeta de Oliveira,* Oliveira, 17 dez. 1916, p. 1.

Instrução primária. *Gazeta de Minas*, Oliveira, 19 mar. 1905, p. 1.

Internato de Oliveira. *Gazeta de Minas*, Oliveira, 6 mar. 1904, p. 1.

Invasão de cabritos. *Gazeta de Minas*, 28 out. 1900, p. 1.

Japão. *Gazeta de Minas*, Oliveira, 18 mar. 1900, p. 3.

Japão. *Gazeta de Minas*, Oliveira, 27 ago. 1899, p. 2.

Japão. *Gazeta de Minas*, Oliveira, 8 ago. 1909, p. 1.

Japão. *Gazeta de Oliveira*, 26 jan. 1896, p. 2.

Japão. *Gazeta de Oliveira*, Oliveira, 10 jul. 1897, p. 2.

Jardim Público. *Gazeta de Minas*, Oliveira, 13 maio 1917, p. 1.

Jardim público. *Gazeta de Minas*, Oliveira, 22 maio 1910, p. 1.

Jardim Público. *Gazeta de Minas*, Oliveira, 23 jan. 1910, p. 1.

Jardim. *Gazeta de Minas*, Oliveira, 25 fev. 1917, p. 1.

Jockey Club Oliveirense. *Gazeta de Oliveira*, Oliveira, 29 maio 1898, p. 1.

Jockey Club. *Gazeta de Oliveira*, Oliveira, 12 jun. 1898, p. 1.

Laboratório. *Gazeta de Minas*, Oliveira, 4 abr. 1920, p. 1.

Lançamento dos contribuintes do distrito de Claudio. *Gazeta de Minas*, Oliveira, 30 set. 1900, p. 3.

Lançamento dos contribuintes do distrito de Claudio. *Gazeta de Minas*, Oliveira, 7 out. 1900, p. 3.

Laticínios. *Gazeta de Minas*, Oliveira, 16 nov. 1904, p. 1.

Linha de Claudio. *Gazeta de Minas*, Oliveira, 6 fev. 1910, p. 1.

Linha de Tiro. *Gazeta de Minas*, Oliveira, 10 dez. 1916, p. 1.

Linha de Tiro. *Gazeta de Minas*, Oliveira, 13 abr. 1917, p. 1.

Linha de Tiro. *Gazeta de Minas*, Oliveira, 15 jan. 1911, p. 1.

Linha de Tiro. *Gazeta de Minas*, Oliveira, 16 dez. 1917, p. 1.

Linha de Tiro. *Gazeta de Minas*, Oliveira, 25 nov. 1917, p. 1.

Linha de Tiro. *Gazeta de Oliveira*, Oliveira, 16 dez. 1917, p. 1.

Linha de Tiro. *Gazeta de Oliveira*, Oliveira, 25 nov. 1917, p. 1.

Linha de Tiro. *Gazeta de Oliveira*, Oliveira, 26 jan. 1919, p. 1.

Linha Telefônica. *Gazeta de Minas*, Oliveira, 3 mar. 1912, p. 1.

Luz Elétrica. *Gazeta de Minas*, Oliveira, 1 set. 1907, p. 2.

Macaquitos. *Gazeta de Oliveira*, Oliveira, 23 fev. 1890, p.1.

Maio R. de Castro. *Gazeta de Minas*, Oliveira, 23, dez. 1906, p. 1.

Manifestação. *Gazeta de Oliveira*, Oliveira, 12 jan. 1890, p. 1.

Manifestação. *Gazeta de Oliveira*, Oliveira, 17 abr. 1898, p. 1.

Manifestação. *Gazeta de Oliveira*, Oliveira, 9 abr. 1893, p. 2.

Manteiga Delícias. *Gazeta de Minas*, Oliveira, 16 maio 1909, p. 1.

Manteiga Mineira. *Gazeta de Minas*, Oliveira, 19 ago. 1906, p. 1.

Manufatura Nacional de Móveis, *Gazeta de Oliveira*, Oliveira, 5 ago. 1894, p. 3.

Melhoramentos Municipais. *Gazeta de Minas*, *Oliveira*, 5 abr. 1914, p. 1.

Melhoramentos Municipais. *Gazeta de Minas*, Oliveira, 9 ago. 1914, p. 1.

Mês Mariano. *Gazeta de Oliveira*, Oliveira, 10 jun. 1894, p. 1.

MINAS GERAIS. Secretaria da Agricultura. Serviço de Estatística Geral. *Anuário estatístico*: ano I (1921), v. I, II, III, IV, V, Belo Horizonte: Imprensa Oficial, 1926.

MINAS GERAIS. Secretaria das Finanças. *Relatório apresentado ao Exmo. Sr. Dr. Raul Soares de Moura*. Belo Horizonte: Imprensa Oficial, 1923.

MINAS GERAIS. *Serviço de Inspeção e Defesa Agrícola do Estado de Minas Gerais*. Rio de Janeiro: Tipografia do Serviço de Estatística, 1913.

MINISTÉRIO DA AGRICULTURA, INDÚSTRIA E COMÉRCIO. *Recenseamento do Brasil realizado em 1 de setembro de 1920*. Volume IV. Rio de Janeiro: Tip. da Estatística, 1926.

Miranda. *Gazeta de Oliveira*, Oliveira, 5 maio 1895, p. 3.

Mister Morris. *Gazeta de Minas*, Oliveira, 14 nov. 1920, p. 1.

Mme. Mejane. *Gazeta de Minas*, Oliveira, 15 abr. 1917, p. 1.

Município de Oliveira. *Gazeta de Minas*, Oliveira, 28 set. 1913, p. 1.

Nilo Durval. *Gazeta de Minas*, Oliveira, 10 dez. 1916, p. 1.

Notas de arte. *Gazeta de Minas*, Oliveira, 1 jun. 1919, p. 2.

Notas Estatísticas. *Jornal do Agricultor*, Rio de Janeiro, jul. a dez. 1888, p. 195.

Notas mundanas. *Gazeta de Minas*, Oliveira, 10 jun. 1923, p. 2.

Notas Mundanas. *Gazeta de Minas*, Oliveira, 13 jul. 1919, p. 2.

Notas Mundanas. *Gazeta de Minas*, Oliveira, 20 out. 1918, p. 2.

Notas mundanas. *Gazeta de Minas*, Oliveira, 22 dez. 1918, p. 2.

Notas Mundanas. *Gazeta de Minas*, Oliveira, 3 ago. 1919, p. 2.

Notas Mundanas. *Gazeta de Minas*, Oliveira, 6 abr. 1919, p. 2.

Notas Mundanas. *Gazeta de Minas*, Oliveira, 8 dez. 1918, p. 2.

Notas sobre o município da Oliveira. *Gazeta de Oliveira*, Oliveira, 15 jan. 1888, p. 1.

Notas sobre o município da Oliveira. *Gazeta de Oliveira*, Oliveira, 18 dez. 1887, p. 1.

Notas sobre o município da Oliveira. *Gazeta de Oliveira*, Oliveira, 5 fev. 1888, p. 1.

Notas sobre o município de Oliveira. *Gazeta de Oliveira*, Oliveira, 15 jan. 1888, p. 1.

Notas sobre o município de Oliveira. *Gazeta de Oliveira*, Oliveira, 8 abr. 1888, p. 1.

Notas sobre o município de Oliveira. *Gazeta de Oliveira*, Oliveira, 11 dez. 1887, p. 1.

Notas sobre o município de Oliveira. *Gazeta de Oliveira*, Oliveira, 5 fev. 1888, p. 1.

Notas sobre o município de Oliveira. *Gazeta de Oliveira*, Oliveira, 11 mar. 1888, p. 1.

Nova Cooperativa. *Gazeta de Minas*, Oliveira, 8 mar. 1914, p. 1.

Novos Farmacêuticos. *Gazeta de Minas*, Oliveira, 16, dez. 1906, p. 1.

O Briguella. *Gazeta de Minas*, Oliveira, 24 dez. 1916, p. 1.

O Carnaval. *Gazeta de Minas*, Oliveira, 12 mar. 1916, p. 1.

O Cinema. *Gazeta de Minas*, Oliveira, 29 out. 1916, p. 1.

O dia chique. *Gazeta de Minas*, Oliveira, 6 jun. 1920, p. 1.

O Divinópolis Foot Ball Club recebeu do Oliveira Sport Club o seguinte ofício. *Divinópolis*, Divinópolis, 4 nov. 1917, p. 2.

O film de Oliveira. *Gazeta de Minas*, Oliveira, 3 abr. 1921, p. 1.

O foot ball no Oeste. *Gazeta de Minas*, Oliveira, 16 ago. 1921, p. 3.

O foot ball nas ruas. *Gazeta do Norte*, Montes Claros, 2 jun. 1928, p. 1

O frio. *Gazeta de Minas*, Oliveira, 13 jul. 1919, p. 2.

O Jardim Público. *Gazeta de Minas*, Oliveira, 28 out. 1917, p. 1.

O Jardim. *Gazeta de Minas*, Oliveira, 1 abr. 1917, p. 1.

O Jardim. *Gazeta de Minas*, Oliveira, 11 mar. 1917, p. 1.

O Jardim. *Gazeta de Minas*, Oliveira, 13 maio 1917, p. 1.

O Jardim. *Gazeta de Minas*, Oliveira, 15 abr. 1917, p. 1.

O Jardim. *Gazeta de Minas*, Oliveira, 18 mar. 1917, p. 1.

O Jardim. *Gazeta de Minas*, Oliveira, 27 maio 1917, p. 1.

O Jardim. *Gazeta de Minas*, Oliveira, 8 abr. 1917, p. 1.

O jogo. *Gazeta de Minas*, Oliveira, 11 mar. 1900, p. 1.

O Odeon. *Gazeta de Minas*, Oliveira, 17 nov. 1907, p. 1.

O Oliveirense. *Gazeta de Minas*, Oliveira, 18 mar. 1906, p. 1.

O Palácio da Justiça. *Gazeta de Minas*, Oliveira, 18 jan. 1914, p. 1.

O primeiro caçador do mundo. *Gazeta de Oliveira*, Oliveira, 22 mar. 1896, p. 2.

O rinque. *Gazeta de Minas*, Oliveira, 16 maio 1920, p. 2.

O rinque. *Gazeta de Minas*, Oliveira, 30 maio 1920, p. 2.

O sport em Morro do Chapéu. *Correio da Semana*, Queluz de Minas, 21 mar. 1924, p. 1.

Odeon. *Gazeta de Minas*, Oliveira, 6 out. 1907, p. 1.

Odontologia. *Gazeta de Oliveira*, Oliveira, 23 jul. 1916, p. 1.

Oficina de Ferreiro e Latoeiro A. Laranjo. *Gazeta de Oliveira*, Oliveira, 28 set. 1919, p. 2.

Oficina de Funileiro. *Gazeta de Oliveira*, Oliveira, 22 jul. 1917, p. 1.

Olaria. *Gazeta de Oliveira*, Oliveira, 30 jul. 1916, p. 1.

Olga Lagrange. *Gazeta de Minas*, Oliveira, 23 jun. 1918, p. 1.

Oliveira Caminha. *Gazeta de Minas*, Oliveira, 18 jun. 1916, p. 1.

Oliveira com as suas ruas e largos. *Gazeta de Oliveira*, Oliveira, 30 jun. 1895, p. 1.

Oliveira Industrial. *Gazeta de Minas*, Oliveira, 18 abr. 1920, p. 1.

Oliveira Militar. *Gazeta de Oliveira*, Oliveira, 21 dez. 1919, p. 2.

Oliveira progride. *Gazeta de Minas*, Oliveira, 20 ago. 1916. p. 1.

Oliveira Progride. *Gazeta de Oliveira*, Oliveira, 18 out. 1914, p. 1.

Oliveira Sport Club. *Gazeta de Minas*, Oliveira, 1 ago. 1916, p. 1.

OLIVEIRA SPORT CLUB. *Gazeta de Minas*, Oliveira, 11 fev. 1923. p. 02.

Oliveira Sport Club. *Gazeta de Minas*, Oliveira, 15 out. 1916, p. 2.

OLIVEIRA Sport Club. *Gazeta de Minas*, Oliveira, 16 jul. 1916, p. 1.

Oliveira Sport Club. *Gazeta de Minas*, Oliveira, 17 dez. 1916, p. 1.

Oliveira Sport Club. *Gazeta de Minas*, Oliveira, 18 jun. 1916, p. 1.

OLIVEIRA Sport Club. *Gazeta de Minas*, Oliveira, 20 ago. 1916, p. 1.

Oliveira Sport Club. *Gazeta de Minas*, Oliveira, 22 out. 1916, p. 2.

Oliveira Sport Club. *Gazeta de Minas*, Oliveira, 25 jun. 1916, p. 1.

Oliveira Sport Club. *Gazeta de Minas*, Oliveira, 26 nov. 1916, p. 1.

Oliveira Sport Club. *Gazeta de Minas*, Oliveira, 28 maio 1916, p. 1.

Oliveira Sport Club. *Gazeta de Minas*, Oliveira, 29 abr. 1917, p. 1.

Oliveira Sport Club. *Gazeta de Minas*, Oliveira, 4 jun. 1916, p. 1

Oliveira Sport Club. *Gazeta de Minas*, Oliveira, 5 nov. 1916, p. 1.

OLIVEIRA Sport Club. *Gazeta de Minas*, Oliveira, 6 ago. 1916, p. 1.

Oliveira Sport Club. *Gazeta de Minas*, Oliveira, 7 jan. 1917, p. 1.

Oliveira Sport Club. *Gazeta de Minas*, Oliveira, 8 abr. 1917, p. 2.

Oliveira Sport Club. *Gazeta de Minas*, Oliveira, 9 abr. 1916, p. 1.

Oliveira Sport Club. *Gazeta de Minas*, Oliveira, 9 jul. 1916, p. 1.

Oliveira Sport Club. *Gazeta de Minas*, Oliveira, 20 ago. 1916, p. 1.

Oliveira x Japão. *Gazeta de Minas*, Oliveira, 26 fev. 1922, p. 2.

Oliveira. *Gazeta de Minas*, Oliveira, 25 maio 1913, p. 1.

Oliveira. *Gazeta de Minas*, Oliveira, 28 set. 1913, p. 1.

Oliveira. *Gazeta de Oliveira*, Oliveira, 12 nov. 1893, p. 2.

Onde iremos parar? *Gazeta de Oliveira*, Oliveira, 15 fev. 1891.

Orçamento Municipal. *Gazeta de Minas*, Oliveira, 2 dez. 1900, p. 1.

Os concertos. *Gazeta de Minas*, Oliveira, 12 jan. 1919, p. 2.

Os desportos do Tiro 327. *Gazeta de Oliveira*, Oliveira, 1 set. 1918, p. 1.

Os exercícios físicos. *Gazeta de Minas*, Oliveira, 3 mar. 1912, p. 1.

Padaria Universal. *Gazeta de Oliveira*, Oliveira, 11 nov. 1894, p. 2.

Palestra. *Gazeta de Minas*, Oliveira, 18 nov. 1911, p. 1.

Palestra. *Gazeta de Minas*, Oliveira, 25 nov. 1917, p. 1.

Pará. *Gazeta de Oliveira*, Oliveira, 21 jun. 1891, p. 3.

Passa Tempo. *Gazeta de Oliveira*, Oliveira, 29 ago. 1897, p. 2.

Pela arte fotográfica. *Gazeta de Minas*, Oliveira, 10 set. 1899, p. 1.

Pela Indústria. *Gazeta de Minas*, Oliveira, 12 maio 1907, p. 1.

Pela Indústria. *Gazeta de Minas*, Oliveira, 14 abr. 1904, p. 1.

Pela Indústria. *Gazeta de Minas*, Oliveira, 17 set. 1920, p. 1.

Pela Indústria. *Gazeta de Minas*, Oliveira, 18 fev. 1906, p. 1.

Pela Instrução. *Gazeta de Minas*, Oliveira, 10 dez. 1916, p. 1.

Pepe-Otero. *Gazeta de Minas*, Oliveira, 5 jul. 1914, p. 1.

Perigo da caça. *Gazeta de Oliveira*, Oliveira, 17 fev. 1895, p. 2.

Pintos e Faleiros. *Gazeta de Oliveira*, Oliveira, 14 set. 1890, p. 3.

Pobre lavoura. *Gazeta de Oliveira*, Oliveira, 22 nov. 1896, p. 2.

População. *Gazeta de Oliveira*, Oliveira, 15 jan. 1888, p. 1.

Posto Meteorológico. *Gazeta de Minas*, Oliveira, 6 jul. 1913, p. 1.

Praça da Estação. *Gazeta de Oliveira*, Oliveira, 10 maio 1896, p. 1.

Prado Coronel Xavier. *Gazeta de Minas*, Oliveira, 12 mar. 1916, p. 1.

Prédio para o grupo. *Gazeta de Minas*, Oliveira, 12 maio 1907, p. 1.

Professor Clemente Pace. *Gazeta de Minas*, Oliveira, 3 dez. 1916, p. 1.

Progredimos. *Gazeta de Minas*, Oliveira, 11 jun. 1916, p. 1.

Propaganda Agrícola. *Gazeta de Minas*, Oliveira, 8 out. 1911, p. 1.

Quermesse. *Gazeta de Minas*, Oliveira, 20 maio 1917, p. 1.

Questão do Gado. *Gazeta de Oliveira*, Oliveira, 24 abr. 1898, p. 1.

Rabiscando. *Gazeta de Minas*, Oliveira, 8 nov. 1914, p. 1.

Raid do Tiro 327. *Gazeta de Minas*, Oliveira, 22 set. 1918, p. 1.

Raid S. João – Oliveira. *Gazeta de Minas*, Oliveira, 23 dez. 1917, p. 1.

RAID. *Gazeta de Oliveira*, Oliveira, 18 ago. 1918, p. 1.

Registro. *Gazeta de Minas*, Oliveira, 15, jun. 1902, p. 3.

Registro. *Gazeta de Minas*, Oliveira, 17, fev. 1901, p. 3.

Registro. *Gazeta de Minas*, Oliveira, 19, jan. 1902, p. 3.

Registro. *Gazeta de Minas*, Oliveira, 23, fev. 1902, p. 3.

Registro. *Gazeta de Minas*, Oliveira, 3, abr. 1904, p. 3.

Registro. *Gazeta de Minas*, Oliveira, 9, jul. 1905, p. 2.

Relojoeiro e Ourives. *Gazeta de Oliveira*, Oliveira, 18 fev. 1894, p. 4.

Respingando. *Gazeta de Minas*, Oliveira, 16 fev. 1919, p. 2.

Retreta. *Gazeta de Minas*, Oliveira, 16 jun. 1918, p. 3.

Retreta. *Gazeta de Minas*, Oliveira, 23 maio 1920, p. 2.

Retreta. *Gazeta de Minas*, Oliveira, 25 abr. 1920, p. 2.

Retreta. *Gazeta de Oliveira*, Oliveira, 14 jul. 1918, p. 2.

Retreta. *Gazeta de Oliveira*, Oliveira, 16 jun. 1918, p. 2.

Retrospecção. *Gazeta de Minas*, Oliveira, 25 jul. 1920, p. 1.

Rua Coronel Xavier. *Gazeta de Minas*, Oliveira, 5 dez. 1915, p. 1.

S. Francisco de Paula. *Gazeta de Minas*, Oliveira, 4 fev. 1917, p. 1.

S. Francisco de Paula. *Gazeta de Oliveira, Oliveira*, 16 ago. 1893, p. 2.

S. Francisco de Paula. *Gazeta de Oliveira, Oliveira*, 27 ago. 1893, p. 1.

S. União Operária. *Gazeta de Minas*, Oliveira, 7 jul. 1918, p. 1.

Salão de Barbeiro. *Gazeta de Minas*, Oliveira, 12 ago. 1906, p.1.

Salão do Ponto. *Gazeta de Minas*, Oliveira, 2 mar. 1913, p. 1.

SALÃO DO PONTO. *Gazeta de Minas*, Oliveira, 2 mar. 1913, p. 1.

Salão do Rio. *Gazeta de Oliveira*, Oliveira, 27 maio 1917, p. 3.

Salão. *Gazeta de Oliveira*, Oliveira, 22 mar. 1896, p. 3.

Salsicharia Alemã. *Gazeta de Minas*, Oliveira, 20 dez. 1914, p. 1.

Salubridade pública. *Gazeta de Oliveira*, Oliveira, 25 dez. 1898, p. 1.

Sanatório de Oliveira. *Gazeta de Minas*, Oliveira, 25 maio 1902, p. 1.

Sanatório Oliveirense. *Gazeta de Minas*, Oliveira, 16 fev. 1902, p. 1.

Sanatório Oliveirense. *Gazeta de Oliveira*, Oliveira, 19 out. 1890, p. 1.

Santa Casa de Misericórdia. *Gazeta de Minas*, Oliveira, 2 abr. 1899, p. 1.

Santa Casa. *Gazeta de Minas*, Oliveira, 23 ago. 1914, p. 1.

Santana do Jacaré. *Gazeta de Oliveira*, Oliveira, 9 out. 1898, p. 1.

Santo Antônio do Amparo. *Gazeta de Oliveira*, 10 jun. 1888, p. 2.

Santo Antônio do Amparo. *Gazeta de Oliveira*, 3 ago. 1890, p. 2.

São Francisco de Paula. *Gazeta de Minas*, Oliveira, 28 out. 1900, p. 2.

Sapataria Aurora. *Gazeta de Oliveira*, Oliveira, 1 out. 1916, p. 1.

Sarau. *Gazeta de Oliveira*, Oliveira, 10 jan. 1897, p. 3.

Seção Sportiva. *A Voz do Povo*, Lafaiete (Queluz de Minas), 10 out. 1920, p. 3.

Seleiro. *Gazeta de Oliveira*, Oliveira, 12 set. 1915, p. 2.

Semana a Semana. *Gazeta de Minas*, Oliveira, 14 fev. 1904, p. 1.

Semana a Semana. *Gazeta de Minas*, Oliveira, 16 dez. 1900, p. 2.

Semana a Semana. *Gazeta de Minas*, Oliveira, 19 mar. 1905, p. 1.

Semana a Semana. *Gazeta de Minas*, Oliveira, 2 ago. 1903, p. 1.

Semana a Semana. *Gazeta de Minas*, Oliveira, 21 abr. 1901, p.1.

Semana a Semana. *Gazeta de Minas*, Oliveira, 24 jul. 1904, p. 1.

Semana a Semana. *Gazeta de Minas*, Oliveira, 29 jan. 1899, p. 2.

Semana a Semana. *Gazeta de Minas*, Oliveira, 3 nov. 1907, p. 1.

Semana a Semana. *Gazeta de Minas*, Oliveira, 4 fev. 1900, p. 2.

Semana a Semana. *Gazeta de Minas*, Oliveira, 5 mar. 1899, p. 2.

Semana a Semana. *Gazeta de Minas*, Oliveira, 6 out. 1907, p. 1.

Semana a Semana. *Gazeta de Minas*, Oliveira, 7 jan. 1906, p. 1.

Semana a Semana. *Gazeta de Minas*, Oliveira, 9 jul. 1907, p. 1.

Semana a Semana. *Gazeta de Oliveira*, Oliveira, 12 dez. 1897, p. 2.

Semana a Semana. *Gazeta de Oliveira*, Oliveira, 13 fev. 1898, p. 2.

Semana a Semana. *Gazeta de Oliveira*, Oliveira, 18 dez. 1898, p. 2.

Semana a Semana. *Gazeta de Oliveira*, Oliveira, 19 jun. 1898, p. 2.

Semana a Semana. *Gazeta de Oliveira*, Oliveira, 2 dez. 1900, p. 1.

Semana a Semana. *Gazeta de Oliveira*, Oliveira, 2 out. 1896, p. 2.

Semana a Semana. *Gazeta de Oliveira*, Oliveira, 20 mar. 1898, p. 2.

Semana a Semana. *Gazeta de Oliveira*, Oliveira, 22 maio 1898, p. 2.

Semana a Semana. *Gazeta de Oliveira*, Oliveira, 27 mar. 1898, p. 2.

Semana a Semana. *Gazeta de Oliveira*, Oliveira, 6 fev. 1898, p. 2.

SEMANA ESPORTIVA. *Gazeta de Minas*, Oliveira, 15 nov. 1925, p. 1.

Sete de setembro. Colégio Nossa. S. de Oliveira. *Gazeta de Minas*, Oliveira, 11 set. 1910, p. 1.

Sport Club Industrial. *Gazeta de Minas*, Oliveira, 8 jan. 1922, p. 2.

SPORT. *Gazeta de Minas*, Oliveira, 11 abr. 1920, p. 2.

Sports. *Gazeta de Minas*, Oliveira, 16 maio 1920, p. 2.

SPORTS. *Gazeta de Minas*, Oliveira, 22 abr. 1917, p. 1.

Sports. *Gazeta de Minas*, Oliveira, 25 abr. 1920, p. 2.

Sports. *Gazeta de Minas*, Oliveira, 6 jun. 1920, p. 2.

Teatro do Grupo Escolar. *Gazeta de Minas*, Oliveira, 22 jun. 1919, p. 2.

Teatro do Grupo Escolar. *Gazeta de Minas*, Oliveira, 22 jun. 1919, p. 2.

Teatro do Grupo Escolar. *Gazeta de Minas*, Oliveira, 24 ago. 1919, p. 1.

Teatro do Grupo Escolar. *Gazeta de Minas*, Oliveira, 4 mar. 1917, p. 1.

Teatro do Grupo Escolar. *Gazeta de Minas*, Oliveira, 9 set. 1917, p. 1.

Teatro Infantil. *Gazeta de Minas*, Oliveira, 1 abr. 1917, p. 1.

Teatro Infantil. *Gazeta de Minas*, Oliveira, 2 dez. 1917, p. 1.

Teatro Infantil. *Gazeta de Minas*, Oliveira, 27 maio. 1917, p. 1.

Teatro Municipal. *Gazeta de Minas*, Oliveira, 1 jul. 1906, p. 1.

Teatro Municipal. *Gazeta de Minas*, Oliveira, 13 jun. 1909, p. 1.

Teatro Municipal. *Gazeta de Minas*, Oliveira, 26 jul. 1914, p. 1.

Teatro Municipal. *Gazeta de Minas*, Oliveira, 27 nov. 1910, p. 1.

Teatro Municipal. *Gazeta de Minas*, Oliveira, 8 ago. 1909, p. 1.

Teatro Oliveirense. *Gazeta de Oliveira*, Oliveira, 18 mar. 1894, p. 2.

Teatro. *Gazeta de Minas*, Oliveira, 1 jul. 1900, p. 1.

Teatro. *Gazeta de Minas*, Oliveira, 10 jun. 1906, p. 1.

Teatro. *Gazeta de Minas*, Oliveira, 14 fev. 1909, p. 1.

Teatro. *Gazeta de Minas*, Oliveira, 17 jun. 1900, p. 3.

Teatro. *Gazeta de Minas*, Oliveira, 17 jun. 1906, p. 1.

Teatro. *Gazeta de Minas*, Oliveira, 22 jul. 1900, p. 1.

Teatro. *Gazeta de Minas*, Oliveira, 24 jun. 1906, p. 1.

Teatro. *Gazeta de Minas*, Oliveira, 27 maio 1906, p. 1.

Teatro. *Gazeta de Minas*, Oliveira, 30 out. 1910, p. 1.

Tesoura Brasileira. *Gazeta de Oliveira*, Oliveira, 28 nov. 1915, p. 1.

The Litigious Players. *A Estrela da Oeste*, Divinópolis, 20 maio 1923, p. 3.

The Olympian Troupe. *Gazeta de Minas*, Oliveira, 8 out. 1916, p. 1

Tinturaria e Chapelaria. *Gazeta de Minas*, Oliveira, 12 maio 1907, p. 1.

Tournée Artística. *Gazeta de Minas*, Oliveira, 26 out. 1913, p. 1.

Tournée Teatral. *Gazeta de Minas*, Oliveira, 28 set. 1919, p. 1.

Troupe de Variedades. *Gazeta de Minas*, Oliveira, 8 jul. 1917, p. 1.

Troupe Lemos. *Gazeta de Minas*, Oliveira, 5 dez. 1920, p. 1.

Troupe. *Gazeta de Minas*, Oliveira, 29 out. 1916, p. 1.

TURF. *Gazeta de Minas*, Oliveira, 3 out. 1915, p. 1.

Turnê Artística. *Gazeta de Minas*, Oliveira, 26 out. 1913, p. 1.

Um apelo aos invernistas mineiros. *Gazeta de Minas*, Oliveira, 25 out. 1914, p. 1.

Um Atleta. *Gazeta de Minas*, Oliveira, 9 set. 1917, p. 1.

Um guitarrista virtuose. *Gazeta de Minas*, Oliveira, 12 jan. 1919, p. 2.

Um problema local. *Gazeta de Minas*, Oliveira, 20 jul. 1919, p. 1.

Uma excursão ao Claudio. *Gazeta de Oliveira*, Oliveira, 2 fev. 1890, p. 2.

União A. Club. A Pena, *Divinópolis*, 1 ago. 1930, p. 1-2.

Ventríloquo. *Gazeta de Minas*, Oliveira, 3 jun. 1906, p. 1.

Viajantes. *Gazeta de Minas*, Oliveira, 20 maio. 1923, p. 2.

Viajantes. *Gazeta de Minas*, Oliveira, 7 jan. 1923, p. 2.

Vida Social. *Gazeta de Minas*, Oliveira, 11, jan. 1914, p. 2.

Vida Social. *Gazeta de Minas*, Oliveira, 18, jan. 1914, p. 1.

Vida social. *Gazeta de Minas*, Oliveira, 2 abr. 1916, p. 2.

Vida Social. *Gazeta de Minas*, Oliveira, 27, fev. 1916, p. 2.

Vida Social. *Gazeta de Minas*, Oliveira, 29, dez. 1912, p. 2.

Vida social. *Gazeta de Minas*, Oliveira, 30 mar. 1913, p. 1.

Vida Social. *Gazeta de Minas*, Oliveira, 5, mar. 1916, p. 2.

Vida Social. *Gazeta de Minas*, Oliveira, 6, mar. 1910, p. 2.

Vida Sportiva. *Monitor Mineiro*, Guaranésia, 1 out. 1925, p. 2.

Vida Sportiva. *Monitor Mineiro*, Guaranésia, 11 out. 1925, p. 2.

Violinista. Gazeta de Minas, Oliveira, 21 nov. 1915, p. 1.